

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Julio de Mesquita Filho”

FCL – CAMPUS DE ARARAQUARA

**ESTUDO COMPARATIVO DOS SUBSTANTIVOS MAIS
FREQUENTES EM DICIONÁRIOS BILINGÜES FRANCÊS-
PORTUGUÊS E PORTUGUÊS-FRANCÊS**

(Tese de doutorado)

Maria Cristina Parreira da Silva

2002

Maria Cristina Parreira da Silva

**ESTUDO COMPARATIVO DOS SUBSTANTIVOS MAIS
FREQUENTES EM DICIONÁRIOS BILINGÜES FRANCÊS-
PORTUGUÊS E PORTUGUÊS-FRANCÊS**

Maria Cristina Parreira da Silva

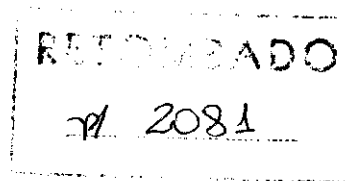
**ESTUDO COMPARATIVO DOS SUBSTANTIVOS MAIS
FREQUENTES EM DICIONÁRIOS BILINGÜES FRANCÊS-
PORTUGUÊS E PORTUGUÊS-FRANCÊS**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, campus de
Araraquara, visando a obtenção do título de
Doutor em Letras (Área de concentração:
Linguística e Língua Portuguesa).

Orientadora : Prof^ª. Dr.^ª Maria Tereza Camargo Biderman



Araraquara



2002

0300007530



Silva, Maria Cristina Parreira da.

Estudo comparativo dos substantivos mais frequentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês / Maria Cristina Parreira da Silva – Araraquara : [s.n.], 2002

266 f, 30 cm.

Orientadora: Maria Tereza Camargo Biderman

Tese (Doutorado) — Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras.

1. Lexicografia. 2. Língua Francesa – Lexicografia. 3. Língua portuguesa – Lexicografia. 4. Lexicografia – Dicionários bilíngües – substantivo. I. Biderman, Maria Tereza Camargo. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. III. Título.

CDU – 81'374

Maria Cristina Parreira da Silva

**ESTUDO COMPARATIVO DOS SUBSTANTIVOS MAIS
FREQUENTES EM DICIONÁRIOS BILINGÜES FRANCÊS-
PORTUGUÊS E PORTUGUÊS-FRANCÊS**

Comissão Julgadora

Tese para obtenção de grau de Doutor

Presidente e Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria Tereza Camargo Biderman

2º. Examinador Prof^ª. Dr^ª. Ieda Maria Alves.

3º. Examinador Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Maria Xatara.

4º. Examinador Prof^ª. Dr^ª. Clotilde A. A. Murakawa.

5º. Examinador Prof. Dr. Luiz Antônio Amaral

Araraquara, 19 de setembro de 2002.

DADOS CURRICULARES

Maria Cristina Parreira da Silva

- Nascimento: 02/11/1968 - Damianópolis – GO
- Filiação: Albércio Parreira Silva
Maria Aparecida Vieira
- 1989 – 1992 Curso de Graduação – Licenciatura em Letras (Francês/Português)
- 1993 Estágio de dois meses na Universidade de Nice (França), com bolsa de estudos
- 1993 Curso de disciplinas como aluna especial na pós-graduação
- 1993-1994 Professora contratada do Estado no Centro de Estudos de Línguas de Mirassol e São José do Rio Preto – SP
- 1993-1999 Professora responsável pelo curso de Extensão – Difusão Cultural da Língua Francesa I e II, no IBILCE – UNESP
- 1994-1998 Curso de Pós-graduação, nível de Mestrado, na FCLar – UNESP
- 1998 Estágio de um mês na Universidade de Montreal (Canadá), com bolsa de estudos
- 1998-2002 Curso de Pós-graduação, nível de Doutorado, na FCLar – UNESP

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho só foi possível graças ao auxílio direto e indireto de muitas pessoas. Gostaria de manifestar, neste espaço, meus sinceros agradecimentos a todas elas, sobretudo:

À orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Maria Tereza Camargo Biderman, pela atenção, solicitude e por me ajudar a superar mais esta etapa;

Às colegas do Departamento de Letras Modernas da UNESP de São José do Rio Preto - SP, especialmente às Prof^ªs. Dr^ªs. Wanda Aparecida L. Oliveira, Cláudia Maria Xatara, Cláudia Zavaglia e Marilei Amadeu Sabino;

Às Prof^ªs. Dr^ªs. que integraram a banca do exame de qualificação, Beatriz Nunes de Oliveira Longo e em especial Clotilde A. A. Murakawa pelo acompanhamento de minha vida acadêmica;

Às amigas, Prof^ª. Cristina Francisca Porto Carvalho, que me auxiliou na digitação da coleta de dados, à Sr^ª. Solange Martins e às pessoas que colaboraram com as cópias, encadernações e outros serviços técnicos;

Ao Prof. Dr. Carlos Daghljan, do Departamento de Letras Modernas da UNESP de São José do Rio Preto, pela redação do *abstract*;

Ao amigo Paulo Jules de Siqueira Alves, pela leitura e revisão da tese;

Às bibliotecárias dos *campi* da UNESP de Araraquara e de São José do Rio Preto;

À FAPESP, que financiou o meu projeto, possibilitando a compra de materiais essenciais para a sua execução.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE ABREVIATURAS	10
RESUMO	11
1. INTRODUÇÃO	12
2. ASPECTOS TEÓRICOS	17
2.1. Conceitos básicos das ciências do léxico	17
2.1.1. <i>O léxico</i>	18
2.1.2. <i>Lexicologia e Lexicografia</i>	26
2.1.3. <i>As obras lexicográficas</i>	28
2.1.4. <i>Macroestrutura e microestrutura</i>	30
2.2. As pesquisas de freqüência e o vocabulário fundamental .	38
2.3. Elaboração de dicionários	46
2.3.1. <i>O que incluir?</i>	53
2.3.1.1. Unidade lexical mínima e unidades lexicais	
complexas.....	56
2.3.1.2. A neologia e os neologismos	60
3. O SIGNO LINGÜÍSTICO E A TRADUÇÃO	64
3.1. A equivalência	69
3.2. Polissemia e homonímia	78
3.3. Questões sobre o sistema, a norma e a fala	94
3.4. Os empréstimos lingüísticos e o vocabulário corrente	
no francês contemporâneo	101

4.	TIPOLOGIA DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS	111
5.	O DICIONÁRIO E A APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA	128
5.1.	A aprendizagem de uma língua estrangeira	128
5.1.1.	<i>O dicionário no ensino</i>	133
5.2.	O dicionário bilíngüe	137
5.3.	Caracterização das obras analisadas	144
5.4.	O vocabulário e a aprendizagem	147
6.	O SUBSTANTIVO	163
6.1.	Constituição do <i>corpus</i>	168
6.1.1.	<i>Listagem do Francês fundamental</i>	168
6.1.2.	<i>Listagem tirada dos manuais didáticos</i>	170
6.1.3.	<i>Listagem final de substantivos do francês</i>	171
6.1.4.	<i>Listagem dos substantivos do português</i>	173
7.	ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> — OS SUBSTANTIVOS NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES FRANCÊS-PORTUGUÊS	175
7.1.	Metodologia.....	175
7.2.	Resultados parciais.....	206
8.	PROPOSTA DE UM PARADIGMA DE VERBETES PARA DICIONÁRIOS BILÍNGÜES FRANCÊS-PORTUGUÊS DO BRASIL	218
9.	CONCLUSÕES	226
10.	BIBLIOGRAFIA GERAL.....	229
	ANEXO 1 - Listagem do Francês Fundamental	242
	ANEXO 2 - Listagem tirada dos manuais didáticos	252
	ANEXO 3 - Listagem final de substantivos do Francês	254
	ANEXO 4 - Listagem dos substantivos do Português	258

ABSTRACT	264
RÉSUMÉ	265

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Triângulo Semiótico adaptado	65
Figura 2	Gráfico – sistema, norma e fala	97
Figura 3	Esquema da tipologia de Vigner	121
Figura 4a / 4b	Esquema da tipologia de Haensch	125-6
Figura 5	Gráfico dos itens dos manuais e do FF	171

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Comparação de polissemia e homonímia	85
Tabela 2	ULs polissêmicas e homonímicas nos dicionários	93
Tabela 3	Verificação da presença de estrangeirismos nos DBs	109-10
Tabela 4	Lista dos tipos das obras lexicográficas	119-20
Tabela 5	Classificação de dicionários segundo Rey-Debove	123
Tabela 6	Classificação de dicionários segundo Biderman	124
Tabela 7	Quadro comparativo de verbetes nos DBs	158-62
Tabela 8	Dados quantitativos do Minidicionário Aurélio	166
Tabela 9	ULs homonímicas nos DBs	189
Tabela 10	Inadequações verificadas nos DBs F-P	191-198
Tabela 11	Inadequações verificadas nos DBs P-F	199-205

LISTA DE ABREVIATURAS:

DB	–	Dicionário bilíngüe
DBB	–	Dicionário bilíngüe brasileiro
DCP	–	Dicionário contemporâneo de português
DDA	–	Dicionário Domingos Azevedo
DDP	–	Dicionário didático de português
DEL	–	Dicionário de expressões e locuções
DLA	–	Dicionário bilíngüe Larousse collection Apollo
DM	–	Dicionário monolíngüe
DMA	–	Dicionário monolíngüe Aurélio
DPR	–	Dicionário Petit Robert
DRA	–	Dicionário Robert aujourd’hui
EDI	–	Enciclopédia e dicionário ilustrado de Koogan & Houaiss
FF	–	Francês fundamental
LC	–	Lexia complexa
LE	–	Língua estrangeira
LM	–	Língua materna
MBA	–	Minidicionário bilíngüe Ática
MMP	–	Michaelis monolíngüe português
PB	–	Português brasileiro
PF	–	Português fundamental
PIP	–	Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões.
UL	–	Unidade lexical

SILVA, M.C.P. *Estudo comparativo dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües francês-português e português-francês*. 2002. 266 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

RESUMO

Os poucos dicionários bilíngües francês-português e português-francês, cuja língua de partida ou de chegada é o português do Brasil, não atendem ao público em situações específicas. A maioria dessas obras pecam por falta de embasamento teórico ou por causa de restrições econômicas e editoriais. Não se pode justificar tal lacuna pela falta de público interessado, nem negligenciar esse público que se mostra cada vez mais exigente. As obras lexicográficas disponíveis no Brasil são comprovadamente inadequadas, pois não cumprem os seus objetivos. Suas falhas mostram-se inclusive prejudiciais ao processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Esta tese trata do substantivo nos referidos dicionários, do substantivo que é, do ponto de vista semântico, a classe de palavras mais importante, a mais representativa classe da referência, pois abrange mais da metade do léxico de uma língua. Diferente dos aspectos gramaticais, a aprendizagem do vocabulário de uma língua é infinita. Apesar da importância dos substantivos do vocabulário fundamental, os dicionários em apreço apresentam falhas quanto à correção das equivalências, ao tratamento polissêmico ou homonímico, à falta de atualização das obras e à adaptação ao consulente brasileiro, entre outras. A tese apresenta propostas de reformulação do modelo de dicionário bilíngüe através de uma amostra de verbetes de substantivos.

Palavras-chave: Lexicografia; dicionários bilíngües; língua francesa; língua portuguesa; substantivo.

1. INTRODUÇÃO

O pesquisador tem a responsabilidade social de contribuir para a difusão da cultura, possibilitando, assim, que o conhecimento científico seja divulgado para toda a comunidade. Deve fazer com que seu trabalho seja útil, que facilite de alguma forma a vida das pessoas que vão usufruir dos resultados. Em nosso caso, somos pesquisadores preocupados com as questões da língua, principalmente com a maneira pela qual a língua é descrita e apresentada nas obras lexicográficas.

Uma das maiores preocupações com relação às pesquisas teóricas na área das ciências humanas é justificar sua validade. Ao nosso ver, as pesquisas nesse domínio têm sua primazia, uma vez que todo conhecimento é transmitido por meio de alguma forma de linguagem. E o objeto que é, por excelência, considerado o detentor de maior autoridade em relação ao conhecimento de uma língua é o dicionário. Portanto, é necessário elaborar obras lexicográficas de qualidade, sobre bases teóricas atuais e eficazes, pois o que se registra nos dicionários é tido como verdade e autoridade para a maioria dos consulentes.

Atualmente, o conhecimento tem sido bastante valorizado. Saber lidar com a informática e conhecer pelo menos uma língua estrangeira (normalmente o inglês), hoje em dia, é uma obrigação básica que todos devem cumprir. O que vai diferenciar, digamos assim, um indivíduo do outro, são justamente os maiores conhecimentos que possuir. As pessoas estão buscando aprender outras línguas, além da língua inglesa, cujo conhecimento é imprescindível, mas não é suficiente para que um indivíduo tenha um bom desempenho em sua profissão e se destaque no meio acadêmico ou no mercado de trabalho. Em consequência, os

pesquisadores, pedagogos, professores e editores devem estar atentos a essa mudança no mercado, que acarreta novas demandas. Novos métodos e materiais didáticos devem ser criados para atender ao plurilingüismo e os antigos, atualizados e aperfeiçoados.

Há poucos dicionários bilíngües francês-português e português-francês no mercado cuja língua de partida ou chegada é o português do Brasil. Aqueles que se encontram no mercado não atendem ao público em situações específicas. A maioria das obras existentes pecam, ou por falta de embasamento teórico na sua elaboração ou por causa das restrições econômicas e editoriais. Não se pode justificar essa lacuna no mercado pela falta de público interessado, nem tratar com negligência esse público que se mostra cada vez mais exigente.

Creemos que a escassez de material pedagógico para as línguas de origem latina (o francês e o italiano, principalmente) deve-se à hegemonia cultural da língua inglesa no Brasil. A política lingüística estabelecida em um país também tem sua influência. A língua espanhola, por exemplo, está bastante valorizada por causa das relações internacionais proporcionadas pelo Mercosul e agora pela ALCA (Área de Livre Comércio das Américas).

O ensino da língua francesa pode ser bastante beneficiado se dispusermos de materiais de boa qualidade. Há sempre a mesma constatação entre os estudiosos e profissionais da língua francesa: “falta material adequado e acessível”.

Essas reflexões nos levam a querer colaborar não só no sentido de criticar apontando as falhas, mas também com o intuito de propor soluções e trabalhar efetivamente para o progresso da Lexicografia bilíngüe no Brasil.

Considerando que as obras lexicográficas disponíveis no Brasil são comprovadamente imperfeitas e inadequadas aos objetivos que se propõem e que suas falhas se evidenciam em vários aspectos, mostrando-se inclusive prejudiciais

ao processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, resolvemos estudar o tratamento do substantivo nos dicionários bilíngües francês/português e português/francês.

Nesta pesquisa, que desenvolvemos como tese de doutoramento, temos por objetivo realizar um trabalho em prosseguimento àquele que efetuamos no mestrado. Nessa etapa elaboramos uma dissertação que focalizou o tratamento do verbo em dicionários bilíngües. Nossa presente pesquisa consiste em analisar o tratamento do substantivo em três dicionários bilíngües francês/português e português/francês, com o intuito de demonstrar a necessidade de desenvolver novos materiais lexicográficos, já que essas obras carecem de freqüentes atualizações. Pleiteamos a produção de obras mais adequadas e direcionadas para o público brasileiro. Procedemos à análise nos dois sentidos, considerando a importância não só da decodificação mas também da codificação em língua estrangeira.

Do ponto de vista semântico, o substantivo é a classe de palavras mais importante, é a mais representativa classe da referência, abrangendo mais da metade de todo o léxico de uma língua. Diferente dos aspectos gramaticais, a aprendizagem do vocabulário de uma língua é perpetuamente contínua.

Após delimitarmos nosso *corpus*, uma listagem do francês (556 itens) e do português (513 itens), procedemos à análise dos substantivos do vocabulário fundamental nos dicionários bilíngües, evidenciando as principais falhas dessas obras. Em seguida, discutimos alguns tópicos sobre as adaptações a serem efetuadas, inclusive aquelas para a variedade do português brasileiro, tendo em vista que uma das obras é elaborada em Portugal. O objetivo final é determinar o tipo mais adequado de tratamento lexicográfico, visando os consulentes do nível básico de aprendizagem da língua francesa, compondo uma amostra de verbetes de substantivos.

Para a análise, utilizaremos alguns dos dicionários bilíngües mais comuns, na atualidade, entre os estudantes de nível elementar da língua francesa: *Grande dicionário de francês-português e português-francês* (Bertrand, 1989) – denominado **DDA**; *Dicionário brasileiro francês-português / português-francês* (Oficina de Textos, 1998), de agora em diante **DBB**; *Minidicionário francês-português e português-francês* (Ática, 1999), chamado de **MBA**. Como parâmetro para a análise, usaremos os dicionários monolíngües: do português, *Dicionário Aurélio eletrônico* (Versão 2.0., Editora Nova Fronteira. Baseado no *Novo dicionário da língua portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 1996) (**DMA**) e o *Dicionário didático de português* (Ática, 1998), chamado de **DDP**; do francês, *Le nouveau petit Robert (Version électronique en CD-ROM (Version 1.3), Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Le Robert, c1996-1997), denominado **DPR**.

Em síntese, esta tese constitui-se de nove capítulos, sendo o primeiro composto pela introdução, na qual justificamos nossa pesquisa e a escolha do objeto, fornecendo uma visão geral do trabalho.

No segundo capítulo tratamos dos principais aspectos teóricos que fundamentaram este estudo, a saber: do léxico, da lexicografia e das obras lexicográficas e sua descrição.

No terceiro capítulo, ao considerar o signo lingüístico e a tradução, detivemo-nos na questão complexa da equivalência de unidades lexicais em idiomas distintos, que envolve a polissemia e a homonímia, os conceitos de sistema, norma e fala e a questão da relevância do empréstimo lingüístico.

Discorremos sobre a tipologia de obras lexicográficas no quarto capítulo, apresentando alguns modelos e os critérios utilizados para a sua classificação.

No quinto capítulo analisamos a questão do dicionário e a aprendizagem de uma língua estrangeira, expondo os problemas intrínsecos do uso pedagógico

do dicionário. Tratamos dos dicionários bilíngües especificamente, descrevendo as obras analisadas.

O sexto capítulo foi dedicado à categoria de palavra escolhida para a análise, o substantivo. Mencionamos os estudos de coleta de vocabulário fundamental que utilizamos, bem como as adaptações que fizemos para a constituição das listagens dos substantivos básicos do francês e do português.

A análise dos substantivos nos dicionários está exposta no sétimo capítulo. Os resultados e conclusões, juntamente com uma amostra de verbetes, apresentamos no oitavo capítulo e, no seguinte, indicamos a bibliografia geral utilizada.

Nos anexos encontram-se as listagens das unidades lexicais do vocabulário fundamental das línguas francesa e portuguesa.

2. ASPECTOS TEÓRICOS

Apresentamos alguns aspectos teóricos que consideramos na elaboração de nossa tese de doutorado, conforme as leituras e estudos que realizamos. A revisão da literatura é uma etapa imprescindível na elaboração de um estudo acadêmico. Realizamos este trabalho devido à inquietação que o dicionário nos provocava quando consultávamos uma obra e não ficávamos satisfeitos com as respostas. Sempre nos perguntamos o porquê disso. Para tentar encontrar a resposta, enveredamos pelos caminhos da Linguística até chegar à área da Lexicografia, onde, se não pudermos obter as respostas, pelo menos entenderemos melhor a questão.

Por meio da exposição dos pressupostos teóricos do tema deste trabalho de modo analítico e conciso, esperamos tornar possível a divulgação da teoria lexicográfica para um público mais geral. Nosso estudo baseia-se sobretudo em leituras de textos originais em língua estrangeira.

2.1 Conceitos básicos das ciências do léxico

A Linguística é uma ciência que visa a descrever, de forma clara e precisa, fatos sobre a linguagem e a língua. Como essa ciência trata de um objeto bastante complexo, subdivide-se em várias áreas de pesquisa: a linguística teórica, a aplicada, a sociolinguística, a análise do discurso etc.

Dentro de um mesmo domínio, há correntes teóricas diferentes, que se sobrepõem, se complementam ou são substituídas por outras escolas, de acordo

com o avanço das novas descobertas e devido ao próprio caráter da língua, que é uma atividade humana criativa e dinâmica.

Por vezes uma corrente adquire mais prestígio que as outras. Embora a lexicografia já tenha uma história de cinco séculos, podemos afirmar que a moderna lexicografia é uma ciência relativamente jovem, que obteve grandes avanços nas últimas décadas, despertando o interesse de muitos pesquisadores no mundo todo. Para compreendê-la, é necessário estabelecer definições de alguns termos essenciais, o que fazemos nos itens seguintes.

2.1.1. *O léxico*

Léxico é uma palavra de origem grega (*lexicon*). É sinônimo, em sentido lato, de vocabulário. Considerado assim, é o conjunto dos vocábulos de uma língua. Em um sentido mais concreto, pode ser uma obra que inclua uma lista de um tipo qualquer de vocabulário, considerando uma ou mais línguas.

Trata-se de uma estrutura lingüística pouco sistematizada, pois depende da realidade extralingüística. Contudo, identifica e unifica uma comunidade, além de ajudar a preservar sua história.

O léxico de uma língua constitui um modo de registrar o conhecimento do universo. O homem nomeia e classifica os objetos do mundo, reunindo-os em grupos, identificando suas semelhanças e distinguindo suas características idiossincráticas.

A cultura de uma comunidade lingüística influi diretamente na constituição de seu léxico. Desse modo, o sistema lexical de uma língua não corresponde exatamente ao sistema de outra língua. Entre dois idiomas, raramente ocorrem os mesmos tipos de categorias lexicais com as mesmas funções. Cada

povo organiza seu conhecimento de acordo com as categorias de sua língua, as suas necessidades, seus costumes e tradições.

Por referir-se ao conhecimento internalizado do falante, o léxico não é algo material; não pode, portanto, ser circunscrito, apreendido na sua totalidade. Trata-se do tesouro vocabular de uma língua, um conjunto de elementos que incluem todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos de uma comunidade. Pode ser considerado o bem mais precioso de uma nação.

O léxico designa todos os referentes do mundo físico e cultural criados e utilizados pelos homens, embora conserve os vestígios da herança do passado.

Outra característica importante do léxico é o fato de não ser estático. É um conjunto dinâmico e representativo de uma comunidade e de uma cultura. Admite sempre novos elementos ou descarta unidades que caíram em desuso, quando ocorrem mudanças na comunidade lingüística.

Dado esse caráter, torna-se evidente a dificuldade de se apreender o léxico em uma obra lexicográfica. O lexicógrafo, porém, deve fazer abstrações e generalizações para poder captar esse objeto fugidio e inapreensível, que é o léxico, em uma obra que será consultada por muito tempo. Só pode fazê-lo considerando um determinado período, um público específico ou uma variedade de língua. Deve considerar as variantes diafásicas, diastráticas e diatópicas.

O léxico não é captado na sua totalidade, nem material nem teoricamente. Não é a quantidade de unidades que torna impossível sua delimitação, mas sim seu caráter renovador e dinâmico. Mesmo os tesouros (que são, *grosso modo*, coleções de palavras) não abarcam todo o léxico de uma língua, pois no momento em que o trabalho for considerado acabado, novas unidades já terão surgido.

O léxico total de uma língua de civilização constitui uma entidade ideal, quase infinita. O léxico comum, que pode ser delimitado e registrado com precisão, representa as palavras usadas pela maioria da comunidade lingüística.

As obras que tratam desse léxico delimitado são os dicionários fundamentais, onde figuram aproximadamente 3000 palavras, dependendo do idioma.

Há uma certa confusão terminológica quando se fala dos termos relacionados ao léxico: palavra, vocábulo, unidade lexical, lexia simples e complexa, vocabulário e vocabulário de especialidades.

Para Trévillle & Duquette (1996), léxico é o conjunto de itens contidos em um dicionário, é o conjunto total do material escrito e oral. São as palavras consideradas no nível do sistema da língua, um conjunto abstrato das unidades lexicais (UL). É um composto de palavras com carga semântica completa ou palavras lexicais, unidades plenas, lexias, das quais o inventário é aberto e ilimitado. Compreende também as unidades gramaticais ou funcionais, cujo número é restrito. O léxico tem o papel de veicular o significado.

De acordo com Biderman (1996, p.27):

[...] o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana. [...] o léxico está associado ao conhecimento e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento sob o rótulo sintético de palavras - os signos lingüísticos.

Palavra é a unidade mais difícil de ser definida. Usam-se vários critérios que, isoladamente, não são suficientes para identificar uma palavra. Por outro lado, a palavra é uma unidade concreta, facilmente percebida, poderíamos dizer até intuitiva.

Segundo Biderman (1997, p.71), *a definição de palavra levanta vários problemas teóricos com conseqüências práticas na sua identificação e tratamento ortográfico e lexicográfico.* A **palavra** pode ser entendida como a realização discursiva concreta de uma entidade abstrata que é o **lexema**. Pode-se, assim,

aproximar o conceito de palavra ao de **lexia**, que tratamos mais adiante neste capítulo.

Um lexema atualizado pode assumir várias formas, devido ao caráter flexivo de certas línguas como o português e o francês. Assim, um substantivo como “mulher” ou o verbo “falar”, e suas flexões “mulheres”, “falou”, “falávamos”, “falarão” etc., constituem uma mesma UL. Já no caso de flexão de grau de uma unidade lexical, como por exemplo “mulherão” e “mulherzinha”, novos traços semânticos podem ser acrescentados e, considerando a frequência do uso, muitas vezes esses itens podem passar a constituir uma entrada no dicionário, passando então a ser uma entidade autônoma, uma outra palavra.

Um dos meios para o computador identificar uma palavra em textos escritos/digitalizados é considerar cada segmento isolado pelos espaços em branco. Desse modo, o reconhecimento automático de unidades complexas dificilmente pode ser realizado pelos recursos da informática, sem que sejam usados programas complexos elaborados com base no conhecimento da língua.

A extensão de uma UL pode variar desde uma forma monossilábica (ou um morfema) até a expressões complexas, dependendo da metodologia aplicada e do conceito lexicológico de palavra adotado.

Considerando **palavra** como uma unidade significativa, é difícil dizer se “ar” e “condicionado” seriam uma ou duas palavras, ao designar o aparelho “ar condicionado”. O problema é mais complexo quando se comparam dois idiomas. Em francês, a unidade de sentido “ar condicionado” pode ser etiquetada de *conditionneur d'air*, e a forma mais corrente, *climatiseur* (unidade simples); a unidade *air conditionné* pode ser usada tanto para designar o aparelho quanto o resultado (ar climatizado). *Tartine* significa um pedaço de pão com manteiga ou geléia; *cantonnier* é o funcionário que cuida da conservação das estradas. Ambas não têm um correspondente simples em português. Talvez um estudo

comparativo das línguas pudesse auxiliar na identificação das palavras, mas como sabemos, os signos lingüísticos são arbitrários, o que acaba por determinar que o estudo comparativo das línguas desconstrói o significado de “palavra”.

Considerando apenas o português e o francês, verificam-se vários tipos de equivalências entre unidades lexicais simples e complexas, além de muitas desigualdades, conforme exemplificamos:

“dona de casa” = *femme au foyer*

“ar condicionado” = *climatiseur*

“banheiro” = *salle de bain*

“fim de semana” = *week-end/fin de semaine* (Canadá)

Ao demonstrar os recortes diferentes que cada língua adota em sua realidade lingüística no estudo comparativo das línguas, pode-se admitir que o conceito de palavra não pode ter um valor absoluto ou uma definição universal. Biderman (2001, p.114-15) chega a essa conclusão ao relacionar a hipótese Sapir-Whorf sobre o relativismo lingüístico e o conceito de palavra. Para a autora (*op. cit.*), o valor de **palavra** deve ser comparado àquele de uma moeda, que varia em países diferentes.

Biderman (2001, p.137-155) trata também dos três critérios de delimitação e definição da palavra, os quais reproduzimos aqui. Os lingüistas geralmente usam como critérios para delimitar e definir a palavra: 1) o fonológico, 2) o gramatical/morfossintático e 3) o semântico.

Segundo o primeiro critério, uma palavra seria uma seqüência fônica que representasse uma emissão completa, após a qual a pausa é possível. Esse critério, porém, revela-se bastante frágil.

Conforme o segundo critério, a palavra é identificada de acordo com a coesão interna dos seus componentes morfêmicos, somada aos demais critérios

gramaticais e funcionais, além de operações como a inserção e a permutação. O critério gramatical complementa o fonológico.

O terceiro critério, o semântico, por muito tempo foi marginalizado por grande parte dos lingüistas. Ullmann (*apud* Biderman, 2001, p.151), foi um lingüista que constituiu uma exceção. Ele considera a palavra como uma unidade semântica indecomponível, definindo-a como *a unidade semântica mínima do discurso*.

A palavra é o objeto da Lexicologia e da Lexicografia. É no princípio semântico que os dicionários monolíngües baseiam-se para definir as palavras e os dicionários bilíngües para apontar os equivalentes entre as palavras de línguas distintas. Biderman (*op. cit.*) resume o assunto, apontando o valor dos critérios: a **fonologia** auxilia no reconhecimento dos segmentos coesos fonicamente; a **gramática** auxilia na identificação das formas lingüísticas manifestas nesses segmentos; a **semântica** é o critério principal para identificar a UL expressa no discurso.

Em um artigo publicado na revista *Filologia e lingüística portuguesa* (1998c), Biderman refere-se às dimensões da palavra, considerando desde a dimensão mi(s)tica até a lingüística, passando pela cognitiva. Biderman (p.88-9), ao tratar da dimensão cognitiva da palavra, afirma que:

As palavras podem ser consideradas como etiquetas para o processo de categorização. Por conseguinte, as palavras que constituem aquilo que seria o "dicionário" de uma língua natural são uma lista e uma amostragem das etiquetas de categorias naturais com que a espécie humana processa o conhecimento; contudo, as palavras não são meros rótulos de objetos específicos existentes no mundo real. Podemos afirmar que a maioria das palavras designam campos de conceitos em vez de coisas físicas.

Vocabulário é um subconjunto do léxico de uma língua. É composto de todas as unidades semânticas, graficamente simples e compostas, e locuções indecomponíveis que se atualizam no discurso, chamadas de **vocábulos** ou palavras. Tanto em português quanto em francês, *vocábulo/vocabale* é um item antigo da língua, sendo sinônimo de *palavra/mot*. O vocabulário seria uma parte do léxico, um conjunto das realizações discursivas das unidades lexicais, tanto que podemos exemplificar com várias unidades complexas: o “vocabulário erudito”, o “vocabulário caipira”, o “vocabulário infantil”, o “vocabulário de Machado de Assis” etc.

Vocabulário de especialidade ou vocabulário terminológico, seria um conjunto formado por palavras específicas de determinados meios científicos e técnicos. Distingue-se do vocabulário geral por uma maior especialização e por uma área de emprego mais restrita, como por exemplo, “vocabulário da medicina”, “vocabulário da informática” etc.

Para Biderman (1996, p.32), os termos “palavra” e “vocábulo” devem ser evitados numa abordagem teórica, já que são inadequados devido a sua imprecisão e seu desgaste lingüístico. É aconselhável o uso de **lexema** para designar a UL abstrata e de **lema** para designar sua representação canônica no dicionário (uma unidade sem flexões). Em nosso estudo, também optamos por evitar aqueles termos, preferindo empregar “unidade lexical”.

A **unidade lexical** é uma unidade de sentido, sem que necessariamente corresponda a uma sequência gráfica unitária. Segundo Bogaards, é o elemento que pode assumir a função de unidade de base na aprendizagem do vocabulário. O autor refere-se à definição de Cruse¹ (*apud* Bogaards, 1994, p.19), para quem a UL é a união de uma forma lexical e de um sentido único. As ULs, para Cruse, são unidades mínimas definidas a partir de dois critérios: 1) uma unidade lexical

¹ CRUSE, D. A. *Lexical semantics*. Cambridge: CUP 2.1.2; 2.1.3; 2.1.5, 1986, p.77.

deve ter pelo menos um constituinte semântico; 2) uma UL deve ser pelo menos uma palavra.

A UL distingue-se claramente de morfema e de palavra. Corresponde, normalmente, a uma acepção de uma palavra ('lexema' ou 'semema' em outras terminologias), cujo conjunto forma uma palavra, ou pode corresponder a uma palavra (monossêmica). Enquanto o termo 'palavra' é impreciso, o de UL é amplamente aceito.

A **lexia** (termo criado pelo lingüista B. Pottier) é uma unidade lexical usada em um contexto ou, de acordo com Dubois *et alii* (1998), *é a unidade funcional significativa do discurso*. A **lexia simples** é uma unidade ou palavra com um sentido único e a **lexia complexa** um conjunto de unidades ou palavras com um sentido mais ou menos cristalizado. De acordo com o grau de cristalização, pode ser classificada como combinatória, locução ou expressão idiomática.

Em suma, o léxico não pode ser entendido simplesmente como uma "nomenclatura", ou seja, uma série de palavras relacionadas a uma série de coisas, cada coisa tendo um nome e existindo um nome para cada coisa (PICOCHÉ, 1992). O léxico é classificador. Não é nomenclatura e sim estrutura.

Outro aspecto da realidade lexical é sua universalidade, condição que afirma a possibilidade de traduzir uma língua em outra. Há universais semânticos, o que significa que certos conceitos são expressos lexicalmente em todas as línguas. Há, portanto, no recorte da realidade pelo léxico de cada língua, fatos de natureza e fatos de cultura. Havendo ou não coincidência em dois idiomas distintos, há sempre a possibilidade de tradução, mesmo que por unidades formalmente distintas.

2.1.2. Lexicologia e lexicografia

A **Lexicologia** pode ser definida em relação a disciplinas mais abrangentes, de acordo com Picoche (1992): à semântica e à semiologia, duas disciplinas recentes; e à fonologia, à morfologia e à sintaxe, disciplinas mais antigas do estudo da língua. Ao contrário da fonologia, que estuda os fonemas (a parte significante do signo), a lexicologia considera a totalidade do signo: forma e sentido // significante e significado.

Ainda considerando Picoche (*op. cit.*), a autora afirma que os principais problemas tratados pela lexicologia são a definição da unidade lexical de base e da noção de palavra; o questionamento da possibilidade de se fazer um inventário do léxico total de uma língua através de descrições; a relação do léxico e do universo; a relação entre palavras nos planos sintático e semântico; a diferenciação entre polissemia e homonímia; a relação de significados de palavras, a sinonímia e a antonímia e os tipos de definição.

Entende-se por lexicologia ainda o estudo das várias acepções de uma palavra, sincrônica e diacronicamente, incluindo o estudo dos elementos de formação de uma palavra.

De acordo com Dubois *et alii* (1998), *chama-se lexicologia o estudo científico do vocabulário*. Ele afirma que a lexicografia é muito anterior à lexicologia, que é um ramo da lingüística muito recente, por sua legitimidade ter sido questionada por algumas escolas que consideravam o léxico menos importante.

A **Lexicografia** difere da **Lexicologia**, embora tenham pontos em comum. Segundo Rey-Debove (1971), a Lexicologia está mais relacionada a estudos diacrônicos das unidades lexicais numa perspectiva etimológica e a estudos sincrônicos de uma parte do léxico pertencente a um determinado tema. Os

estudos lexicológicos são mais teóricos que práticos. A Lexicologia geralmente contribui apresentando estudos que podem ser utilizados pela Lexicografia. Nesse caso, as duas ciências se complementam. Al-Kasimi (1983, p.153), afirma que é largamente aceita a definição da Lexicografia como um ramo da Linguística Aplicada, fortemente dependente da Lexicologia.

Faulstich (1994, p.317) também afirma que *o resultado prático da lexicologia teórica e descritiva serve de ponto de partida para o trabalho lexicográfico na elaboração de dicionários de língua geral*. Em termos gerais, a Lexicologia ocupar-se-ia da constituição do léxico, enquanto a Lexicografia cuidaria da descrição do léxico.

A Lexicografia é uma ciência e também o trabalho técnico do lexicógrafo. Como técnica, pode ser chamada de **dicionarística** (*dictionnairique*), que cuida do levantamento, da coleta e do estudo de unidades lexicais simples e complexas de uma determinada língua ou de mais de uma, considerando as formas, significações e a organização dessas unidades. O **lexicógrafo** é, ao mesmo tempo, aquele que analisa questões de lexicografia ou aquele que produz dicionários. Aquele que trabalha na produção de obras lexicográficas pode também ser chamado de **dicionarista**.

A Lexicografia organiza as informações em obras específicas: os dicionários. Numa perspectiva lingüística, a Lexicografia é um instrumento muito importante na preservação da língua coletiva. A necessidade de se explicar o significado das palavras, sempre existiu e continuará existindo, pois há a preocupação de nivelar e resguardar o conhecimento dos membros de uma comunidade lingüística. Os dicionários gerais sempre entesouram um conhecimento muito superior àquele do falante.

2.1.3. *As obras lexicográficas*

A definição mais comum de **obra lexicográfica** é: uma lista ordenada de palavras seguidas de um texto que informa sobre cada uma delas. Mas, para melhor compreender, é necessário descrever os traços que caracterizam essa obra, como o tipo de texto, a estruturação, as finalidades, o alcance etc.

Sua função principal é informar. Destina-se apenas a ser consultada, não consistindo em um texto de leitura do começo ao fim da obra, embora existam aficionados que o façam por diversão. Indica endereços determinados para as buscas, com começo e fim, delimitados por outros endereços que não precisam ser acessados, sendo que o consulente pode ainda filtrar as informações de cada endereço. As obras lexicográficas são também denominadas obras de consulta e obras de referência, pois orientam o leitor em uma situação específica.

Há vários tipos de obras catalográficas como as bibliografias, os guias, os atlas etc., mas as obras lexicográficas trazem, além de uma listagem, outras informações, sobretudo uma explicação do significado do item tratado. Conhecemos as principais obras de referência como dicionários e enciclopédias. Nas próprias definições de dicionário utiliza-se a combinação “obra lexicográfica”, portanto trata-se de um hiperônimo de dicionário.

Apresentamos a noção concisa e clara de **dicionário** definida por Cabré & Lorente (1991,² *apud* Cabré & Gelpi, 1996, p.213): “obra lexicográfica que contém uma seleção das palavras de uma língua, sobre as quais fornece informações variadas e que apresenta estas palavras ordenadas a partir de um sistema preestabelecido”.³

² CABRÉ, M. T.; LORENTE, M. *Els diccionaris catalans. De 1940 a 1988*. Barcelona. Publicacions de la Universitat de Barcelona, 1991.

³ Obs. Na tese, para proporcionar maior facilidade ao leitor com relação à referência, ora traduzimos, ora parafraseamos o texto original, que inserimos em nota de rodapé. — *oeuvre lexicographique qui contient une sélection des mots d'une langue, sur lesquels elle offre des informations variées et qui présente ces mots ordonnés à partir d'un système préétabli*.

As definições de dicionário podem parecer simplistas se considerarmos a complexidade e a diversidade de tal obra. Em nossa cultura, por exemplo, definir ‘dicionário’ através da organização de itens em ordem alfabética é só um aspecto relacionado à tradição lexicográfica das línguas com escrita alfabética. No caso de outras grafias e símbolos, ou mesmo das línguas indígenas, muitas vezes é impossível considerar esse tipo de organização. Embora não seja científica, a ordenação alfabética é prática e já está bastante assimilada na nossa cultura. Há, no entanto, dicionários organizados de outras formas além da ordem alfabética, como por exemplo, os dicionários temáticos, nocionais ou onomasiológicos.

Ainda não há um consenso sobre uma definição completa do que seja um dicionário. Sabe-se que dicionário é algo diferente de um banco de dados e de um arrolamento de ULs. Dicionário é também uma peça material que reflete aspectos do léxico de uma comunidade lingüística, como a cultura e a ideologia.

Para Ilson, os dicionários são artefatos sociais que existem no mundo real e que são compilados em tempo real, cuja forma não é determinada pela teoria lingüística ou pelo estilo lexicográfico, mas pelas exigências administrativas⁴.

É importante observar esse último aspecto tratado por Ilson. A forma atual do dicionário não depende apenas de um resultado de estudos teórico-científicos, mas de restrições editoriais. Muitas vezes, uma solução para a elaboração de uma obra lexicográfica teoricamente adequada não atende às necessidades comerciais e editoriais.

De acordo com Menéndez Pidal (1961), com uma visão mais purista e normativa, característica de sua época, o dicionário deve ser uma seleção de unidades que tenham um valor geral e permanente num idioma, considerando as unidades autorizadas pelo uso dos bons escritores e de tradição na comunidade

⁴ *Dictionaries are social artefacts, existing in the real world and compiled in "real time". Their shape is determined not just by linguistic theory or lexicographic style, but by administrative necessity. (1985, p.5).*

lingüística. Mas, já naquela época, afirmou que o dicionário não deve considerar as palavras como estanques, mas sim vivas e em constante movimento, descrevendo a evolução histórica da linguagem.

Quanto às afirmações do autor, concordamos que só são dicionarizadas aquelas unidades que estão de fato sendo usadas comprovadamente na comunidade, por isso a demora da inclusão de neologismos, como verificamos no item 2.3.1.2. No entanto, atualmente não se considera apenas a autoridade dos bons escritores. Vários outros documentos, como jornais e revistas, são utilizados como abonações dos usos.

As pesquisas com o subsídio da informática possibilitaram maior precisão e rapidez para a produção de obras lexicográficas. Além disso, os dicionaristas passam por uma formação acadêmica mais rígida. Antigamente o lexicógrafo levava quase uma vida inteira colecionando palavras para suas obras e quando essas estavam prontas, o léxico já tinha alterações.

2.1.4. *Macroestrutura e microestrutura*

O dicionário é uma obra que tem uma arquitetura especial. Organiza-se, diferentemente dos outros textos, em estruturas verticais e horizontais. À estrutura vertical dá-se o nome de **macroestrutura** ou **nomenclatura** e a estrutura horizontal é denominada de **microestrutura**. Com relação a essa característica, Martin *et al.* (1983) definiram o dicionário como uma obra com uma ‘macroestrutura’, ou seja, uma série ordenada de itens lexicais, entradas ou lemas

geralmente organizados em ordem alfabética, e com uma ‘microestrutura’, isto é, a informação lingüística contida na entrada⁵.

Quanto ao tipo de informação contida em cada uma das estruturas, Béjoint (1983, p.70), declara que, no nível da macroestrutura ou do arranjo das entradas, é possível verificar a frequência (ou relevância) de uma unidade lexical para decidir sobre sua inserção ou não; no nível da microestrutura, na composição da entrada, pode-se estabelecer ou verificar a divisão silábica, a pronúncia, as propriedades sintáticas, as restrições de uso, as colocações, os significados, entre outras informações, das unidades componentes da macroestrutura. Na microestrutura verificam-se os vários níveis lingüísticos: a ortografia, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica.

Nos parágrafos seguintes, a estruturação dos dicionários está descrita de acordo com Haensch (1982b, p.452 *et seq.*). Fizemos uma seleção das regras básicas para elaboração de dicionários levantadas por Haensch, na obra citada, considerando somente aquelas mais adequadas para os dicionários bilíngües.

Para esse autor, a macroestrutura é a ordenação dos materiais em um conjunto. Sua organização pode ocorrer: a) por ordem alfabética; b) por ordem alfabética inversa; c) por classificação em famílias de palavras; d) segundo um sistema conceptual. O dicionário subdivide-se nas seguintes partes: a) parte introdutória; b) corpo do dicionário; c) anexos; d) suplementos.

Haensch define microestrutura como a estruturação dos verbetes. Um dicionário apresenta-se, geralmente, em forma de lista (catálogo ou repertório) de um conjunto ou subconjunto de elementos lexicais, estabelecido através de uma seleção do léxico total de uma língua.

⁵ [a dictionary] could, very generally, be defined as a book with both a ‘macrostructure’, i.e., an ordered series of lexical items, entries or lemmata (the ordering principle often being the alphabet), and a ‘microstructure’, i.e., linguistic information contained inside the entry. (p.78)

O corpo da obra subdivide-se em **entradas** ou **verbetes**, que podem indicar uma definição, no caso das obras monolíngües (**unilíngües**) ou uma equivalência, no caso das bilíngües. A **acepção** é cada um dos sentidos ou significados de uma palavra que compreende vários valores semânticos. O verbete é a menor unidade autônoma do dicionário. Sua extensão pode variar de acordo com o tipo da obra ou com o caráter do item lexical. Cada verbete se compõe de um **lema**, ou **palavra-entrada**, que é sua parte enunciativa.

Com relação à microestrutura, o primeiro item tratado pelo referido autor é o lema e a lematização. O lema é o item representante de uma série de formas flexionadas, é a forma não-marcada, neutra (pode ser o infinitivo dos verbos, por exemplo; o masculino singular dos substantivos, no caso do português e de certas línguas modernas ocidentais).

Um dos principais problemas teóricos e práticos com relação à lematização é a distinção entre homonímia e polissemia. Além desse caso, há outros, que ocorrem, por exemplo, quando o plural de um substantivo tem uma acepção diferente daquela de seu singular, ou quando, segundo o gênero da palavra, há acepções diferentes.

Outro aspecto tratado é o da questão da decisão pela entrada ou subentrada. Algumas obras lexicográficas apresentam seus verbetes com subentradas, com o objetivo de melhor aproveitar o espaço. O agrupamento de lemas, embora seja uma solução que ajude na economia de espaço, não é ideal,⁶ pois acarreta muitos inconvenientes, seja na reedição da obra, seja para a leitura e a decodificação da informação que é bastante dificultada (sobretudo para as pessoas leigas).

⁶ Cf. Silva, M. C. P., 1997. Nos resultados de nossa pesquisa de Mestrado, verificamos que o DB da editora Larousse efetua esse tipo de agrupamento, que é bastante prejudicial ao aprendiz iniciante de língua francesa.

A terceira observação quanto à microestrutura refere-se à polissemia e à homonímia. O problema teórico do tratamento da polissemia e da homonímia já foi bastante discutido. Nem a etimologia nem a consciência lingüística servem de critérios satisfatórios para distingui-las.

Há uma discrepância na distinção das unidades lexicais nas entradas de diferentes dicionários e até mesmo na mesma obra se encontram incoerências. O critério mais interessante parece ser a constatação de diferentes paradigmas de flexão para unidades idênticas. Outra solução é verificar se há acepções bastante diferentes para a UL. Nesse caso, devem compor entradas separadas.

A solução teórica adotada na decisão entre a homonímia e a polissemia repercute diretamente na micro e na macroestrutura da obra (BIDERMAN, 1996b). Por um lado, ao considerar as palavras polissêmicas, elaboram-se verbetes mais extensos (microestrutura), por outro lado, ao considerar homônimas, elaboram-se mais verbetes (macroestrutura).

Atualmente, já não se considera o critério etimológico como único aceitável ou o mais importante nessa distinção.

Como afirma Biderman (1998d, p.141), na lexicografia moderna, sobretudo no modelo da França, consideram-se homônimas as palavras de grafia idêntica e com significados muito distintos, de modo que o falante nem consiga estabelecer relações de sentido entre os itens homônimos. A referida autora toma como exemplo a UL “ponto” (quatro homônimos).

Consideram-se polissêmicas as palavras que possuem semas comuns ou pelo menos um sema entre suas várias acepções.

Com relação à ordenação do verbete, Haensch (*op. cit.*) afirma que há esquemas mais ou menos fixos para a ordenação das informações do verbete, de acordo com o dicionário. A ordenação mais usual para o dicionário bilingüe, supondo-se que o lema tenha uma única acepção, é a seguinte: 1) enunciado do

lema (geralmente em negrito); 2) indicação das variantes gráficas; 3) indicação da pronúncia; 3) indicação da categoria gramatical e outras indicações gramaticais (plural, feminino); 4) equivalente ou definição (quando não houver equivalente), seguido de exemplos de uso da UL; 5) parte sintagmática, na qual são indicadas combinatórias e fraseologias; 6) parte paradigmática, em que são indicados sinônimos, antônimos, parônimos e hiperônimos (principalmente para dicionários-padrão).

O referido esquema se complica quando o lema tem mais de uma acepção. Surgem problemas quanto à distinção e ordem de tratamento das diferentes acepções. Há sete critérios para solucionar esses problemas: o critério cronológico; o etimológico; o lógico; o da consciência lingüística; o da frequência; o da posição dentro do sistema coletivo e o da distribuição sintática. Porém, nenhum deles é satisfatório como critério exclusivo. Para ordenar as acepções no verbete, poder-se-ia combinar vários critérios, respeitando uma certa hierarquia, levando em conta, em primeiro lugar, se as acepções se distinguem segundo a categoria gramatical.

Outro problema é a separação gráfica ou tipográfica das acepções. Os diferentes dicionários usam algarismos romanos, algarismos arábicos, letras latinas e gregas, vírgula, ponto-e-vírgula, traços etc., com fins muito diversos. É preciso ler a introdução da obra para compreender a ordenação, e saber, por exemplo, quando uma acepção é mais próxima ou distante da outra. O sistema decimal é bastante usado; colocam-se acepções de nível inferior sob aquelas de um certo nível ou grupo mais aproximado.

O manuseio de um dicionário será mais fácil e rápido quanto mais diferenciada e coerente for sua apresentação. O lema deve estar bem destacado, as acepções ou equivalentes também bastante claros, os símbolos utilizados devem ser bem definidos e estar explícitos no início da obra.

Como já foi mencionado, na parte da definição/equivalência de um verbete, deve-se distinguir nitidamente os elementos lingüísticos dos metalingüísticos, através dos diferentes recursos de impressão. As seguintes indicações (algumas das quais são omitidas em certos dicionários, de acordo com suas características), costumam aparecer em ordem fixa: indicações ortográficas; fonéticas; gramaticais; cronológicas; geográficas; sobre níveis de estilo e conotações; sobre a atribuição a uma matéria ou especialidade.

Além de todas essas indicações, há ainda outras que são enumeradas a seguir: marcas dianormativas (uso correto ou incorreto); palavras que indicam marca de produtos; tecnicismos e denominações oficiais; marcas diintegrativas (inclusão de estrangeirismo).

As **relações sintagmáticas** da palavra-entrada com outras unidades léxicas podem ser indicadas após cada um dos equivalentes de cada acepção ou no final do verbete (todos os exemplos reunidos). É difícil determinar qual solução é a mais adequada. De qualquer modo, é aconselhável que a opção esteja explícita na introdução da obra. O autor deve, inclusive, explicitar qual critério usa para escolher o lema de uma combinatória ou expressão para inseri-los em sua obra.

As **relações paradigmáticas** da palavra-entrada (sinônimos, antônimos, hipônimos etc.) também podem ser distribuídas entre as subentradas de cada acepção de um lema, ou reunidas no final do verbete.

Quanto à lexicografia plurilíngüe, distingue-se da monolíngüe porque não fornece (na maioria das vezes) uma definição das unidades léxicas na mesma língua, indicando o(s) equivalente(s) em outra(s) língua(s). A finalidade da lexicografia plurilíngüe, mais do que a bilíngüe, é a de indicar sinônimos pertencentes a outro sistema lingüístico.

A nomenclatura de um dicionário é sempre uma escolha deliberada. Deve ser determinada a partir do tipo ou formato do dicionário escolhido. Clas (1996,

p.200) admite que, a princípio, um dicionário nunca é completo, mas apenas representativo de uma língua ou de um setor específico de uma língua. Um dicionário não fornece todas as respostas a todas as questões.

A macroestrutura não é uma seqüência de elementos quaisquer. Ela descreve um conjunto enumerando seus elementos. Este conjunto é geralmente definido *em compreensão* pelo título, ou seja, o título indica o tipo de elementos que compõem a obra. O conjunto a ser descrito pode ser dado exhaustivamente como definido *em extensão*, isto é, todos os elementos inseridos estão relacionados a uma escolha maior, que pode ser uma área do conhecimento ou um público visado.

A escolha confere à nomenclatura uma estrutura: isso explica porque a chamamos de macroestrutura. O título anuncia, às vezes, a relação da macroestrutura e da microestrutura. Muitas vezes, há obras que se intitulam dicionários, glossários, léxicos, indiscriminadamente.

A nomenclatura de um dicionário deve ser definida com base em critérios léxico-estatísticos, segundo Biderman (1996b). A lexicógrafa indica algumas obras que foram baseadas nesses critérios: o *Collins Cobuild dictionary of English language*, coordenado por John Sinclair, para o inglês; o *Diccionario fundamental del Español de México e Diccionario básico del Español de México*, coordenado por Luis Fernando Lara, e o *Trésor de la langue française*, na língua francesa.

Quanto à apresentação das entradas, a macroestrutura pode ser: a) simples (ordem alfabética) ou b) dupla (ordem alfabética + macroestrutura derivada). O sistema remissivo faz parte de quase todos os dicionários, manifestando-se na microestrutura e na macroestrutura.

Há uma liberdade considerável na escolha das entradas. Certamente, as nomenclaturas têm sido estabelecidas com base em outras nomenclaturas e, em seguida, reestruturadas. Mas essa reestruturação pode constituir-se tanto em uma

melhora quanto em uma degradação, se não houver um programa geral e preciso onde se incluam alguns retoques para constituir a nova macroestrutura.

Espera-se que a nomenclatura mais longa apresente o maior número de entradas particulares. Mas nem sempre isso ocorre. Na nomenclatura média do dicionário *Petit Larousse*, por exemplo, há grande ocorrência de entradas de palavras raras, como verificou Rey-Debove (1971).

Quanto à extensão dos verbetes, sabemos que é extremamente variável numa mesma obra. É determinada pelas características da unidade tratada: a polissemia provoca a elaboração de verbetes longos. Um dos métodos para comparar o tamanho dos verbetes é contar o número de colunas que ocupam.

Em outra perspectiva, a microestrutura deve ser constante em todos os verbetes: deve seguir o rol de critérios pré-estabelecidos. A ausência de uma informação pode ser apenas questão de bom senso na busca de soluções econômicas e elegantes, desde que não prejudique a explicitação. É preciso encontrar a medida certa. Uma microestrutura pode ser bastante rica, contendo, por exemplo, as informações obtidas nas pesquisas de frequência. Teoricamente, as informações sobre uma palavra podem estender-se infinitamente.

Ao afirmar que a microestrutura é constante, deve-se ter em mente que, uma vez que o programa tenha sido definido, o autor não é mais livre para acrescentar ou omitir nenhum tipo de informação num verbete sem desestruturar a obra. É nesse ponto que a teoria se distancia mais da prática.

O desejo de exaustividade nas duas estruturas é certamente uma tendência moderna que nem sempre é exequível; é o mito do dicionário *total*. Mas há uma medida certa, resultado de uma escolha hierárquica nas duas estruturas, que também é ideal.

O **exemplo** é de grande valor na microestrutura. Sempre é redundante: é toda sequência autônoma em que figura a palavra-entrada. Nenhum dicionário de língua poderia abster-se de apresentar os sintagmas mais freqüentes nos exemplos.

O exemplo faz parte da microestrutura mínima, pois a codificação e especialmente a lexicalização são fenômenos contínuos. Há sempre um movimento da microestrutura em direção à macroestrutura, ou seja, um sintagma muito freqüente pode passar de exemplo a lexema codificado como entrada principal.

2.2. As pesquisas de freqüência e o vocabulário fundamental

De acordo com Biderman (1998a, p.162), *a freqüência é uma característica típica da palavra*. Para que uma palavra seja aceita por uma comunidade lingüística, é preciso que sua freqüência de uso seja alta. O uso do critério da freqüência para a inclusão de itens lexicais nos dicionários nada mais é que a constatação de uma realidade.

A prática anterior de elaboração de obras lexicográficas a partir do vocabulário dos autores clássicos, privilegiando o modelo literário, foi suplantada pelo método da freqüência, que representa e registra com mais precisão a norma lexical de uma comunidade lingüística.

A França foi o país que iniciou, na década de sessenta, a constituição de uma enorme base textual informatizada – *Trésor de la langue française* – para registrar o léxico e auxiliar na confecção de dicionários.

Essa base textual armazena obras publicadas na língua francesa desde o século XVI, com mais de 100 milhões de ocorrências.⁷

⁷ Cf. Biderman, 1998d, p.137.

Bogaards (1994, p.103 *et seq.*) apresenta um pequeno histórico da seleção de vocabulários, dividindo-o em quatro períodos:

1) do fim do século XIX até 1920 - tempo para preparar o campo.

A primeira lista estabelecida na ótica das necessidades específicas do ensino e da aprendizagem de uma LE foi publicada por Keniston em 1920, com o título *Common words in Spanish*. A intenção era estabelecer um inventário da linguagem cotidiana, baseado em jornais, contos, romances, peças de teatro. Foi original porque considerou não apenas a frequência das palavras como sua distribuição. Essa publicação levou os pesquisadores a levantarem novas questões sobre a elaboração de vocabulários de base.

2) de 1920 a 1940 – tempo para semear.

Após 1920, vocabulários e listas de expressões idiomáticas surgiram num ritmo rápido. Nos manuais usados nas escolas, contam-se as palavras. Traduzem-se os itens mais frequentes das listas de frequência da língua materna. Os princípios formulados por Keniston não foram imediatamente aceitos e aplicados. Bogaards destaca os trabalhos realizados por Palmer e sua equipe em 1923, que elaboraram uma lista geral de 3000 palavras com apêndices adicionados para fins mais especializados. Contudo, essa experiência estava inserida em um quadro muito mais lingüístico tradicional que pedagógico. Menciona também dois vocabulários mais limitados: o de Ogden - *Basic English* (850 palavras) e o de West - *Definiton vocabulary* (1490 itens). Esse período foi um momento importante na seleção de vocabulários, sobretudo para fins didáticos.

3) de 1940 a 1970 – tempo de começar um certo crescimento.

Após 1940, surgiram mais listas de vocabulários, embora em menor proporção que na fase anterior. Nesse período, em 1954, surgiu uma

abordagem inovadora, realizada pelo Ministério da Educação Nacional Francês – o *Français fondamental* (FF, Gougenheim, 1967). O cálculo da frequência fundamentou-se pela primeira vez em um material oral, sobre um *corpus* de trezentas mil palavras faladas. A segunda novidade das listas do FF é a introdução da noção de “disponibilidade” (ver p.42 e 47). A primeira lista contém 1.475 palavras. Foi elaborada uma segunda lista que conta com 3000 palavras.

Diferentemente do resultado do FF foi realizado o *Dictionnaire du vocabulaire essentiel*, publicado por Matoré (1963). Suas 5000 palavras são resultado de uma escolha pessoal do autor.

Nesse período, a lingüística quantitativa desenvolveu-se e estabeleceu métodos estatísticos bastante rigorosos.

4) A partir de 1970 – tempo para colher e para semear novamente.

Desde 1970, pelo menos uma dezena de listas de frequência foram publicadas para línguas diferentes, algumas delas destinadas ao ensino de LE, outras na linha da lingüística quantitativa. Os educadores e especialistas de lingüística aplicada começaram a questionar-se sobre os resultados práticos obtidos no curso dos últimos cinquenta anos.

Meara⁸ (*apud* Bogaards, 1994, p.110) afirmou que muito se havia feito sobre a seleção e o ensino do vocabulário, mas que pouco se sabia sobre o modo pelo qual os alunos aprendem. Assim, o ponto de partida das listas deixa de ser a língua, passando a ser as necessidades lingüísticas dos usuários. O objetivo é fornecer, em particular aos autores de manuais didáticos, o material lexical necessário em um certo número de situações recorrentes.

⁸ MEARA. P. Vocabulary acquisition... 1980. p.221-246.

A história da seleção de vocabulários parece parar no final dos anos setenta, mas a necessidade de fazer uma seleção dos materiais lexicais de uma LE é sempre atual. Trataremos, de agora em diante, especificamente das listagens utilizadas em nossa pesquisa.

Quanto às obras de vocabulário de base, o FF continua sendo um modelo para a elaboração de obras com o mesmo objetivo em várias línguas⁹. Seu objetivo é o ensino rápido e eficiente de vocabulário essencial da língua francesa.

A partir da época da realização desse projeto, em meados da década de cinquenta, surgiu um interesse maior pelos dados quantitativos sobre as línguas. Iniciou-se o uso dos métodos da estatística e as aplicações de coeficientes de frequência.

As listas de frequência mostram que um ensino sistemático do léxico deve, pela lógica, começar por assegurar uma manipulação correta das palavras mais frequentes e, em seguida, desenvolver as habilidades para as palavras menos frequentes.

É importante lembrar que as pesquisas de frequência não apontam os substantivos nas primeiras posições. Os primeiros itens de uma listagem de frequência são as palavras instrumentais e aquelas mais polissêmicas.

Se por um lado as palavras mais frequentes, como as palavras instrumentais, têm sua importância pela frequência de uso, mas são mais esvaziadas de sentido, por outro lado as palavras menos frequentes, como os substantivos, têm sua primazia por possuírem forte carga semântica.

Em um *corpus* de frequência, a categoria **substantivo** contribui com os vocábulos que ocorrem menos vezes ou apenas uma vez (*hapax legomena*) (BIDERMAN, 1998a). Isso não reduz seu valor como unidade essencial para a comunicação de uma língua, devido a sua grande carga semântica. Os

⁹ Serviu de modelo para o *Espanhol fundamental* e para o *Português fundamental*.

vocabulários fundamentais do francês, do português e do espanhol, bem como o *American heritage word frequency book*, sempre incluem os substantivos nos resultados das suas pesquisas de frequência.

Na nossa opinião e de muitos pesquisadores, o FF constitui um modelo nesse tipo de pesquisa. Segundo Halliday (1974, p.222), esse trabalho foi a forma mais perfeita das técnicas de seleção vocabular entre aquelas que se conhecia até então. Embora tenha tido muitas falhas, constituiu-se em um grande avanço na aplicação das técnicas lingüísticas para a organização de cursos de ensino de idiomas. Além disso, por ser um trabalho pioneiro, inspirou muitos trabalhos sobre o léxico, pois chamou a atenção para a necessidade de se tornar o ensino de línguas estrangeiras mais acessível e eficiente. O *Português fundamental* (PF) superou o FF em qualidade.

Atualmente, a metodologia e a técnica desse tipo de pesquisa foram aperfeiçoadas e os resultados obtidos são melhores e mais confiáveis. A propósito, um dos integrantes da equipe do FF, Paul Rivenc, fez parte da equipe que elaborou o *Português fundamental*, ocupando-se da parte estatística.

Em nosso trabalho, consideramos as listagens do FF e do PF, já que são listagens do vocabulário básico das línguas francesa e portuguesa, que certamente vêm sendo observadas nos manuais didáticos. De fato, a descrição do léxico é importante para o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

A estatística lexical estuda principalmente a frequência das palavras no discurso classificadas pela ordem de frequência. Mas só a frequência não é suficiente: é preciso ser acrescentada à noção de repartição (em quantos tipos de discursos diferentes o item lexical se manifesta) e à noção de disponibilidade (palavras necessárias mas que não são frequentes).

Como as palavras concretas não são obtidas facilmente pelos métodos da estatística, a equipe do FF desenvolveu outro meio para obtê-las: o método da

disponibilidade. René Michéa, membro da equipe do FF que tratou dessa noção, afirma que as palavras disponíveis são aquelas que, apesar de não serem frequentes, são necessárias para o uso em contextos específicos. São palavras essenciais à comunicação, que se inserem em certos centros de interesse como o vestuário, a culinária, os meios de transporte etc. É claro que a estatística pode fornecer palavras concretas, mas isso só é possível através de um *corpus* bastante extenso e bem representativo, o que não era o caso do FF.

No caso da equipe do FF, foi somente a intuição dos pesquisadores que fez crer que as palavras concretas são úteis para aprendizes de LE. É preciso, no entanto, verificar qual método é o melhor: a análise de um *corpus* ou da disponibilidade.

O *Vocabulário fundamental do português* foi realizado em Portugal pela equipe do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa (CLUL) entre as décadas de 60 e 80.

A metodologia adotada na elaboração do *Português fundamental*¹⁰, como já dissemos, baseou-se nas pesquisas anteriores do FF e do Espanhol Fundamental. O objetivo da elaboração desse vocabulário também é didático: procurou-se estabelecer uma listagem que pudesse ser usada para o ensino da língua a estrangeiros e mesmo para a elaboração de materiais pedagógicos para os falantes nativos. Tal vocabulário também constitui base para a produção de melhores obras lexicográficas, já que se baseou na léxico-estatística para fazer uma seleção confiável de palavras.

O *corpus* foi obtido com base em dois bancos de dados:

1. ***corpus da frequência*** – composto de textos gravados de 1.400 portugueses entrevistados (de 15 a 65 anos de idade). De cada entrevista aproveitaram-se trechos de 500 palavras gráficas subsequentes. Após o

¹⁰ Cf. Biderman, 1996.

processamento no computador, foram obtidas 25.107 formas diferentes. Essas formas foram lematizadas. Se o valor quantitativo de um lema atingisse frequência 40, era incluído no rol das palavras fundamentais. A pesquisa de frequência forneceu entre 500 e 600 palavras.

2. **corpus da disponibilidade** – como muitas palavras de uso freqüente na fala não ocorreram na lista do *corpus* da frequência,¹¹ a equipe do PF passou a pesquisar o *corpus* da disponibilidade. Após estabelecidos 27 Centros de Interesse (temas), a equipe iniciou inquéritos com 800 pessoas entre 17 e 18 anos.¹² Os resultados vocabulares desses questionários totalizaram 465 mil palavras extraídas de coletas de dados que versavam sobre campos semânticos pré-estabelecidos. Em 1980, realizou-se um inquérito complementar para atualizar a pesquisa de disponibilidade, uma vez que Portugal atravessara um período de grandes transformações políticas e sócio-econômicas. Parece-nos que a pesquisa de disponibilidade forneceu em torno de 1.600 itens à listagem final de 2.217 palavras.

Dadas as diferenças evidentes entre o Português de Portugal e o do Brasil, Biderman procedeu a uma análise exaustiva da listagem estabelecida pelo CLUL para adaptá-la à nossa variedade do português.¹³ Biderman verificou que em torno de cem palavras diferem entre si nas duas variedades do português. Considerando-se o total de 2.217 itens, essa quantidade não é muito relevante, mas como são elementos culturalmente marcados, deve-se atentar para esse fato. Outros elementos ausentes na lista, os tipicamente brasileiros, devem ser acrescentados.

Murakawa (1994), por sua vez, fez uma análise diacrônica dos substantivos, adjetivos e verbos dessa listagem, da qual extraiu 1.205

¹¹ O mesmo foi observado no FF, como já foi dito.

¹² A escolha da faixa etária deveu-se apenas à disponibilidade de tempo dos participantes do inquérito.

¹³ Cf. Murakawa, 1994, p.895.

substantivos, 387 verbos e 308 adjetivos. Também nessa listagem os substantivos mostram sua supremacia quantitativa na linguagem.

A maioria das listagens de palavras freqüentes têm essencialmente uma finalidade didática, ou seja, visa ser objeto de aplicações pedagógicas. O objetivo dos autores do projeto do *Frequency dictionary of French words* (e das outras línguas estudadas), realizado na Stanford University, coordenado por Juilland (1970), ao contrário, baseou-se em *corpora* representativos de cada uma das cinco línguas de origem latina (o francês, o espanhol, o italiano, o romeno e o português), para servir a análises contrastivas entre essas mesmas línguas, com vistas a pesquisas lingüísticas.

Para elaborar os dicionários de freqüência, os autores contaram com uma amostra diversificada de 500.000 palavras. É muito importante para o conhecimento de uma obra e para qualquer análise crítica saber quais fontes foram empregadas na sua elaboração. Os textos franceses utilizados pertencem a vários gêneros: peças, novelas, ensaios, artigos de jornais e revistas, literatura técnica e científica.

Esse trabalho resultou numa lista de 5.082 palavras com freqüência maior ou igual a cinco. Os resultados estão distribuídos nos seguintes parâmetros: a freqüência, a dispersão (ou repartição, distribuição) e o uso (coeficiente da relação de freqüência e da dispersão).

Uma crítica a esse trabalho refere-se à extensão dos *corpora* analisados, que é bastante reduzida. No entanto, na época em que esse projeto foi realizado (entre os anos sessenta e setenta), o recursos tecnológicos eram ainda deficientes para armazenar e gerenciar dados em grandes quantidades.¹⁴

Como vimos, apesar da extensão vocabular de uma língua ser fenomenal, há um núcleo de palavras que são comprovadamente mais utilizadas. Essas

¹⁴ Cf. Biderman, 1998a.

palavras constituem o vocabulário fundamental, não menos complexo por ser básico, já que a maioria das palavras são bastante polissêmicas.

Nas pesquisas coordenadas por Juilland, verificou-se que há um núcleo lexical comum no interior do léxico de um idioma: em torno de 80 % de qualquer texto das cinco línguas românicas analisadas são constituídos pelas 500 palavras mais frequentes da mesma língua. Essas palavras são as gramaticais e aquelas de conteúdo semântico bastante geral (BIDERMAN, 1996).

2.3. Elaboração de dicionários

Haensch (1982b, p.395 *et seq.*) descreve os problemas técnicos da elaboração de dicionários. Busca explicar como nasce um dicionário ou glossário e dar instruções concretas sobre sua elaboração. Cita quatro critérios de seleção de entradas de um dicionário: três “externos” e o último “ interno”, conforme a terminologia do autor.

1) Finalidade dos dicionários:

Seja qual for sua finalidade (descritiva, normativa etc.) não se deve perdê-la de vista ao elaborar uma nomenclatura, para que não sejam publicadas obras híbridas, com inadequações.

2) Grupos de usuários:

Na elaboração de uma obra é essencial ter em vista o público ao qual ela se destina (especialistas, tradutores, aprendizes, público culto etc.). Cada tipo de dicionário acaba criando uma expectativa no público usuário. Essa obrigação em atender a necessidades específicas de um dado grupo de usuários fez com que

houvesse uma maior especialização dos dicionários monolíngües nos últimos anos, sobretudo na França (Haensch, 1982b).

3) Extensão dos dicionários:

Deve ser determinada em função da finalidade e do público alvo do dicionário, além do espaço físico disponível. O critério de frequência é bastante útil na seleção das unidades que integrarão a nomenclatura. Quanto menor a extensão mais problemas de seleção serão encontrados.

4) Princípios lingüísticos de seleção de unidades léxicas ou lexicais (UL).

Tendo sempre em vista os três critérios externos, a seleção das unidades léxicas deverá seguir certos princípios lingüísticos:

4.1) Frequência de uso, distribuição e disponibilidade das UL.

A frequência deve ser o primeiro critério utilizado para selecionar as entradas de um dicionário. Como a frequência analisada sobre um *corpus* tem suas falhas, lança-se mão de outro critério: a distribuição (repartição) das UL nos textos usados. Além deste critério, introduziu-se também o critério da disponibilidade (conjunto de palavras que fazem parte de um contexto). Mesmo com uso de todos os critérios citados, é muito difícil o estabelecimento de um vocabulário básico de 3000 a 5000 palavras.

4.2) Importância de uma unidade léxica dentro do conjunto do vocabulário registrado.

A frequência de uso não pode ser o único critério de inclusão de uma UL no dicionário. Muitas UL têm que ser incluídas na nomenclatura por sua importância dentro do conjunto do vocabulário registrado. A inclusão dos neologismos merece atenção especial. O critério puramente numérico terá mais valor para um dicionário geral, o que não ocorre com os dicionários especializados que registram unidades lexicais bastante raras, mas importantes para aquele determinado domínio.

4.3) Critério da diferenciação frente a um diassistema de referência (vocabulário de subconjuntos - contrastividade).

Aplica-se no estudo das variantes diatópicas, diastráticas, diafásicas etc., frente à língua padrão. Para seleção de vocabulários de um subconjunto, é muito importante o critério da contrastividade entre as variantes e um sistema de referência (língua padrão), pois:

- a) a um conceito podem corresponder diferentes significantes entre as partes comparadas;
- b) um significante lexical não existe em uma das partes, sendo necessário recorrer à paráfrase para expressar seu conceito;
- c) um significante lexical que se refere a um conceito específico de uma área de uma das partes, sem UL correspondente, exige uma definição;
- d) diferenças de uso de um vocábulo nas duas partes: valores denotativo ou conotativo; diferentes aplicações (combinatórias, unidades fraseológicas); diferentes construções gramaticais.

4.4) Critério purista.

A inclusão dos neologismos e estrangeirismos numa obra depende também da atitude do lexicógrafo, além do tipo de dicionário (normativo ou descritivo).

4.5) Omissão ou inclusão de palavras tabus.

Normalmente referentes a órgãos e funções sexuais ou do metabolismo, os termos tabus são um problema na seleção do vocabulário. Bastante empregados pelos falantes e componentes de expressões bastante usuais, são freqüentemente preteridos ou suprimidos. Deveriam figurar em obras de certa extensão, com a indicação de seu uso como 'tabu', conforme a finalidade da obra e o público visado.

Haensch (*op. cit.*) expõe também as fases e aspectos da coleta e elaboração de materiais léxicos em trabalhos lexicográficos.

1) Fases da elaboração de dicionários e os colaboradores. A elaboração de uma obra lexicográfica compreende cinco fases:

- a) coleta de materiais de diversas fontes, com ajuda de computadores;
- b) revisão dos materiais obtidos e ampliação da informação;
- c) seleção definitiva de entradas;
- d) redação do manuscrito;
- e) impressão ou reprodução por outros meios técnicos.

Normalmente, a elaboração de uma obra lexicográfica requer o trabalho em equipe. Mesmo que haja um único autor, este deve contar com o trabalho de várias pessoas se sua obra for de certa extensão. Há sempre um coordenador ou chefe de equipe e vários subchefes bastante preparados. Para que todos trabalhem harmoniosamente, é preciso que sigam instruções pré-estabelecidas e divulgadas entre todos. Não se deve descuidar do tipo de material selecionado, da ordem das informações e dos símbolos e siglas utilizados. Todos devem seguir um “verbete-modelo”. À medida em que os problemas vão surgindo na prática, a equipe deve buscar soluções em conjunto.

2) Os instrumentos de trabalho.

Muitos dicionários foram compilados de obras anteriores, mantendo erros antigos. Atualmente, buscam-se novas maneiras de elaboração através de *corpus*, para que os dicionários reflitam mais fielmente a evolução e o estado atual de uma língua. O computador é um equipamento indispensável nessa tarefa. Seus programas favorecem a coleta e o estabelecimento de nomenclaturas mais homogêneas.

3) As fontes do lexicógrafo.

Os materiais utilizados na elaboração de um dicionário podem proceder:

a) de uma fonte escrita:

- fonte secundária com descrições metalingüísticas (definições de outros dicionários ou obras lexicográficas);
- fontes primárias (textos originais);

b) de uma fonte oral:

- entrevistas, gravações, emissões radiofônicas ou televisivas etc;

c) dos conhecimentos lingüísticos de um colaborador, ou seja, de um sistema lingüístico individual ou de uma série deles. Inicialmente, todo esse material é armazenado em fichas.

4) Revisão e ampliação dos materiais recolhidos.

As fichas elaboradas podem transformar-se em fichas de redação, que serão revisadas por um chefe de equipe para verificar se todas estão homogêneas e se seguem as instruções pertinentes. Os principais recursos usados nessa fase são: o cotejo com fontes escritas e a assessoria de especialistas.

5) Seleção definitiva de entradas.

Depois de reunido o material suficiente, com as colaborações externas dos assessores, e se todo o material estiver revisado, proceder-se-á à seleção definitiva das entradas. A transcrição fonética fica para os últimos momentos da redação, confiada a especialistas. Nessa fase, cuidar-se-á também das remissões em determinadas entradas, relacionando paradigmas e sintagmas.

6) Redação do manuscrito.

As fichas revisadas servirão de manuscrito. Deverão estar ordenadas e deverão ser revisadas por outras pessoas e pela equipe de elaboração antes da impressão e publicação.

7) Impressão do dicionário.

Geralmente os dicionários são publicados em forma de livros impressos, embora normalmente esse tipo de impressão resulte num material bastante caro. As provas não paginadas são revisadas. Nesse momento, ainda é possível corrigir erros, acrescentar ou excluir informações e até mesmo entradas. Concluída a paginação, pouco se pode mudar. Em seguida às revisões, procede-se à impressão da obra.

8) Revisão e atualização.

Após a publicação de uma obra, o autor deve continuar recolhendo ULs e acepções novas e atuais para fazer os acréscimos, correções e supressões necessárias por ocasião de uma reedição da obra. O trabalho lexicográfico requer continuidade.

De acordo com Knowles (1996), o dicionário é um objeto cultural e utilitário que se inclui entre os produtos que mais sofreram transformações por causa da revolução das tecnologias da informação.

Há, atualmente, muitos dicionários eletrônicos sendo produzidos, mas muitos deles ainda são baseados nos dicionários tradicionais e continuam apresentando as mesmas dificuldades para os consulentes. Os compiladores de dicionários devem atender às necessidades dos usuários. A equipe de trabalho deve basear-se em estudos que comprovem as falhas das obras tradicionais e as possíveis soluções para aquelas editadas num veículo diferente do papel.

Knowles (*op. cit.*) afirma ainda que a produção de um grande dicionário impõe normas de qualidade altíssimas. Os níveis de custo, por consequência, também são altos e os projetos são bastante complexos, exigindo a contribuição da informática e a constituição de uma equipe de trabalho competente.

Quanto às etapas de produção, o referido autor descreve como se segue. O primeiro estágio concerne o *corpus*. O autor indica uma lista detalhada de tarefas

que devem ser seguidas pelos programas que, em certos casos, não dispensam a intervenção humana. No segundo estágio, surge a necessidade de programas ágeis e adaptáveis, assim como de métodos que permitam realizar uma sinergia entre dois programas ou mais, permitindo a gestão da base de dados. Sobre o terceiro estágio o autor acredita que não são necessárias muitas explicações, trata-se do trabalho em si. São mais necessários os meios (programas e equipamentos) para a gestão geral do *corpus* quando é arquivado que quando é consultado. Neste último caso, as operações resumem-se à cópia (*backup*) e conservação (armazenamento) da base de dados.

Como se pode perceber, atualmente é inconcebível a realização de um projeto de produção de obra lexicográfica sem o auxílio de um computador e dos programas da informática, além da supervisão de um pessoal com boa formação tanto na informática quanto na lexicografia.

A tarefa mais complexa do lexicógrafo que elabora um DB é a concepção e a fabricação de um dicionário destinado a usuários que querem codificar numa língua estrangeira. Para realizar essa tarefa, é preciso seguir alguns pontos de partida essenciais: é aconselhável o uso de um *corpus* informatizado e acessível ao tratamento de programas de análise e gestão de dados textuais. No caso de um DB é preciso utilizar dois *corpora*, um na língua-fonte e outro na língua-alvo, que sejam compatíveis; é preciso ainda que na organização geral do DB as duas partes sejam compatíveis e simétricas.

Knowles (*op. cit.*) apresenta um exemplo de DB produzido segundo os princípios mencionados anteriormente, o *Hachette Oxford*. A referida obra foi concebida para atender aos dois tipos de clientela (querendo decodificar ou codificar) e para satisfazer suas necessidades nas duas direções: **LF** (língua-fonte) ↔ **LA** (língua-alvo) e **LA** ↔ **LF**. Para tanto, exigiu um enorme investimento

financeiro e de trabalho humano. Mesmo assim, o usuário deve manter-se prudente quanto à confiabilidade das traduções.

A extensão do léxico é tão grande que os lexicógrafos renunciam a sua descrição total, procedendo à elaboração de um conjunto definido, limitado. Portanto, sempre certos elementos são excluídos do conjunto. Alguns subconjuntos do grande conjunto que constitui o léxico de uma língua são bastante complexos para o trabalho do lexicógrafo, tais como: os registros popular e regional; os dialetos; as gírias; os vocabulários de especialidades e técnico-científicos.

O máximo de exatidão que os dicionários podem atingir é fornecer uma imagem aproximada, mas sempre incompleta do que é o léxico. O problema fundamental de todo lexicógrafo é determinar o que incluir em um dicionário e o que deixar de lado. Um dicionário é, portanto, sempre uma escolha mais ou menos calculada.

2.3.1. *O que incluir?*

Devido ao próprio caráter dinâmico do léxico e a sua riqueza, muitas vezes o lexicógrafo tem dificuldade em estabelecer quais os tipos de itens devem integrar a nomenclatura da obra lexicográfica que se propõe a fazer.

Uma das questões mais complexas ao tratar do léxico é a procura de um conceito de UL, como já discutimos no item 2.1.1. É difícil saber quando se trata de uma palavra, de uma combinação livre ou de uma expressão cristalizada. Mais delicado ainda é criar uma forma sistemática de inclusão dessas unidades no dicionário que atenda às necessidades dos usuários e que respeite uma teoria lexical. Há uma grande dificuldade em encontrar as lexias complexas nas obras lexicográficas.

Há vários tipos de ULs que merecem atenção especial e que suscitam um estabelecimento prévio de critérios rigorosos para sua inclusão, como as abreviaturas, as siglas, os nomes próprios, os nomes de marca, os tabus, os neologismos e as lexias complexas.

Devem-se incluir, de acordo com Haensch (*op. cit.*) em um dicionário geral¹⁵:

- palavras simples; palavras compostas e complexas; combinatórias usuais; modismos; fórmulas da vida social; apostos; nomes de marca de produtos; nomes próprios; nomes formados com afixos modificadores; advérbios em *-mente* (em certos casos); acrônimos; abreviaturas; palavras truncadas; colocações ou combinatórias com letra ou cifra; formas elípticas; formas usuais, mas contrárias à norma; refrões e provérbios; citações e frases célebres; exemplos (forjados) e citações (de textos de autores).

As ULs selecionadas para uma obra devem formar um conjunto harmonioso e equilibrado. Os diferentes tipos de vocabulário devem aparecer de forma proporcional, deixando bem representado o vocabulário padrão. Para que exista esse equilíbrio, é preciso certa ousadia, acolhendo-se também (sempre em proporção ao conjunto), formas contrárias à norma como: os neologismos; as ULs populares, vulgares e tabus; os regionalismos e os tecnicismos, as macrounidades como locuções e expressões. Assim sendo, o dicionário será um reflexo da linguagem de sua época.

O estatuto das entradas constitui um problema para o lexicógrafo. A abreviatura, por exemplo, gera um problema quando da decisão ou não de sua inclusão. A **abreviatura** é considerada uma palavra se tiver uma realidade fônica

¹⁵ Pode se aplicar também a um dicionário geral bilíngüe, dependendo de sua extensão.

própria e se funcionar como parte do discurso. Pode ser superior à palavra, constituindo uma frase por exemplo. Quando a abreviatura passa a constituir base na formação de palavras derivadas deve ser considerada e incluída.

Quanto à inclusão dos **nomes próprios**, percebe-se que os dicionários de língua registram freqüentemente um número considerável deles (nome de cidade, de associação etc.). Rey-Debove (1971) afirma que não é correto incluir esses nomes, já que são do domínio enciclopédico. Pode-se afirmar que quanto maior a nomenclatura, maior o risco de se incluir nomes próprios. Essa questão está sendo revista. Está-se comprovando a necessidade de se incluir também a categoria de nomes nos dicionários. Nas abordagens recentes do sentido, acredita-se que não existe fronteira bem determinada entre as informações lingüísticas e as enciclopédicas. As informações não são estanques nos dicionários. Nos dicionários bilíngües, devem-se incluir mais informações enciclopédicas quando forem necessárias para a compreensão de itens com forte carga cultural.

As palavras que exprimem **tabus** são quantitativamente pouco numerosas, mas fazem parte, na sua maioria, do núcleo comum das palavras de alta freqüência. No entanto, raramente essas palavras são incluídas na nomenclatura de um dicionário. Apesar disso, são de grande importância na língua por causa de sua freqüência. Pode-se justificar que não são necessárias porque são bastante conhecidas pelos falantes da língua, mas não é esse o caso do usuário estrangeiro que estiver aprendendo a língua.

O **neologismo** é uma forma lingüística de uso recente em interlocuções e, naturalmente, ausente das obras lexicográficas. É impossível, teoricamente, cadastrar uma palavra nova se ela for rara, quer dizer, localizá-la na sua origem para estabelecer seu reconhecimento como palavra. Por conseguinte, segundo Rey-Debove (1971), não adianta censurar o lexicógrafo por causa de seu atraso com relação à realidade. Tratamos mais dessa questão abaixo, no item 2.3.1.2.

2.3.1.1. Unidade lexical mínima e unidades lexicais complexas

Numa certa perspectiva, a **língua** constitui-se de dois tipos de unidades: unidades estruturais (morfemas, palavras e suas combinações livres) e unidades idiomáticas. As unidades estruturais são fáceis de compreender e de construir, ao passo que as unidades idiomáticas não são facilmente explicadas através da estrutura da língua. As unidades ditas idiomáticas são assimiladas mais ou menos por osmose na língua de origem, o que não ocorre na segunda língua ou na língua estrangeira (LE), quando se tem que conscientemente aprendê-las.

A inclusão nos dicionários de unidades maiores que a palavra, como já dissemos, é necessária e complexa. Embora o conceito de unidade lexical seja amplamente aceito, não se estabeleceram exatamente ainda quais as unidades que podem integrar uma entrada de um dicionário. Exemplo disso são as locuções e expressões idiomáticas. No caso dos diversos tipos de combinação de palavras, é difícil determinar qual o grau de cristalização das unidades. Do ponto de vista semântico, as expressões idiomáticas são unidades simples.

É bastante complexa a descrição, a definição e a delimitação de uma UL simples. Quando se trata das unidades maiores que as palavras, surgem outros problemas mais complexos ainda, como a delimitação das fronteiras entre uma UL complexa e um sintagma discursivo. Biderman (1998d, p.138) afirma que:

*Existe toda uma gama de soldadura entre os elementos de uma sequência lingüística, aquilo que podemos chamar de **lexia complexa**. Assim, podemos identificar lexias complexas cujos elementos componentes estão perfeitamente soldados, e outros com um forte índice de coesão interna.*

Mais adiante, a autora acrescenta que *não existem critérios teóricos bem estabelecidos para o reconhecimento de tais unidades*. O resultado disso é a

discrepância das obras lexicográficas com relação à inclusão ou não das lexias complexas (LC). Quando incluídas, há dificuldade em estabelecer qual o critério usado para a sua localização no verbete (normalmente constitui uma subentrada) e classificação através das marcas *loc.*, *expr.*, *prov.*¹⁶

A tradição lexicográfica portuguesa é a de inserir as lexias complexas no verbete da palavra-chave ou principal. No entanto, em certos casos, é difícil de determinar qual das unidades que compõem a LC é a principal.

A maioria dos dicionários gerais bilíngües prevêem o uso de exemplos nos seus programas de microestrutura. Pode-se falar de uma multifuncionalidade: o **exemplo** permite oferecer dados preciosos sobre todas as nuances da palavra-entrada (aspectos morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, pragmáticos). O exemplo tem a vantagem de ilustrar uma informação já apresentada por outras categorias de informações lexicográficas, como a definição. É nesse item da microestrutura que, geralmente, estão incluídas as combinatórias, as locuções e as expressões idiomáticas.

Blanco (1996) verificou, inclusive, que a grande maioria das seqüências nos exemplos corresponde a unidades lexicais complexas (sobretudo a nomes compostos).

Szende (1996) considera que não se aprende uma língua apenas através de suas regras e palavras, mas por meio de todos os elementos pré-codificados do discurso: locuções, unidades complexas e cristalizadas, “maneiras de dizer” ligadas às estratégias de fala, elementos que, na maior parte, são bem manipulados pelos falantes nativos. As dificuldades da aprendizagem e da tradução revelam a importância desses elementos. Desse modo, considerando o dicionário como uma obra que participa do processo de aprendizagem, ele deve abarcar essas unidades.

¹⁶ Combinatória com maior ou menor grau de coesão, expressão idiomática, provérbio etc.

Raramente a tradução de textos pode reduzir-se a uma substituição literal de palavra por palavra. Devido a sua natureza, a palavra ultrapassa, muitas vezes, sua unidade, atingindo um contexto sintagmático.

Nos DBs, não se traduzem palavras, nem frases, mas “contextos suficientes”. “Contexto suficiente” é uma porção de texto, de extensão variável, que fornece a informação necessária para buscar uma equivalência, permitindo, assim, reduzir os sentidos virtuais de uma palavra a um único sentido.

A **expressão idiomática**, do ponto de vista semântico, constitui-se de elementos lingüísticos que perdem seu sentido individual em favor de um sentido único para a expressão, que quase sempre é figurado. Do ponto de vista morfossintático, tal unidade não permite modificações ou raramente as permite. Conforme a afirmação de Biderman (2001, p.173):

As expressões idiomáticas são geralmente intraduzíveis de uma língua para outra, ou seja, não se pode fazer uma tradução literal de um idiotismo, pois o resultado seria absurdo e não corresponderia ao significado global da expressão.

A **colocação** ou **combinatória**, por sua vez, é definida como a associação habitual de uma unidade lexical com outras unidades. Não é fixa do ponto de vista morfossintático. Sob a ótica da semântica, cada um dos elementos que a compõem mantém seu sentido individual, mesmo se o sentido de um dos elementos da combinatória seja especificado pelo sentido do outro. O que faz com que essa associação de unidades seja uma combinatória é o número restrito de opções condicionadas.

Knowles (1996) também trata da questão do fenômeno das combinatórias ou colocações. Para ele, a colocação se manifesta pela justaposição de elementos lexicais regularmente associados, sem haver uma razão subjacente. Afirma que

somente um *corpus* pode fornecer a frequência dessas ocorrências, tão úteis para os aprendizes da língua-alvo.

Apesar de constituírem um problema difícil para os lexicógrafos, sua complexidade pode ser reduzida nos dicionários informatizados. É indispensável que a base da colocação seja incluída, apresentando as possibilidades de combinatórias. Lexicógrafos e lexicólogos criaram métodos que identificam essas colocações e elaboraram programas de computador que operem com esses métodos para selecioná-las.

Portanto, não há consenso com relação à definição das unidades idiomáticas. São tratadas de forma inadequada nos dicionários porque são mal definidas e classificadas de modo diferente por certos linguistas e lexicógrafos.

Um problema que é ainda pouco abordado, por exemplo, é a questão da escolha do item da expressão idiomática a ser inserido no verbete do dicionário. O ideal para o usuário é que pudesse encontrar a expressão sob todas as palavras componentes, para facilitar sua consulta. Entretanto, a questão do espaço impede essa solução, que sobrecarrega a obra com a multiplicação de informações. O lexicógrafo deve escolher a entrada mais adequada na qual a unidade deve ser inserida, conforme certos critérios.

Outro empecilho é que todas essas unidades fraseológicas, sobretudo as expressões idiomáticas, não são facilmente passíveis de lematização para serem melhor apresentadas nos dicionários. A forma de apresentar as unidades idiomáticas unicamente através de exemplos tem também um inconveniente: não permite que o usuário as reconheça no corpo do texto lexicográfico. Os DBs favorecem a forma lematizada, quando possível.

É importante que nos DBs os lexicógrafos tentem encontrar uma combinação ou uma expressão idiomática equivalente na língua de chegada, para manter a idiomaticidade da língua de partida. Nem sempre há um equivalente

“idiomático” na língua de chegada. Nesse caso, deve-se fornecer um equivalente explicativo, que esclareça o significado correto. Certamente seria uma informação útil para o usuário a indicação de que tal equivalente é ou não idiomático.

Lepinette (1996), ao tratar das partes cristalizadas das frases, afirma que é indispensável, na perspectiva da tradução automática, inventariar e traduzir frases que incluem sintagmas cristalizados. Concorde que sua interpretação semântica não equivale à soma dos significados dos elementos que compõem a sequência.

2.3.1.2. A neologia e os neologismos

A **neologia** é um fenômeno natural das línguas, já que estas estão em constante contato e evolução. Mas nem sempre suas renovações são vistas como enriquecimento. A cada fase da história há sempre pessoas preocupadas em preservar uma fase anterior da língua, considerando as transformações em curso como nocivas. Num primeiro instante, parece que o neologismo, apesar de empregado por determinada necessidade, interfere no equilíbrio do sistema lingüístico, provocando uma certa dificuldade de integração a esse sistema entre os próprios falantes que o criaram ou tomaram emprestado.

A neologia é o processo fundamental que gera elementos inéditos no vocabulário de uma língua. O neologismo é o resultado concreto desse processo (BOULANGER, 1990). Assim, o neologismo é uma lexia nova que é introduzida no vocabulário de uma língua, em uma época determinada, com determinados fins.

Há quatro formas de neologia, segundo Guilbert (1975): 1) neologia fonológica; 2) sintagmática (morfo-sintática); 3) semântica e 4) por empréstimo. O neologismo pode apresentar-se sob diferentes formas possíveis. Seguindo a classificação de Guilbert, pode ser uma palavra que passa a ser pronunciada de

modo diferente (criação de onomatopéias); que passa de uma categoria à outra; uma palavra conhecida à qual se atribui nova significação; uma palavra nova, criada pelos processos de derivação, composição ou empréstimo.

Guilbert (1975) classifica, ainda, a **neologia** necessária como **denominativa** e a neologia estética ou afetiva como **estilística**.

Os anglicismos, sincronicamente falando, constituem a maioria dos empréstimos no francês e em muitas outras línguas. A causa disso é que, na história, a influência inglesa iniciou-se no século XVIII e desenvolveu-se nos séculos XIX e XX, sobretudo no que diz respeito às novas tecnologias, e anteriormente, devido aos contatos causados pelas guerras. Obviamente, em fase anterior, houve predomínio de empréstimos de outras línguas, mas com o passar do tempo, esses itens não são mais reconhecidos como estrangeirismos.

A língua evolui sempre e não há como evitar esse processo. Os falantes de um idioma são criativos e sempre capazes de recriar e renovar o léxico de sua língua, de acordo com seus anseios e necessidades. Usa-se *WC* por exemplo, em francês, para não utilizar *pissoir* ou *chiotte*, que são unidades de certa forma deselegantes.

Muitas palavras que hoje são cunhadas com a etiqueta de “neologismo” poderão enraizar-se de tal maneira na língua que será possível reconhecê-las como pertencentes a ela, passando a receber o mesmo estatuto dos itens vernáculos já consagrados. Isso ocorreu, por exemplo, com os galicismos que começaram a entrar na língua portuguesa no século XIX; atualmente, muitos deles não são mais reconhecidos por pessoas comuns como palavras estrangeiras, como ‘abajur’, ‘manequim’, ‘vitrine’, por exemplo.

É interessante notar que, em estudos publicados de cunho purista, nas justificativas contra a “invasão de termos estrangeiros”, há, com frequência, listagens com grande quantidade de estrangeirismos reunidos. Contudo, se

compararmos essa quantidade com a extensão vocabular da língua receptora, podemos concluir que essa listagem “não ameaça a pureza” da língua, como pretendem os puristas. Essa mesma quantidade comparada com o vocabulário ativo de um falante é bastante significativa para a constituição e evolução do léxico da língua receptora, mas não chega a “desfigurá-la”.

Considerando as áreas de especialidades, é muito mais evidente a presença de empréstimos, sobretudo de substantivos, já que estes nomeiam também as inovações tecnológicas. No português do Brasil, por exemplo, na área da informática, há uma grande quantidade de anglicismos, uma vez que importamos tanto o “hardware” quanto o “software” dos países anglófonos. Mas, como muitas das unidades lexicais acabam banalizando-se, é necessária sua inclusão nos dicionários gerais de língua.

Além das palavras, as línguas podem tomar emprestado sons, sotaques, traços morfológicos e semânticos e construções sintáticas. Porém, entre os elementos do léxico, são naturalmente os substantivos que passam com mais facilidade de uma língua para outra (DEROY, 1956). As outras classes de palavras raramente aparecem. Deroy (*op. cit.*) cita em sua tese uma pesquisa que Haugen realizou sobre os empréstimos em norueguês e sueco. Esse autor verificou que em torno de 74% dos empréstimos são substantivos, 21% em média são verbos e aproximadamente 5% são outras classes (adjetivos, advérbios, preposições e interjeições – na ordem citada).

Deroy (*op. cit.*), inspirado nos princípios de Saussure, afirma que o empréstimo é uma noção relativa que só se concebe em relação a uma língua definida, ou seja, a um sistema de signos linguísticos arbitrários em uso em um dado momento numa dada sociedade. É um elemento estrangeiro introduzido nesse sistema e definido, por oposição, ao conjunto dos elementos anteriores. Portanto, para esse autor, o empréstimo é uma inovação do domínio da fala.

Schmitz conclui em um artigo (2001, p.104), que a presença de estrangeirismos em determinada língua não ameaça sua cultura. Segundo ele:

Receber palavras de origem estrangeira em forma de empréstimo nada tem a ver com a soberania político-econômica. Os idiomas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser vistos como baluartes ou fortalezas de nacionalidade, pois as nações-estados contêm diferentes etnias com diferentes identidades.

Mesmo assim, deve ser estabelecida uma política lingüística que instaure um planejamento lingüístico apropriado para que as unidades novas ingressem de forma adequada na língua receptora, para que, assim que sejam admitidas, recebam uma grafia padronizada e sejam, finalmente, incluídas nos *corpora* e nas obras lexicográficas.

3. O SIGNO LINGÜÍSTICO E A TRADUÇÃO

Neste capítulo tratamos da questão do signo lingüístico, da significação, da referência, da tradução ou equivalência das ULs e seus problemas. Dedicamos atenção especial à polissemia e à homonímia, assuntos bastante complexos. Apresentamos também questões sobre o sistema, a norma e a fala, de acordo com Coseriu. Finalmente, expomos um estudo sobre o empréstimo lingüístico e o vocabulário fundamental.

Para Picoche (1992, p.65-6) a **referência** é a relação, sempre indireta, criada entre um significante e o objeto extralingüístico real ou imaginário a ele relacionado, do qual fala o locutor e que é chamado de **referente**. Referência é, em sentido amplo, a relação que os locutores fazem entre o mundo físico e o mental. O referente é o objeto dessa relação e o signo lingüístico, seu resultado.

Ogden & Richards criaram um triângulo semiótico para ilustrar como o signo lingüístico representa as relações entre o conceito (significado), a expressão (significante) e o objeto do mundo (referente). Nesse triângulo, representam com uma linha pontilhada a ligação entre a expressão e o referente. Isso porque o referente faz parte do mundo extralingüístico, é de ordem diferente dos outros dois componentes, o significante e o significado. Apresentamos abaixo uma adaptação desse triângulo, realizada por Biderman (1998c, p.116):

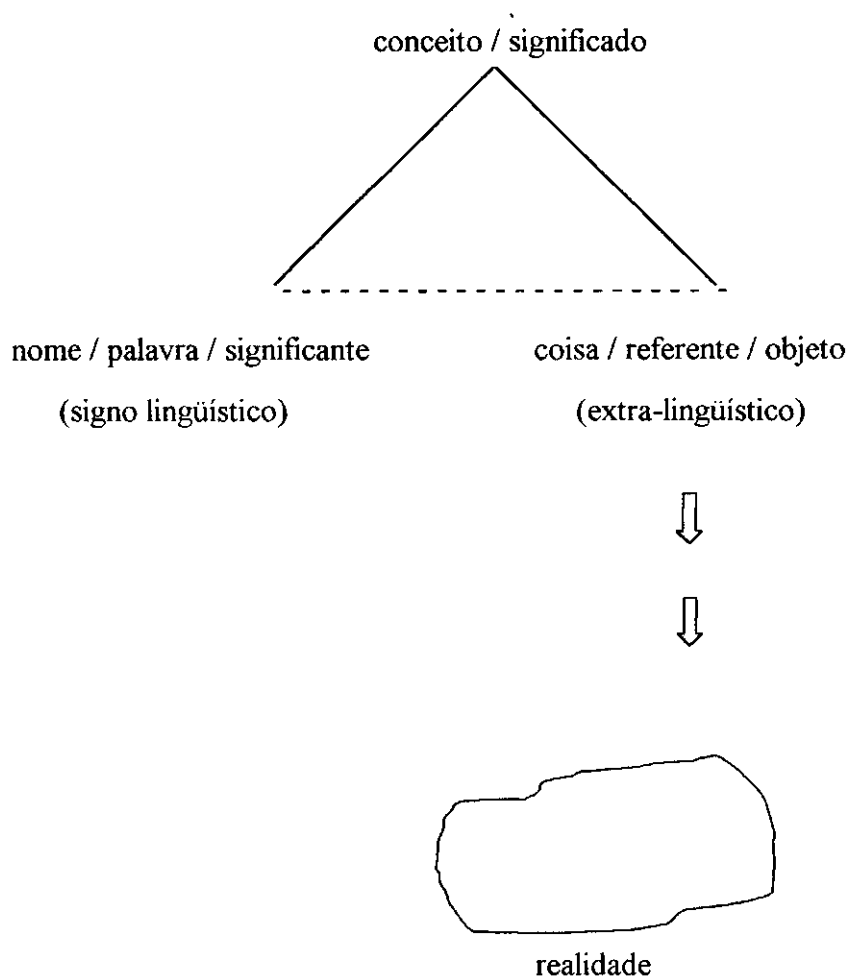


Fig. 1 – Triângulo Semiótico adaptado

O signo lingüístico tomado em si mesmo não tem **um** referente, mas caracteriza um conjunto de objetos, uma categoria, da qual criamos uma imagem na nossa mente. Por exemplo, quando nos referimos a ‘cachorro’, pensamos nas características da categoria: num animal, com quatro patas, com pêlo e cauda etc., mas não definimos cor, raça, tamanho, pois não localizamos um referente concreto, mas uma mentalização do objeto.

Na maioria das vezes um signo só tem um referente determinado num contexto determinado. Assim, no DB, ao confrontar os signos de códigos diferentes, não estaríamos pensando num referente extralingüístico, e sim no

lingüístico, nos “sentidos” que o signo possa evocar e nas equivalências que venha a ter na outra língua, não esperando que os itens lexicais tenham exatamente o mesmo valor.

O léxico de uma língua de civilização tradicional é bastante complexo. Mais complexa ainda é a comparação desse léxico com aquele de outra língua, sobretudo das línguas de famílias diferentes. Enfatizamos que nem toda palavra de uma língua tem um equivalente lexical em outra, mesmo que sejam bastante semelhantes. Muitas vezes, para transmitir um conceito de uma língua para outra, é preciso recorrer a uma paráfrase.

Sobre a análise contrastiva, Tomaszczyk (1983, p.45) expõe que há semelhanças e diferenças que podem ser demonstradas com relação ao comportamento sintático e semântico das palavras de dois idiomas. Para o autor, os estudos contrastivos são essenciais em duas áreas: na Tradução e na Lexicografia Bilíngüe. Assim, os DBs seriam um exercício em lexicologia contrastiva.

Se por um lado as línguas são traduzíveis entre si, por outro lado, não há uma equivalência biunívoca entre os elementos das línguas contrastadas. O léxico representa uma realidade universal, mas também é o detentor dos aspectos culturais e ideológicos de uma determinada comunidade lingüística. Para conhecer bem o conceito de uma palavra, é preciso conhecer também o contexto cultural no qual ela se insere, bem como as situações em que essa palavra é usada.

Quanto à equivalência lingüística, num extremo haveria a equivalência biunívoca (rara), no outro a ausência total de equivalência. Contudo, mesmo que não haja uma unidade equivalente do mesmo nível, certamente é possível expressar o sentido de uma língua estrangeira de outras formas, como através das

explicações e paráfrases, como já dissemos acima. Al-Kasimi¹ (1983) corrobora essa idéia.

Não adianta imaginar uma língua ideal que não apresentasse disparidade. Mesmo que se inventasse uma “língua perfeita”, com a intervenção de seu uso por seres humanos, essa perfeição não seria mantida. Logo, deve-se aceitar a condição das chamadas “línguas naturais” (que se opõem a códigos mecanizados) e tentar descrevê-las como elas são, nas perspectivas sincrônica e diacrônica.

Lemos em Picoche (1992, p.38) que os sistemas lexicais, mais ainda que qualquer outro sistema lingüístico, comportam vazios, exceções, redundâncias e incoerências². Se o próprio sistema é assim, não é possível exigir perfeição dos dicionários. É difícil, senão impossível, querer produzir um molde e adaptar todos os elementos a ele. Haverá sempre certas unidades que despertarão dúvidas quanto a sua inclusão mais adequada, por isso o modelo teórico deve ser flexível. Cremos que é essencial usar a intuição e a prática, pois nem sempre a teoria oferece suporte para certas decisões técnicas. Em casos especiais, devem ser dadas soluções especiais.

De acordo com Duval (1990), para o consulente de dicionários, a tradução é considerada como uma espécie de sinônimo entre as línguas de partida e de chegada. Na verdade, a equivalência entre uma língua e outra não decorre de um recorte idêntico da realidade e são justamente essas diferenças de recorte que devem ser levadas em conta na elaboração dos verbetes dos dicionários bilíngües.

¹ *The equivalents of entry words in an interlingual dictionary are usually of two types, (a) translation equivalents, and (b) explanatory equivalents. A translation equivalent is a lexical unit which can be immediately inserted into a sentence in the target language [...]. An explanatory or descriptive equivalent is one which cannot always be inserted into a sentence in the target language [...]. A translation equivalent is either absolute (i.e. covers the whole grammatical and semantic range of the lexical meaning or the entry word) or partial. Absolute equivalents are rare. (p.159).*

² *Les systèmes lexicaux, plus encore que tout autre système linguistique, comportent des vides, des exceptions, des redondances et des incohérences.*

Substituindo uma palavra de uma língua por outra em língua diversa, poder-se-ia dizer que a tradução ocorre no eixo paradigmático. Assim, a tarefa do dicionário seria a de fornecer elementos paradigmáticos necessários à tradução. No entanto, não é sempre desse modo que ocorre, pois além da palavra há outras unidades mais complexas na tradução, como o sintagma, a expressão, a locução, que também devem figurar na nomenclatura dos dicionários, como já discutimos no capítulo anterior.

Além do mais, é preciso notar que as unidades em traduções reais são divergentes das unidades dos dicionários bilingües. Isso se explica pelo fato de que a equivalência da tradução encontra-se no nível do discurso, enquanto a do dicionário, no nível da língua.

Se for feita uma tradução termo a termo de uma expressão, pode-se incorrer em pelo menos dois erros: ao fazer um decalque, criar uma frase aceitável sintaticamente, mas não corrente e incompreensível semanticamente; traduzir por uma expressão que seja igualmente corrente na outra língua, mas com significação diferente.

Szende (1996) afirma que alguns conceitos têm uma expressão lexical em todas as línguas. Há domínios nos quais nosso universo comum impõe certos recortes lexicais idênticos. Há outros domínios nos quais as realidades diversas obrigam a recortes diferentes conforme as línguas, mais ainda quando se trata de famílias de línguas diferentes.

O léxico de uma língua pode possuir duas ou várias palavras para exprimir o mesmo conceito, enquanto em outras línguas pode não existir uma unidade lexical, sendo utilizado um sintagma para exprimir tal conceito.

3.1. A equivalência

Como o léxico representa a realidade extra-lingüística, sendo também o repositório dos aspectos culturais e ideológicos de uma determinada comunidade lingüística, para conhecer bem o significado de uma palavra é preciso conhecer também o contexto cultural no qual ela se insere, bem como as situações em que é usada.

Pode-se dizer, então, que é uma tentativa, com poucos resultados satisfatórios, a confecção de dicionários multilíngües de língua geral. É impossível apresentar uma equivalência total dos itens de várias línguas diferentes, tendo em vista que, mesmo quando se trata de duas línguas, é uma tarefa complexa. Talvez a equivalência total só ocorra entre lexias monossêmicas e no caso de termos de uma especialidade, mas mesmo assim é rara.

Comparando o substantivo com o verbo, verifica-se que o verbo apresenta um tipo de equivalência mais “solto”, pois por suas próprias características, o verbo é mais suscetível à polissemia que os substantivos. Estes são mais ligados ao mundo extralingüístico e, por isso, normalmente têm um referente “coisa”. É mais difícil enxergar divergências ou especificações semânticas nos referentes concretos, como é o caso de “rio” (*rivière, fleuve*), que no caso dos verbos: atender (*accueillir, ouvrir, recevoir, répondre*) (Silva, 1995).

Por outro lado, talvez essas considerações não tenham a ver com a categoria da palavra, mas com cada item lexical em particular. Em todo caso, parece mais simples aceitar polissemia nos verbos que nos substantivos, embora ela exista também nessa classe.

Hjelmslev (1975), por sua vez, afirma que não se deve acreditar que um substantivo está mais carregado de sentido que uma preposição, ou que uma palavra está mais carregada de significação que um sufixo de derivação ou uma

terminação flexional. Na opinião dele, as palavras só têm seu sentido contextualizadas. Portanto, não entende como correta a distinção entre palavras vazias e plenas de sentido. Na nossa opinião, cremos que é necessário considerar que as palavras têm um sentido mesmo descontextualizadas, pois ao contrário, não haveria razão para cristalizá-las em dicionários.

Fazer uma descrição dos graus de equivalência entre substantivos do português e do francês é muito importante para a elaboração de bons dicionários bilingües. Sabemos que não há uma correspondência biunívoca entre as unidades de dois idiomas distintos. Ainda que as duas línguas em confronto sejam duas línguas românicas, o português e o francês, não cremos que as dificuldades sejam amenizadas.

É importante descrever o léxico e fazer estudos contrastivos, porque depende desse conhecimento a base para uma melhor elaboração de obras lexicográficas bilingües. Esse estudo também deve orientar-se mais para as línguas latinas, já que esse domínio tem sido ainda pouco explorado. A lexicografia francesa é bastante evoluída, enquanto a brasileira está começando a se desenvolver, está-se aprimorando, ainda no início de um longo caminho.

No caso do francês e do português, pode-se pensar que são línguas muito semelhantes e que não apresentariam grande dificuldade na aquisição da segunda língua. De fato, a semelhança influencia bastante no sucesso do aprendizado, o que não implica ausência de confusões. Podemos constatar que há muitas unidades lexicais que, apesar de serem aparentemente semelhantes, não são equivalentes biunívocos.

Devemos tomar cuidado com as palavras relativamente fáceis. Muitas delas podem esconder armadilhas. Szende (1996) afirma que as fronteiras dos sentidos nem sempre coincidem. É comum que um mesmo elemento de expressão de uma língua corresponda a dois ou vários elementos de expressão de uma língua

estrangeira As pessoas que estão aprendendo ou trabalhando com uma LE devem estar alertas quanto aos problemas de tradução, buscando o sentido mais conveniente e evitando o uso inadequado da unidade lexical.

As obras lexicográficas, por tratarem da língua, um objeto bastante complexo, e também por constituírem, normalmente, obras de grande extensão, são suscetíveis de vários tipos de falhas, que se evidenciam tanto na macro quanto na microestrutura.

Já se comprovou na literatura especializada que os alunos preferem usar os dicionários bilíngües³. O dicionário bilíngüe (DB) trata da correspondência das palavras entre duas línguas, indicando a tradução do item de uma língua em outra considerada. Nessa obra, a informação da palavra-entrada é expressa através de uma equivalência de itens lexicais (um na língua materna (LM) e outro na LE) e não através de uma definição, ressalvados os casos em que não existe equivalência entre essas palavras. Como se pode perceber, a questão da equivalência é primordial no DB.

Os DBs raramente são adaptados às necessidades dos usuários porque, ao tratarem de dois códigos lingüísticos diferentes, nem sempre resolvem as dificuldades da tradução. Xatara (1998, p.180) discute a questão, afirmando ser necessário verificar se os DBs *realmente fornecem equivalentes que, além de corresponderem ao sentido dos termos a serem traduzidos, convenham também ao texto que o tradutor está redigindo*.

Convém ressaltar que os fatores que tornam as palavras fáceis ou difíceis de aprender são subjetivos, e não propriedades fixas das palavras analisadas. Segundo Bogaards (1994), a forma de uma palavra da LM evoca inevitavelmente seu conceito. Esse não é o caso das formas das palavras da LE, que são ligadas

³ SILVA. M. C. P. Dissertação de Mestrado. 1997.

preferencialmente às formas da LM, principalmente para um indivíduo que está no início da aprendizagem. Nessa fase, não é raro ocorrerem certas confusões, justamente em consequência da comparação constante com o vocabulário da LM, feita pelo aprendiz da outra língua.

Na norma ISO 1087 (1990, item 5.4.6), encontramos a seguinte definição de equivalência: *relação entre designações de línguas diferentes que representam a mesma noção.*⁴

Bogaards (1994) fala em grau de equivalência das palavras correspondentes: há palavras mais próximas e outras que se distanciam mais. Antes disso, Halliday (1974) afirma que mesmo entre línguas tomadas como “semelhantes” não se deve admitir a identidade completa, mas sim graus de equivalência, pois as fronteiras lingüísticas das ULs possuem limites diferentes em cada língua.

Para Szende (1996), os problemas de equivalência colocam-se em dois planos: a) o plano da realidade – questiona se o elemento real (do mundo extralingüístico) existe ou não na cultura dos locutores; b) o plano da língua – questiona se a palavra que designa a realidade existe ou não na língua dos locutores. Além disso, quando a realidade e o signo existem nas duas línguas, questiona-se se eles têm o mesmo valor no universo cultural dos locutores das duas comunidades. Ex.: ‘Vaca’ (na cultura ocidental e na cultura indiana).

Ao tratar de equivalência entre línguas, deve-se ter em mente a diversidade cultural, que é um dos elementos responsáveis pela diversidade lingüística. O sentido do substantivo, por exemplo, não está somente no léxico, ou seja, em um nível de abstração, mas também nas redes de relações sócio-culturais, ideológicas etc. Biderman (1998c, p.98) dá vários exemplos da não-equivalência entre as unidades de duas ou mais línguas e afirma que esse fato *é o mais eloquente*

⁴ *relation entre désignations de langues différentes qui représentent la même notion.*

exemplo de como cada língua recorta o universo cognoscível à sua maneira, na criação de seu repertório lexical. Em seu artigo, afirma que a palavra *chômage* não significa simplesmente “desemprego”.

Segundo Py (1997-1), quando se trata da questão do aprendizado de uma língua, a “palavra” está sempre no centro das atenções. Há a preocupação em estabelecer a quantidade de itens lexicais que devem ser aprendidos em um período determinado. É uma maneira de “medir” o conhecimento do aprendiz. O substantivo é uma categoria de palavras de conteúdo da língua, dinâmicas e em número ilimitado, diferentemente das palavras funcionais e gramaticais.

Apresentamos a seguir uma amostra de análise de substantivos da língua francesa, freqüentemente utilizados em manuais didáticos para o ensino do francês para iniciantes. Escolhemos a classe nominal por representar um conjunto do léxico pleno de sentido, portanto bastante complexo na descrição contrastiva. A finalidade deve ser proporcionar que o aprendiz encontre no dicionário bilíngüe uma resposta satisfatória ao consultá-lo.

Procedemos a uma comparação de substantivos da seguinte maneira: tomamos uma UL da língua francesa ou portuguesa que achamos complexa e fizemos uma comparação com seu(s) equivalente(s) (*jour* = ‘dia’ // ‘dia’ = *jour*; *journée*). Utilizamos um dicionário bilíngüe, o DBB (1998) e um dicionário monolíngüe, o DPR (1994).

Classificamos os itens em duas categorias maiores: 1) correspondência simples e 2) correspondência complexa. A primeira categoria subdividimos em três: a) um item com um equivalente; b) um item em português com duas ou mais especificações em francês; c) um item em francês com duas ou mais especificações em português. A segunda categoria subdividimos em dois tipos: a) itens com vários sentidos em português que correspondem a vários itens em

francês; b) itens com vários sentidos em francês que correspondem a vários itens em português. Quando há certa equivalência entre as unidades de duas línguas diferentes, essa ocorre em graus diversos. Procedemos, então, à demonstração de alguns itens.

1. Correspondência simples:

a) um item com um equivalente (pelo menos no registro padrão):

O exemplo de equivalência mais simples é aquele em que a palavra é monossêmica nas duas línguas. Pode até haver conotações diferentes nas línguas comparadas, mas no uso geral são palavras equivalentes. Não nos deteremos nesse tipo de equivalência, limitar-nos-emos aqui aos exemplos: *téléphone* = ‘telefone’; *bateau* = ‘barco’; *maison* = ‘casa’; *briquet* = ‘isqueiro’.

b) Um item em português com dois ou mais equivalentes em francês:

Nesse caso, a equivalência é um pouco mais complexa, porque há uma distinção na LE que não existe na LM. Há o risco de se cometerem enganos ao produzir um discurso na LE.

A palavra ‘ano’ pode ser entendida como: *an* – “duração convencional próxima daquela da revolução da terra em torno do sol” ou “período de doze meses” ou ainda *année* – “período de doze meses contados a partir do dia 1º de janeiro até o dia 31 de dezembro”, “período de atividade, mesmo que inferior a doze meses”.

O item ‘dia’ pode ser traduzido por *jour*, no sentido de período de 24 horas ou parte clara desse período; mas ao designar o ‘dia’ como espaço de tempo entre o nascer e o pôr-do-sol, há o item *journée*, que indica também um período de atividades. Quanto aos itens que se referem à ‘noite’: *nuit* (ausência de luz,

espaço de tempo entre o pôr e o nascer do sol), *soir* (fim do dia, período entre o fim da tarde e meia-noite), *soirée* (período noturno em que uma atividade é exercida, reunião nesse período).

Quanto a lugares, a própria palavra ‘lugar’ recebe designações diversas no francês: *lieu* (sentido geral e abstrato), *endroit* (parte determinada de um espaço) e *place* (lugar que uma pessoa ou coisa pode ocupar). A ‘cidade’ pode ser entendida como *ville* (sentido geral) e *cité* (parte antiga de uma cidade, com aspecto específico). ‘Rio’ pode ser traduzido como *rivière*, quando deságua em outros rios ou *fleuve*, quando deságua no mar. Quanto a ‘ônibus’, deve-se atentar para o fato de que há dois tipos deles, o *autobus* (*bus*), que circula dentro da cidade e o *autocar* (*car*), que faz transporte interurbano.

Há itens como a perífrase ‘fazer compras’, que têm vários correspondentes na LE, mas que são apenas sinônimos: *faire des achats*, *faire des courses* e *faire des emplettes* (menos corrente); enquanto há outras perífrases, como no caso de ‘tomar banho’, que podem ser traduzidas seja por outra perífrase na LE, seja por um item simples: *prendre une douche* (banho de chuveiro) e *se baigner* (banho de imersão).

Quanto aos alimentos, também há discrepância. A palavra ‘sopa’ tem um correspondente lexical para tipos diferentes desse prato na língua francesa: *soupe*; *potage* (caldo); *bisque* (de frutos do mar); *bouillabaisse* (de peixe), enquanto no português deve-se usar um item composto – *sopa de frutos do mar*. Há também uma divergência quanto ao item ‘porco’, que apresenta um equivalente para o animal vivo (*cochon*) e outro para sua carne (*porc*). O mesmo não se verifica quanto a outras carnes: *poisson*, *boeuf*, *poulet*.

Podemos citar também os casos: ‘escada’ = *échelle* (escada móvel) e *escalier* (escada fixa); ‘meia’ = *chaussette* (meia masculina) e *bas* (meia feminina); ‘empréstimo’ = *emprunt* (recebido) e *prêt* (concedido).

c) Um item em francês com dois ou mais equivalentes em português:

Nesse caso, há uma distinção na LM que não existe na LE. Surgirão dificuldades na recepção, ao traduzir um discurso da LE. Citaremos alguns casos.

A palavra *banque* pode ser traduzida em português em apenas certas acepções, como ‘banco’ (financeiro) e ‘banca’ (de jogo). *Bureau* pode ser traduzido por ‘escritório’ e ‘escrivania’. Embora ‘escritório’ em português tenha as mesmas acepções que *bureau* em francês, na acepção de ‘escrivania’ não é muito usual, sobretudo entre os jovens. ‘Copo’ e ‘vidro’ em francês resumem-se em apenas um item: *verre*. *Place* pode designar tanto uma ‘praça’ quanto um ‘lugar’ a ser ocupado. É curioso, mas *pâté*, além da pasta de sabor marcante (‘patê’), também pode designar um ‘bloco’, como no caso de *pâté de maisons*, bloco de casas ou quarteirão. ‘Roubo’ e ‘vôo’, aparentemente tão distantes, resultam em um item homônimo em francês: *vol*. O item *bâtiment* pode ter as especificações em português de ‘construção’, ‘edifício’, ‘prédio’ e ‘navio de guerra’.

2. Correspondência complexa:

Esses itens tomam mais tempo para serem apreendidos. Deve-se considerar qual o sentido na LM ou LE para saber o correspondente adequado. São complexos tanto para a produção quanto para a decodificação e dependem sempre do contexto.

a) Itens com vários sentidos em português correspondem a vários itens em francês:

A palavra ‘campo’ é bastante abrangente em português. Pode significar principalmente: a) qualquer terreno aberto com vegetação ou não; b) local

afastado da cidade (em oposição à cidade); c) local para prática de esportes; d) domínio, área; e) local ao redor de um corpo elétrico; f) campo militar (acampamento) etc. As acepções correspondentes em francês, de um modo sucinto seriam respectivamente: a) *champ, plaine, pré* ; b) *campagne*; c) *terrain* (de football, de tennis); d) *domaine*; e) *champ* (électrique, magnétique); f) *camp*.

‘Estação’ tem como correspondentes *station*, no sentido de local de parada; *gare*, como local de embarque e desembarque de trem; *emetteur* (centro transmissor de rádio); *saison* (cada um dos quatro períodos do ano).

‘Número’ em português designa a ‘classe dos numerais’, uma ‘quantidade’, um ‘algarismo’, uma ‘parte de uma quantidade’, uma ‘medida’, cada uma das ‘cenas de um espetáculo’. *Numéro* em francês não recobre os sentidos de ‘numeral’ (*nombre*) e de ‘indicação de tamanho’ (*taille* (= de roupas) e *pointure* (= de sapatos)).

b) Itens com vários sentidos em francês correspondem a vários itens em português:

O item francês *tour*, no gênero feminino corresponde a ‘torre’, mas no gênero masculino apresenta vários equivalentes: ‘giro’, ‘volta’, ‘passeio’, ‘contorno’, ‘limite’, ‘vez’, ‘turno’, ‘torno’. Já o item *pièce* traduzido geralmente por ‘peça’ tem também os sentidos de ‘cômodo’ (de uma casa), ‘retalho’ (parte de algo), entre outras especificações. *Taille* também é um item polissêmico: ‘talho’, ‘corte’, ‘talhe’, ‘tamanho’, ‘altura’, ‘estatura’, ‘dimensão’, ‘poda’.

Com essa pequena amostra de uma parcela do vocabulário da língua francesa, podemos asseverar que a equivalência entre itens de línguas estrangeiras é bastante complexa e que isso acarreta grandes dificuldades na elaboração de uma obra lexicográfica bilingüe.

Se por um lado afirmamos que as línguas não são totalmente equivalentes entre si, por outro lado, temos certeza de que as línguas são traduzíveis entre si. Reafirmamos que, se desconsiderarmos a complexidade da equivalência entre as línguas, não teria sentido buscar uma melhor equação para a fabricação de obras lexicográficas bilíngües que colocassem em confronto cada item de modo adequado.

Através dos exemplos registrados acima, verificamos que as dificuldades serão maiores na produção da língua estrangeira. Para o aprendiz iniciante em língua estrangeira é difícil saber se ‘um dia de trabalho’ corresponde em francês a ‘*une journée de travail*’ ou ‘*un jour de travail*’. Esse exemplo é simples, mas elucidativo. É claro que esses problemas podem ser resolvidos a longo prazo, na medida em que o aprendiz da língua estrangeira aprofunde seus conhecimentos. No entanto, discutimos o fato de que as soluções devem estar bem descritas nas obras bilíngües e ao alcance também dos usuários iniciantes.

3.2. Polissemia e homonímia

Os substantivos, por serem uma categoria do léxico plena de sentido, são suscetíveis ao fenômeno da polissemia que, em termos gerais, é a multiplicidade de sentidos de um mesmo item lexical. Sabemos que um item lexical pode ser portador de vários significados, sendo assim considerado polissêmico. Mas há outras relações de sentido relacionadas à polissemia, a saber: a monossemia, a homonímia e a sinonímia.

Na comparação de duas línguas, é importante também verificar como se dá a equivalência de itens lexicais polissêmicos. Mais ainda: é importante verificar como os dicionários de língua tratam esses itens e quando os consideram polissêmicos ou homonímicos.

Podemos adiantar que um item polissêmico de uma língua de partida pode resultar em vários itens distintos na língua de chegada, ou em um item correspondente que pode ou não recobrir todas as acepções do item da língua de partida, em virtude das fronteiras de sentido.

As divergências que as línguas apresentam quanto à equivalência de suas unidades são muito mais complexas quando se tratam de itens polissêmicos. Essa reflexão que estamos apresentando também tem a ver com a questão da adequação dos dicionários às necessidades dos consulentes.

A comparação dos verbetes de alguns substantivos da língua francesa e de seus correspondentes na língua portuguesa leva a determinar se são tratados como polissêmicos ou homonímicos nos dicionários monolíngües e nos dicionários bilíngües. Nessa primeira abordagem do problema, utilizamos três dicionários monolíngües: para o francês, *Le Nouveau Petit Robert* (DPR); para o português, a *Enciclopédia e dicionário ilustrado* de Koogan & Houaiss, (EDI) e o *Dicionário contemporâneo de português* de Biderman (DCP). Os dicionários bilíngües analisados foram: o *Dicionário brasileiro* de Signer (DBB) e o *Minidicionário de francês/português e português/francês* de D'Olim Marote (MBA).

A questão da **polissemia** é um assunto polêmico. Não se chegou ainda a um consenso a respeito de sua definição. As opiniões dos estudiosos divergem e se contrapõem sucessivamente. A discordância maior reside na determinação da fronteira da classificação dos itens como polissêmicos ou homonímicos. A questão dos critérios a serem usados quando ocorre ambigüidade está longe de ser resolvida com unanimidade.

Essa confusão de idéias e/ou de posicionamentos teóricos se reflete no dicionário. Há lexicógrafos que dão preferência à homonímia e outros à polissemia; há ainda outros que colocam aleatoriamente os itens, sem especificar

qual critério teriam adotado. Essa questão influi diretamente no modo de apresentação do vocabulário em um dicionário bilíngüe.

Uma das falhas mais graves que uma obra lexicográfica pode apresentar é a ausência de unidades na macroestrutura, decorrente da má organização e seleção dos itens a serem incluídos. A microestrutura pode apresentar falhas sobretudo quanto à ausência de acepções, à organização da disposição das acepções e à inclusão de traduções incorretas.

A palavra em contexto tem um sentido que pode ser interpretado somente de acordo com os outros elementos presentes. A palavra fora de contexto tem sentidos virtuais que poderão ser realizados dentro dos vários contextos que pode integrar. Esses sentidos podem ser suscetíveis às pequenas variações, relacionadas à situação específica.

O dicionarista deve considerar uma distinção entre discurso e língua. Os dicionários devem compreender as unidades lexicais em uso na língua, mas devem considerar também as contribuições dos usos mais freqüentes dessas unidades no discurso, quando ainda não foram dicionarizados anteriormente.

Quanto a essa questão da ‘palavra’ na língua e no discurso, Bogaards (1994, p.121) diz que fora do contexto, as palavras só possuem um significado potencial que se atualiza quando são colocadas em um contexto. Contextualizadas, as palavras passam a ser portadoras de significações específicas, passando a constituir uma *lexia*.⁵

Se considerarmos um item lexical atualizado no discurso, podemos afirmar que ele é monossêmico em cada contexto em que é usado. A **monossemia** ocorre quando uma palavra tem um sentido único, o que é raro acontecer. Na elaboração de dicionários, trabalha-se no nível da língua, não do discurso.

⁵ *les mots isolés n'ont pas une forme bien définie ni un sens bien déterminé. Par contre, en contexte, les mots ont habituellement des formes claires et des significations non ambiguës* (grifo do autor).

A questão principal que se coloca quando se fala nas relações semânticas é a seguinte: até que ponto certos elementos constituem a mesma palavra com várias acepções (polissemia) ou várias palavras diferentes (homonímia)? Convém ressaltar que estamos pensando apenas na homonímia homógrafa e homofônica, que é aquela que causa verdadeiramente confusão na confecção de dicionários. Para resolver esse impasse, pode-se recorrer aos critérios diacrônico (etimologia) e sincrônico (ortografia, categoria gramatical, semântica, entre outros).

A **homonímia** e a **polissemia** são dois fatores da ambigüidade léxica, cuja distinção é largamente aceita. Porém, não há um consenso quanto à definição de cada um desses conceitos, seu tratamento e inclusão nas obras lexicográficas. Há, no entanto, estudiosos que rejeitam essa distinção. Percebe-se a dificuldade na determinação das diferenças entre essas duas classificações quando os exemplos são verificados.

Há duas correntes: uma a favor do critério da etimologia como instrumento discriminador (citamos aqui o artigo de Offord, publicado em 1998 nos *Cahiers de lexicologie*); outra a favor do critério semântico (cf. artigo de Messelaar, também publicado nos *Cahiers de lexicologie* em 1985 e o texto de Silva, comunicação apresentada em um congresso em 1989).

Para Offord (1998-2, p.108), a abordagem diacrônica da ambigüidade oferece um trunfo positivo tanto ao lexicólogo quanto ao lexicógrafo, já que ela permite atualizar algumas das complexidades da ambigüidade que devem ser consideradas, e permite ilustrar algumas das circunstâncias que forjaram a ambigüidade contemporânea.⁶

⁶ *L'approche diachronique de l'ambigüité offre un atout positif au lexicologue comme au lexicographe, qu'elle permet de mettre à jour quelques-unes des complexités de l'ambigüité dont il faut se rendre compte, et qu'elle permet d'illustrer quelques-unes des circonstances qui ont forgé l'ambigüité contemporaine.*

Messelaar (1985-1, p.46), por sua vez, já havia dito que se opusermos a polissemia à homonímia, estamos tratando do sentido, não das origens das palavras nem de seu funcionamento sintático.⁷

Ao considerar uma das abordagens (diacrônica ou sincrônica) como referência básica, o lexicógrafo incluirá palavras como homônimas ou polissêmicas que, se forem analisadas de acordo com outro critério, poderiam ser incluídas de forma diferente.

Os autores que refutam o uso do critério da etimologia afirmam que, atualmente, o consulente não percebe a relação entre unidades com a mesma origem. Muitas palavras de mesmo étimo evoluíram e se desmembraram em sentidos tão diversos que atualmente não apresentam mais nenhuma relação.

A palavra ‘cálculo’, por exemplo, apresenta dois sentidos: 1. ‘operação aritmética’ e 2. ‘concreção calcária’. É um substantivo cujo étimo é *calculus*, do latim, para os dois sentidos (DUBOIS *et al.*, 1998). Em francês o item *calcul* apresenta igualmente dois sentidos, mas o primeiro sentido vem do verbo *calculer*, que se origina de *calculus*, assim como o segundo sentido. Pelo critério semântico, esses itens devem ser considerados como homônimos, mas pelo critério etimológico, como polissêmicos. Consultamos os dicionários monolíngües citados acima e verificamos que esse item é polissêmico no EDI (uma entrada) e no DPR e DCP é homonímico (corresponde a duas entradas).

Biderman (1998c, p.111), posiciona-se da seguinte forma:

Na moderna lexicografia, sobretudo aquela que se faz na França, o procedimento tem sido considerar homônimas palavras de grafia idêntica (mesmo significante) e significados muito distintos, a ponto de ser difícil para o falante identificar semas comuns aos dois ou mais homônimos. Mais adiante diz que:

⁷ *Si l'on oppose la polysémie à l'homonimie, on a affaire au sens, non aux origines des mots ni à leur fonctionnement syntaxique.*

Sendo possível identificar semas comuns, ou pelo menos um mesmo sema entre as várias acepções da palavra, ocorre polissemia; por conseguinte, o dicionarista deverá incluir esses valores semânticos como acepções da mesma lexia, num único verbete.

Ao tratar dos problemas da equivalência semântica na aprendizagem do vocabulário, Bogaards (1994, p.150) afirma que é mais difícil fazer a correspondência de palavras polissêmicas de uma língua a outra.⁸

Há sempre uma expectativa dos aprendizes relativa à correspondência das línguas estudadas. Entre o inglês e o português, certamente os aprendizes evitariam traduções literais por considerarem as duas línguas bastante divergentes. Já no caso do português e do espanhol, por exemplo, acabam por cometer enganos por causa da transferência direta de significações devido à semelhança das duas línguas. É exatamente nesse caso que o DB exerce seu papel no esclarecimento de dúvidas e na contribuição para a aprendizagem.

Se o usuário consultar um item polissêmico em um dicionário monolíngüe, pode deparar-se com um inconveniente: a definição de um item polissêmico além de ser extensa, é tão genérica e abstrata que o usuário não consegue captar o sentido exato na sua língua materna (BOGAARDS, 1994).

Marello (1996) também concorda que não se pode satisfazer um consulente estrangeiro com a análise dos significados das palavras polissêmicas proposta pelos dicionários monolíngües. É necessário fazer uma análise contrastiva das duas línguas para que o resultado seja adequado ao consulente aprendiz de uma língua estrangeira. Usaremos o exemplo da autora: no italiano não há distinção quanto à palavra *fiume*, no sentido de um curso de água que atinge ou não o mar, já no francês há dois itens *fleuve* (atinge o mar) / *rivière* (não atinge o mar, deságua em outro rio). Assim em um dicionário bilingüe

⁸ *Les mots polysémiques dotés d'une signification centrale et de plusieurs acceptions périphériques sont ressentis comme beaucoup moins transférables.*

italiano/francês, a palavra *fiume* corresponderia a dois itens em francês (*fiume* = *fleuve*; *rivière*), a diferença deveria ser especificada. Já em um dicionário bilingüe italiano/português não haveria essa distinção (*fiume* = 'rio'). Enquanto que em um dicionário português/francês ou italiano/francês há a diferença.

Cada dicionário bilingüe emprega critérios diferentes no tratamento dos itens polissêmicos, ou os incluem na nomenclatura sem critério algum, numa sucessão de equivalentes sem nenhuma relação. Imaginamos que esse caso poderia ser resolvido com a inserção de exemplos que especificassem os vários sentidos do item polissêmico.

Os dicionários bilingües têm como objetivo, entre outros, o de auxiliar na distinção e compreensão das diferentes traduções de palavras polissêmicas. Alguns deles conseguem atingir esse objetivo, outros não. Para que a apresentação dos itens polissêmicos fique clara, é preciso que a microestrutura tenha uma organização ideal: cada equivalente deve ser numerado ou separado por algum sinal tipográfico, com indicações do nível de língua, do campo semântico e com exemplificações, cuja finalidade é ajudar o usuário a escolher a tradução correta e adequada ao seu texto. (Cf. MARELLO, 1996).

Como não existe equivalência total entre os léxicos das línguas, pode ocorrer uma simetria total apenas entre unidades monossêmicas nas duas línguas comparadas. Normalmente, esses casos configuram termos de um domínio específico ou palavras pouco freqüentes na língua. Quanto às palavras da língua geral, quanto mais freqüentes, mais polissêmicas. Nesse ponto de vista, poder-se-ia dizer que a freqüência e a polissemia são duas grandezas diretamente proporcionais.

Rey-Debove (1966-1, p.83-84) declara que quanto mais as palavras a serem definidas têm um semema pobre, mais elas são polissêmicas. Em Dubois *et al.* (1998), por sua vez, afirma-se que *a polissemia está em relação com a*

frequência das unidades: quanto mais frequente uma unidade, mais sentidos diferentes possui. Portanto, definir palavras polissêmicas é uma atividade bastante complexa e necessária, já que se trata de itens de uso bastante frequente e com ampla abrangência.

Convém diferenciar também polissemia de **sinonímia**. Este fenômeno se dá quando palavras com significantes diferentes apresentam semelhança no significado. Não há unanimidade também em relação à sinonímia. Na verdade a maioria dos estudiosos consideram que não há sinonímia perfeita, criando-se assim, o termo **parassinonímia**. Rey-Debove (1966-1) afirma que só haveria sinônimos verdadeiros em casos particulares do discurso; na língua é praticamente impossível. Em suma:

Sinonímia:	Homonímia:	Polissemia:	Monossemia:
1 SO ————— nSE ≠	nSO ≠ ————— ISE	1 SE ————— nSO ≅	1 SE ————— 1 SO

SE = significante SO = significado

Tabela 1 – Comparação de polissemia e homonímia

Deparando-se com palavras homófonas e homógrafas, o lexicógrafo deve usar critérios para decidir como inclui-las na macroestrutura do dicionário. Os critérios mais usados, como dissemos, são a etimologia (nível diacrônico) e a análise semântica (nível sincrônico). No entanto, mesmo aplicando devidamente os critérios, é muito complexa a determinação da fronteira entre a polissemia e a homonímia. Há casos que poderiam ser intermediários. Segundo a teoria da Semântica Estrutural, há uma terceira classificação, a **multissemia**, que seria o simples caso da presença simultânea da homonímia e da polissemia (cf. Linn, 1993), como é o caso da UL *tour*.

Segundo Dubois *et al.* (1998), há dicionários de tratamento polissêmico e dicionários de tratamento homonímico. Nestes, as entradas são mais numerosas e os sentidos diferentes são separados. Naqueles, há menos entradas e os sentidos divergentes são reunidos num só verbete.

Os lexicógrafos que se ocupam da análise das obras lexicográficas têm notado, no entanto, que os dicionaristas não usam um critério uniforme. Sem dúvida, essa atitude traz prejuízo aos consulentes. Poder-se-ia questionar em que nível ocorrem esses danos. É fácil descrever as situações: um consulente, que não tenha uma competência lingüística apurada, desistirá da pesquisa ao verificar que, num verbete polissêmico (normalmente bastante extenso), a(s) primeira(s) acepção(ões) não coincide(m) com aquela de que necessita.

Na nossa opinião, do ponto de vista empírico, pensando apenas no usuário, é mais prejudicial a reunião indevida de itens em um verbete que o contrário, a separação inadequada. Os lexicógrafos devem observar, acima de tudo, os objetivos a que se propõem.

Na confecção de um dicionário escolar, monolíngüe ou bilíngüe, o público-alvo constitui-se de crianças e adolescentes que não têm noção da evolução das relações semânticas nas línguas, o que lhes interessa é o uso sincrônico. Por outro lado, a separação de sentidos com traços semânticos comuns, fundada em quaisquer critérios, também causa danos na compreensão, além de aumentar o volume da nomenclatura da obra. Acreditamos que o critério da separação por classe gramatical é bastante útil para os consulentes aprendizes iniciantes.

Apresentamos, nesta seção, uma amostra de uma análise comparativa apresentando os tipos de relações semânticas em substantivos comuns da língua francesa.

I – Homônimos

1. Homônimos homófonos não homógrafos

Como o dicionário é uma obra escrita, esses itens não causam perturbação. Consideremos os exemplos: *bout* (sm) e *boue* (sf) ou *foi* (sf), *foie* (sm) e *fois* (sf). Embora na língua oral sejam pronunciados de maneira idêntica, na escrita, a grafia fará com que esses itens se localizem em posições diferentes na macroestrutura.

2. Homônimos homófonos homógrafos

2.1. com diferentes categorias gramaticais

- 2.1.1. Substantivo – verbo – Exemplos: *bois* (sm) e (je) *bois* (v) / *montre* (sf) e (je) *montre* (v.) / *couche* (sf) e (je me) *couche*
- 2.1.2. Substantivo – advérbio – Exemplo: *point* (sm) e *point* (adv. neg.) / *bas* (sm) e *bas* (adv.)⁹ /
- 2.1.3. Substantivo – pronome – Exemplo: *personne* (sf) e *personne* (pron.) / *il* (s – palavra)¹⁰ e *il* (pron.)
- 2.1.4. Substantivo – adjetivo – Exemplo: *jeune* (sm) e *jeune* (adj.) / *blanc* (sm) e *blanc* (adj.) (ambos para cor e pessoa) / *bas* (sm) e *bas* (adj.) / *bonne* (sf) e *bonne* (adj.) /

Esses itens são reconhecidos como homônimos, dependendo dos critérios adotados, por isso a disparidade na inclusão nos dicionários. O primeiro caso exemplificado não revela problema, pois nos dicionários não são incluídas

⁹ Consideramos homônimo adotando o critério da diferença de classe gramatical.

¹⁰ Referindo-se ao órgão sexual masculino e feminino. Cf. Xatara & Oliveira, 2002.

palavras flexionadas. Quanto aos outros casos, é utilizado o critério da diferença de classe gramatical. Normalmente, os sentidos divergem com a mudança da classe, haja vista o terceiro exemplo, cujo item, *personne*, passou a um sentido oposto. No quarto caso, os itens lexicais *jeune*, *bas* são mais usados como adjetivos, o uso como substantivos é apenas uma extensão, assim são inseridos no DPR em um só verbete. Já o item *bonne* é separado porque houve uma especificação semântica muito clara ('empregada doméstica'/ 'boa'). Nos próximos parágrafos apresentamos a verificação de algumas dessas unidades nos dicionários bilíngües.

No DBB, o item *point* constituiu um só verbete, com variados exemplos de seu uso como substantivo; no entanto como advérbio há apenas uma menção [*adv* "não mais"] mal formulada. Quanto ao item *personne*, também é colocado em um verbete único. No seu uso como pronome são indicados dois correspondentes antagônicos ('ninguém; alguém') sem nenhuma explicação. *Jeune* compõe um único verbete apresentando a indicação das duas categorias às quais pode pertencer: adjetivo e substantivo.

No MBA, o item lexical *point* é subdividido em cinco entradas, sendo quatro como substantivo e uma como advérbio. O tratamento do item como advérbio é bastante claro. Quanto ao item *personne*, há três verbetes, dois como substantivo e um como pronome, incluindo algumas informações sintático-semânticas. *Jeune* também é colocado como uma única entrada, mesmo sendo usado como adjetivo e substantivo.

2.2 com a(s) mesma(s) categoria(s) gramatical(is)

O item lexical *plan* é inserido em três entradas no DPR, sendo a primeira como adjetivo e as duas seguintes como substantivo masculino:

plan (e) = 'plano', 'liso', 'uniforme'

plan = ‘plano’, ‘superfície plana’

plan = ‘planta’, ‘mapa’, ‘projeto’

No dicionário enciclopédico EDI há apenas uma entrada para os três homônimos ‘plano’. Já no dicionário de Biderman DCP, há três entradas ‘plano’ 1, 2 e 3, cujas acepções correspondem àquelas contidas no DPR.

No DBB, esse item compõe uma entrada com as indicações das classes: adjetivo em primeiro lugar e substantivo em seguida. No MBA há três entradas, com as classes dispostas da mesma forma.

II – Polissêmicos

3.1 – com subdivisão no correspondente do português

O item lexical polissêmico em francês possui dois correspondentes em português. Cria-se uma fronteira de sentidos relevante em uma das línguas que não existe na outra. Normalmente os itens correspondentes são polissêmicos também na língua de chegada. Muitas vezes, há um traço semântico que une esses correspondentes. Exemplos:

place = ‘praça’ / ‘lugar’ [espaço]

fille = ‘filha’ / ‘moça’ [humano, sexo feminino, jovem]

prix = ‘preço’ / ‘prêmio’ [valor]

Esses três exemplos tratados são considerados polissêmicos no DBB. Já no MBA, os itens *place* e *prix* são julgados polissêmicos, enquanto o item *fille* constitui duas entradas.

3.2 – com vários equivalentes no português

A palavra *serviette* é polissêmica, apresentando um sentido geral de “pedaço de pano do qual nos servimos na mesa ou para a toalete para evitar de se

sujar ou para se limpar, se enxugar etc.”, definição que se aproxima de ‘toalha’ em português. Em contextos diferentes, recebe especificações de seu sentido genérico:

serviette de table = ‘guardanapo’

serviette de bain = ‘toalha de banho’

serviette de toilette = ‘toalha de rosto’

serviette hygiénique, périodique = ‘absorvente íntimo’

Há também um segundo sentido que se distancia um pouco mais dos anteriores, talvez criado por uma relação metonímica de matéria-objeto: *serviette* = “pasta para carregar papéis e documentos”. Outro exemplo desse caso: *route* = ‘estrada’; ‘caminho’, ‘itinerário’; ‘viagem’; ‘percurso’, ‘rota’.

Tanto *serviette* quanto *route* são tratados no DBB como polissêmicos. Esses itens recebem o mesmo tratamento no MBA.

3.3 – com um correspondente igualmente polissêmico na língua portuguesa

O item lexical francês *cours* tem uma forte carga semântica. Resumimos suas acepções conforme ilustramos a seguir:

- 1 – escoamento contínuo de água, curso de água, corrente;
- 2 – movimento real ou aparente, sequência contínua no tempo, desenvolvimento, sucessão;
- 3 – circulação regular de uma mercadoria ou valor, preço, cota, taxa, tarifa, valor legal;
- 4 – ensino contínuo, curso, aula, lições relativas a uma matéria, nível de estudo (médio, secundário ou superior) ou estabelecimento de ensino direcionado a uma categoria de alunos (curso de inglês, de informática);
- 5 – marcha, progressão.

Praticamente todas essas acepções são recorrentes no verbete ‘curso’ do EDI. No verbete ‘curso’ do DCP encontramos, em primeiro lugar, a quarta acepção e, em segundo, a primeira acepção. Isso se justifica porque o objetivo da lexicógrafa responsável é atender a um público escolar. Omite, assim, acepções menos usuais nesse nível. O item *cours* é tratado como polissêmico no DBB; já no MBA é considerado como um substantivo homonímico, constituindo quatro entradas.

III – Casos mistos – homônimos e polissêmicos

Citamos aqui dois exemplos, *droit* e *tour*, em que os itens lexicais apresentam-se como homônimos, mas que em uma de suas acepções é polissêmico, resultando ou em itens homônimos em português, ou em vários correspondentes, sem nenhuma ligação formal.

Quanto à inclusão do item *droit*, há uma complexidade maior porque apresenta homônimos que se distribuem nas funções de substantivo, de adjetivo e de advérbio. Há um item que só é usado no gênero masculino e outro só no gênero feminino (é um derivado que adquiriu status de item lexical).

1. *droit* (e) adj. e adv. – ‘direto; reto; direito, justo; diretamente; corretamente;’
2. *droit* (e) adj. e sm. – ‘direito (a) (em oposição à esquerdo(a)); destro;’
3. *droit* sm. – ‘conforme a uma regra, direito; ter seus direitos, exercer os direitos; direito legal; justiça, moral;’
4. *droite* sf. – ‘lado direito; direita; direita (lado direito de uma rua); partido político da direita; linha reta;’

Em português, no EDI, encontramos uma entrada para ‘direita’, duas entradas para ‘direito’, como substantivo e como adjetivo, e finalmente, uma

entrada para ‘direto’, como adjetivo. No DCP, encontramos uma entrada para ‘direita’ (sf), duas entradas para ‘direito’ (adj), uma entrada para ‘direito’ (adv), duas entradas para ‘direito’ (sm) e uma entrada para ‘direto’ (adj). Essa disposição justifica-se pela opção de não incluir itens de classes diferentes em um mesmo verbete.

O item *tour* também se apresenta de modo complexo, porém nenhum de seus equivalentes em português assemelham-se ao item em francês; portanto, não ocorrem os fenômenos da homonímia ou da polissemia com seus equivalentes.

1. *tour* (sf) = ‘torre’;
2. *tour* (sm) = ‘torno; armário cilíndrico giratório’;
3. *tour* (sm) = ‘volta, circunferência, contorno; redor, (em) torno ; passeio, viagem, percurso; giro, rotação; golpe; artifício; maneira; vez.

Também nesse caso, o DBB dá preferência à polissemia, quando na realidade, trata-se de um caso complexo. Sob uma única entrada – *droit (e)* – são tratadas as acepções desse item como adjetivo, substantivo feminino e masculino. O mesmo acontece com *tour*, cujos correspondentes são listados, seguidos de alguns exemplos. O MBA, por sua vez, distribui esses itens em várias entradas, demonstrando uma predileção pela homonímia. Nas primeira e segunda entradas *droit (e)* é adjetivo, na terceira entrada *droit* é incluído como substantivo masculino. O derivado feminino lexicalizado - *droite* – também é incluído em duas entradas. Quanto ao item *tour*, é distribuído em três entradas, a primeira como substantivo feminino e as duas restantes como substantivo masculino.

Finalmente apresentamos um quadro indicando os itens polissêmicos tratados aqui e quantas entradas constituem em cada dicionário examinado:

item lexical	DPR	EDI	DCP	DBB	MBA
<i>point</i>	2	—	—	1	5
<i>personne</i>	2	—	—	1	3
<i>jeune</i>	1	—	—	1	1
<i>plan</i>	3	'plano' 1	'plano' 3	1	3
<i>place</i>	1	—	—	1	1
<i>fille</i>	1	—	—	1	2
<i>prix</i>	1	—	—	1	1
<i>serviette</i>	1	—	—	1	1
<i>route</i>	1	—	—	1	1
<i>cour</i>	1	'curso' 1	'curso' 1	1	4
<i>droit</i>	<i>droit</i> 3 <i>droite</i> 1	'direita' 1 'direito' 2 'direto' 1	'direita' 1 'direito' 5 'direto' 1	1	<i>droit</i> 3 <i>droite</i> 2
<i>tour</i>	3	—	—	1	3

Tabela 2 – Comparação de ULs polissêmicas e homônimas nos dicionários.

Os dicionários monolíngües consultados podem ser agrupados nos tipos: de tratamento polissêmico – EDI e de tratamento homonímico – DPR e DCP. Os dicionários bilíngües também podem ser classificados nessa perspectiva. Observamos, com os modestos exemplos que apresentamos, que o DBB dá primazia ao tratamento polissêmico e o MBA, ao contrário, tem predileção pelo tratamento homonímico. A opção do lexicógrafo pela polissemia ou pela homonímia influencia diretamente na extensão da nomenclatura do dicionário.

Quanto às doze palavras apresentadas no quadro acima, os dicionários monolíngües e bilíngües só estão de acordo quanto ao tratamento de cinco palavras: *jeune*, *place*, *prix*, *serviette* e *route*; todos as consideram polissêmicas. Em relação às sete restantes, há discrepância quanto ao número de entradas. Podemos observar a mesma relação se considerarmos apenas os dois dicionários bilíngües.

Ainda não se chegou a uma conclusão de qual seria a equação consensual para a produção de dicionários bilíngües de boa qualidade. Quanto à inclusão de

itens polissêmicos, cremos que os estudos contrastivos entre as línguas e a comparação das obras lexicográficas podem levar a um resultado satisfatório.

Ao nosso ver, o critério semântico, aliado ao critério da distinção da classe gramatical, parece mais adequado ao usuário. No entanto, acreditamos que, acima de tudo, é essencial que o lexicógrafo siga um critério bem definido para que o resultado de seu trabalho seja coerente e fundamentado. Para atingir esse resultado, é preciso estabelecer uma hierarquia dos critérios que possa ser aplicada a todos os itens lexicais, de modo que haja coerência e homogeneidade no corpo das obras lexicográficas.

3.3. Questões sobre o sistema, a norma e a fala

Saussure (1989, p.27) afirmou, em sua obra clássica e pioneira na lingüística, que a linguagem humana possui dois aspectos ou objetos, que ele definiu como *língua* e *fala*:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica.

Vários lingüistas tentaram aperfeiçoar essa teoria ao constatarem a insuficiência da dicotomia saussuriana, “*langue*” e “*parole*”, com novas interpretações, desenvolvendo e criando novos termos e conceitos.

Coseriu, por meio de uma análise da adequação da definição bipartida de Saussure e de uma reflexão sobre as concepções de linguagem, língua e fala de vários autores (entre eles Hjelmslev, Jespersen e Humboldt), propôs uma nova

distinção tripartida da linguagem, estabelecendo os conceitos de *sistema*, *norma* e *fala* dentro da língua.

Coseriu (1978, p.40) deduz que os conceitos de língua e fala têm extensão variável, pois se por um lado o que é língua é fala em determinada concepção, por outro lado, em outras concepções, a língua é fala apenas parcialmente. Além disso, em cada uma dessas maneiras de conceber evidenciam-se incoerências mais ou menos graves.

Com base em sua análise crítica, Coseriu (1978, p.41) demonstrou alguns pontos essenciais:

- 1) de modo concreto, a *linguagem* existe única e exclusivamente como *falar*, como atividade lingüística;
- 2) *língua* e *fala* não podem ser realidades autônomas e estanques, haja vista que, de um lado, a *fala* é a *realização da língua*, e, de outro, a *língua* é *condição da fala*, constitui-se sobre a base da fala e manifesta-se concretamente apenas na fala;
- 3) os rótulos, sob os quais a realidade da linguagem se distribui, podem multiplicar-se, de acordo com os pontos de vista e os critérios adotados;
- 4) grande parte das oposições que se estabelecem constituem apenas caracterizações e interpretações de uma oposição fundamental entre *virtual* e *real*, *abstrato* e *concreto* (sistema – realização);
- 5) os vários conceitos que definem língua (“acervo lingüístico”, “uso lingüístico de uma comunidade”, “sistema funcional” etc.) não são equivalentes, porque representam diferentes tipos e graus distintos de abstrações.

Em Saussure, não se encontram os conceitos de *norma* e *sistema*, mas segundo Coseriu (1978, p.62), é possível intuir e determinar, através das afirmações desse autor, as premissas para a estruturação desses conceitos.

O **sistema** de uma língua é o conjunto de estruturas, possibilidades e oposições fundamentais (*ibid.*, p.78). No sistema encontram-se todos os elementos virtuais, independentemente de sua consagração pela norma. O sistema é um conjunto de vias fechadas e vias abertas, de coordenadas que podem ou não se desenvolver.

A **norma** é sempre menos geral do que o sistema (Cf. COSERIU, 1978, p.77). É a realização normal dos sistema (*ibid.*, p.86), ou seja, a mais natural, a mais freqüente maneira de se dizer algo. Mesmo que o sistema admita várias formas, há uma delas que tanto do ponto de vista do significado quanto da forma é a mais comum.

Ao falar de **norma**, pode-se aludir a dois conceitos: o primeiro, o mais notório, é a **norma** entendida como um conjunto de regras impostas aos falantes, de acordo com certos critérios de correção e de valor lingüístico pré-estabelecidos; o segundo refere-se à **norma** que pode ser comprovada objetivamente em uma língua, aquela que os falantes de uma comunidade lingüística utilizam efetivamente e, segundo a qual se reconhecem como falantes ideais dessa comunidade. De qualquer maneira, para Coseriu (1978, p.98), a **norma** é um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais que varia de acordo com a comunidade lingüística, inclusive dentro de uma mesma língua.

A **fala** é uma realização individual, de cada falante em particular, porém baseada em modelos observados de sua própria comunidade lingüística. A **fala** é um *ato lingüístico* concreto produzido por um impulso expressivo, baseado em um acervo lingüístico individual e social (Cf. COSERIU, 1978, p.92).

Os *atos lingüísticos* (isto é, a **fala**) têm dois aspectos: por um lado são criações inéditas que correspondem a intuições inéditas e subjetivas de um falante; por outro, não passam de recriações, pois os falantes devem ser coerentes para atender aos objetivos comunicativos, baseando-se em modelos precedentes.

Segundo o autor (1978, p.94), é com base nas investigações do *falar* concreto que se elaboram os conceitos de *norma* e *sistema* (que são abstrações). Destarte, para Coseriu (*ibid.*, p.97-8): o *sistema* é um conjunto de oposições funcionais. A *norma* é a realização “coletiva” do *sistema*, que contém o próprio *sistema* e também os elementos funcionalmente “não-pertinentes”, mas regulares na *fala* de uma comunidade. A *fala* é a realização individual-concreta da *norma*, que contém a própria *norma* e também a originalidade expressiva dos falantes. Esses três conceitos, independentemente do ponto de vista de que são observados, são interdependentes e correlacionados. Reproduzimos aqui o gráfico criado por Coseriu para representar sua concepção de sistema, norma e fala (p.95):

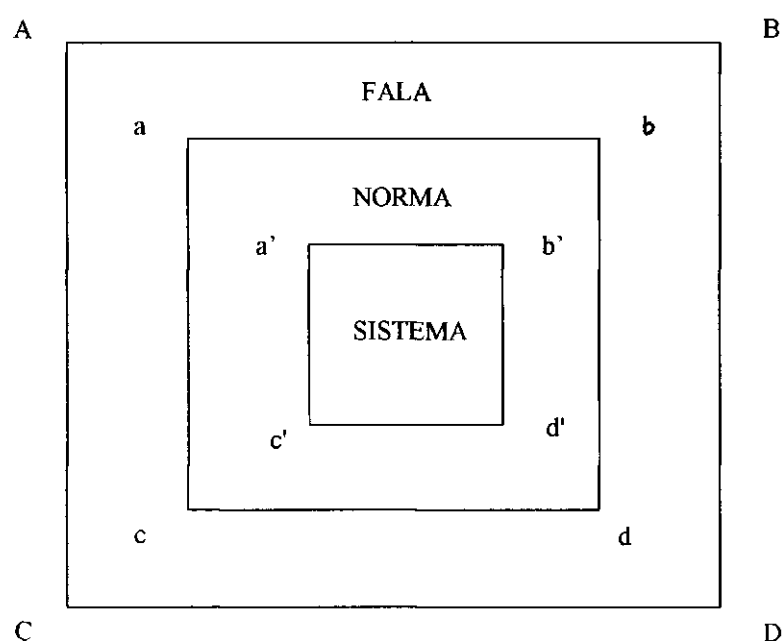


Fig. 2 – Gráfico – Sistema, norma e fala.

O quadrado menor - *a'-b'-c'-d'* – representa o *sistema*, o maior grau de abstração ou formalização, que contém somente as formas indispensáveis na *norma*, como as oposições funcionais. Eliminam-se as variantes facultativas e

combinatórias da *norma*, ou seja, aquelas que não possuem valor funcional nas oposições significativas fundamentais.

O quadrado médio – **a-b-c-d** – representa a *norma*, um primeiro grau de abstração, contendo apenas as repetições de modelos precedentes na fala concreta. São desconsiderados os atos lingüísticos que são inéditos ou ocasionais.

O quadrado maior – **A-B-C-D** – representa a *fala*, os atos lingüísticos concretos registrados por ocasião de sua produção.

Coseriu (*ibid.*, p.85) também relaciona esses conceitos com o léxico. Afirmar que, quando se trata do campo do léxico, a distinção entre *norma* e *sistema* torna-se mais complexa. Nesse campo, encontram-se as funções denominadas *representativa* e *associativa*. As dificuldades existem devido à enorme complexidade e infinita variedade de oposições estabelecidas no campo léxico, e que torna tão trabalhoso o estudo sistemático do vocabulário.

Por exemplo, a combinação da língua francesa “*jeter un cri*” pode ser traduzida em português por ‘lançar, atirar um grito’ ou ‘soltar um grito’, considerando os significados de *jeter*. Essas combinações são perfeitas dentro do sistema da língua. Uma forma como ‘grito um soltar’* não pertenceria ao nosso sistema. Porém, nenhuma das formas apresentadas é tão usual quanto ‘dar um grito’. Portanto, trata-se de um fato da *norma*.

Fazer estudos sistemáticos do léxico é tão difícil que, mesmo nas obras lexicográficas mais significativas, os itens lexicais são tratados isoladamente, sem correlações, como se não fizessem parte de um sistema. A ordem alfabética, apesar de ser prática e funcional para a consulta de um dicionário, não deixa de ser um arranjo bastante arbitrário do ponto de vista das associações internas das palavras.

Quando consultamos um item lexical, raramente encontramos as oposições e associações fundamentais que esse item possui com outros. Outro exemplo: ao consultar “tocar” no DB $P \rightarrow F$, normalmente encontramos – *toucher, sonner, jouer, sensibiliser* etc., mas geralmente não sabemos qual item é o mais adequado se quiséssemos utilizá-lo em contextos tais como – ‘tocar (com a mão) uma mercadoria numa loja, tocar a campainha, tocar um instrumento, tocar o coração de alguém’.

Segundo Coseriu (*ibid.*, p.85), considerando o léxico, dois aspectos fazem parte do sistema: a classificação conceptual do mundo representada em toda língua (função representativa) e a maneira peculiar da realização formal dessa classificação em cada idioma, tanto no momento da criação do signo quanto na sua repetição (função associativa). Por exemplo, o substantivo francês “*mal*” pode ser traduzido em português por ‘mal’, ‘sofrimento’, ‘dor’ e ‘dificuldade’. Já as expressões “*j’ai mal à la tête*” = ‘estou com dor de cabeça’; “*j’ai mal du pays*” = estou com saudade de casa, com nostalgia, “*j’ai du mal à comprendre*” = tenho dificuldade para entender.

‘Motorista’ em francês pode ser “*chauffeur*” quando se refere ao profissional, não importando se dirige ônibus, táxi, carro particular, ou “*conducteur*”, quando se refere aos condutores de seus próprios veículos. As associações nas duas línguas são distintas. ‘Motorista’ refere-se ao motor, “*chauffeur*” ao ato de aquecer o motor (*chauffer*) e “*conducteur*” ao ato de conduzir (*conduire*).

Os consulentes de DBs deparam-se, com frequência, com essas diferenças de sistema, seja do ponto de vista da representação, seja da associação. Coseriu (*ibid.*, p.87) afirma ainda que as oposições na *norma* também distinguem as línguas, e não apenas o sistema que as distingue. Um tradutor se depara a todo

instante com o problema da escolha do termo mais adequado, regular e natural na língua-alvo.

Com relação à *norma*, segundo a o autor citado, verifica-se que, entre as variantes admitidas pelo sistema, tanto do ponto de vista significativo quanto do ponto de vista formal, uma costuma ser a normal, regular, enquanto as outras, ou são anormais ou têm certo valor estilístico. Através do conceito de *norma*, verifica-se também que as variantes existentes no sistema não possuem o mesmo valor e que podem alternar na preferência dos falantes. Os sinônimos são exemplos claros nesse sentido, pois em seus usos só se recobrem parcialmente: *livre e bouquin; chaise e siège; orgueil e fierté; langue e langage* etc. As palavras sempre apresentam um significado nuclear, principal, e outros periféricos, latentes, virtuais, que dependem da situação ou do nível de linguagem.

A existência desses significados secundários ou virtuais no sistema é muito importante, pois explica o mecanismo de muitas mudanças semânticas. Os falantes, a partir de dado momento, podem eleger um desses significados secundários e passar a utilizá-lo como “normal”. Muitas vezes, a consciência dessas transformações se perde e os falantes nem percebem mais os laços existentes entre as palavras. Isso ocorre sobretudo com os famosos “falsos amigos”, que, em grande parte, são de origem comum.

É interessante considerar que, no nível do sistema lexical, uma lexia pode ser portadora de vários significados, sendo considerada assim polissêmica. Porém, no nível do vocabulário no discurso (norma), o vocábulo, ao ser atualizado num discurso determinado e situado, é considerado monossêmico, pois só apresenta um sentido dentro do contexto em que se insere.

O lexicógrafo sempre deve considerar as possibilidades mais recorrentes no discurso para incluir as acepções ou novos itens lexicais no sistema. Os dicionários só são realizáveis em face dessa possibilidade de seleção.

É praticamente impossível fazer uma obra, pelo menos publicada em papel, que inclua todos os itens lexicais de uma língua. Há muitas propagandas enganosas nos materiais encontrados no mercado. Até a contagem da quantidade de itens contidos numa obra é motivo de desconfiança. Primeiramente porque não se definiu ainda qual a unidade lexical a ser considerada: cada palavra, lexia, combinatória, expressão ou locução, acepção. Em segundo lugar, porque ainda não se dispõe de programas de computador capazes de reconhecer essas unidades e distingui-las para proceder à quantificação.

Talvez, com o desenvolvimento da lingüística computacional e com o advento da informatização de todos os setores da pesquisa, possam ser elaborados grandes projetos de produção de dicionários eletrônicos que possam abarcar a grandiosidade do léxico de uma língua e realizar essas tarefas complexas.

3.4. Os empréstimos lingüísticos e o vocabulário corrente no francês contemporâneo

Pressupõe-se que, no vocabulário fundamental de uma língua, só existam palavras de longo uso na língua, já consolidadas, atestadas e imprescindíveis a uma comunicação básica.

À primeira vista, pois, parece-nos que os neologismos não fazem parte das listagens de um vocabulário fundamental, que gira em torno de umas duas a três mil ULs. Mas num segundo momento, cremos que, como eles só se consolidam na língua por causa de um amplo uso, devem ser contemplados nessas listagens.

Nesta pesquisa de doutorado, trabalhamos com um *corpus* que é uma parcela do vocabulário básico da língua francesa: os substantivos. Observamos que há uma escassez de ULs estrangeiras. Pensamos, então, se de fato não caberia a inclusão dessas unidades nas listagens desse tipo de vocabulário, já que seu principal objetivo é, entre outros, fornecer subsídios para a aprendizagem mais eficaz da língua estrangeira. Ora, é evidente que o falante nativo emprega muitos termos e construções que não aparecem nos livros didáticos. Talvez a ausência dessas unidades seja prejudicial ao aprendiz. Como a maioria dos manuais de ensino aproveitam essas listas para produzir obras direcionadas a determinados níveis, seria aconselhável que contemplassem a existência dessas unidades. Abordamos aqui apenas empréstimos e estrangeirismos.

Procuramos verificar se há neologismos por empréstimo nas listagens de vocabulário fundamental que conhecemos. Primeiramente, levantamos alguns itens (19) em um programa (em CD-ROM) para ensino da língua francesa; acrescentamos outros 21, por nossa conta, pela experiência de uso da língua e conhecimento dos manuais didáticos do francês. Constituída essa listagem, verificamos a presença desses itens em duas listas: o *Français fondamental* e o *Frequency dictionary of French words* (as primeiras mil palavras).

Em seguida, consultamos o dicionário monolíngüe do francês *Petit Robert* (DPR), para conferir a origem real da palavra (pressupõe-se que são na maioria anglicismos). Na sequência, compulsamos quatro dicionários bilíngües para investigar se os itens de nossa lista compõem a nomenclatura de cada um deles: o *Grande dictionário francês-português, da Bertrand* - DDA (1989), o *Dicionário bilíngüe brasileiro*, da Oficina de Textos - DBB (1998), o *Minidicionário francês-português e português-francês*, da Ática - MBA (1999) e o *Dicionário Larousse francês-português e português-francês (Collection Apollo)* - DLA (1991).

Embora muitas vezes os conceitos de empréstimo e estrangeirismo sejam usados indistintamente, devem ser especificados. Ocorre empréstimo quando um item de uma língua é adaptado ao sistema lingüístico de uma outra língua, ao passo que o estrangeirismo é uma forma alógena adotada por uma língua receptora (XATARA, 1992). Além disso, o empréstimo pode ocorrer dentro de um mesmo sistema lingüístico, entre áreas de conhecimento diferentes, por exemplo.

Em outras palavras, acreditamos que esses dois termos refiram-se a dois enfoques de uma mesma coisa, mas adotaremos como grau de abstração as seguintes definições: **empréstimos** são todas as unidades que podem ser tomadas emprestadas e adotadas, seja de outra língua, seja de outra área de especialidade; **estrangeirismos** podem também ser considerados como um tipo de empréstimo, mas são aqueles que mantêm na sua forma uma aparência alógena, mesmo que morfologicamente incorporados na língua de chegada.

Alguns autores consideram ainda a denominação **xenismo** ou **peregrinismo**, que seria a fase em que o empréstimo ainda conserva sua forma estrangeira. Xatara (*op.cit.*), considera desnecessária essa denominação. Concordamos com a autora quando argumenta que o termo “estrangeirismo” já designa bem essa fase.

Entre os estrangeirismos, podemos distinguir os anglicismos (mais produtivos atualmente), galicismos, germanismos, italianismos, lusitanismos etc. Em cada fase da história das civilizações houve o predomínio de um idioma como fornecedor de empréstimos, seja por sua hegemonia socioeconômica e cultural ou pela força por meio das ocupações militares.

Guilbert (1975, p.91) classifica os **empréstimos** como **denotativos** e **conotativos**, de acordo com sua situação na língua de chegada. Os denotativos são aqueles que designam objetos ou conceitos que foram criados em um país

estrangeiro; desse modo a língua de chegada adota o produto e seu nome. Os países econômica e cientificamente mais desenvolvidos são fontes desse tipo de empréstimo. Os conotativos, por sua vez, resultam de uma espécie de adaptação de uma comunidade ao modo de vida de outro país que tem mais prestígio.

Há políticas lingüísticas que sugerem ULs vernáculas, como ocorre na França. Alguns casos seriam: *hardware* = *matériel* e *software* = *logiciel*, que foram aceitas e são utilizadas pelos falantes, outros, como *hit-parade* = *palmarès* e *hi-fi* = *haute définition*, concorrem na língua.

Muito se questiona sobre a necessidade do uso de estrangeirismo. Quanto à discussão, levantada por muitos estudiosos e pessoas leigas, sobre a substituição do empréstimo por uma palavra já existente na língua, há de se considerar a questão da sinonímia e da equivalência. Se dentro de um mesmo idioma não se pode dizer categoricamente que uma palavra é sinônima de outra, mais complexa ainda se mostra a equivalência de itens de dois idiomas. Possenti (2001, p.170) cita alguns exemplos ao tratar desse assunto e chega a afirmar que “simplesmente não há equivalência” entre palavras de línguas diferentes, embora essa afirmação nos pareça um tanto radical.

Segundo Bagno (2001, p.82),

Não existe língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas.

Acrescenta ainda que como atualmente esses intercâmbios são mais freqüentes, é mais comum a ocorrência dos empréstimos lingüísticos e mais difícil de evitá-los.

O neologismo, seja ele qual for, só se constitui como tal quando se comprova seu uso em uma determinada comunidade lingüística durante certo

período. Portanto, só passa a ser inserido na língua devido a um uso em larga escala ou devido à grande importância e necessidade do vocábulo em questão. Considerando a expansão de seu uso, pode-se entender porque alguns deles podem integrar listagens de vocabulário fundamental. Por outro lado, há estrangeirismos que são apenas modismos e tendem a desaparecer.

Deroy (1956) afirma que se pode distinguir um empréstimo através de quatro critérios: histórico, fonético, morfológico e semântico. Nem sempre todos eles ocorrem ao mesmo tempo. Para os lingüistas, é difícil a identificação e o tratamento dos empréstimos. Para o autor, com quem concordamos, o critério fonético é o mais decisivo e mais significativo.

O decalque é “um empréstimo por tradução” (segundo Deroy, *op.cit.*, citando Bally). É uma ocorrência natural, já que sempre supõe um bilingüismo, como no caso do Canadá (francês/inglês) – por ex., *loudspeaker* → *haut-parleur*. Ainda no Quebec, é comum utilizarem a expressão “*tomber en amour*” no lugar de “*tomber amoureux*” (apaixonar-se), com base na expressão inglesa “*to fall in love*”.

Quando o empréstimo passa a não ser mais reconhecido como tal e começa a ser visto pelos falantes como item nativo, pode inclusive ser um item polissêmico. *Stop*, por exemplo, além do sentido ‘parada’ é também a ‘luz de freio do carro’, o ‘sinal vermelho’, a ‘carona’. *Boom*, além de ser a onomatopéia de uma explosão de bomba, é uma ‘festa animada’.

Alguns itens estão tão incorporados à língua que, além de adotar nova grafia e de flexionar-se de acordo com as características da língua receptora (o que é natural), passam a fazer parte da formação de palavras da língua, compondo novos itens híbridos e, muitas vezes, adquirindo significados bastante distintos daqueles da língua de origem

Para comprovar a importância dos estrangeirismos, fizemos uma verificação no CD-ROM *Smart Start* da *Syracuse Language*¹¹, dos Estados Unidos, porque é uma ferramenta de aprendizagem da língua estrangeira (Francês) que apresenta alguns estrangeirismos, praticamente a metade dos itens que analisamos aqui. Estabelecida em 1989, *Syracuse Language* é uma editora de programas interativos de línguas estrangeiras e programas de educação à distância para negócios. É importante que os itens contidos em programas como esse façam parte da nomenclatura dos dicionários bilíngües.

Temos conhecimento também que além dos itens escolhidos há uma grande quantidade de empréstimos, de estrangeirismos e de neologismos decalcados da língua inglesa (decalques), que poderão ou não se estabelecer na língua.

Boulanger (1990) afirma que os neologismos aspiram a uma existência legal na língua receptora e que só atingem seu apogeu no momento em que são contemplados nos dicionários. Partindo desse pressuposto, verificamos também se os itens listados estão presentes na nomenclatura dos DBs que analisamos.

As possibilidades de que um neologismo de áreas de especialidade integre um dicionário são muito mais reais do que para os neologismo do domínio geral. As obras lexicográficas de linguagem técnica são produzidas e revisadas mais amiúde, o que não ocorre com as obras que tratam do léxico geral da língua.

Convém lembrar que nesta análise só tratamos de alguns empréstimos que ainda mantêm a forma da língua de origem, embora já estejam adaptados à língua receptora e aceitos pelos falantes. Por esse motivo, podem fazer parte do vocabulário fundamental da língua receptora.

¹¹ *SMART START* – Francês. Aprendizado fácil para escola, casa, viagens. Syracuse Language Systems, Inc. Syracuse, NY, USA, 1994-1998. CD-ROM. <http://www.syrclang.com>

Todos os itens levantados estão na nomenclatura do **DPR**. De acordo com as informações desse dicionário, dos quarenta itens, apenas *pizza* e *spaghetti* são italianismos, *attaché-case* e *sous-pull* são formações híbridas (francês e inglês), *yaourt* vem do turco. Os trinta e cinco itens restantes são anglicismos.

Nenhum desses itens foi encontrado no *Français fondamental*. Pode-se justificar que a maioria dos itens ainda não estavam integrados na língua na época da elaboração da obra, ou ainda não existiam, como *CD-ROM*, por exemplo. Outros itens que já existiam podem ter sido excluídos por opção dos autores. Há itens que já datam de muitos anos, sendo já polissêmicos na língua francesa, como *sandwich* (uso conotativo, segundo o DPR) entre outros itens como *club*, *week-end* etc. Transcrevemos abaixo o verbete *sandwich* do DPR:

***sandwich* - n. m.**

• 1802; mot angl. (1762), tiré du nom du comte de Sandwich, dont le cuisinier inventa ce mode de repas pour lui épargner de quitter sa table de jeu.

1. Mets constitué de deux tranches de pain, entre lesquelles on place des aliments froids (jambon, viande, saucisson, pâté, fromage, salade, etc.). *casse-croûte*, fam. *casse-dalle*, *pan-bagnat*. Sandwich de pain de mie. Des sandwiches ou des sandwiches. « Un sandwich au jambon qu'il avait confectionné chez lui avant de partir pour le bureau » (Aymé). — Abusivt Petits sandwiches : canapés* servis dans les buffets froids.

2. (1934) Techn. Structure dans laquelle une couche d'une matière est intercalée entre deux couches d'une autre matière. Appos. Verre sandwich. Structure sandwich. *homme-sandwich*.

3. Loc. EN SANDWICH. Fam. Serré, coincé entre deux choses ou deux personnes. Être en sandwich, pris en sandwich. Techn. Montage en sandwich. Structure en sandwich.

No *Frequency dictionary of French words* (mil primeiras ocorrências), também não encontramos as unidades da lista que compomos, talvez pelos mesmos motivos apontados, já que a obra data de 1970. Passemos então à verificação da presença desses itens nos dicionários bilíngües.

Dos quarenta itens levantados, sete não estão na nomenclatura de nenhum dos quatro DBs, são: *boom*, *building*, *CD-ROM*, *hold-up*, *scooter*, *sous-pull* e *steak*. Apenas dois (*sous-pull* e *steak*) dos 19 itens do *CD-ROM Smart Start* não constaram dessas nomenclaturas. Os outros itens não constaram, talvez por uma escolha errada de unidades menos usuais, ou pela própria novidade, como é o caso de *CD-ROM*.

No DDA, há 50 % das unidades, ou seja, 20. Nessa obra, por ser a mais antiga, encontram-se mais menções sobre o caráter neológico das palavras, através da etiqueta ‘palavra inglesa’, que aparece nove vezes e ‘palavra italiana’, uma vez.

O DBB é o que mais inclui estrangeirismos – 31 do total de 40, ou seja, 77,5%. Não apresenta marcação de neologismo. Já o MBA, assim como o DDA, considera 50% dos itens, com cinco marcas de Anglicismo. Talvez não apresente mais itens por ter uma nomenclatura bastante reduzida. O DLA é o DB que menos contempla os estrangeirismos: apenas 37,5% da lista – 15. Surge só uma vez a marca de neologismo.

Para concluir nossa análise, cremos que, com esses resultados, podemos reafirmar que a língua está em constante evolução e é uma necessidade premente que o dicionário acompanhe suas renovações. Para tanto, é preciso que os estudiosos estejam sempre atentos quanto aos neologismos e que não tenham preconceitos lingüísticos ao planejar suas obras.

A aceitação de um empréstimo não pode ser apenas questão de escolha do dicionarista; deve basear-se em pesquisas sérias que comprovem a frequência do uso dos itens emprestados.

Shopping, em francês, não tem a mesma acepção que *shopping* em português do Brasil. Na França, refere-se ao ato da compra ou à coisa comprada e no Brasil, ao local onde se faz as compras. Por isso, não se pode justificar a não-inclusão de empréstimos ou estrangeirismos comuns em duas línguas. Além disso,

os empréstimos podem tornar-se polissêmicos, adquirindo sentidos totalmente divergentes em duas comunidades linguísticas diferentes. Em português, quando se vê, nas lanchonetes “x-queijo”/“xis-queijo”, originado do inglês *cheeseburger*, parece que o falante ignora totalmente que a parte *cheese*, da palavra composta, significa “queijo”, entendendo-a como ‘lanche’.

Lista do levantamento de empréstimos encontrados no Cd-rom SMART START (*) e outros itens acrescentados: *attaché-case**; *basket*; *bifteck*; *boom*; *building*; *CD-ROM*; *clown*; *club*; *football*; *hall*; *hamburger**; *hold-up*; *hot-dog**; *interview*; *jean**; *jogging*; *kidnapping*; *ketchup**; *parking*; *pizza**; *pull**; *puzzle**; *sandwich**; *scooter*; *self-service*; *shampooing**; *shopping*; *short**; *smoking**; *soda**; *sous-pull**; *spaghetti**; *standard*; *steak**; *stop**; *ticket*; *t-shirt**; *W.C.*; *week-end*; *yaourt**.

ITENS	DDA	DBB	MBA	DLA
Attaché-case	~	Pasta para documentos	~	~
Basket	Pl ing – Basquetebol	Tênis / Basquete	‘basket-ball’	~
Bifteck	Bife...	Bife, filé	Bife	Bife
Boom	~	~	~	~
Building	~	~	~	~
CD-ROM	~	~	~	~
Clown	Pl ing – Bobo, palhaço	Palhaço	Palhaço	Palhaço
Club	Clube	Clube	Clube	Clube
Football	Pl ing – Futebol	Futebol	Futebol	Futebol
Hall	Pl ing – Vestíbulo	Hal, saguão, Vestíbulo	Vestíbulo	Átrio - neol.
Hamburger	~	hambúguer	~	~
Hold-up	~	~	~	~
Hot-dog	~	Cachorro quente	~	~
Interview	Pl ing – Entrevista	Entrevista	Entrevista	Entrevista
Jean	~	Jeans, brim	~	~
Jogging	~	Corrida, Cooper, abrigo	~	~
Kidnapping	‘kidnapper’	Sequestro, rapto	‘kidnappeur’	~

Ketchup	~	ketchup	~	~
Parking	~	Estacionamento	Angl. Estacionamento	~
Pizza	~	pizza	pizza	~
Pull	'pull-over'	Pulôver	pulôver	camisola
Puzzle	Pl ing – jogo da paciência	Quebra-cabeça	Quebra-cabeça	~
Sandwich	Sanduiche	Sanduiche	Sanduiche	Sanduiche
Scooter	~	~	~	~
Self-service	~	~	Angl Estabelecimento	~
Shampooing	Lavagem / loção	Xampu	~	~
Shopping	~	'Shopping', compras	~	~
Short	~	'Short'	~	~
Smoking	Pl ing – 'smoking'	~	~	smoking
Soda	Soda - ing 'soda-water'	refrigerante	~	soda
Sous-pull	~	~	~	~
Spaghetti	Pl ital- macarrão	Espaguete	~	~
Standard	Pl ing –tipo/móvel	Padrão/ PABX	Angl. padrão	Estalão
Steak	~	~	~	~
Stop	Pl ing – interj.	'stopper'	Ponto/lanterna/ sinal	'stopper'
Ticket	Bilhete...	Tiquete...	Tiquete...	Bilhete
T-shirt	~	(tee) Camiseta	~	~
W.C.	~	'water-closet' banheiro	Angl. Banheiro	'water-closet'
Week-end	Pl ing – Fim de semana	Fim de semana (sem hífen)	Angl Fim de semana	Fim de semana
Yaourt	'Yogurt'	Iogurte	logurte	'Yogourt'

Tabela 3 – Verificação da presença de estrangeirismos nos DBs

4. TIPOLOGIA DE OBRAS LEXICOGRÁFICAS

A classificação das obras lexicográficas é uma tarefa muito complexa. Surgem vários tipos de problemas, sobretudo quando se relaciona o posicionamento teórico com a prática. Considerando, por um lado, a teoria ou, por outro lado, a prática, certamente haverá discordância. Por essa razão, cada estudioso apresenta uma classificação diferente, não havendo um consenso. Cada classificação pode, na realidade, atender aos princípios e objetivos da perspectiva de seu autor, mas não a uma visão geral.

Segundo Haensch (1982a, p.95 *et seq.*), para fazer uma descrição dos diferentes tipos de obras lexicográficas seria preciso partir primeiramente da história da Lexicografia e, em segundo lugar, dos trabalhos lexicográficos existentes, para em terceiro lugar, considerar os critérios teórico-lingüísticos. No entanto, acha interessante aplicar esses últimos critérios como ponto de partida das reflexões, embora seja obviamente difícil sua aplicação.

Outro fator que também deve colaborar para essa dificuldade é a criação constante de obras lexicográficas com características distintas, híbridas. Os dicionários, muitas vezes, acumulam características de vários tipos em uma só obra – a maioria dos dicionários não são puramente lingüísticos nem semasiológicos. Às vezes, sob uma mesma denominação, há uma série de obras distintas. Ainda hoje é confusa a distinção entre glossário, léxico, vocabulário, repertório e dicionário, devido ao seu uso arbitrário por parte dos autores e editores. Portanto, a classificação das obras de referência varia bastante de um autor para o outro.

O termo “dicionário” é usado como uma panacéia pelos redatores e editores. Talvez isso ocorra porque a palavra “dicionário” adquiriu um *status* muito importante em nossa sociedade, sendo de fácil comercialização. Há uma infinidade de títulos que não previne o usuário do que ele encontrará dentro da obra. Sua classificação não é simples, pois realmente há uma grande variedade de obras que descrevem objetos específicos para públicos específicos e de extensões variadas. É importante que haja uma homogeneização na denominação das obras lexicográficas.

Segundo Clas (1996), há dicionários de bolso e dicionários em vários volumes; dicionários gerais e especializados; dicionários monolíngües, bilíngües e multilíngües; dicionários funcionais (de sinônimos, de ortografia, de dificuldades) e dicionários enciclopédicos. Para o autor, pode-se dividir os dicionários em duas grandes categorias: os dicionários intralingüísticos (os monolíngües) e os dicionários interlingüísticos (os DBs e os multilíngües). Há ainda os dicionários híbridos.

Alvar Ezquerri (1988-1), por sua vez, na sua classificação das obras lexicográficas, divide os dicionários em formais e conceptuais. Os dicionários formais podem ser alfabéticos diretos, inversos, de rimas etc.; os conceptuais podem ser ideológicos, temáticos, analógicos, de nomes próprios.

Cada tipo de obra tem a sua especificidade. Os *thesauri* ou tesouros, por exemplo, apresentam um discurso coletivo, pretendem registrar todas as palavras ou outras unidades léxicas do idioma de uma comunidade lingüística, considerando uma época determinada.

Normalmente, essas obras podem apresentar de 200.000 até em torno de 400.000 a 500.000 entradas para uma língua de civilização antiga. Pode-se dizer que a elaboração de um tesouro (ou *thesaurus*) é um trabalho interminável, já que o vocabulário geral evolui constantemente, com criações e acréscimos de unidades

léxicas. Por isso mesmo são obras bastante raras. Biderman (1994, p.29)¹ indica alguns exemplos: o *Oxford dictionary of English language* (400 mil), o *American heritage* e o *Webster* (500 mil), todos da língua inglesa.

O dicionário é, então, uma obra que representa a língua e a cultura de uma coletividade, em um certo período, concebido com objetivos determinados. Haensch (*op. cit.*) expõe alguns critérios práticos para a classificação das obras lexicográficas:

1. Formato (20x15cm, por exemplo) e número de entradas.
2. Caráter lingüístico, enciclopédico ou misto.
3. Sistema lingüístico em que se baseia.
4. Número de línguas.
5. Seleção do léxico
 - Vocabulário geral ou parcial.
 - Codificação exhaustiva ou seletiva.
 - Critérios cronológicos.
 - Caráter prescritivo ou descritivo.
6. Ordenação de Matérias.
7. Finalidades específicas.
8. Meios de divulgação.

Nas páginas seguintes, cada critério acima é explicado, segundo o autor:

Quanto ao primeiro critério, o formato e número de entradas, devem-se verificar as dimensões (20x15cm, por exemplo), o número de volumes, o número de páginas, o número de entradas em cada volume.

¹ Cf. também Biderman, 1998d, p.131.

Com relação ao segundo critério, o caráter lingüístico, é sabido que há uma lexicografia lingüística, que trata dos signos, e outra enciclopédica, que trata das coisas. Há também obras mistas: aquelas divididas em duas partes, uma lingüística e outra enciclopédica, e aquelas lingüísticas com informações adicionais enciclopédicas nos verbetes.

Distinguem-se, de acordo com o terceiro critério: 1) as obras lexicográficas cuja descrição semântica do vocabulário baseia-se em um sistema lingüístico individual do autor ou de um conjunto de autores dos dicionários, pois o autor dos verbetes é o responsável pela descrição; 2) obras em que a descrição semântica depende da informação obtida por meio de um *corpus*.

A quarto critério trata do número de línguas. Há dicionários monolíngües (com uma única língua) e dicionários plurilíngües, que se dividem em bilíngües (duas línguas) e multilíngües (mais de duas línguas). Esses últimos dicionários apresentam somente equivalentes das unidades léxicas em outras línguas, sem exemplos.

O quinto critério refere-se à seleção do léxico. De acordo com o léxico registrado, o dicionário pode conter um vocabulário geral ou parcial. Mesmo um dicionário geral tem suas limitações, não é, nem pode ser, o vocabulário total de uma língua, mas deve conter uma seleção representativa do vocabulário mais usual.

Vocabulários parciais são subconjuntos de unidades léxicas, tomados de acordo com diferentes critérios, como por exemplo, o diatópico (geográfico), o diastrático (grupos sociais) e o diafásico (níveis de língua), além do diatécnico (relativo a uma técnica, à profissão). Para a constituição desses vocabulários, parte-se de unidades léxicas usadas, ou daquelas que se quer impor ou recomendar o uso. Não se privilegia os grupos humanos ou os indivíduos que usam certo vocabulário.

As obras lexicográficas que registram subconjuntos léxicos com marcação diatópica registram dialetos, subdialetos, falas locais de uma língua e também variantes regionais, como por exemplo, as variantes européias e latino-americanas das línguas.

As obras com marcação diastrática registram o vocabulário da gíria, por exemplo, e podem mesclar-se com o tipo anterior. Com marcação diatécnica, registram-se os termos técnicos de uma determinada área de conhecimento, como nos dicionários terminológicos.

As ULs com determinadas conotações, também aquelas de níveis lingüísticos diferentes, como o coloquial e o culto, são registradas sob a marcação diafásica.

Além dessas marcações, há também outras duas que o autor chama de diaintegrativa (registram ULs e expressões tomadas de outras línguas, com objetivo de adotá-las, modificá-las ou proibir seu uso) e dianormativa (registram as variantes contrárias ao que se chama “uso correto”). Essas incorreções podem ser gráficas e/ou fonéticas, gramaticais ou semânticas. Ocorrem sobretudo em dicionários de dúvidas ou dificuldades.

Outro item dentro da seleção do léxico é a codificação exaustiva ou seletiva. De acordo com ela, classificam-se alguns tipos de dicionários em:

- a) Dicionários exaustivos e seletivos. Existe o *thesaurus* ou *tesouro* que evoca a idéia de uma obra mais ou menos exaustiva. No caso das línguas mortas, é possível; porém, é difícil falar em exaustividade no caso de uma língua viva. Os dicionários gerais dificilmente poderiam ser exaustivos. Os dicionários especiais parecem mais factíveis sob esse ponto de vista, mas mesmo dentro de uma especialidade há variações com relação à evolução no tempo e às variações diatópicas.

- b) Dicionários de uso e dicionários de aprendizagem. O dicionário de uso é um tipo especial de dicionário geral monolíngüe. Selecciona as palavras mais correntes e as apresenta quanto a seu uso em um contexto. Amplia a parte sintagmática das entradas e oferece também uma parte paradigmática, (como por exemplo, o *Dictionnaire du français contemporain*, Larousse). O dicionário de aprendizagem (ou didático) é um tipo de dicionário de uso, dirigido às pessoas que estão aprendendo uma língua estrangeira, com a finalidade de ajudar o aprendiz a usar corretamente uma certa extensão do vocabulário estrangeiro.
- c) Obras lexicográficas que registram vocabulário com marcação diafrequente. O critério da frequência deveria ser aplicado na seleção das entradas de qualquer obra lexicográfica. As palavras mais frequentes de um vocabulário geral formam um “vocabulário básico” ou “fundamental” de uma língua. (de 1000 a 5000 palavras, dependendo do idioma). As listas de vocabulário básico têm uma finalidade didática. Por outro lado, há também dicionários de palavras pouco frequentes, cujo objetivo é ampliar o vocabulário culto.

Na seleção do léxico também se leva em conta o critério cronológico. Distinguem-se os dicionários diacrônicos (estudam a evolução do vocabulário através dos séculos) e os dicionários sincrônicos (registram uma seleção do vocabulário de uma língua em um dado momento). Os dicionários históricos e etimológicos são os tipos mais usuais com indicações cronológicas. O elemento cronológico tem sua importância em qualquer tipo de obra lexicográfica. Quase todas as obras têm ULs com marcação “arcaico”, “em desuso”, “moderno”, por exemplo.

Os dicionários, e sobretudo os glossários de neologismos (palavras de formação recente) são bastante úteis tanto para o tradutor quanto para o

lexicógrafo, servindo também para manter atualizadas as obras lexicográficas de todos os tipos.

O quarto tópico dentro da seleção vocabular é o caráter prescritivo ou descritivo da obra lexicográfica. De certo modo, pela difusão da obra na forma impressa, todos os dicionários exercem a função normativa. De um lado, há obras de cunho prescritivo: dicionários acadêmicos, didático-escolares, de marcação dianormativa e diainTEGRativa, de dúvidas e dificuldades, de pronúncia e ortografia, de normas. De outro, há obras que não são realizadas com um critério purista. Buscam apenas fornecer uma seleção representativa para descrever o léxico em uso.

O sexto critério tratado por Haensch (*op. cit.*) é a ordenação de matérias, que estabelece a macroestrutura de uma obra. O dicionário semasiológico é ordenado por significantes, geralmente em ordem alfabética. O dicionário onomasiológico organiza-se por conceitos (significados), geralmente agrupados de acordo com as associações entre os conteúdos, as coisas e a língua. De acordo com esse critério, distinguem-se:

- dicionário analógico (parte de uma seleção de conceitos e agrupa em ordem alfabética o vocabulário correspondente);
- dicionário ideológico (renuncia ao alfabeto, baseando-se em um sistema de conceitos);
- dicionários e vocabulários ordenados por matérias (costumam ser, na sua maioria, bilíngües ou multilíngües) - há dois tipos: obras didáticas (apresentam o vocabulário básico ou muito freqüente de uma língua, de modo sistemático) e dicionários e vocabulários terminológicos (permitem ao usuário acessar rapidamente o vocabulário de um certo domínio, apresentado-se seja em ordem alfabética ou em classificação sistemática);

- dicionários por imagem ou pictóricos (apresentam um agrupamento sistemático, mas só podem tratar de vocabulário concreto);
- dicionário inverso (agrupam palavras de acordo com seu final; apresentam textos poéticos sem equivalentes: trata-se de um catálogo de palavras).
- Além desses, há também os dicionários de frases feitas, de modismos, de rimas.

O sétimo critério relaciona-se com as finalidades específicas do dicionário, que podem ser outras além do significado ou da equivalência de uma palavra.

Podemos citar as obras com fins específicos:

- Dicionários de abreviaturas (ou siglas) gerais ou por matérias.
- Dicionários onomásticos (nomes de pessoas ou lugares).
- Dicionários paradigmáticos (relações de palavras) - a) Dicionários de sinônimos, antônimos e parônimos (geralmente monolíngües); b) Dicionários analógicos, ideológicos e por matérias.
- Dicionários ortoépicos (ou de pronúncia) - são normativos.
- Dicionários ortográficos.
- Dicionários sintagmáticos - a) Dicionários de construções e regimes; Dicionários de valência verbal; b) Dicionários de combinatórias ou colocações; c) Dicionários de fraseologias e modismos; d) Dicionários ou coletâneas de refrões, ditos, provérbios etc.; e) Dicionários de citações e frases célebres; f) Dicionários de estilo.
- Dicionários gramaticais: costumam ser mistos, apresentando definições de termos gramaticais (modo, aspecto verbal, por exemplo); indicações sobre a ortografia, pronúncias, construções e regimes. Confundem-se com os dicionários de dúvidas e dificuldades e com os dicionários de aprendizagem.
- Dicionários de dúvidas e dificuldades (tratam dos problemas linguísticos com que se deparam os usuários de língua materna ou estrangeira).

O oitavo critério trata dos meios de divulgação, da distinção de dicionários convencionais/tradicionais e dicionários eletrônicos. Os dicionários tradicionais são impressos em papel, enquanto que os eletrônicos são armazenados em memórias de computadores, em *CD-ROM* ou disquetes.

Haensch (*op. cit.*) conclui que há muitos tipos de dicionários e outras obras lexicográficas que se encaixam em vários critérios de classificação. A nomenclatura das obras não é uniforme nem unívoca, havendo superposição dos tipos. Assim, para caracterizar e classificar uma obra, deve-se descrevê-la, levantando todos seus traços distintivos, segundo os critérios expostos, para eleger o traço que mais sobressai.

Arrolamos aqui os tipos de dicionários que o referido autor citou. A lista é bastante extensa e não asseveramos que é exaustiva, pois há sempre novidades no campo da produção lexicográfica.

- Glossários
- Tesouros
- Dicionários de regionalismos
- Dicionários de jargões
- Dicionários onomasiológicos / conceptuais / ideológicos - geralmente monolíngües - conteúdo → significante
- Dicionários semasiológicos - significante → conteúdo
- Dicionários de imagens / pictóricos
- Dicionários ortoépicas
- Dicionários ortográficos
- Dicionários de formação de palavras
- Dicionários de construções e regimes
- Dicionários de valências
- Dicionários de combinatórias ou colocações
- Dicionários de dúvidas e dificuldades
- Dicionários de fraseologias
- Dicionários de modismos
- Dicionários de rimas / refrões
- Dicionários de neologismos
- Dicionários de estrangeirismos
- Dicionários de galicismos

-	Dicionários monolíngües
-	Dicionários plurilíngües
-	Dicionários bilíngües (duas línguas)
-	Dicionários multilíngües (mais de duas línguas) - terminológicos, na sua maioria
-	Dicionários terminológicos (bilíngües/ monolíngües)
-	Dicionários e vocabulários especializados
-	Dicionários inversos / de rimas
-	Dicionários de frequência, Dicionários estatísticos
-	Dicionários de sinônimos, Dicionários de antônimos (onomasiológicos)
-	Dicionários estilísticos (mescla de dicionários de sinônimos, fraseológicos e de combinatórias)
-	Dicionários históricos (semasiológicos)
-	Dicionários etimológicos
-	Dicionários de usos (puramente descritivos)
-	Enciclopédias
-	Dicionários enciclopédicos (informação lingüística + enciclopédica)
-	Dicionários normativos (das academias)
-	Dicionários eletrônicos
-	Dicionários analógicos
-	Quanto à extensão: Tesouros, Dicionários padrão, Dicionários escolares, Dicionários de bolso, Minidicionários

Tabela 4 - Lista dos tipos das obras lexicográficas
[arroladas por Haensch (1982, p.95 *et seq.*)]

Achamos útil, neste capítulo, construir um gráfico que suporte a tipologia de Haensch, a nosso ver a mais completa de que tomamos conhecimento até agora. Antes, apresentamos outras tipologias: de Vigner, de Rey-Debove e de Biderman.

A tipologia descrita por Vigner (1983, p.177) foi apresentada em um esquema, que reproduzimos aqui com algumas adaptações:

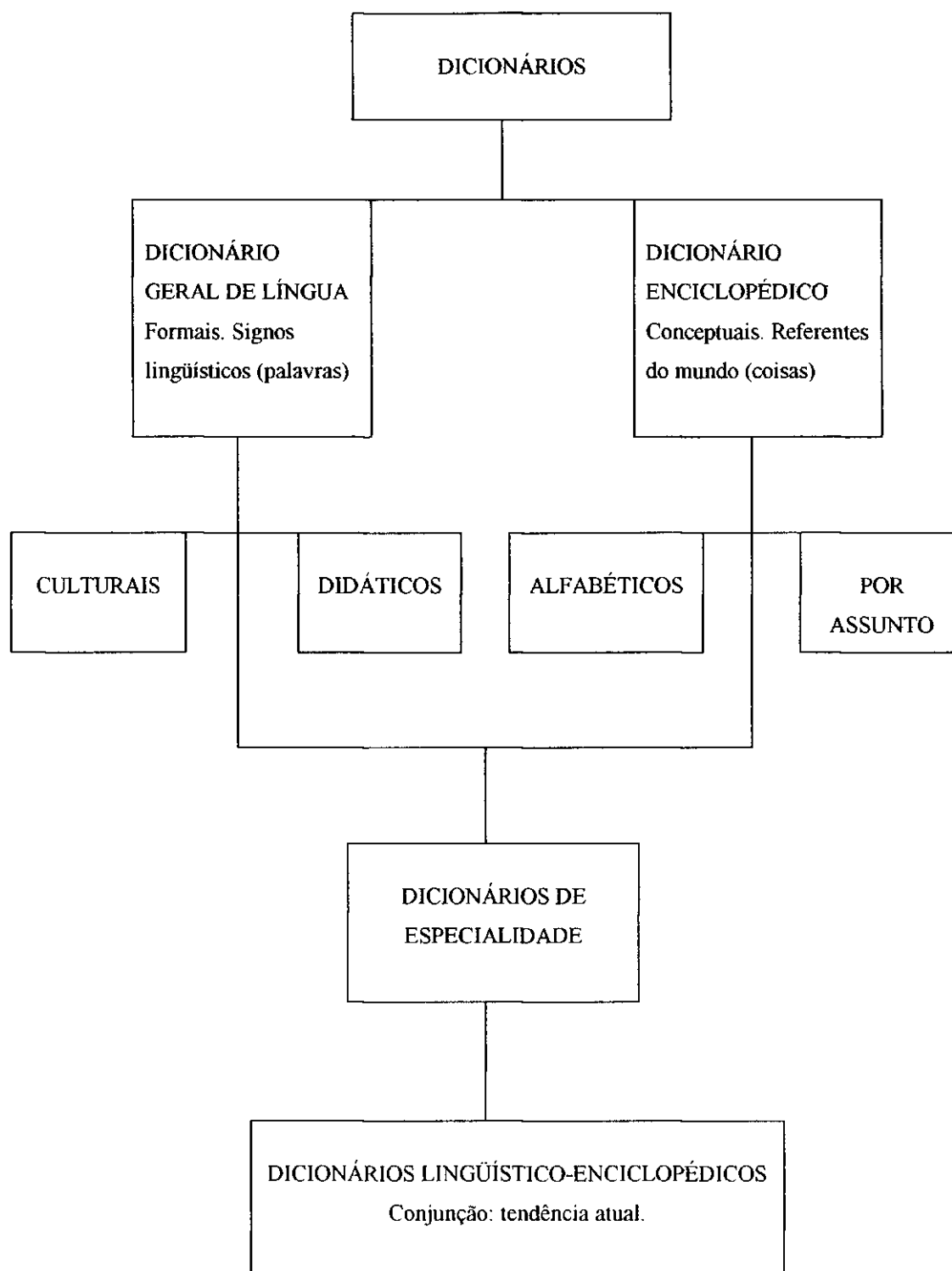


Fig. 3 - Esquema da tipologia de Vigner

O esquema de Vigner é bastante geral, pois considera apenas os critérios do caráter lingüístico, da seleção do léxico e das finalidades específicas do dicionário, sem indicar exemplos.

Rey-Debove (1971) afirma que os autores que fizeram tipologias de dicionários muitas vezes tomaram como objeto não os dicionários propriamente ditos, mas também léxicos, glossários, vocabulários etc. Na sua opinião, numa tal tipologia só deveriam ser considerados o que ela entende por 'dicionário'. Talvez essa decisão diminua a complexidade da classificação dos dicionários, mas quando se fala de obra lexicográfica ou de referência, todos esses tipos de obra estão incluídos.

Inicialmente, ela distingue as enciclopédias e os dicionários técnico-científicos dos dicionários lingüísticos. Os primeiros são obras que só apresentam informações de conteúdo sobre o signo a definir. Suas entradas são quase sempre nominais e sua microestrutura trata da *coisa nomeada*. Frequentemente apresentam ilustrações da coisa. Os dicionários lingüísticos são dicionários de língua que informam sobre o signo, excetuando-se o conteúdo, ou aqueles que informam sobre o conteúdo sem informar sobre a coisa, falando do signo em estado puro. Esse tipo de obra é bastante rara, pois quase todos os dicionários informam sobre a forma e conteúdo e às vezes inclui até informações extralingüísticas.

Rey-Debove (1984a, p.64), classifica os dicionários da seguinte maneira:

Pode-se considerar três tipos de dicionários se se leva em conta a informação sobre os signos ou sobre as coisas: o dicionário lingüístico, que só dá informações sobre os signos, com exclusão da definição (dicionário etimológico, por exemplo); a obra enciclopédica, que só dá informações sobre as coisas, incluindo a definição (dicionário técnico de eletricidade...), e o dicionário de língua, que dá informações sobre os signos, incluindo a definição. Esses três tipos se dividem em dois grupos: o dicionário geral, que trata de todos os signos duma língua dada ou de todas as coisas duma civilização; e o

dicionário especial, que só descreve um setor de uma ou da outra. O dicionário etimológico é um dicionário geral, e o dicionário de sinônimos, um dicionário especial

O dicionário de língua é um dicionário geral que nos fala do conjunto das palavras duma língua e que dá a definição delas. Sua nomenclatura apresenta, pois, todas as classes de palavra, geralmente com exceção dos nomes próprios, e indica-se a classe de palavra de cada entrada.

A enciclopédia é também um dicionário geral, mas que nos fala do conjunto das coisas duma civilização e que dá a definição delas (seu projeto de ser “universal” é afastado pela língua empregada e pelo sistema cultural que lhe está ligado).

Organizamos em uma tabela essa classificação de dicionários:

D I C I O N Á R I O S	DICIONÁRIOS GERAIS	DICIONÁRIOS LINGÜÍSTICOS + signos / com ou sem definições	ETIMOLÓGICOS
		OBRAS ENCICLOPÉDICAS + coisas / + definições / + nomes próprios.	TÉCNICO-CIENTÍFICOS
	+ signos		
	+ coisas	DICIONÁRIOS DE LÍNGUA + signos / + definições / - nomes próprios	MONOLÍNGÜES
			BILÍNGÜES
	+ nomes próprios		HISTÓRICOS
	DICIONÁRIOS ESPECIAIS ≈ signos/ ≈ coisas (parcial)	*DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS *DICIONÁRIOS DE VERBOS *DICIONÁRIO DE LINGÜÍSTICA	*DICIONÁRIO DE MEDICINA *DIC. DE ENGENHARIA *DIC. DE INFORMÁTICA

Tabela 5 – Classificação de dicionários segundo Rey-Debove

Biderman (1994)² apresenta uma outra sistematização, considerando apenas o critério da extensão da nomenclatura:

	Dicionário	Nomenclatura
1	dicionário geral ou <i>tesouro</i>	tenta abranger todo o léxico de uma língua
2	<i>dicionário padrão</i>	comporta em torno de 50.000 palavras-entrada
3	<i>dicionário escolar</i>	cifra aproximada de 15.000 a 30.000 vocábulos
4	<i>dicionário infantil</i>	compreende de 4.000 a 5.000 palavras.

Tabela 6 – Classificação de dicionários segundo Biderman

Propomos agora um esquema gráfico dos tipos de dicionários arrolados acima por Haensch. Sabemos que pode ter falhas, mas esperamos que possa contribuir por uma apresentação mais clara e concisa. Apresentamos também os critérios do autor em forma de tópicos.

² Cf. também Biderman, 1998d; 1997a.

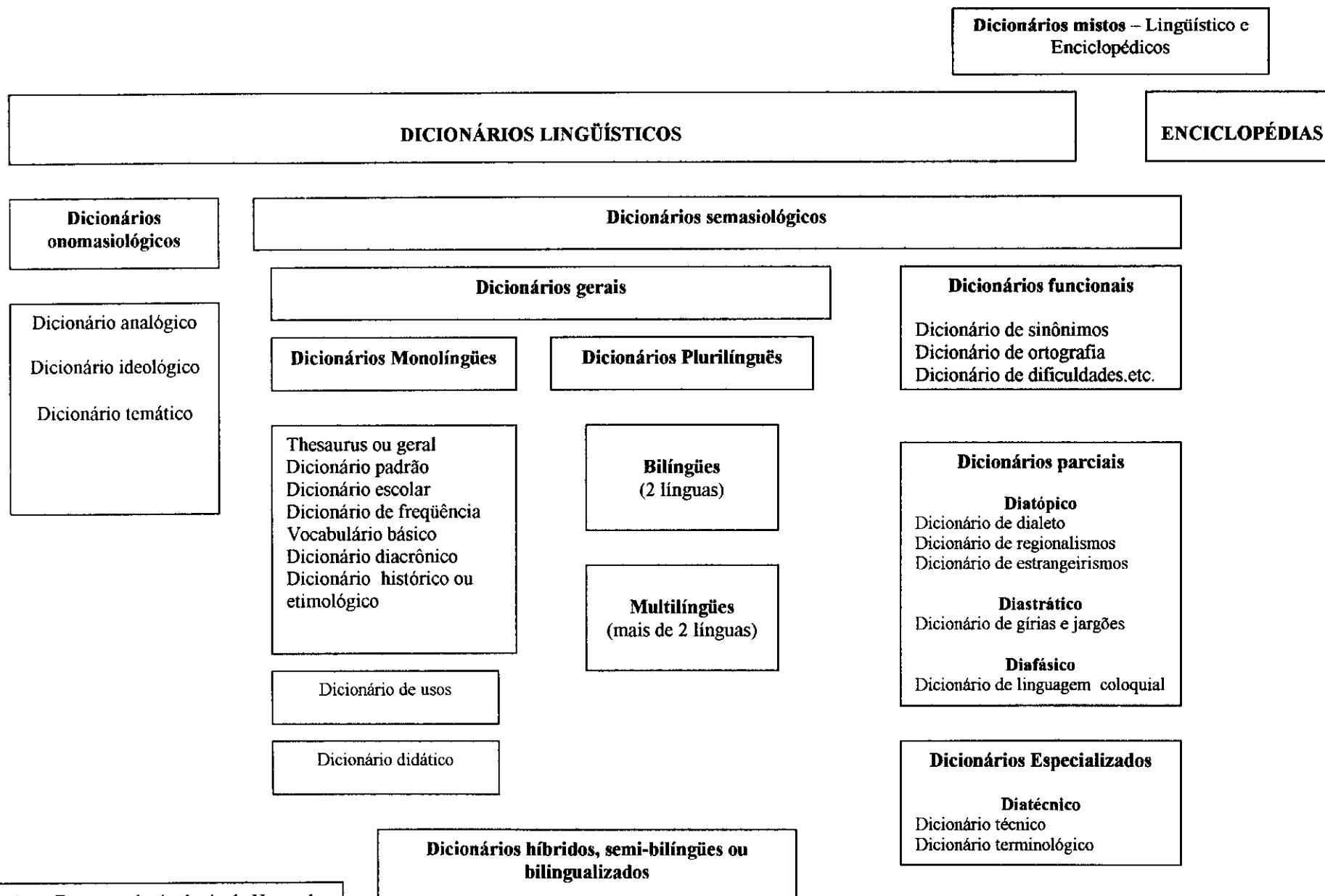


Fig. 4 a – Esquema da tipologia de Haensch

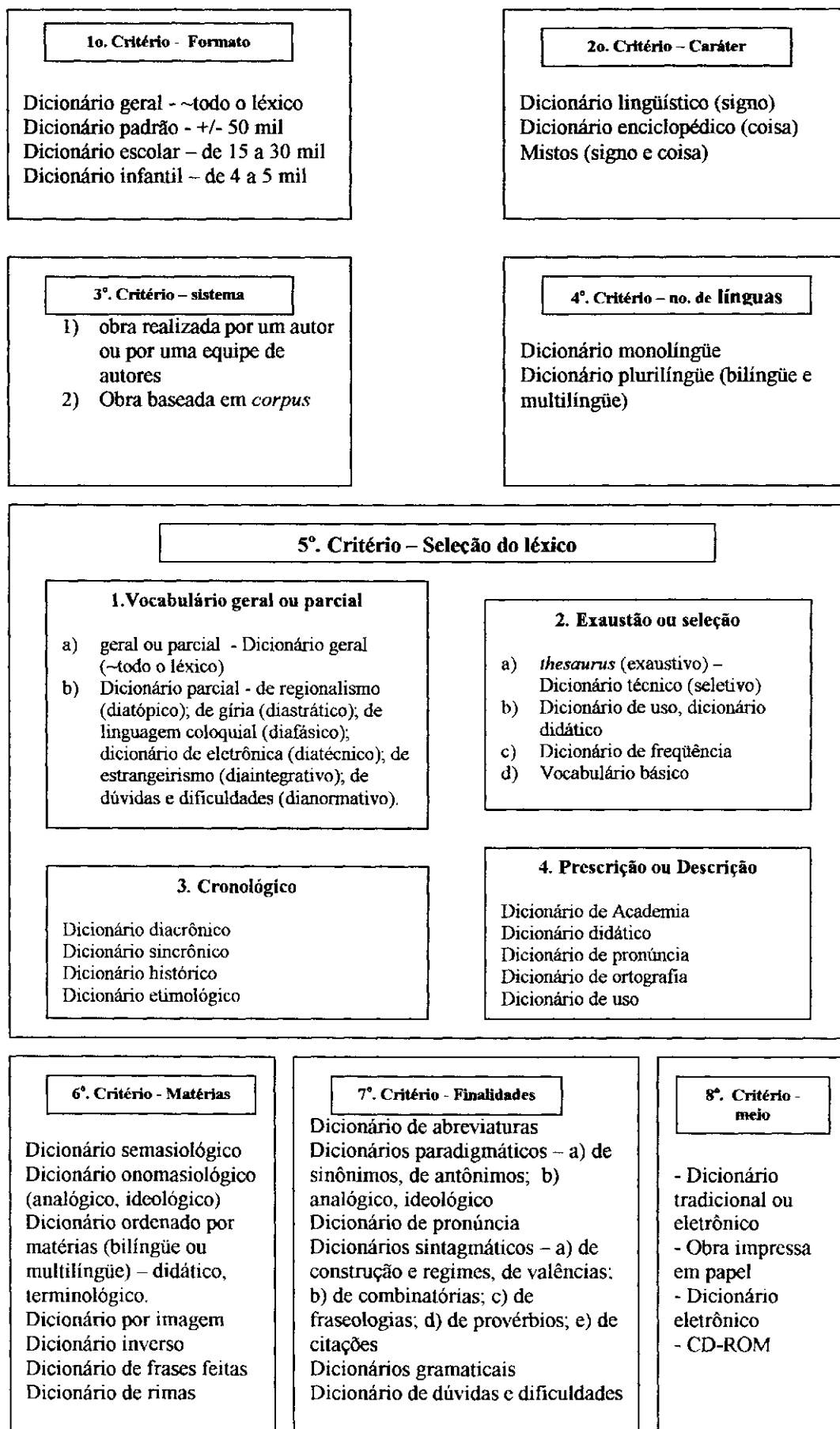


Fig. 4 b - Esquema da tipologia de Haensch

Todas as contribuições são importantes para a área da lexicografia. Percebe-se que cada uma delas baseia-se em princípios teóricos distintos. Somente com uma delimitação bastante acurada poder-se-ia fazer uma classificação incontestável de dicionários. De início, deve-se definir de que tipo de objeto se trata: dos dicionários ou das obras de referência em geral.

5. O DICIONÁRIO E A APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Neste capítulo, fazemos algumas considerações sobre a importância da aprendizagem de idiomas estrangeiros para a formação de um indivíduo e a necessidade de bons materiais, sobretudo do dicionário, para facilitar essa aprendizagem. Em seguida, apresentamos uma discussão sobre o DB no ensino da língua francesa. Procedemos a uma caracterização das obras analisadas e tratamos da importância do ensino do vocabulário relacionando com abordagens teóricas. Finalmente, analisamos alguns itens lexicais para demonstrar a necessidade de um bom dicionário para a aprendizagem da língua francesa.

5.1. A aprendizagem de uma língua estrangeira (LE)

Para a formação de um indivíduo, é importante que ele conheça a pluralidade cultural das civilizações. O conhecimento de uma LE possibilita contato com as diferenças culturais, sociais e ideológicas de outros povos e nações, o que leva à atenuação da discriminação e do preconceito (sobretudo do preconceito linguístico). O aprendiz de uma LE descobre que não há maneiras certas ou erradas de dizer as coisas, mas sim maneiras diferentes. Conhecendo o outro, o indivíduo passa a conhecer melhor a si mesmo, refletindo mais sobre suas crenças, costumes e sua própria língua. De acordo com o texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para língua estrangeira – PCN-LE - (BRASIL, 1997, p.3):

O distanciamento proporcionado pelo envolvimento no discurso por meio de uma língua diferente ajuda o aluno a aumentar sua autopercepção como ser humano e cidadão. Ao entender o outro e sua alteridade, por meio da aprendizagem de uma LE, ele aprende mais sobre si mesmo e sobre um mundo plural, marcado por valores culturais diferentes e maneiras diversas de organização política e social.

E mais adiante (p.17):

A aprendizagem de LE, como contribuição ao processo educacional como um todo, vai muito além da aquisição de um conjunto de habilidades lingüísticas. Leva a uma nova compreensão da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve uma maior consciência do funcionamento da própria LM. Ao mesmo tempo, ao desenvolver uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para aumentar a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações leva também ao desenvolvimento da compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto de nossa própria. Essa compreensão promove, ainda, a tolerância diante das diferenças de maneira de expressão e de comportamento.

A comparação entre línguas e culturas diferentes sempre leva a um crescimento lingüístico e cultural. Embora possa parecer simples para as pessoas leigas, é tarefa muito complexa codificar as equivalências entre duas línguas em um dicionário bilingüe. Essa comparação pode ser feita de maneira menos compromissada (mesmo em sala de aula), pelos professores, alunos e falantes da língua em geral, ou de maneira mais consciente, com base teórica, por pesquisadores e lexicógrafos.

É interessante que se estabeleça uma política de pluralismo lingüístico. Além da língua obrigatória, os alunos deveriam ser incentivados a estudarem outra(s) LE(s), pois:

A aprendizagem de uma LE, juntamente com a LM, é um direito de todo cidadão, conforme expresso na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e na Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos, publicada pelo Centro Internacional Escarré para Minorias Étnicas e Nações (CIEMEN) e pelo PEN – Club internacional.¹

Com relação à escolha da LE, é inegável a importância do inglês no mundo contemporâneo, principalmente por motivos de natureza político-econômica. Contudo, não são apenas esses motivos que devem ser levados em conta. Há vários motivos que levam um indivíduo a querer aprender uma LE, como vimos nos PCN-LE (BRASIL, 1997, p.6-7):

- a relevância da língua no contexto internacional como objeto de comunicação em todos os domínios (caso do inglês e, mais recentemente, do espanhol, sobretudo no MERCOSUL);
- a origem estrangeira – há muitas comunidades de imigrantes estabelecidas no Brasil (japoneses, árabes, alemães, italianos etc.);
- a importância da língua nas relações técnico-científicas e culturais, sua tradição (o francês, p.ex.);
- o relacionamento diplomático com o país da LE, entre outros.

É importante ressaltar que não existe uma língua mais expressiva do que a outra. Todas as línguas atendem eficientemente aos objetivos comunicativos da comunidade que a utiliza. Contudo, muitas vezes, surge no aprendiz uma “reação emocional” com relação a certas características da LE, que são percebidas como artificiais, inadequadas e até mesmo ridículas. É o caso, por exemplo, dos numerais em francês. Os aprendizes sempre questionam e ironizam as operações complexas realizadas para se dizer um número: 70 = *soixante-dix* (adiciona-se - 60 + 10); 80 = *quatre-vingts* (multiplica-se – 4 x 20); 91 = *quatre-vingt-onze* (multiplica-se e soma-se – 4 x 20 + 11).

¹ BRASIL, 1997, p.3.

As línguas não se utilizam dos mesmos mecanismos para designar as coisas. A origem justifica uma forma ou o uso atual de uma palavra, mas nem sempre as explicações são plausíveis para indivíduos de outras culturas. Certamente, um aprendiz de português encontrará dificuldade em compreender certos “modos de dizer” que são bastante familiares para os nativos dessa língua. Aprendendo uma LE, aprende-se também a aceitar e entender as diferenças.

Essa “reação emocional” deve ser revertida em favor da aprendizagem. Devem ser indicados e ressaltados os pontos de intersecção entre a língua materna (LM) e a LE e os pontos de oposição total.

Se num mesmo país, com uma única língua, encontram-se divergências na nomeação das coisas, no caso de dois idiomas distintos de países distantes, sem nenhum contato, há mais discordância ainda. No Brasil, por exemplo, há certos itens lexicais distintos que designam os mesmos referentes: *macaxeira*, *aipim* e *mandioca*; *abóbora* e *jerimum*; *mandioquinha*, *batata-baroa* e *mandioca-baroa*. Há divergências principalmente nas denominações de tradições locais como, por exemplo, a da festa do boi: *boi-bumbá*, *boi-calemba*, *boi-calumba*, *boi-de-mamão*, *boi-de-melão*, *boi-melão*, *boi-de-reis*, *boi-pintadinho*, *boi-surubi(m)*, *boizinho*, *bumba*, *bumba-boi*, *cavalo-marinho*, *rei-de-boi*, *reis-de-boi*, *reisado cearense* (Cf. verbete *bumba-meu-boi* no *Novo Aurélio*, 1996). Quanto mais relações houver com o mundo extralingüístico, mais discrepância haverá na denominação das coisas.

Além do objetivo lingüístico, do exercício intelectual na aprendizagem de um código diferente, a aprendizagem de uma LE cria uma abertura para o mundo, para uma outra cultura, proporcionando uma nova experiência de vida para o aprendiz. Este, de posse de tal conhecimento, passa a fazer parte de um mundo globalizado, passando a ter maior acesso à informação, obtendo, desse modo, mais oportunidades.

Citamos abaixo dois aspectos interessantes, se bem que o segundo é questionável, sobre a questão da LE no Brasil (BRASIL, 1997, p.37):

- por um lado, o Brasil é um país formado por povos de várias origens, muitos vivendo em comunidades que ainda usam seu idioma de origem (japoneses, alemães, italianos, árabes etc.). Poder-se-ia considerar, assim, o Brasil como multilíngüe, o que leva a crer que a aprendizagem de LE seria mais eficiente e rápida;
- por outro lado, o Brasil é um país cujo povo vive isolado em um monolinguísmo: há poucas oportunidades de se comunicar em LE. Muitos aprendizes ou falantes de uma LE não têm condições de conhecer outros países, ou mesmo não têm contato com estrangeiros, não têm acesso à internet, não assistem à TV a cabo, não lêem literatura estrangeira, enfim, não têm as condições ideais de ensino, nem como complementar o aprendizado fora do contexto da escola.

Desse modo, cabe ao professor e ao aprendiz se servirem dos recursos disponíveis, que são os métodos de ensino, os livros didáticos com exercícios, as gramáticas e os dicionários. O DB é citado nos PCN-LE (BRASIL, 1997, p.51) como um dos recursos principais que podem ser utilizados como apoio nas aulas de produção escrita em LE.

Como estratégia, o professor deve aproveitar também o conhecimento prévio do aprendiz para que ele aprenda a falar uma LE. Há três tipos de conhecimentos necessários para que um aprendiz venha a se comunicar em uma LE, segundo os PCN-LE (BRASIL, 1997, p.12):

1. conhecimentos sistêmicos (da estrutura de uma língua);
2. conhecimento de mundo (da cultura do povo que utiliza a língua);
3. conhecimento das rotinas interacionais (organização de textos).

O DB deve constituir um material auxiliar para os aprendizes adquirirem esses tipos de conhecimentos, sobretudo do primeiro e do segundo tipos. Além das informações lingüísticas em si, os DBs devem fornecer informações sobre o uso das unidades, indicando seu contexto sintático e situacional através de exemplos.

5.1.1. *O dicionário no ensino*

Um dicionário é, por um lado, uma lista de palavras com explicações (reflexo cultural, já que todas as palavras remetem a uma realidade social) e, por outro lado, uma ferramenta pedagógica que visa fornecer certas informações a um público determinando (Cf. CLAS, 1996).

Em meados dos anos 70, alguns pesquisadores como Rey-Debove, por exemplo, afirmavam que se aprendia uma língua estrangeira com uma gramática e com um dicionário. Atualmente, novas pesquisas concluíram que essa afirmação está ultrapassada. Não se pode aceitar essa afirmação se considerarmos as metodologias de ensino atuais, que pregam o ensino comunicativo das línguas, relegando ao esquecimento o método “gramática-tradução.”

Podemos, porém, reformular essa afirmação, já que consideramos o dicionário como uma obra auxiliar na aprendizagem. Uma língua está (ou deve estar) descrita nessas duas “instituições”, que são a gramática e o dicionário. O dicionário contém o léxico de uma língua, que é o conjunto dos elementos lingüísticos e das regras de formação de palavras de um idioma. A gramática indica como combinar esses elementos entre si. Ao considerarmos não os ‘objetos’ gramática e dicionário, mas as “entidades,” podemos dizer que um indivíduo só aprende uma língua, seja ela materna ou estrangeira, quando tem o

conhecimento de uma certa quantidade de elementos significativos e quando sabe utilizá-los dentro de uma estrutura própria dessa língua. O lugar ideal onde encontrar os elementos lexicais é o dicionário. Seu uso deve contribuir para a expansão do domínio desses elementos.

O dicionário é considerado, pela comunidade em geral, como uma autoridade da língua, o depositário da “verdade”. Todas as respostas buscadas nele não são questionadas pelos usuários, mesmo quando não estão satisfeitos com a consulta. O problema maior enfrentado pelos lexicógrafos é que se espera do dicionário que ele seja uma obra simplesmente perfeita. Não se admitem falhas no seu corpo, pois uma única falha compromete todo seu conjunto.

Para a maioria dos usuários de dicionários, a forma ou o conteúdo dessas obras são invariáveis, já que é considerado uma autoridade incontestável, até mesmo sagrada.

Kirkpatrick (1985) pronuncia-se sobre esse aspecto² e acrescenta que, atualmente, as pessoas leigas começam a perceber as distinções das obras, pois há grande divulgação.

As subdivisões e as criações cada vez mais aprimoradas de obras lexicográficas devem-se à demanda do público, que se mostra cada vez mais exigente. Além disso, ao nosso ver, esse progresso deve-se ao aperfeiçoamento dos estudos lexicográficos, que permitiu conhecer melhor o dicionário e os objetivos dos usuários.

Os dicionários são ferramentas familiares para qualquer estudante, seja de língua materna ou para o aprendiz de LE. Este pode recorrer ao dicionário bilíngüe quando quer descobrir ou verificar o sentido de uma palavra, sua ortografia e até sua pronúncia.

² *The idea that dictionaries might vary in any way from each other is as alien to these people as the idea that dictionaries ever change. For this reason do they refer not to dictionaries but to “the dictionary” in much the same way as they refer to “the Bible”.* (p.7)

O aprendiz pode, também, sobretudo no nível avançado, consultar os dicionários monolíngües, editados para locutores nativos ou para aprendizes de LE. No âmbito do ensino da língua francesa, o *Petit Robert* e o *Lexis* são provavelmente os mais satisfatórios, segundo Rey-Debove (1971), cuja opinião é compartilhada por Trévillle & Duquette (1996), com relação ao *Petit Robert*.

É interessante notar que, conforme Kirkpatrick (1985) afirma, além do uso habitual, há usuários (sobretudo de língua materna) que consultam o dicionário com outras finalidades, como a busca de uma informação para o lazer, como para palavras cruzadas e outros jogos que envolvam o conhecimento de palavras difíceis.³

Por outro lado, algumas verificações de pesquisas sobre o uso do dicionário, arroladas por Bogaards (1988-1) contradizem a idéia de que os dicionários são indispensáveis para os aprendizes de LE e que eles gostam de consultá-lo:

- a) os aprendizes não gostam de se servir de dicionários;
- b) muitas vezes, não sabem usá-lo;
- c) os dicionários constituem um “obstáculo indispensável”;
- d) uso do dicionário requer tempo;
- e) usuário precisa ter um bom nível de compreensão para aproveitar as informações do texto lexicográfico;
- f) os dicionários são textos de um tipo especial que exigem estratégias de leituras que sejam adequadas;

³ *Many native speakers purchase dictionaries for leisure purposes. They use them to help them solve crossword puzzles or to help them to confound their opponents in other word-puzzles, such as Scrabble. Dictionaries help them in their word battles. (p.8)*

- g) alguns consulentes, ao se depararem com verbetes muito extensos, costumam limitar-se à primeira acepção. Quanto mais longo o verbete, mais os equivalentes podem ser objeto de confusões;
- h) há vários tipos de confusão por ocasião da consulta: a classificação gramatical das palavras, traduções de verbos por substantivos {*je me couche* (eu me deito) por *la couche* (a camada)}, substantivos por adjetivos {*muet(te)* (mudo (a) por *une brotûre* (uma muda)} etc.

Sob a ótica pedagógica, vários temas de pesquisa relativos à utilidade do dicionário para a aquisição do vocabulário poderiam ser tratados. A melhor adequação do dicionário monolíngüe sobre o dicionário bilíngüe deveria ser demonstrada e comprovada. Os dicionários não deveriam ter apenas o papel de reparadores, de ‘solucionadores’ de problemas, mas deveriam ser integrados no quadro pedagógico.

De acordo com Rey-Debove (1971), o dicionário de língua é um léxico, uma gramática, uma semântica e um objeto sociocultural. Além de incluir as palavras da língua, sendo um objeto de discurso metalingüístico, o dicionário fornece informações gramaticais, apresenta informações sobre o conteúdo das palavras (definições) e atende às necessidades do vasto público.

Bogaards (1994) indica as condições necessárias para compor um **bom dicionário de aprendizagem** (monolíngüe ou bilíngüe). Apresentamos aqui apenas aquelas referentes aos dicionários bilíngües:

- 1) a nomenclatura deve ser adequada para o público;
- 2) as diferentes ULs devem ser tratadas e ilustradas num contexto bem escolhido;
- 3) as informações gramaticais devem ser claras e explícitas, sobretudo para a produção;

- 4) a) as definições, quando necessárias, devem ser claras, simples e completas, evitando a circularidade;
- b) as traduções devem ser mais desenvolvidas no sentido LE→LM e mais limitadas no sentido LM→LE.
- 5) a inclusão de remissões, relacionando os sentidos, devem ser abundantes.

5.2. O dicionário bilingüe

Discutiu-se muito sobre a origem dos dicionários. Alguns autores afirmam que as primeiras obras lexicográficas conhecidas da história das civilizações foram os dicionários bilingües. Boisson (1996) por sua vez, afirma que os dicionários monolíngües precederam os dicionários bilingües em várias culturas. As listas monolíngües aparecem aproximadamente em 3.300 a.C. Apresenta, então, vários exemplos das primeiras obras encontradas, conforme as regiões e os povos. Exemplifica com o caso do antigo Oriente: a Mesopotâmia, a Síria e o Egito. Deve-se aos sumérios a primeira escrita conhecida, assim como as primeiras “listas lexicais”. Nessa época, o ensino se dava por meio da memorização e da cópia de listas de palavras.

No entanto, não é importante discutirmos quem veio primeiro, pois não analisamos, neste estudo, o aspecto cronológico dos dicionários. O que nos interessa aqui é demonstrar a primazia do dicionário sincronicamente, tanto do monolíngüe quanto do bilingüe.

É necessário descrever essa obra tão antiga e sólida, que pode agora beneficiar-se dos estudos que vêm sendo realizados em Lexicografia e Lexicologia e do avanço tecnológico que produz materiais muito bons para auxiliar no trabalho do lexicógrafo.

Para Cabré & Gelpí (1996), o dicionário bilingüe é o tipo de obra que contém duas línguas históricas, no qual as palavras da língua-fonte são acompanhadas de seus equivalentes na língua-alvo, cujo principal objetivo é coordenar as unidades lexicais de duas línguas, entre as quais existe uma equivalência na significação. Além desse objetivo, os DBs têm muitos outros, determinados pelo desenvolvimento da sociedade: são fundamentais na aprendizagem de línguas desde o ensino básico até a universidade; são úteis como apoio para a comunicação em línguas estrangeiras, no mundo comercial e na administração pública; indispensáveis para os tradutores e intérpretes.

Nos parágrafos que seguem, caracterizamos as obras bilingües aproveitando a contribuição de Marengo (1996). Para Marengo, o dicionário bilingüe é uma obra na qual as expressões de uma língua-fonte são traduzidas em uma língua-alvo. O que cria a necessidade do DB é a razão pela qual duas línguas são colocadas em contato – a comunicação, pela tradução, entre duas comunidades que não compartilham da mesma língua.

A autora menciona a bipartição dos DBs. Estes são, geralmente, construídos em duas partes: na primeira, a língua-fonte é a materna e a língua-alvo é a estrangeira; na segunda, a língua-fonte é a estrangeira e a alvo é a materna. Questiona qual parte deve preceder a outra. Observa que, na maioria dos casos, é a parte língua estrangeira → língua materna que precede a outra, talvez para facilitar o uso mais corrente do dicionário que é a decodificação – tradução da palavra desconhecida.

Nos DBs gerais, as duas partes não são da mesma extensão. Normalmente, a parte de tradução da língua estrangeira para a materna apresenta nomenclatura mais extensa, enquanto que, na parte de tradução da língua materna para a estrangeira, os verbetes são mais extensos.

Quanto à macroestrutura, pode-se dizer que uma classificação dos DBs não se distingue daquela dos monolíngües, ou seja, os dicionários-padrão, gerais, escolares, minidicionários, podem tanto ser monolíngües quanto bilíngües.

Os DBs gerais são, para Marello (*op. cit.*), dicionários escolares por excelência, geralmente com duas partes reunidas em um único volume, com mais ou menos entre 1600 e 2200 páginas. Na parte LM→LE, a macroestrutura é formada por um léxico central, enriquecido com um certo número de termos técnicos e arcaísmos, além de certos nomes próprios inseridos na nomenclatura ou em listas no final da obra. Na parte LE→LM, as palavras apresentam aspectos típicos da civilização.

Os DBs concisos compreendem aproximadamente 1000 páginas. Seu público alvo tem necessidades práticas de comunicação. Sua macroestrutura não inclui arcaísmos. O número de termos técnicos é reduzido e as glosas são mais breves. Há menos equivalentes e exemplos.

Os DBs de bolso são os mais vendidos. Têm entre 400 e 600 páginas. São elaborados para viagem. Anteriormente eram bastante medíocres, mas atualmente são melhor elaborados para atender às necessidades de seu público.

Embora a macroestrutura de um dicionário bilíngüe especializado seja bastante reduzida em relação aos gerais, ela contém unidades que esses não contêm. Os lemas que compõem as entradas são, geralmente, substantivos. A microestrutura desses DBs de especialidades não comporta, normalmente, informações gramaticais ou exemplos traduzidos, mas somente colocações e os contextos mais correntes da palavra entrada.

Recentemente surgiram os dicionários fraseológicos especializados bilíngües. Entre os dicionários especializados, há também os dicionários de falsos amigos (falsos cognatos).

As obras semasiológicas partem da forma do signo para chegar ao conteúdo, o significado. A maioria dos DBs que organizam suas entradas em ordem alfabética são semasiológicos. Aqueles que partem do sentido para a forma são os onomasiológicos.

Quanto à microestrutura, os dicionários diferem principalmente na maneira de apresentar o verbete. A Lexicografia Bilingüe sempre teve interesse em reduzir o tamanho dos verbetes, sem perder em qualidade. A microestrutura de um dicionário bilíngüe deve fornecer um mínimo de contextos, próximos aos equivalentes, que são seguidos de uma seção sintagmática detalhada.

Estudos experimentais sobre o emprego dos dicionários bilíngües provaram que o usuário médio não pesquisa até o final do verbete para encontrar um equivalente mais adequado. Quanto mais longo o verbete, mais os equivalentes podem ser objeto de confusões. Contando que o usuário estará sempre apressado, é primordial estabelecer uma ordem adequada das significações.

Com o objetivo de conquistar novos mercados e para melhor servir os usuários, os editores passaram também a publicar dicionários híbridos ou semi-bilíngües, com características dos DBs e dos monolíngües. Os dicionários que ilustram esse tipo oferecem traduções, mas descrevem também as duas línguas colocadas em contato.

De acordo com Humblé (2001), a elaboração de dicionários bilingualizados (ou semi-bilíngües) é um fenômeno recentemente introduzido na Lexicografia Bilingüe. Esse tipo de obra é, ao mesmo tempo, um dicionário pedagógico e bilíngüe, pois as informações incluídas em duas línguas são adaptadas para usuários aprendizes de língua estrangeira. As definições são feitas em LM e acrescenta-se a equivalência em LE, geralmente destacada. Há outras formas híbridas em que as definições são feitas nas duas línguas. A maioria dos

dicionários encontrados desse tipo tratam da língua inglesa, como por exemplo, o *Longman English dictionary for Portuguese speakers*. Muitas vezes, trata-se da tradução de um dicionário monolíngüe para aprendizes.

Os dicionários monolíngües bilingualizados têm por objetivo inutilizar a oposição entre o uso do monolíngüe de LE (útil e recomendado pelos professores) e o uso do bilíngüe (preferido pelos estudantes devido a sua praticidade). No que concerne a codificação, o DB é mais útil para os usuários de nível básico. Os usuários de nível médio ou avançado obtêm mais resultados com o dicionário semi-bilíngüe. Na nossa opinião, cremos que seria muito interessante se tivéssemos obras disponíveis desse tipo, que contemplassem o português e o francês.

Nas suas conclusões, Marelló (*op. cit.*) afirma que o tipo de DB mais comum até o momento, o dicionário geral bipartido, bidirecional e impresso, continuará sendo, por muito tempo, o mais divulgado.

Haensch (1982b), por sua vez, trata dos DBs acrescentando outras perspectivas. Para ele, um dos maiores problemas dos DBs é que eles pretendem cumprir duas missões: servir para a compreensão de enunciados (textos) da língua-fonte e auxiliar na produção de enunciados na língua-alvo. O ideal seria a existência de duas obras diferentes, cada uma direcionada a um público específico.

Na parte introdutória de um DB, além das instruções de uso, deve haver uma introdução à pronúncia e à gramática das duas línguas. A lematização, subdivisão de entradas, o tratamento da polissemia e da homonímia, bem como as indicações fonéticas, ortográficas, gramaticais e as indicações de uso, são essencialmente as mesmas dos dicionários monolíngües. Os DBs não costumam indicar as relações paradigmáticas, como os antônimos.

A Lexicografia Bilíngüe deve recolher todos os equivalentes de tradução de um lema na língua de destino, com todas as possíveis acepções, usos, combinatórias, modismos, que correspondam ao lema na língua-fonte. Quando não houver equivalente para um lema ou expressão, deve-se recorrer à paráfrase ou às definições. Cada parte do DB constitui dois trabalhos distintos.

Na busca de equivalentes adequados na língua de destino, podem surgir certos problemas:

- a) a uma lexia simples da língua de origem pode corresponder a uma lexia complexa;
- b) um lema não se traduz por uma palavra pertencente à mesma categoria gramatical;
- c) interjeições e UL exclamativas dependem do contexto para fornecer uma acepção;
- d) um lema pode ter significado concreto ou abstrato e este pode não ter correspondente na outra língua;
- e) na busca de equivalentes para modismos e frases feitas deve-se ter um conhecimento muito grande das duas línguas;
- f) os falsos cognatos devem receber atenção especial;
- g) a equivalência quanto à conotação e à denotação nem sempre é exata;
- h) distinção de acepções (siglas e símbolos previstos, além de explicações complementares).

Também nos DBs, o contexto das ULs deve ser sempre considerado. Às vezes, uma UL usada fora de um contexto tem uma tradução totalmente inusitada.

Nos DBs, de acordo com Rey-Debove (1970), a sinonímia é utilizada na microestrutura. Há uma dupla de significados distintos que é colocada lado a lado, como por exemplo – *banque* / *banco*. Os DBs apresentam também outras informações sobre o signo e há uma retomada do que se acabou de enunciar sob

uma outra forma, mas que não é mais analítica que a anterior. As obras bilíngües requerem uma apresentação tipográfica mais econômica e ao mesmo tempo bastante descritiva. Nos DBs, convém apresentar os equivalentes das ULs de um nível no mesmo nível na língua-alvo. Isso seria melhor realizado com a colaboração de falantes nativos das duas línguas em confronto.

Os termos proibidos, os tabus, bem como as unidades de registro coloquial (familiar), popular, figurado etc., devem ser traduzidos por palavras e frases que correspondam ao seu sentido e ao nível lingüístico de uso. Não se deve fornecer como equivalente, por exemplo, uma palavra grosseira a uma outra culta.

Como já observamos, na Lexicografia brasileira há uma carência grande quando se trata dos dicionários bilíngües publicados em francês/português. Algumas obras disponíveis que contrapõem o francês e o português foram elaboradas em Portugal. As poucas obras que temos não são adequadas. As obras não se renovam num ritmo adequado, sendo reimpressas sem revisão, sem reedição e correções. Além de tudo, são de conteúdo muito restrito, os minidicionários contêm pouco mais de 15.000 verbetes em cada direção, o que quase sempre não atende às necessidades dos usuários.

Uma regra que deve prevalecer é a noção de relevância. Assim, quanto mais específico for o conjunto, ou seja, quanto menor a obra, mais se deve cuidar para que os lemas selecionados sejam os vocábulos mais freqüentes e necessários da língua. No *Pequeno Dicionário Michaelis francês/português e português-francês*, a ausência de *souvent*, por exemplo, um advérbio que significa 'freqüentemente', é uma falha grave nesse sentido.

5.3. Caracterização das obras analisadas

Para descrever uma obra não basta contar com as informações obtidas através de seus prefácios e introduções. É preciso também recorrer a outros recursos, quais sejam: às análises quantitativas e qualitativas da obra.

Rey-Debove (1970) afirma que, no prefácio dos dicionários, nem sempre encontramos uma informação correta em relação ao número de entradas. A causa disso é uma sistematização falha do objeto estudado, confundindo entrada e palavra, por isso muitas vezes são indicados números fabulosos que numa análise mais acurada são desmentidos.

Os DBs da língua francesa utilizados são: *Grande dictionário de francês-português e português-francês* (Bertrand, 1989) - DDA; *Dicionário brasileiro francês-português / português-francês*, (Oficina de Textos, 1998) - DBB e *Minidicionário francês-português / português-francês* (Ática, 1999) - MBA, *Dictionnaire Larousse (Collection Apollo)* (Larousse, 1991) - DLA. Provavelmente são os mais comuns entre os estudantes, por diversos motivos: devido ao formato, à publicidade, ao preço mais reduzido e por serem facilmente encontrados nas livrarias e bibliotecas escolares.

Conforme a classificação dos dicionários, os citados acima são dicionários de língua geral, do tipo escolar e bilíngües. Suas nomenclaturas variam em extensão, mas são similares, de certo modo, pois se tratam de obras usadas com os mesmos fins. Considerando as duas direções – LE → LM e LM → LE, o DDA parece apresentar em torno de 100.000⁴; o DBB apresenta mais de 40.000 verbetes; o DLA, 45.000 palavras e expressões; o MBA não indica a extensão de sua nomenclatura, mas calculamos que não ultrapasse a cifra dos 20.000 verbetes, de acordo com suas dimensões. Dois dicionários bilíngües, o DBB e o DLA,

⁴ Consideramos aqui um cálculo aproximado da soma das duas partes.

talvez não apresentem realmente a referida cifra, dadas as suas proporções. Além disso, não fica claro quais unidades estão sendo consideradas: somente as entradas, as subentradas, as expressões no interior do verbete, ou seja, as lexias simples e complexas.

O DDA apresenta apenas um prefácio à quarta edição, escrito por Vitorino Nemésio, onde são tecidos somente elogios, não descrevendo a obra no que é necessário. Uma contribuição importante dessa obra, para os aprendizes, é que ela apresenta, além da pronúncia da palavra (por meio de uma transliteração)⁵, indicações de como devem ser feitas as elisões nas frases. Apresenta também equivalentes no nível paradigmático.

No DBB há uma apresentação sucinta, expondo a sua organização. Nessa obra, utiliza-se o português do Brasil. O primeiro ponto tratado é a entrada, que se inicia com a palavra-entrada, seguida da indicação da categoria gramatical. A forma feminina e o plural são apresentados quando necessário. Não há transcrição fonética, apenas indicações quando a pronúncia foge ao padrão, em alfabeto comum. Na sequência, vem a tradução ou a definição (quando necessária). Se existirem várias acepções, estas serão separadas por ponto-e-vírgula, sinônimos, por vírgula. Em seguida encontram-se os exemplos. São tratados ainda a separação silábica em francês e o uso do **h**. A ortografia adotada segue as normas publicadas em 06/12/90, no Diário Oficial da França. Finalmente, é inserido, no final da obra, um quadro de conjugação de verbos franceses.

O DLA apresenta um prefácio nas duas línguas, indicando seu programa operacional. O discurso do autor é bem próprio do discurso publicitário, afirmando que o consulente encontrará **todas** as indicações necessárias para traduzir, pronunciar e construir corretamente. Nos verbetes, são indicadas as

⁵ não faz uso do Alfabeto Fonético Internacional.

diferentes acepções através de explicações e com exemplos. Quanto aos verbos, há um resumo gramatical que contém explicações, alistando os irregulares em ordem alfabética nas duas línguas. Para a pronúncia, é adotado um sistema simples, usando o alfabeto ordinário mais alguns símbolos especiais (para pronúncia de Portugal). Há uma curiosidade nessa obra: o agrupamento de palavras de mesma raiz (mesmo que falsa) num só verbete - ex.:

sou||ple adj. — flexível. Fig. Servil. *||plesse* s.f. — Flexibilidade. Fig. Subserviência.

Essa característica pode ter atendido aos problemas de espaço, porém didaticamente é prejudicial, dado que, muitas vezes, o consulente desiste de procurar um item por não o encontrar na entrada principal.

O MBA, assim como o DBB, é uma obra destinada aos brasileiros, uma vez que nas traduções ressaltaram-se as variantes da fala brasileira. Na sua introdução há uma apresentação, um roteiro dos sinais gráficos empregados na obra, uma tabela sobre a pronúncia e transcrição fonética, informações sobre a separação silábica em francês e uma lista de abreviaturas. No final da obra há uma lista de alguns falsos cognatos. Na apresentação, há uma descrição detalhada da entrada, que vem separada em sílabas, seguida da transcrição fonética (Alfabeto Fonético Internacional), da classificação gramatical, e das acepções numeradas e apresentadas em ordem de uso. Quando não há tradução, faz-se uma explicação. Os exemplos ajudam a esclarecer os sentidos das palavras. As locuções e expressões vêm em ordem alfabética, após as acepções. As flexões de número e gênero são acrescentadas na entrada, quando necessário. Quando as acepções de um verbete forem completamente diferentes, o autor optou por separá-las em verbetes distintos numerados, dando tratamento homonímico à sua obra.

5.4. O vocabulário e a aprendizagem

No seu livro que trata do ensino do vocabulário, Bogaards (1994) descreve o percurso das preferências dos pesquisadores, que a cada fase da história davam primazia ao estudo de um sistema lingüístico e de uma parcela do léxico. Antes da década de 70, o vocabulário era considerado o ‘parente pobre’ da didática e do ensino da LE. Laufer (1986⁶ *apud* Bogaards, 1994) propõe três níveis de explicações:

- 1) os lingüistas davam preferência aos sistemas fechados - os estruturalistas, gerativistas, sintaticistas e os fonologistas;
- 2) a psicologia, cuja teoria dominante era o behaviorismo, praticava um duplo movimento que chegava a um resultado único: a) os especialistas buscavam legitimar as suas atividades científicas baseado-se em objetos concretos; b) os pesquisadores voltavam-se com frequência aos primeiros estágios de aprendizagem como domínio de predileção das aquisições estruturais;
- 3) no ensino, os professores de segunda língua (L2) queriam idéias modernas, buscando ensinar regras de funcionamento ao invés de palavras.

A partir da metade da década de 80, iniciou-se uma reação para ressaltar a importância do vocabulário no quadro da aprendizagem e do emprego das LE. Nessa época, percebeu-se que, para atender às necessidades de um ensino das LE mais comunicativo, o léxico deveria ocupar um lugar mais importante no ensino das línguas. Por esse motivo, várias obras passaram a ser publicadas sobre os principais dados necessários para elaborar uma pedagogia apropriada dos conhecimentos lexicais.

⁶ LAUFER, B. Possible changes in attitude towards vocabulary acquisition research. *IRAL* 24, 1986, P. 69-75.

O DB tem papéis diferentes também com relação ao tipo de abordagem de ensino adotado. Atualmente, a abordagem comunicativa para o ensino de LE tem tido um grande alcance, o que nos leva a concluir que são necessárias obras lexicográficas que contemplem essa abordagem. No entanto, no contexto das abordagens comunicativas, segundo afirmam Tréville & Duquette (1996), o estudo sistemático do vocabulário não tem um lugar claramente definido.

Por muito tempo o vocabulário ficou em segundo plano. Para muitos autores de manuais pedagógicos, o vocabulário tem apenas um papel de acessório; eles se apóiam numa premissa discutível de que o vocabulário se aprende de modo fácil e natural, sem esforço, e que não precisa ser ensinado. Um ensino sistemático do vocabulário se impõe em complemento às atividades comunicativas. Portanto, uma ação pedagógica é pertinente.

Galisson (1981⁷ *apud* Bogaards, 1994) afirma que é um desafio falar de ensino de vocabulários, o ideal é ensinar a aprendê-los. Essa opinião é compartilhada por muitos outros autores. Mas ensinar a aprendê-los não depende apenas de estratégias e técnicas, mas também de bons dicionários.

Como a aprendizagem de línguas estrangeiras vem sendo integrada cada vez mais à educação básica dos indivíduos, é importante que, na mesma proporção, vários estudos teóricos e práticos sejam realizados. Materiais, métodos e técnicas devem ser analisados com o intuito de tornar essa aprendizagem eficiente e rápida. No entanto, ainda há poucas pesquisas sobre um objeto muito importante na aprendizagem da língua: o dicionário.

Nessa circunstância, apresentamos uma discussão sobre o uso do dicionário bilíngüe (DB) no ensino da língua francesa, através de exemplificações de verbetes de três DBs usados com frequência entre os aprendizes: o DLA, o DBB

⁷ GALISSON, R. *Approches communicatives et acquisitions des vocabulaires (du concordancier à l'auto-dictionnaire personnalisé)*. *Bulletin CILA* 34. 1981, p. 13-49.

e o MBA. Indicamos as inadequações que poderiam perturbar a aprendizagem quando o consulente ainda é inexperiente.

Alguns verbetes serão analisados e comparados nos três dicionários, com a finalidade de verificar qualitativamente qual deles estaria cumprindo melhor sua função. Por certo, aquele que descreve melhor o léxico é o mais indicado para os aprendizes. Também é tarefa dos professores orientar seus alunos para torná-los mais atentos e mais críticos com relação às inadequações dos dicionários.

As imprecisões, incoerências e lacunas freqüentemente encontradas nos dicionários constituem um obstáculo para a aprendizagem. Discutiremos a seguir o uso do DB como auxiliar na aprendizagem da língua francesa. O bom usuário deve sempre consultar sua apresentação, prefácio ou introdução.

A aquisição do léxico de uma língua se dá de forma diferente quando se trata da aprendizagem de uma língua estrangeira (LE). Na língua materna (LM), os integrantes da comunidade lingüística estão inseridos numa situação concreta de comunicação e imersão, o que facilita a aquisição lexical. A aquisição é mais rápida, inclusive das nuances que as palavras adquirem, de acordo com as variantes diafásicas, diastráticas e diatópicas.

Segundo Rey-Debove (1984a), a aprendizagem de uma língua ocorre de duas formas: a natural (por tentativas sucessivas de comunicação) e a artificial e metalingüística (pela consulta e o estudo de duas obras descritivas da língua - a gramática e o dicionário).

A competência lexical de um indivíduo estará sempre sendo complementada e nunca será completa e suficiente para a comunicação na sua própria língua. Na aprendizagem de línguas, os conhecimentos gramaticais são logo adquiridos, mas os lexicais nunca param de ser assimilados.

Os DBs diferem dos dicionários monolíngües sobretudo porque, por um lado, enquanto o dicionário monolíngüe (DM) trata de um único código lingüístico, que é esclarecido através de outros elementos mais simples (a definição), o DB coloca em equivalência dois códigos diferentes, de duas línguas, buscando um sinônimo para expressar numa língua o que estava expresso na outra. Além do mais, enquanto o DM é mais útil por apresentar as palavras mais raras, menos conhecidas da língua, o DB deve apresentar as palavras mais freqüentes da língua estrangeira, pois são elas as mais visadas pelos aprendizes.

Cada tipo de dicionário, o monolíngüe de LE e o DB, pode apresentar resultados diferentes na aprendizagem. Dependendo do objetivo visado, há vantagens e desvantagens no seu uso. A preferência dos estudantes e dos educadores em relação aos dois tipos nem sempre é a mesma. Os aprendizes julgam mais adequado o DB, já que ele fornece o equivalente na sua LM, o que torna mais fácil sua compreensão. Já os educadores, muitas vezes aconselham o uso dos DMs, por apresentarem menos imperfeições, como as que ocorrem nos DBs, favorecendo, assim, o aumento do vocabulário do consulente, através de suas definições. Mas essa escolha depende também do nível de aprendizagem do estudante.

Por um lado, o DM apresenta a vantagem de fornecer informações mais completas sobre as estruturas lexicais e morfológicas da língua. Por outro, como ele não está adaptado a nenhuma língua particular, o aprendiz se defronta com os problemas dos falsos cognatos, sendo pois a falta de contrastividade um dos seus maiores inconvenientes.

Outra inadequação do monolíngüe são as definições complexas de objetos simples, obrigando o usuário a consultar vários outros verbetes para decodificar as palavras empregadas na definição inicial, caindo na circularidade. Além disso, um monolíngüe não ajuda na produção em LE, já que o usuário não tem como

encontrar uma palavra cuja forma não conhece, e mesmo usando remissões, ainda terá dúvidas quanto à correspondência mais adequada entre as duas línguas.

Os DBs são usados como instrumentos práticos, funcionais, auxiliares nas traduções, seja nas tarefas de decodificação ou de codificação. Assim, o usuário deve julgar um dicionário pelas respostas que obtém ao consultar material apropriado. Alguns aprendizes, ao se depararem com verbetes muito extensos, costumam limitar-se à primeira acepção, ignorando freqüentemente as informações adequadas àquele contexto.

Os dicionários, essencialmente os bilíngües, devem proporcionar uma satisfação imediata. Um dos motivos da insatisfação de muitos consulentes é justamente o fato de não saber como usá-lo, como retirar da obra a informação visada.

Não se deve negligenciar o papel do consulente na avaliação de uma obra. Muitos dicionários, embora apresentem uma boa qualidade, não são explorados corretamente. É importante, então, que o usuário tenha um preparo, para que ele saiba aproveitar todos os recursos do texto lexicográfico.

Um bom usuário, ou o “usuário ideal”, deveria, antes de mais nada, fazer um estudo prévio de seus objetivos: qual seu nível de conhecimento da língua, qual o nível de linguagem do dicionário, se a linguagem é de especialidade ou geral, a extensão do vocabulário com o qual terá contato. Há que se considerar também outros aspectos mais práticos, como o valor em dinheiro de que dispõe para a aquisição da obra, seu formato e até mesmo a preferência pela obra em papel ou digital.

Verificando os textos de manuais didáticos da língua francesa, percebemos que há alguns itens que causam maior dificuldade no aprendizado, sobretudo porque sua equivalência com o português não é direta, ou porque apresentam certas dificuldades que não são descritas nos manuais e nos dicionários.

Selecionamos uma amostra de uma parcela do vocabulário da língua francesa para demonstrar que a equivalência entre unidades de línguas estrangeiras é bastante complexa, o que acarreta grandes dificuldades na elaboração de uma obra lexicográfica bilíngüe e, em consequência, na aprendizagem.

Procuramos demonstrar nas três obras consultadas, por meio da comparação de cada verbete, diferentes tipos de problemas: unidades bastante polissêmicas nas duas línguas, unidades polissêmicas apenas em uma língua, unidades com fronteiras semânticas diferentes nas duas línguas, falsos cognatos, unidades sem correspondente lexical, que necessitam de uma definição, unidades com acepções diferentes conforme o número, gênero ou classe gramatical, unidades consideradas tabus, termos técnicos. Por meio da comparação dos verbetes nos três dicionários, buscamos verificar qualitativamente qual deles estaria cumprindo melhor sua função na tradução e principalmente na aprendizagem.

As unidades escolhidas, tiradas de manuais didáticos, procuraram representar a necessidade e a curiosidade dos aprendizes iniciantes em LE. Escolhemos as classes de maior conteúdo semântico (e não as de conteúdo gramatical, que apresentam outras dificuldades):

champ/‘campo’; *tour*/‘torre’; *serviette*/‘toalha’; *an-année*/‘ano’,
échelle-escalier/‘escada’, *emprunt-prêt*/ ‘empréstimo’, *enceinte-gravide*/
 ‘grávida-prenhe’, *chance*/‘chance’, *baccalauréat*/~, *arrondissement*/~,
parole-paroles /‘palavra-letra de música’, *plan-plan(e)*/‘plano-plano(a)’,
baiser/‘beijo-transar’, *informatique*/ ‘computação’-‘informática’,
ordinateur/ ‘computador’.

Nos três DBs consultados, o item lexical *champ* compõe um único verbete. É uma palavra polissêmica. A palavra equivalente ‘campo’ é também polissêmica em língua portuguesa, podendo significar principalmente: a) qualquer terreno aberto com vegetação ou não; b) local afastado da cidade (em oposição à

cidade); c) local para prática de esportes; d) domínio, área; e) local ao redor de um corpo elétrico; f) campo militar (acampamento) etc. As acepções correspondentes em francês, de um modo sucinto, seriam respectivamente: a) *champ, plaine, pré*; b) *campagne*; c) *terrain (de football, de tennis)*; d) *domaine*; e) *champ (électrique, magnétique)*; f) *camp*. Observamos que no DLA e no DBB há apenas a acepção ‘campo’ (que recobre os sentidos de *champ*), seguida de expressões e locuções. O MBA, por sua vez, apresenta cinco acepções, especificando cada sentido do item francês. Inclui ainda várias expressões. Notamos que os três DBs apresentam expressões em comum, como *à tout bout de champ*, por exemplo, mas as traduções não são idênticas. É necessário que essas estruturas sejam incluídas nos verbetes. Outra observação importante é a presença de expressões no DLA pouco usuais no Brasil, correspondentes a variantes lusitanas, que dificilmente seriam decodificadas pela maioria dos aprendizes. O dicionário que menos se aproximou das informações desejáveis em relação a este verbete foi o DLA.

Tour é um item lexical bastante complexo. Por um lado é homonímico, já que pode ser um substantivo feminino ‘torre’ ou masculino ‘volta, contorno, vez, giro, passeio, turno, aspecto / torno’, sendo polissêmico, nesse caso. O DLA apresenta todas as suas acepções em um único verbete, mesmo no caso de ‘torre’. O DBB organiza dois verbetes, separando a acepção ‘torre’. O MBA distribui o item em três verbetes, o substantivo feminino, e dois masculinos, separando a acepção de ‘torno’. Este DB é o que apresenta maior número de expressões e exemplos, o que é natural para uma palavra com tantos significados.

O tratamento do item *serviette* nos DBs é bastante divergente. O DLA apresenta três acepções, com um contexto, mas sem exemplificações. O DBB apresenta, além das principais acepções, as combinatórias mais usadas. O MBA coloca um termo coringa - ‘toalha’ - e as especificações entre parênteses (de mesa, de rosto, de mão, de banho), além das outras acepções. Outra observação

que podemos fazer é com relação à combinação *serviette hygiénique*, ausente no DLA, talvez por ser considerado um termo tabu, na época de sua elaboração.

Os itens *an* e *année*, *échelle* e *escalier*, *emprunt* e *prêt*, apresentam, em francês, especificações que não existem em português, sendo traduzidos por uma única palavra, respectivamente: ‘ano’, ‘escada’ e ‘empréstimo’. Os verbetes referentes a esses itens não são apresentados em contrastividade com o português em nenhum dos dicionários analisados. O primeiro par, *an* e *année*, distingue-se mais pelo uso que pela tradução. Pela própria ordem alfabética, estão em verbetes separados, mas sem remissão entre si. Em todos os verbetes a tradução é unânime. Há ainda expressões que são repetidas nos três dicionários, sem que sejam esclarecidas. Na nossa opinião, o melhor exemplo de *année* está no DBB – *année scolaire*, que indica o período de duração de uma atividade. O MBA não apresenta exemplos do sentido de *année*.

No caso do segundo par, *échelle* e *escalier*, as duas palavras recebem a mesma tradução em português, mas designam objetos diferentes: a primeira é a ‘escada portátil’ e a segunda, a ‘escada’ que faz parte de uma construção, fixa ou rolante. *Échelle* tem ainda outra acepção, a de ‘escala’. Seria interessante descobrir qual das duas acepções deveria vir em primeiro lugar, já que os DBs não são homogêneos quanto à sua inclusão. No DLA, *escalier* vem inserido dentro de outro verbete (*escale*), o que prejudica a consulta. Mesmo assim, o DLA foi a única obra que indicou ‘escada de mão’. Há expressões que são reproduzidas em mais de um verbete, devidamente traduzidas. Porém, no caso do DBB, não se justifica que a combinação *escalier mécanique* seja traduzida por ‘escada mecânica’, enquanto na nossa norma dizemos ‘escada rolante’.

Usamos em português a palavra ‘empréstimo’ tanto para designar um valor ou objeto recebido quanto um valor ou objeto concedido. Em francês, no primeiro caso usa-se *emprunt*, e *prêt*, no segundo. Nos verbetes dos três dicionários, não

fica claro quando as ULs devem ser empregadas. No caso do DBB, o item *prêt*, como substantivo, está inserido dentro do verbete *prêt(e)*, como adjetivo.

Quanto aos itens *enceinte* e *graveide*, falta nos DBs especificações mais concretas, sobretudo porque, no caso do item *graveide*, um falso cognato, o consulente fatalmente pode fazer uso indevido. Como adjetivo, *enceinte* designa uma mulher ‘grávida’, enquanto *graveide* é usado para animais, mais especificamente a égua. No DLA, há uma lacuna quanto a este último item, e nesse caso até pode ser favorável ao consulente, pois não se fundamenta em um falso cognato, embora ele exista. No DBB, o adjetivo é inserido sem nenhuma observação, o que é bastante inapropriado. No MBA, há uma indicação, embora sutil (já que nem todo consulente observa que a vírgula normalmente indica sinônimos), do sentido ‘prenhe’, usado para animais. Neste último dicionário, o item *enceinte* vem em verbetes separados, de acordo com as classes gramaticais.

O item *chance*, cujo principal sentido em francês é ‘acaso, sorte’ (bom ou ruim), seguido por ‘sorte’ (favorável), confunde os aprendizes por configurar-se também em um falso cognato, quando empregado indevidamente no sentido de ‘oportunidade’. As três obras não enfatizam essa diferença. Além disso, na acepção de ‘possibilidade’, presente no DLA e no MBA, não se mencionou que o uso corrente no francês é no plural – *il y a peu de chances*.

Para as ULs *baccalauréat* e *arrondissement*, há as traduções ‘bacharelado’ e ‘distrito’, que não ilustram a equivalência apropriada na nossa língua, pois necessitam de explicitações que informem aos consulentes alguns dados culturais importantes. O DLA é impreciso com relação ao primeiro verbete, em virtude da ausência de uma nota explicativa, como ocorre nos outros dois dicionários. Já com relação ao segundo verbete, é o DBB que está incompleto. Portanto, o DLA e o DBB falham por não serem homogêneos na apresentação da microestrutura desses dois itens.

Os três dicionários são unânimes com relação à acepção do item *parole* = ‘palavra’ e *paroles* = ‘letra de música’, disposta em um único verbete. Notamos que nesse item há uma variação de significado quando se altera o número, é, portanto, uma outra UL. Felizmente as três obras contemplaram esse fato. O verbete do MBA é mais rico porque acrescenta ainda uma outra acepção de *parole* – ‘fala’, termo também usado na lingüística. Além disso apresenta mais expressões do que as outras duas obras. O DBB inclui apenas uma única expressão. Os DBs não fazem a distinção entre *parole* e *mot*, o que pode suscitar confusões para os consulentes.

O item *plan* é usado ou como adjetivo – ‘plano(a)’ ou substantivo – ‘plano, planta, mapa’. No DLA e no DBB constitui apenas uma entrada, apesar de remeterem a classes diferentes. No MBA há três entradas, separando as classes e as acepções. Há uma expressão que é retomada nos três verbetes – (*laisser*) *en plan*, que apesar das diferenças de equivalentes, apresenta o mesmo sentido. Enquanto adjetivo, os três DBs estão de acordo, mas como substantivo, a apresentação diverge um pouco. O verbete do MBA é mais claro porque separa as acepções. As expressões incluídas em cada acepção ajudam na compreensão de cada sentido.

Quanto ao item *baiser*, há uma outra questão: pode ser um substantivo ou um verbo. No DLA, vem inserido dentro de outro verbete (*baisemain*). Essa apresentação não é adequada, tendo em vista que, além de perturbar a consulta do item, reúne classes diferentes no mesmo verbete. Como substantivo, tem um uso corrente, no sentido de ‘beijo’, que não apresenta ambigüidade. Como verbo, ‘beijar’ deve ter restrições, sendo mais adequado o uso de *embrasser*. A causa da restrição é que na linguagem vulgar, o emprego do item como verbo tem o sentido de ‘transar, trepar’. O uso inadequado pode deixar o aprendiz em situação de constrangimento. Esse tema, o sexo, bem como a religião, as diferenças raciais,

palavrões, ou qualquer assunto referente às necessidades biológicas do homem muitas vezes são negligenciados nos dicionários, por serem considerados assuntos tabus. O DLA não inclui a acepção da linguagem vulgar. Os outros dois dicionários deixam clara essa acepção, sendo que o DBB inseriu uma gíria no mesmo nível de linguagem do item francês.

Quanto à palavra *informatique*, tão usada modernamente na designação da ciência e técnica referentes ao processamento de dados através dos computadores, observamos uma grave lacuna no DLA. O DBB apresenta-se mais completo, indicando dois usos diferentes da palavra, conforme a classe gramatical. O MBA, como o DBB, também inclui esse correspondente, mas não insere um equivalente muito usual na nossa sociedade – ‘computação’. Isso pode induzir o aprendiz a querer empregar o item *computation* (cálculo de tempo), que, em francês, nada tem a ver com informática.

Outro problema semelhante ocorre com o item *ordinateur*: Também não está incluído na macroestrutura do DLA. No DBB e MBA vem a tradução correta - ‘computador’. Sem dúvida, essa lacuna ocorreu no DLA devido ao fato de essa obra, apesar da edição consultada ser de 1991, ter sido elaborada em 1957, data do *copyright*. Uma falha comum é a não-atualização das obras reeditadas. Certamente, após trinta e quatro anos, a língua renovou-se consideravelmente, dado que ela se renova pelo menos em 25% de dez em dez anos (Dubois & Dubois, 1971 / Picoche, 1992).

Apesar desta nossa análise ter sido bastante modesta, verificou-se que há muitas falhas nos dicionários consultados. De acordo com este estudo, o dicionário que menos apresentou falhas foi o MBA, seguido pelo DBB e finalmente pelo DLA.

Esta pequena amostra deve servir para indicar um caminho aos professores, no sentido de se tornarem mais alertas quanto às limitações dos dicionários. Cabe

a eles orientar seus alunos, para fazer com que eles fiquem mais atentos e, conseqüentemente, mais críticos em relação às inadequações dos dicionários, incitando-os a ler sua introdução, a prestar atenção nas exemplificações, a esclarecer as dúvidas consultando outras obras lexicográficas, enquanto não temos melhores obras no mercado. Para melhor visualizar os resultados já descritos:

F→P

Itens lexicais	DLA	DBB	MBA
<i>champ</i>	m. Campo . -clos. Liça. f. - de navets. Pop. Cemitério. <i>Champ de Mars</i> , campo de manobras. Loc. <i>A travers champs</i> , a cortamato . <i>A tout bout de champ</i> , a cada instante. <i>Battre aux champs</i> , rufar em marcha de continência. <i>Courir les champs</i> , andar a monte; divagar. <i>En plein champ</i> , em campo raso. <i>Fou à courir les champs</i> , doido varrido. <i>Prendre la clef des champs</i> , dar às de Vila Diogo . <i>Sur-le-champ</i> , imediatamente.	sm. campo . <i>champ de courses</i> = hipódromo. bleu sur champ rouge = azul sobre fundo vermelho. <i>à tout bout de champ</i> = por cada coisa, por qualquer coisa. champ d'aviation = campo de aviação. champ de vision = raio, campo de visão. loc. <i>adv. sur-le-champ</i> = imediatamente.	S.m. 1. Campo . 2. Terreno, espaço . 3. Domínio, carreira . 4. Zona, setor . <i>Champ visuel</i> . Campo visual. ■ champs . Pl. 5. Campo, terra cultivável ou arável. <i>La vie des champs</i> . A vida do campo. ♦ Champ de courses . Hipódromo. <i>A tout bout de champ</i> . Loc. <i>adv.</i> a cada passo, a todo momento. <i>A travers champs</i> . Fora dos caminhos, através do campo. Donner libre champ à son imagination . Dar largas à imaginação. En plein champ . No meio do campo. <i>Sur-le-champ</i> . Loc. <i>adv.</i> Imediatamente.
<i>tour</i>	f. Torre . m. volta , f. [circulaire]. Contorno [contour]. Sorte , f.; mágica , f. (Br.) [d'adresse]. Volta , f., giro [promenade]; <i>faire un tour</i> , dar uma volta. Jeito [tournure]. Vez , f. turno . [rang, ordre]: <i>à son tour</i> , por sua vez.	1. Sf. torre . <i>tour d'ivoire</i> = torre de marfim. <i>Tour de Babel</i> = Torre de Babel. 2. sm. giro; volta; passelo; contorno; limite; vez; turno; torno . <i>faire un tour</i> = dar uma volta. <i>tour de</i>	1. Sf. Torre . ♦ <i>Tour d'ivoire</i> . Torre de marfim. <i>Une tour de Babel</i> . Uma torre de Babel. 2. Sm. 1. Contorno, circunferência . 2. O que dá a volta a alguma coisa . 3. Volta . 4. Giro, rotação . 5. Movi-

	Torno [machine]. Roda, f. [hospices]. Loc. <i>A double tour</i>, com duas voltas. <i>Tour de bâton</i>, ganhos ilícitos. pl. <i>Tour de cou</i>, colar, gargantilha. f. <i>Tour de force</i>, esforço violento. <i>Un bon tour</i>, uma boa partida. f. <i>Tour à tour</i>, alternadamente, sucessivamente.	<i>force</i> = desafio. <i>en un tour de main</i> = num passe de mágica, num instante. <i>tour à tour</i> = um por vez, alternadamente. <i>jouer un tour</i> = pregar uma peça.	mento, mágica. 6. Aspecto, aparência, jeito. 7. Vez. <i>C'est votre tour</i>. É a sua vez. ♦ <i>Tour à tour</i>. Alternadamente, sucessivamente. Tour de. Volta, circuito de. Tour de chant. Série de trechos interpretados por um cantor. <i>Tour de force</i>. 1. Esforço muito grande. 2. Façanha, grande habilidade. Tour de main. Habilidade manual, destreza. Tour de phrase. Torneio de frase. Tour de rein. Torção, mau jeito na região lombar, na coluna. À tour de bras. Com toda a força do braço. À tour de rôle. Loc. <i>adv.</i> Um de cada vez. En un tour de main. Em um abrir e fechar de olhos. Faire, jouer (un,des) tour(s). Pregar uma peça, fazer uma partida (a alguém). Faire le tour (de qqch). Dar a volta a alguma coisa. Faire un tour. Dar uma volta, um passeio. Le tour est joué. Acabou. Partir au quart de tour. Partir imediatamente. 3. Sm. 1. Torno. 2. Armário cilíndrico giratório.
<i>serviette</i>	f. Guardanapo, m. [table] Pasta [portefeuille] Toalha [toilette].	<i>sf.</i> toalha; pasta, maleta. <i>serviette de table</i> = toalha de mesa. <i>serviette de toilette</i> = toalha de banho. serviette hygiénique = absorvente íntimo.	Sf. 1. Toalha (de mesa, de rosto, de mão, de banho). 2. Pasta, carteira, mala. ♦ Serviettes hygiéniques. Toalhas higiênicas, absorventes.

<i>an</i> <i>année</i>	• m. ano. Loc. <i>Nouvel an</i>, ano novo. <i>Bon an, mal an</i>, um ano por outro. <i>Bout de l'an</i>, missa de aniversário. <i>Deux fois l'an</i>, duas vezes por ano. • f. Ano, m. Loc. <i>Souhaiter une bonne année</i>, desejar feliz ano novo. <i>Année de probation</i>, ano de noviciado	• sm. ano. <i>le jour de l'an</i> = dia de Ano Novo, primeiro de janeiro. • sf. ano. année scolaire = ano letivo. <i>souhaiter la Bonne Année</i> = desejar um feliz Ano Novo.	• Sm. Ano. ♦ <i>Bon an, mal an</i>. Um ano por outro. <i>Le jour de l'an</i>. O 1º. dia do ano. <i>Le nouvel an</i>. O ano novo. <i>S'en moquer comme de l'an 40</i>. Estar pouco ligando, pouco se importar. • S.f. Ano.
<i>échelle</i> <i>escalier</i>	• f. Escala. Escada de mão, escadote, m. Loc. <i>Faire la courte échelle</i>, fazer subir aos ombros; auxiliar. <i>Sur une grande échelle</i>, em grande escala. <i>Tirer l'échelle après</i>, reconhecer que não há superior. ... • -liar m. Escada, f.	• sf. escada; escala; graduação. <i>échelle sociale</i> = escala social. • sm. escada. <i>escalier à vis</i> = escada em caracol. <i>escalier mécanique</i> = escada mecânica.	• S. f. 1. Escada. 2. Escala. ♦ <i>À l'échelle, à l'échelle de</i>. Em escala, na medida de. <i>Faire la courte échelle à quelqu'un</i>. Oferecer o apoio dos ombros para alguém subir, ajudar alguém a vencer. • Sm. Escada. ♦ <i>Escalier mécanique</i>. Escada rolante. <i>Avoir l'esprit de l'escalier</i>. <i>Fam.</i> Ter costume de replicar com efeito retardado. <i>En escalier</i>. Em graus sucesivos.
<i>emprunt</i> <i>prêt</i>	• m. Empréstimo. <i>Fig. Plágio</i> [copie]. Loc. <i>D'emprunt</i>, suposto; fingido. ... • m. Empréstimo. <i>Pré</i> [soldats]. ...	• sm. empréstimo. <i>d'emprunt</i> = de empréstimo; fictício. nom d'emprunt = nome fictício. • ...sm. empréstimo; soldo. <i>demandeur un prêt</i> = pedir um empréstimo.	• Sm. Empréstimo ♦ <i>D'emprunt</i>. Loc. adj. De empréstimo, emprestado; fictício, falso. • 1. adj. 1. Pronto. 2. Preparado. ♦ <i>Prêt à. Pronto para, disposto a.</i> • 2. Sm. Empréstimo. 2. Ant. Pré, diária de um soldado. 3. Diárias, vencimentos. 4. Adiantamento.
<i>enceinte</i> <i>gravide</i>	• adj. f. Grávida. sf. Recinto, m.	• sf. muralha; cerca; recinto.	• 1. Sf. Muralha, circuito ou cinto

	• Ø	enceinte acoustique = aparelhagem de som, sistema acústico. adj f. grávida. • adj. grávida.	de muralha. 2. Recinto. 2. Adj. f. Grávida. • Adj. Grávido, prenhe.
<i>chance</i>	f. Sorte. Risco, m. Possibilidade.	<i>sf. sorte; chance.</i> bonne chance = boa sorte.	<i>Sf. 1. Sorte, acaso, fortuna. Il n'a pas de chance.</i> Ele não tem sorte. 2. Chance, possibilidade, probabilidade. 3. Felicidade. Par chance. Por felicidade.
<i>baccalauréat</i>	m. Bachalerato.	<i>sm. conclusão do 2º. grau, com direito a ingresso à universidade.</i>	<i>Sm. Bacharelado, diploma obtido ao final do curso secundário mediante exames especiais.</i>
<i>arrondissement</i>	-ssement m. Arredondamento. <i>Distrito em que se divide um departamento.</i>	<i>sm. arredondamento; distrito.</i>	<i>Sm. Região administrativa de uma cidade ou Estado; distrito.</i>
<i>parole</i> <i>paroles</i>	• f. Palavra. Loc. <i>Ma parole!</i> palavra! <i>Payer de paroles,</i> gabar-se, alardear. <i>Porter la parole,</i> falar em nome de vários. <i>Sur parole,</i> sob palavra. <i>Tenir sa parole,</i> cumprir a palavra. • Pl. Letra [d'une chanson].	• sf. palavra. donner sa parole = dar sua palavra. • pl. letra (de música).	• Sf. 1. Palavra. 2. Fala. De belles paroles. Promessas. En paroles. Em palavras. Il ne lui manque que la parole! Só falta falar! (animais). Ma parole d'honneur. Minha palavra de honra! Ma parole! Parole! Minha palavra! Palavra! Eu juro! <i>Sur parole.</i> Sob palavra. • pl. 3. Letra de música.
<i>plan(e)</i> <i>plan</i>	• adj. Plano (a). • s.m. Plano [surface, projet, peinture]. Planta, f. [ville, maison] . <i>Loc. Laisser en plan,</i> deixar projectado.	• adj. plano. surface plane = superfície plana. <i>Fot. gros plan</i> = close. • ...sm plano; esquema; planta; mapa. <i>plan d'ensemble</i> =	• 1. Adj. Plano, chato, liso. ♦ Géométrie plane. Geometria plana. • 2. Sm. Plano. ♦ Au premier plan. Em primeiro plano. Gros plan. Close-up, primeiro plano.

		planta geral. plan de référence = plano de referência. <i>Coloq. laisser en plan</i> = deixar para lá.	3. Sm 1. planta, projeto. 2. plano, projeto. Plan stratégique. Plano de estratégias. ♦ <i>En plan</i>. <i>Fam.</i> Em suspenso.
<i>baiser</i>	-ser. vt. Beijar. s.m. Beijo; muxoxo (Br.).	vt. beijar. Ling. vulg. trepar. sm. beijo.	Vt. Beijar. 2. Vulg. comer, possuir sexualmente. 3. <i>Fig. e pop.</i> Possuir, ter. 4. <i>Gir. escol.</i> Compreender. <i>On n'y baise rien.</i> A gente não compreende nada. Sm. 5. Beijo, ósculo.
<i>informatique</i>	Ø	sf. informática; computação. adj. informático, informativo.	<i>Sf.</i> Informática.
<i>ordinateur</i>	Ø	sm. computador.	Sm. Computador.

Tabela 7 - Quadro comparativo de verbetes nos DBs

6. O SUBSTANTIVO

Celso Cunha, em sua *Gramática da Língua Portuguesa* (1992), define substantivo como “a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral”. Além do critério nocional aplicado na sua definição, acrescenta uma característica funcional: o substantivo é a palavra que exerce a função do núcleo do sujeito, do objeto direto e indireto e do agente da passiva. Cunha conclui que qualquer palavra que cumpra uma dessas funções poderia ser classificada como substantivo.

O substantivo pode ser *comum* (aplicado a muitos seres lingüisticamente associados pelas suas propriedades comuns) ou *próprio* (antropônimos – nomes de indivíduos ou famílias; topônimos – nomes de lugares). Também subdivide-se em concreto e abstrato, como vemos na definição do verbete do Aurélio:

4. Gram. Palavra com que se nomeia um ser ou um objeto (substantivo concreto), uma ação, qualidade, estado (substantivo abstrato), considerados separados dos seres ou objetos a que pertencem.

A distinção concreto/abstrato é pertinente porque, na medida em que se trata do referente, fica clara a diferença entre os dois tipos de substantivo: o concreto é aquele que tem ligação direta com o mundo “extralingüístico”, enquanto o abstrato se distancia um pouco mais, ficando mais no nível da “idéia” que do objeto físico, material. Por exemplo, tomemos a palavra “beleza”. Seu conceito não tem existência independente, necessita de um outro ser ou coisa para manifestar-se.

Desse modo, do ponto de vista semântico, o substantivo é o representante ideal do signo lingüístico, pois representa objetos do mundo sensível e também conceitos abstratos. As palavras gramaticais, por exemplo, não designam referentes do universo; diferentemente do substantivo, são signos puros, de frequência bastante alta, sem sentido referencial.

O termo 'nome' é amplamente empregado em outros países. Preferimos usar o termo 'substantivo', pois comparado com 'nome', é mais difundido no Brasil. Além disso, 'nome' *pode* englobar substantivo e adjetivo e, neste momento, descartaremos as acepções em que o item lexical tratado pode exercer também a função de adjetivo, acumulando as duas funções. Há muitas formas nominais que podem exercer tanto a função de substantivo como a de adjetivo, daí a importância do critério funcional.

O substantivo está sempre relacionado com o ato de referência. A nomeação tem o poder de constituir objetos e é o substantivo que os designa. Tomemos como exemplo o caso dos pronomes (tanto os anafóricos quanto os dêiticos): só não há ambigüidade quando os relacionamos a um substantivo, quando os inserimos dentro de uma determinada situação. Se utilizarmos o pronome ele, há necessidade de esclarecer se se refere a um ser animado ou a um objeto (Paulo, o professor, o gato, o carro). Se usarmos um demonstrativo, do mesmo modo devemos apontar o objeto ao qual nos referimos.

Como tratamos de substantivos, é importante levantar algumas das suas características principais:

- o substantivo corresponde sempre à terceira pessoa;
- o substantivo impõe o seu número ao adjetivo;
- o substantivo impõe o seu gênero ao adjetivo;
- o substantivo é incapaz de situar o momento da fala por si mesmo, mas pode denotar todas as classes de seres concretos localizados no espaço, dos quais se

compõem os universos visível, sensível e mensurável. Pode denotar, também, tudo o que o espírito humano pode propor como objeto do pensamento;

- O substantivo permite ao verbo dizer algo sobre o substantivo sujeito e, quando transitivo, do substantivo objeto.

O substantivo é o representante ideal do signo lingüístico. Por ser a categoria responsável pela nomeação dos seres e das coisas, o substantivo se relaciona com a “cultura”, que deve ser considerada ao elaborar-se equivalências entre dois idiomas.

Entre as palavras lexicais, o substantivo opõe-se às outras categorias por exercer a função de sujeito (portanto de tópico do discurso) e sobretudo de sujeito de um predicado definitório e pelo funcionamento nominal de toda sequência autônoma.

Ao tratar da classe dos substantivos, Escarabajal & Kekenbosch (1998, p.69), dizem que os substantivos correspondem a conceitos “fechados” na medida em que se pode evocar isoladamente sua significação e as propriedades ligadas a ela.¹ Ao pensar na palavra ‘mesa’, logo surge em nossa mente seu conceito e o objeto a que ele se refere. Porém, o mesmo não acontece com verbos, como por exemplo ‘morrer’. Só conseguimos evocar sua significação se considerarmos ‘um ser vivo que sofre a morte’.

Portanto, os substantivos diferem dos verbos por terem um sentido independente e referencial, enquanto que os verbos têm sentidos interdependentes e relacionais, na maioria dos casos. Contudo, não se pode desconsiderar que há substantivos abstratos e deverbais que fogem a essa distinção.

¹ *Les substantifs correspondent à des concepts “fermés” dans la mesure où l’on peut évoquer isolément leur signification et les propriétés qui s’y rattachent.*

Não podemos deixar de ponderar que há várias argumentações que desautorizam a distinção das unidades em classes de palavras lexicais ou instrumentais. Na realidade, considerar apenas as categorias lexicais como critério para distinguir as significações conceptuais não é muito seguro. Em certas línguas, como o inglês, as palavras podem passar de uma categoria à outra, carregando consigo as características originais.

Para posicionar-se com relação a esse impasse, o linguísta deve justificar sua escolha, que dependerá de seu ponto de vista e do caráter da língua estudada. Em nosso caso, cremos que mesmo que existam exemplos que demonstrem o contrário, a relevância da característica referencial da categoria do substantivo é evidente.

Obtivemos dados interessantes no trabalho de Gama-Rossi & Silva (2001). As pesquisadoras realizaram uma análise do *Minidicionário Aurélio* visando a descrever o léxico do português para escolher as unidades lexicais que deveriam figurar nas listagens de exercício de fonoaudiologia. Divulgaram os seguintes números:

Palavras de conteúdo	Palavras gramaticais
58 % substantivos	0,5 % advérbios
23 % adjetivos	1 % demais classes
17,5 % verbos	
98,5 %	1, 5 %

Tabela 8 – Dados quantitativos do Minidicionário Aurélio

Essa pesquisa corrobora o valor do substantivo como a categoria mais importante do léxico também no sentido quantitativo. Os substantivos são auto-suficientes. São as outras classes gramaticais que se adaptam a ele na estrutura da oração.

Comprovou-se em pesquisas que se pode transmitir uma mensagem desprovida de estruturação apenas com os elementos de conteúdo, o que não é possível com os elementos mais frequentes da língua que são as palavras instrumentais. Assim, da mesma forma que uma criancinha se comunica através de substantivos isolados e nomes quando inicia seu aprendizado de língua materna, um aprendiz de LE consegue, através do substantivo, comunicar-se também em um idioma alógeno. Embora de forma imperfeita, atinge seus objetivos de comunicação.

Escolhemos analisar os substantivos, uma categoria suscetível de grandes transformações no léxico de uma língua:

*...como eles (os substantivos) denominam **objetos materiais** que, como produtos da atividade humana destinados a satisfazer as necessidades correntes da vida, modificam-se e renovam-se incessantemente, ou **noções abstratas**, que estão submetidas a mutações devidas à marcha da história, são a classe que sofre maiores alterações.* (FIORIN, 2001, p.117). (grifo nosso)

Outro aspecto interessante é o estatuto do substantivo no dicionário. Segundo Picoche (1992, p.42), um substantivo se define por um substantivo. Essa afirmação é tão verdadeira para os dicionários monolíngües quanto para os bilíngües. No primeiro caso, a definição é iniciada por um substantivo genérico, um hiperônimo; no segundo, por um sinônimo na língua estrangeira, que necessariamente deve ter a mesma categoria. Todas as palavras-entrada de um dicionário, por serem sujeitos de relação de definição ou equivalência, são nominalizadas, mas quando é efetivamente um substantivo, a definição deve corresponder a um substantivo, bem como o equivalente na LE.

6.1. Constituição do *corpus*

Apresentamos, neste tópico, algumas considerações sobre como procedemos para estabelecer nosso *corpus* do português e do francês. As quatro listagens de que tratamos podem ser observadas nos anexos 1 a 4.

Cada autor segue determinados critérios para a seleção do vocabulário a ser incluído em sua obra. Contudo, o critério mais habitualmente empregado é o da frequência.

Quanto mais frequente uma unidade, há mais possibilidade de ela ser uma palavra gramatical ou uma palavra referencial bastante polissêmica. Isso demonstra que as palavras mais frequentes da língua são geralmente aquelas mais esvaziadas de sentido. Também devem ser as mais fáceis de serem assimiladas pela repetição, constituindo não apenas um problema do léxico a ser tratado nos dicionários, mas um problema da gramática, embora a tendência atual seja inserir informações de gramática no dicionário e informações lexicais nas gramáticas, buscando um objeto híbrido que satisfaça às necessidades dos usuários.

A proporção de substantivos aumenta quanto maior for a nomenclatura de uma obra lexicográfica. Os substantivos podem ser também palavras de baixa frequência. Nesse caso, sua descrição é menos complexa.

Além de uma análise geral das unidades lexicais do *corpus*, pretendemos escolher, de acordo com certos critérios, alguns itens lexicais para serem desenvolvidos em verbetes, como uma proposta de trabalho.

6.1.1. *Listagem do Francês fundamental*

O *Francês fundamental* constitui um modelo na pesquisa de vocabulário básico, como já afirmamos anteriormente, no item 2.2. De um total de 1475

palavras, o FF apresenta os substantivos em primeiro lugar, com uma porcentagem aproximada de 45 %, sendo que os 55 % restantes estão subdivididos entre as outras classes de palavras.

Nessa lista pode-se conferir os dados da frequência de cada substantivo (cf. anexo 1). Observamos que o primeiro substantivo só entrou na lista de 1063 palavras muito depois das outras categorias (as palavras gramaticais: preposições, artigos, conjunções e os verbos), com o número de ordem 73, e, além disso, trata-se de um numeral - '*deux*', que desconsideramos em nosso estudo. Assim, o primeiro substantivo é '*heure*' (no. de ordem 82). É natural que isso ocorra: o substantivo é a categoria de palavras mais numerosa do conjunto vocabular de uma língua, porém menos frequente que as palavras gramaticais.

Rey-Debove (1984b) afirma que quanto maior a nomenclatura de uma obra lexicográfica, maior a proporção de substantivos. Por essa razão, é entre os substantivos que se encontram as palavras de baixa frequência, além das monossêmicas e das palavras mais extensas.

A importância do FF nas pesquisas de aplicação das novas técnicas linguísticas para a organização de cursos de ensino de idiomas superou as falhas que apresentou quando foi elaborado. Seu pioneirismo inspirou muitos trabalhos que aplicaram os métodos da estatística para o tratamento do léxico. No que concerne a elaboração de listas de vocabulário fundamental, os dicionários de frequência de Juilland, já descritos no item 2.2, também constituem um trabalho importante.

Apresentamos, em anexo, a primeira lista de substantivos (455), tirada do *Francês fundamental* de Gougenheim *et alii* (1967), que passou, em seguida, por mais um processo de triagem, para determinarmos os itens da listagem final do *corpus*.

6.1.2. Listagem tirada dos manuais didáticos

Além da lista do FF, elaboramos uma listagem dos substantivos mais freqüentes presentes em três manuais didáticos explorados, que citamos abaixo:

COURTILLON, J. ; SALINS. G-D. *Libre Échange 1*. Paris: Didier-Hatier, 1995.
DOMINIQUE, P. et al. *Le nouveau sans frontières 1*. Paris: Clé International, 1988.
MONNERIE, A. *Bienvenue en France*. Paris: Didier- Hatier, 1991. Tome 1.

Imaginamos que todos os manuais didáticos comportem todas as palavras da listagem do FF. Não sabemos ao certo a extensão do léxico contido nos métodos apresentados acima, mas acreditamos que seja mais extenso que aquele do FF, passando de 2.000 palavras. Fizemos manualmente, página por página da parte de texto e de vocabulário dos referidos manuais didáticos, um levantamento dos substantivos: 253 itens (v. anexo 2).

Provavelmente, as palavras arroladas na nossa pesquisa fazem parte do vocabulário mais freqüente da língua francesa, já que foram recolhidas em três métodos para iniciantes.

Fizemos inicialmente uma verificação de quantos elementos, dos 253 itens retirados dos manuais, estão presentes na listagem do FF. O resultado indicou 110 itens, o que perfaz uma porcentagem de 43,5 % do total. Se considerarmos também os substantivos que apresentaram um correspondente verbal na listagem (15 no total), somaríamos 125 itens, o que daria 49,4 %.

Essa cifra não é irrelevante, considerando-se que a listagem do FF foi realizada na década de 50 e que os manuais didáticos usados foram publicados nas décadas de 80 e 90, e que, de acordo com Rey-Debove, há mudanças de 25 % no léxico a cada dez anos pelo menos (ver p.157).

É evidente que os itens da listagem não desapareceram, mas certamente o vocabulário mais freqüente de uma época pode não coincidir com aquele de outra. Por outro lado, talvez na base da realização destes métodos não tenha sido considerada nenhuma lista de freqüência, o que achamos improvável.

Ilustramos esses dados com um gráfico que representa a relação entre os itens encontrados nos manuais e aqueles presentes na listagem do FF:

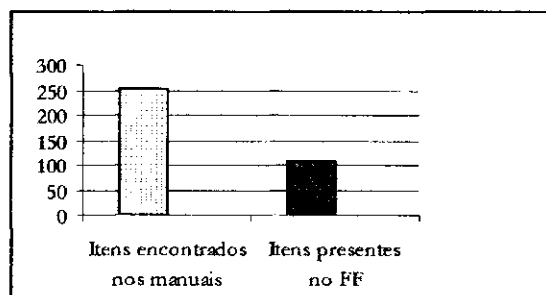


Fig. 5 - Gráfico dos itens dos manuais e do FF

6.1.3. *Listagem final de substantivos do Francês*

A lista final foi obtida por meio da comparação dos itens das duas listagens: a dos manuais (1988, 1991 e 1995) e a do FF (1967). Organizamos os itens em ordem alfabética e eliminamos as unidades repetidas. Em seguida, procedemos à exclusão de alguns itens que consideramos não pertinentes para o nosso trabalho:

1. os numerais: *cinq; cinquante; deux; dix; douze; huit; mille; million; neuf; onze; quarante; quatre; quinze; seize; sept; six; soixante; treize; trente; trois; vingt;*

2. os dias da semana e meses do ano – *août; décembre; dimanche; jeudi; juillet; lundi; mardi; octobre; samedi;*
3. os termos gentílicos – *allemand; américain; anglais; français; italien; parisien;*
4. outras unidades : *mademoiselle; maman; Noël; papa; Pâques.*

A opção pela exclusão desses itens se deve ao fato de nosso estudo tratar da comparação de ULs com considerável carga semântica e que suscitam problemas na equivalência entre as duas línguas analisadas. Além disso, a maioria dos itens excluídos fazem parte de um grupo maior e deveriam ser arrolados no dicionário em tabelas ou anexos contrastivos, como os numerais, os dias da semana etc. Na listagem do vocabulário fundamental, apenas alguns desses itens são contemplados.

A listagem estabelecida foi comparada com aquela do *Frequency dictionary of French words* (1970), de Juilland. Fizemos um confronto dos 556 itens da nossa listagem final (cf. anexo 3) com os mil primeiros itens da listagem de Juilland. A listagem desse autor está distribuída sob três variáveis: o uso, a frequência e a dispersão. Considerando o uso, 136 unidades de nossa lista estavam presentes nas primeiras quinhentas unidades da listagem e 110 constam entre aquelas de 501 a 1000, ou seja, 246 unidades dos mil primeiros, o que revela uma porcentagem de 44,2% dos itens. Por outro lado, considerando a frequência, 138 unidades incluem-se entre os quinhentos primeiros e 112 entre os seguintes, totalizando 250, perfazendo a porcentagem de 44,9%. Há pouca diferença entre os dois resultados. Cabe lembrar aqui que, na lista do *Français fondamental* (da qual extraímos a base de nosso *corpus*), que conta com 1475 itens no total, havia 45 % de substantivos.

É obvio que por considerar apenas a listagem das mil primeiras ocorrências mais freqüentes, o resultado obtido é aparentemente baixo, mas essa taxa é alta, levando-se em conta que, na listagem dos mais freqüentes, encontram-se muito mais as palavras instrumentais do que as plenas de sentido.

Realizamos uma contagem rápida, considerando a listagem inteira da obra de Juilland, e verificamos que não constavam da lista em torno de 45 substantivos presentes em nossa listagem final. Provavelmente essa diferença se deve ao fato de termos acrescentado ULs que compulsamos em métodos de ensino de francês em um trabalho que realizamos paralelamente. Como os métodos são do final da década de oitenta e início da década de noventa e os dados do *corpus* de Juilland são de 1920-1940, podemos considerar, nesse período de mais cinquenta anos, uma boa porcentagem de alterações do vocabulário fundamental.

6.1.4. *Listagem dos substantivos do português*

Nossa orientadora, a Prof^a. Dr^a. Biderman, forneceu-nos uma listagem, revisada por ela, contendo as palavras portuguesas de freqüência maior ou igual ($\geq$) a 500, extraída do *Dicionário de freqüências do português brasileiro contemporâneo*.

Esse dicionário foi elaborado considerando uma base textual de cinco milhões de palavras, extraída do *corpus* da base de dados do Centro de Estudos Lexicográficos da UNESP (FCL de Araraquara). Dados de referência do *corpus*: textos de língua escrita, 1950-1990, extraídos de: 1) linguagem literária (romances e contos); 2) linguagem dramática (peças de teatro, roteiros de telenovelas); 3) linguagem jornalística (principais jornais e revistas do Brasil); 4) linguagem técnico-científica (obras de divulgação e de iniciação científica das

principais áreas do conhecimento); 5) linguagem oratória (discursos presidenciais, parlamentares e religiosos).

Baseados nesse índice de palavras, fizemos um levantamento para selecionar os substantivos do português com frequência maior ou igual a 500 e obtivemos 654 itens. Aplicamos, então, os mesmos critérios usados para a listagem do francês. Excluimos da listagem, da mesma forma que procedemos com o levantamento em francês, os numerais, os dias da semana e meses do ano, os termos gentílicos, os pronomes e outros itens menos pertinentes. Excluimos também outros itens que, ao serem classificados como substantivos/verbos/pronomes etc., apareceram na listagem por serem altamente frequentes nas outras classes, não como substantivos. Obtivemos, finalmente, 513 unidades lexicais (Cf. anexo 4).

7. ANÁLISE DO *CORPUS* — OS SUBSTANTIVOS NOS DICIONÁRIOS BILÍNGÜES FRANCÊS-PORTUGUÊS

No capítulo anterior, descrevemos como estabelecemos o nosso *corpus*. Iniciamos este capítulo expondo como procedemos à análise desse *corpus*, que se constitui de 556 unidades lexicais da língua francesa e 513 unidades da língua portuguesa. Em seguida, apresentamos algumas conclusões parciais da análise.

7.1. Metodologia

O objetivo deste estudo é verificar o tratamento dos substantivos mais freqüentes em dicionários bilíngües. Para sua realização foram necessários: as leituras de textos de metalexicografia; a busca do vocabulário fundamental nas listagens de freqüência; a escolha e a análise de dicionários bilíngües; os recursos da informática.

As obras lexicográficas selecionadas, três dicionários bilíngües já descritos no item 5.3, são bastante usuais entre os estudantes de nível elementar da língua francesa:

- *Grande dictionário de francês-português e português-francês* (Bertrand, 1989) - DDA;
- *Dicionário brasileiro francês-português / português-francês* (Oficina de Textos, 1998) DBB;
- *Minidicionário francês-português e português-francês* (Ática, 1999) MBA.

Apesar de termos citado o DLA no item 5.3, não vamos considerá-lo em nosso trabalho final, visto que, em todas as nossas análises anteriores, constatamos suas falhas, concluindo que é comprovadamente uma obra de qualidade inferior às outras que utilizamos.

Quando necessário, consultamos alguns outros dicionários monolíngües e bilíngües como auxiliares, citados na bibliografia. Para serem usados como parâmetro na análise, consideramos os dicionários monolíngües mais representativos por sua dimensão e difusão e o de Biderman (DDP), por ter sido realizado com um embasamento teórico adequado:

- do português, *NOVO Aurélio séc. XXI*: o dicionário da língua portuguesa: dicionário eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 1 CD-ROM. Versão 2.0. DMA; // *Dicionário didático de português*. São Paulo: Ática, 1998b, DDP;
- do francês, *LE PETIT Robert*: dictionnaire de la langue française: version électronique. Paris: Havas interactive, 1998. 1 CD-ROM. Versão 1.3, DPR.

Numa primeira fase de nossa pesquisa, tivemos que criar uma maneira de armazenar as informações sobre os verbetes de cada unidade lexical de nosso *corpus*, para evitar a consulta repetida às obras impressas. Decidimos, então, digitalizar os verbetes das referidas ULs.

Em nossa dissertação de mestrado, utilizamos as tabelas do *Word for windows* para comportar nossos dados com relação aos verbos mais frequentes. Notamos certa dificuldade na sua inserção, na manutenção e no seu tratamento.

Atualmente, obtivemos um grande avanço na questão do uso de implementos informáticos. Trabalhamos com o banco de dados *Access* e observamos algumas vantagens: a configuração dos formulários é fixa; a comparação visual dos dados é mais clara; os dados são facilmente inseridos e recuperados, através da ferramenta “localizar” e “filtrar”; há opções de impressão com partes das informações, com ou sem a configuração que aparece na tela.

Além da fácil localização, também se pode inserir a qualquer momento novos dados e alterar os que já estão inseridos, sem prejudicar a formatação.

O ato da compilação dos verbetes já se constituiu numa primeira análise dos dados. Identificamos e levantamos os problemas, sobretudo os formais, para depois estabelecermos a lista de dez problemas a serem verificados, que mostramos na seqüência.

O banco de dados nos proporciona a possibilidade de verificar, com segurança, se os dados de uma obra encontram-se também na outra, sem precisar manusear os dicionários a toda hora, o que geralmente apresenta certos inconvenientes, como a leitura de verbetes muito longos, repetidas vezes, até encontrar a informação buscada. Possibilita também fazer diversos tipos de consultas, relacionando os dicionários, apresentando uma obra por vez, além de contar quantos verbetes são masculinos e quantos são femininos, quais dicionários não apresentam certos verbetes, quantas entradas para cada UL, etc.

A abertura de nosso “Sistema de comparação dos dicionários bilíngües”, realiza-se com um formulário inicial, que comporta cinco botões: 1) Cadastro francês-português, 2) Cadastro português-francês, 3) Resultados – F-P, 4) Resultados – P-F e 5) o botão de encerramento do sistema. Nos dois primeiros cadastros, criamos os campos: código [autonumeração]; palavra-entrada [sempre em letras minúsculas, com flexões de gênero]; gênero [em letras maiúsculas – SM, SF, S (quando tem uma forma para o masculino e outra para o feminino) e SM/SF (quando a mesma forma pode ter os dois gêneros)]; Dicionário Monolíngüe [do francês (DPR) e do português (DMA)]; Dicionários bilíngües número 1 (DDA), 2 (DBB) e 3 (MBA). Há também os botões: visualizar, imprimir, salvar e sair. Nos formulários dos resultados, há também a palavra-entrada, o gênero e a análise de substantivos, também com os botões visualizar, imprimir e sair. (Cf. nas cinco páginas seguintes)

Nos resultados, inserimos uma breve crítica ao(s) problema(s) encontrado(s) e, para alguns casos, apresentamos nossa proposta de verbetes. Pudemos demonstrar, com este trabalho, como aplicar a teoria lexicográfica com fins pragmáticos e pedagógicos.

Sistema de Comparação dos Dicionários Bilíngues.

**Cadastro
Francês-Português**

**Cadastro
Português-Francês**

Resultados - F-P

Resultados - P-F



Este é o formulário inicial de nosso banco de dados, que dá acesso aos formulários de cadastro na direção francês-português e na direção português-francês, bem como aos resultados do trabalho que é a análise para a elaboração de uma amostra de verbetes.

Ao clicar no botão — Cadastro Francês-Português — abre-se outra tela onde se encontram os itens: Dicionário Monolíngüe Francês (DPR), Dicionário Bilíngüe 1 (DDA), Dicionário Bilíngüe 2 (DBB) e Dicionário Bilíngüe 3 (MBA).

Ao clicar no botão — Cadastro Português-Francês — abre-se igualmente outra tela onde se visualizam: Dicionário Monolíngüe Português (DMA), Dicionário Bilíngüe 1 (DDA), Dicionário Bilíngüe 2 (DBB) e Dicionário Bilíngüe 3 (MBA).

Nos Resultados, visualizaremos uma análise dos principais problemas de inadequação da microestrutura de cada substantivo nos DBs.

Cadastro Francês—Português

Código	Palavra-entrada	Gênero
1	accent	SM

Dicionário Monolíngue - DPR

1 - 1. Augmentation d'intensité de la voix sur un son, dans la parole (accent d'intensité dit à tort accent tonique, les deux accents étant difficiles à distinguer en latin). — Mus. Mise en relief d'un point fort dans une ligne mélodique, soit par le renforcement d'intensité d'une note, soit par l'allongement de sa durée. 2. Élévation de la voix sur un son (accent de hauteur; accent musical). 2. ton. L'accent d'intensité et l'accent de hauteur portent souvent sur la même syllabe. — Accent de phrase. 3. Signe graphique qui note un accent (langues anciennes; espagnol, langues slaves, etc.). — Signe qui, placé sur une voyelle, la définit (en français). E accent aigu (é : fermé); grave (è : ouvert), circonflexe (ê : ouvert; plus long à l'origine). — Signe diacritique analogue (à; où). — Caractère typographique correspondant à un accent graphique.

Dicionário Bilingue 1 - DDA

Acento. Nota: tem as mesmas acepções que em português (sic).

Dicionário Bilingue 2 - DBB

Acento; entonação; sotaque. "Accent aigu" = acento agudo. "Mettre l'accent sur" = acentuar, insistir em.

Dicionário Bilingue 3 - MBA

1. Acento. 2. Entoação, inflexão. 3. Sotaque. Fig. "Mettre l'accent sur" = enfatizar.

Código	Palavra-entrada	Gênero
2	accident	SM

Dicionário Monolíngue - DPR

1. Événement fortuit, imprévisible. Vx Un accident heureux, malheureux. 2. Mod. Épisode non essentiel. — Loc. littér. PAR ACCIDENT : par hasard. fortuitement. — Cour. Accident de parcours*. 3. Philos. Ce qui « s'ajoute » à l'essence, peut être modifié ou supprimé sans altérer la nature. attribut, phénomène. Dieu. — Par ext. Fait accessoire (accidentel), secondaire. Je ressens ces événements. 4. (fin Xlle) Événement fâcheux, malheureux. aventure, calamité, contretemps, coup, ennui, malheur, mésaventure, revers, farn. tuile. Il a cassé un verre : c'est un petit accident. 1. incident. (XVIIIe) Cour. Événement imprévu et soudain qui entraîne des dégâts, des dangers (blessure, mort). choc, chute, collision, explosion. Accident de voiture (carambolage), de chemin de fer (déraillement), d'avion (crash). Les accidents de la route. Un

Dicionário Bilingue 1 - DDA

Acidente, casualidade, acontecimento infeliz, fortuito ou imprevisto. Gram. Acidentes, as mudanças que podem sofrer as palavras. Acidente de terreno, desigualdade. "Par accident" = acidentalmente, casualmente.

Dicionário Bilingue 2 - DBB

Acidente; incidente. "Par accident" = acidentalmente, por acaso.

Dicionário Bilingue 3 - MBA

Acidente.

Cadastro Português—Francês

Código	Palavra-entrada	Gênero
1	ação	SF
Dicionário Monolíngue - DMA		
1. Ato ou efeito de atuar; atuação, ato, feito, obra. 2. Manifestação de uma força, de uma energia, de um agente. 3. Maneira como um corpo, um agente, atua sobre outro; efeito: 4. Capacidade de mover-se, de agir. 5. Movimento, funcionamento: 6. Modo de proceder; comportamento, atitude:		
Dicionário Bilingue 1 - DDA		
Action, manifestation d'une cause, d'une force, d'un agent; résultat de l'acte - ação química, ação física, ação mecânica. / Action, manifestation extérieure de l'activité intellectuelle, des sentiments, de la volonté de l'homme - uma boa ação. / "Ação de amigo" = trait d'ami. / "Homens de ação" = hommes d'action. / "Com a ação do tempo" = sous l'action du temps. / Action, fait de guerre, rencontre des troupes ennemies, petite bataille. / "Ação insigne" = action d'éclat. / "Ação de graças" = action de grâces, témoignage de reconnaissance, remerciement. / "Estar em ação" = être en action. en		
Dicionário Bilingue 2 - DBB		
Action; acte; activité. "Colocar em ação" = mettre en action. Comm. "Ação nominativa" = action nominative.		
Dicionário Bilingue 3 - MBA		
1. Action. 2. Procès. "Propor, intentar uma ação contra alguém" = faire, intenter un procès à qqn.		
Código	Palavra-entrada	Gênero
2	acontecimento	SM
Dicionário Monolíngue - DMA		
1. Aquilo que acontece; sucesso. 2. Fato que causa sensação; caso notável: 3. Episódio, sucesso, ocorrência: 4. Coisa ou pessoa que causa viva sensação, constitui grande êxito: 5. Estat. Evento (3).		
Dicionário Bilingue 1 - DDA		
Événement, bon ou mauvais succès d'une chose. / Événement, fait, accident, aventure remarquable. / Loc. Adv. "Por acontecimento" = par hasard.		
Dicionário Bilingue 2 - DBB		
Événement; fait.		
Dicionário Bilingue 3 - MBA		
Événement.		

Palavra-entrada	Gênero
accent	SM

accent	SM
--------	----

Análise dos Substantivos

Apresenta problemas quanto à correção das equivalências. Não discrimina as várias acepções no DDA. Os verbetes são discrepantes. Não indica exemplos e lexias complexas o suficiente. Indica a marca "fig".



Palavra-entrada	Gênero
accident	SM

accident	SM
----------	----

Análise dos Substantivos

Apresenta problemas quanto à correção das equivalências. Não discrimina as várias acepções no MBA. Os verbetes são discrepantes. Não indica exemplos e lexias complexas o suficiente. Indica a marca "gram."



Palavra-entrada	Gênero
accord	SM

accord	SM
--------	----

Análise dos Substantivos

Apresenta problemas quanto à correção das equivalências. Os verbetes são discrepantes.



Palavra-entrada gênero
ação SF

Análise de Substantivos

Apresenta problemas quanto à correção das equivalências. As ULs indicadas diferem bastante nos três verbetes. Apresenta poucos exemplos e lexias complexas para delimitar os sentidos.



Palavra-entrada gênero
acontecimento SM

Análise de Substantivos

As equivalências estão corretas, mas falta indicação de mais exemplos para delimitar os sentidos. Não está adaptado ao português brasileiro (PB), pois não usamos a locução "Por acontecimento" e sim "por acaso", no sentido dado.



Palavra-entrada gênero
acordo SM

Análise de Substantivos

As equivalências estão corretas, mas há sinônimos diferentes nas três obras. Tem tratamento polissêmico no DMA. O texto do DDA não está adaptado ao PB devido às construções e lexias pouco usuais.



Na obtenção dos dados do *corpus* nos dicionários, estabelecemos alguns critérios. Quanto aos dicionários monolíngües, optamos por considerar as informações relativas à acepção geral ou específica da palavra no verbete, dispensando as citações de autores. As expressões, combinatórias, frases feitas, frases muito usuais e exemplos foram mantidos na compilação. Também não aproveitamos algumas informações enciclopédicas ou gramaticais muito extensas, como a longa explicação sobre o uso dos artigos do DDA no verbe *article*. Estas opções estabelecidas tornaram bem menor a extensão dos verbetes em nosso banco de dados que na obra, sendo realizada, de antemão uma seleção das informações utilizadas na compilação.

Quanto aos dicionários bilíngües, cada um tem uma forma de apresentação diferente. Decidimos por bem homogeneizar as informações compiladas, de modo a facilitar as buscas. As acepções, por exemplo, vêm sempre no início, separadas por uma barra (/) no DDA, por ponto-e-vírgula (;) no DBB e por numeração (1., 2.) no MBA. Seguem-se os diversos tipos de especificações. Os exemplos, as lexias compostas e complexas, para os quais são apresentados equivalentes, vêm sempre entre aspas (“ ...”)¹, seguido do sinal de igual (=) e da equivalência da lexia. Na parte francês-português a lexia é destacada em francês. Na parte português-francês, é a lexia em português que vem entre aspas.

As indicações de familiar, figurado, locução, etc., são colocadas antes da lexia assim classificada, embora isso não ocorra no MBA. Inserimos essas indicações sempre com letra inicial maiúscula.

No caso da ausência de um sentido, principalmente no caso dos homônimos, acrescentamos três hífens no campo vazio (- - -). Optamos por dar três espaços entre uma acepção e outra com o fim de facilitar nossa visualização.

¹ Não é possível o uso do itálico em nossa versão de banco de dados.

Exemplificamos essa configuração com os verbetes *époque* e *espèce* nos três dicionários bilíngües:

DDA

Época, era, tempo determinado na história; tempo notável por algum acontecimento extraordinário, servindo de ponto de partida de um período histórico; o próprio período. / Acontecimento de grande importância que caracteriza um momento histórico. / Absol. Época, atualidade, quadra. / Qualquer parte do tempo em relação ao que nele acontece. "L'époque des récoltes". / "Faire époque" = fazer época, tornar-se notável, adquirir fama, deixar de si memória. / "Brouiller les époques" = confundir as datas.

Espécie, sorte, qualidade, casta, raça. / Espécie, divisão de um gênero. / Fam. Pessoa desprezível, indigna de consideração. / Fam. "L'espèce femelle" = o mulhério, as mulheres. / Teol. Espécie, aparência, caráter exterior e sensível do pão e do vinho depois da transubstanciação. / Fam. "Espèces de" = seu, grandíssimo. "Espèce d'idiot". / No Pl. "Espèces" = espécies; dinheiro em metal. / Farm. Espécies, mistura de substâncias análogas entre si por suas propriedades médicas.

DBB

Época. "Faire époque" = marcar época. "À l'époque" = na época.

Espécie; gênero; categoria; tipo; qualidade. "Cas d'espèce" = caso particular. "En l'espèce" = neste caso. Pl. Dinheiro. "Payer en espèces" = pagar em dinheiro.

MBA

1. Époque. 2. Data, momento, estação. 3. Período, era. "D'époque" = antigo. "Faire époque" = fazer época, tornar-se notável.

1. Espécie. 2. Pl. "Espèces" = espécies, o pão e o vinho eucarísticos. 3. Metal sonante, moeda. "Espèce d'imbécile!" = Seu imbecil! "C'est un cas d'espèce" = é um caso especial. "En l'espèce" = neste caso particular. "Payer en espèces" = pagar em dinheiro. "Sous les espèces de" = sob a forma de. Fam. Impr. "Un espèce d'imbécile" = um cara imbecil.

Um outro problema que se deve verificar é a escolha das abreviaturas (Fam., Loc., Prov., Ant., Técn., etc.) que cada dicionário aplica às acepções e lexias complexas. Há diferenças na apresentação caso se trate das línguas portuguesa ou francesa. Além disso, há o problema das incoerências e de enganos de classificação.

Durante a compilação dos itens no banco de dados, já pudemos observar alguns problemas na redação dos dicionários. Expomos, a seguir, algumas críticas aos dicionários bilíngües, sobretudo ao DDA, dicionário bilíngüe publicado em Portugal:

O critério da frequência não é habitualmente usado para a inclusão das ULs. Parece que as acepções são inseridas pelo critério cronológico. No caso do verbete *degré*, as primeiras informações são acepções que não são normalmente usadas:

Degrau de uma escada (Nesta acepção é termo poético e oratório; fam. diz-se 'marche!'). / Por ext. Escada composta de muitos degraus. (em desuso neste sentido).

- Há uma repetição excessiva da mesma palavra em todas as acepções. Essa repetição aumenta o volume da obra desnecessariamente. Achamos que se deve indicar o sentido geral e, em seguida, os específicos, sem precisar repetir uma mesma UL indefinidamente:

Correspondência, troca de cartas ou de telegramas. / "Correspondance secrète" = correspondência secreta, cuja existência se ignora ou ignorou durante muito tempo. / Com. Correspondência, relações comerciais entre negociantes de cidades ou países diferentes. / Correspondência, meio de comunicação entre certas localidades. / Correspondência, correlação; e (falando de pessoas) reciprocidade de sentimentos.

- Por ser elaborado em Portugal, encontram-se explicações que continuam ininteligíveis para os jovens consulentes brasileiros, de nível escolar, sobretudo com relação às expressões idiomáticas e aos provérbios:

"Ficher le camp" = partir, retirar-se, safar-se, fugir, dar às de vila-diogo; Prov. "Ce n'est pas toujours fête, il n'est pas tous les jours fête" = nem sempre há rabo de sardinha; e também, um dia bom mete-se em casa.

- Algumas explicações são um pouco vagas e confusas.

Centre: Centro, meio, lugar que está pouco mais ou menos igualmente afastado das extremidades.

- Por ser antigo, além de alguns verbetes não figurarem em sua nomenclatura, algumas acepções também não estão indicadas:

Disque: Disco, peça redonda e achatada, ordinariamente de pedra, e às vezes de ferro, com que os ginastas se exercitavam em atirar a distância. / Por anal. Disco, objeto chato e circular. (Diz-se particularmente da superfície dos astros que nos parece plana e circular).

Droit: Direito, propina (valor pago como inscrição, sem relações com algo ilegal).

- Há confusão na indicação das marcas de uso, ou melhor, confunde-se locução com expressão idiomática, com provérbio; o nível familiar com o figurado, o popular, entre outras marcas.

Ex1. “*Chercher midi à quatorze heures*”: No verbete *heure* = Prov. Ver ou criar obstáculos, embaraços, ou dificuldades onde não existem; no verbete *midi* = (sem marcação) buscar cinco pés ao gato, achar dificuldades onde não as há (DDA); no DBB - (sem marcação) procurar sarna para se coçar; no MBA - (sem marcação) buscar chifre em cabeça de cavalo, complicar as coisas.

- No DDA há também algumas informações que são bastante interessantes para o aprendiz, como as relativas à prosódia ou ortoépia, além de informações gramaticais e culturais²:

- Obs. Deve-se dizer *viande* para significar 'carne dos animais como alimento' e *chair* quando se designa as 'partes carnosas do animal', e também em oposição a outro gênero alimentício - peixe, pão, legumes, etc.;
- Obs. *Couple* significando 'dois' é feminino;
- Obs. Quando este substantivo (*doute*) é seguido de 'que', o verbo da proposição seguinte vem no subjuntivo.

- Os dicionários classificam de maneira diferente as entradas como polissêmicas ou homonímicas. Em um trabalho anterior³, observamos que o DBB dá um tratamento polissêmico para seus itens, enquanto o MBA dá um tratamento homonímico. Observamos que, as 556 ULs constituintes da listagem final do francês-português compuseram 734 entradas (arquivos) no banco de dados. As

² As informações enciclopédicas eram mais recorrentes nos dicionários monolíngües. As gramaticais e de uso não eram comuns em DBs na época em que o DDA foi publicado. O autor do DDA não inclui essas informações de forma sistemática.

³ A equivalência de substantivos polissêmicos do francês e do português, comunicação que apresentamos no GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, no XV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, em Niterói – RJ, 2000.

513 do português resultaram em 534 arquivos. Esses números foram gerados sobretudo pelo MBA, que separa as acepções de modo sistemático. Há ULs que aparecem duas, três, quatro vezes:

F-P - ULs que aparecem:		
2 vezes	3 vezes	4 vezes
<i>Adresse, assiette, avenir, ballon, bas, bière, blague, blanc*, brouillard*, bus*, café, camion*, campagne, car, carte, cas*, case, chaîne, champ, chant, château*, chef, chemise, classe, coin, correspondance, cour, cousin, culture, défense, défilé, départ, docteur, droit, droite, élève, endroit, essence, faute, ferme, feu, fille, film, fin, franc, glace, gorge, grève, guide, impression, jeu, lettre, licence, litre, magasin, maître, marché, menu, meuble, milieu, mode, moment, moniteur, montre, mort, note, nouvelle, ordre, parc, patron, pavillon, pays, pêche, pendule, période, personne, placard, plage*, plan, plat, police, port, poule*, presse, prise, quartier, radio, raison, rapport, règle, retraite, roman, rencontre*, rue*, sac, secrétaire, sens, service, solde, son, sujet*, taille, temps, trafic, truc, voile, vol.</i>	<i>Air, bande, bar*, barbe, botte, bouquin, chambre, coeur, côte, degré, effet(s), entrée, esprit, état, jour, livre, ordonnance, part, partie, pièce, pied, poêle, poste, rayon, régime, siège, somme, tour, train, vague.</i>	<i>Cours, manche, point.</i>

P-F - ULs que aparecem:		
2 vezes	3 vezes	4 vezes
<i>Acordo*, bola, cabo, cor, fato, jornal, medo, pena, risco, sol, solo, termo, tiro, venda.</i>	<i>Canto, corte.</i>	<i>Rádio.</i>

* = apenas no DM.

Tabela 9 – ULs homônimas nos DBs

Na análise comparativa de nosso *corpus*, consideramos dez tipos de problemas a serem verificados:

1. a correção das equivalências, em comparação com o DM;
2. a diferença das acepções entre as três obras bilingües analisadas;
3. a extensão discrepante dos verbetes, com relação aos outros DBs ou ao DM;
4. o tratamento da polissemia e da homonímia;
5. os critérios de inclusão das acepções;
6. a atualização do texto lexicográfico (ausência de ULs modernas);

7. a adaptação do texto lexicográfico ao consulente brasileiro (variedade brasileira do português);
8. o grau de dificuldade do texto lexicográfico para o estudante brasileiro (construções e textos confusos, explicações insuficientes, equivalentes sem especificações);
9. A verificação dos principais exemplos e lexias complexas escolhidos para constar no verbete;
10. as abreviaturas e marcas de uso utilizadas.

Nas páginas seguintes, apresentamos duas tabelas (F-P pp.191-198 e P-F pp. 199-205) com uma amostra da verificação dos dez problemas que arrolamos para uma crítica geral aos dicionários nas duas direções, francês-português e português-francês. Escolhemos pouco mais de 50 % das ULs do *corpus* (na seqüência alfabética até a letra ‘ele’) para fazer a demonstração nessas tabelas – 308 do francês e 268 do português. cremos não ser necessário apresentar as tabelas do *corpus* inteiro para comprovar o que pretendemos.

Numa leitura horizontal, podemos perceber em quantos itens cada UL apresenta problemas. Numa leitura vertical, verificamos quais problemas são mais recorrentes. O “x” marca a existência do problema e o hífen marca a ausência ou irrelevância. O “-/x” é usado apenas no quarto problema (polissemia e homonímia) para indicar quando a UL tem mais de uma entrada apenas no DM.

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	191 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

1. <i>accent</i>	X ¹	X	X	-	-	-	-	-	X	X
2. <i>accident</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X
3. <i>accord</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
4. <i>achat</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
5. <i>addition</i>	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
6. <i>adresse</i>	X	X	-	X	X	X	-	X	X	X
7. <i>affaire</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
8. <i>affiche</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
9. <i>âge</i>	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
10. <i>agence</i>	X	X	X	-	-	X	-	X	-	X
11. <i>air</i>	X	X	-	X	X	-	-	-	-	X
12. <i>allure</i>	-	X	X	-	X	-	-	-	X	X
13. <i>ami</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X
14. <i>an</i>	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X
15. <i>analyse</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X
16. <i>animal</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
17. <i>année</i>	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X
18. <i>annonce</i>	-	-	-	-	-	X	-	-	X	X
19. <i>annuaire</i>	-	X	-	-	-	X	-	-	X	-
20. <i>appareil</i>	X	X	X	-	X	-	-	X	X	X
21. <i>appartement</i>	X	X	-	-	X	X	X	-	X	X
22. <i>appel</i>	X	X	X	-	X	X	-	-	-	X
23. <i>après-midi</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
24. <i>arbre</i>	X	X	X	-	-	-	-	X	X	X
25. <i>argent</i>	-	-	X	-	-	-	-	-	X	X
26. <i>armoire</i>	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-
27. <i>arrivée</i>	X	X	-	-	-	-	X	-	-	-
28. <i>art</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	X	-
29. <i>article</i>	-	X	X	-	X	X	-	-	X	X
30. <i>artiste</i>	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
31. <i>assiette</i>	-	X	X	X	-	-	-	X	X	X
32. <i>attention</i>	X	X	-	-	-	-	-	-	X	X
33. <i>auteur</i>	X	X	X	-	-	-	-	-	X	X
34. <i>auto</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
35. <i>autobus</i>	X	X	-	-	-	X	X	-	-	-
36. <i>avance</i>	X	X	X	-	X	-	-	-	-	-
37. <i>avenir</i>	-	X	X	X	-	-	X	-	-	-
38. <i>avenue</i>	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
39. <i>avion</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
40. <i>avis</i>	-	X	X	-	X	-	-	-	X	-
41. <i>baignoire</i>	-	X	-	-	-	X	X	X	-	-

¹ O x indica a constatação do problema, o - indica a ausência ou irrelevância do problema no verbete.

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	192 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

42. bain	X	X	X	-	-	X	X	X	X	X
43. ballon	X	X	X	-	X	-	X	X	X	X
44. bande	X	X	X	X	-	X	X	X	X	X
45. banque	X	X	X	-	-	X	X	X	X	X
46. bar	X	X	-	X	X	-	-	-	-	X
47. barbe	X	-	X	X	-	-	-	X	-	X
48. bas	X	X	X	X	-	-	X	X	X	-
49. bateau	-	X	X	-	X	-	-	X	X	X
50. bâtiment	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
51. beau-frère	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
52. besoin	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
53. bête	X	X	X	-	X	-	X	-	X	X
54. bibliothèque	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
55. bière	-	X	-	X	-	-	-	X	-	-
56. billet	X	X	X	-	-	-	X	-	X	-
57. blague	-	X	-	X	-	-	X	X	X	X
58. blanc	X	X	X	-/x ²	X	-	X	-	X	-
59. bois	-	X	X	-	X	-	X	X	X	-
60. boîte	-	X	-	-	-	-	X	-	-	X
61. bonhomme	-	X	-	-	X	-	X	-	X	-
62. bonne	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
63. bord	-	X	X	-	X	-	X	-	-	-
64. botte	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-
65. bouquin	-	X	X	X	X	-	X	X	-	-
66. bout	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
67. bouteille	X	X	X	-	-	-	-	-	X	-
68. bras	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
69. brave	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
70. brouillard	X	X	-	-/x	-	-	X	-	X	X
71. bruit	-	X	X	-	-	-	X	-	X	X
72. bureau	-	X	X	-	X	-	-	-	X	-
73. bus	-	X	X	-/x	-	X	-	-	-	X
74. but	-	X	X	-	-	-	X	X	-	X
75. cabinet	-	X	X	-	-	-	X	-	X	-
76. cadre	-	X	-	-	X	-	X	X	X	X
77. café	-	X	X	X	-	-	X	-	X	-
78. cage	X	X	X	-	X	-	-	-	-	-
79. camarade	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
80. cambriolage	X	X	X	-	X	-	-	-	-	-
81. camion	X	X	-	-/x	X	-	X	-	-	-
82. camp	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
83. campagne	-	X	X	X	-	-	-	-	X	-

² O “-/x” é usado apenas no quarto problema (polissemia e homonímia) para indicar quando a UL tem mais de uma entrada apenas no DM.

[illegible]

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	195 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

172.doute	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
173.droit	-	X	-	X	-	-	X	X	-	-
174.droite	-	X	X	X	X	-	-	-	-	X
175.drôle	X	X	X	-	X	X	X	X	-	-
176.eau	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-
177.école	-	X	X	-	-	-	-	X	-	X
178.écriture	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
179.écrivain	-	X	-	-	X	X	X	-	-	-
180.éducation	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
181.effet	-	X	X	X	X	-	-	-	-	X
182.effort	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
183.église	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
184.élève	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-
185.émission	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-
186.emploi	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
187.endroit	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
188.enfant	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-
189.enlèvement	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-
190.enquête	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
191.entrée	X	X	-	X	-	-	X	X	-	-
192.envie	-	X	-	-	X	-	-	X	-	-
193.époque	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
194.équipe	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
195.escalier	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
196.espèce	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
197.esprit	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-
198.essence	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
199.étage	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
200.étagère	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
201.étang	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
202.état	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-
203.été	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
204.étranger	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-
205.étude	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-
206.étudiant	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
207.excursion	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-
208.excuse	X	X	-	-	-	-	-	-	X	X
209.exemple	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
210.expérience	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
211.explication	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
212.exploitation	-	X	-	-	-	X	-	-	X	X
213.face	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-
214.façon	-	X	-	-	X	-	-	X	-	-
215.faim	-	X	X	-	-	-	-	X	-	X

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	196 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

216.fait	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-
217.famille	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
218.faute	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-
219.femme	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-
220.fenêtre	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
221.ferme	X	X	-	X	X	-	-	X	X	-
222.fête	X	X	X	-	-	-	X	X	X	-
223.feu	X	X	X	X	-	X	X	X	-	-
224.fil	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
225.fille	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-
226.film	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
227.fils	X	X	-	-	-	-	-	-	-	-
228.fin	-	X	-	X	-	-	X	X	-	-
229.fleur	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
230.fleuve	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
231.foi	-	X	X	-	X	-	-	X	X	-
232.foie	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
233.fois	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
234.fond	-	X	X	-	-	-	-	X	-	X
235.force	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X
236.forme	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-
237.fou	-	X	-	-	-	-	X	X	X	-
238.franc	X	X	X	X	X	-	-	-	-	-
239.frère	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
240.froid	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-
241.front	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
242.frontière	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
243.fruit	X	X	-	-	X	-	-	-	-	X
244.garage	X	X	-	-	X	X	-	-	-	-
245.garçon	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
246.gare	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
247.gars	-	X	-	-	-	-	X	-	-	X
248.gâteau	-	X	-	-	-	-	X	-	-	X
249.gaz	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-
250.genou	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
251.genre	X	X	-	-	-	-	-	-	X	-
252.gens	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-
253.glace	-	X	-	X	-	-	X	X	-	X
254.gorge	X	X	X	X	-	-	-	X	-	-
255.gosse	-	X	-	-	-	-	X	-	-	X
256.goût	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
257.grand-mère	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
258.grève	-	X	X	X	X	-	-	-	-	-
259.groupe	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	197 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

260.guerre	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-
261.guide	X	X	-	X	X	-	-	X	X	X
262.habitude	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
263.hasard	-	X	-	-	X	X	X	-	-	-
264.herbe	-	X	-	-	-	-	X	X	X	X
265.heure	-	X	X	-	-	-	X	X	-	-
266.histoire	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-
267.homme	-	X	X	-	-	-	X	-	X	-
268.hôpital	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
269.horaire	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-
270.hôtel	-	X	-	-	X	X	X	-	X	-
271.huile	-	X	-	-	X	-	X	-	X	X
272.idée	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
273.ile	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
274.image	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
275.immeuble	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
276.impression	-	-	-	X	X	-	-	-	X	-
277.infirmier	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
278.information	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
279.initiative	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
280.installation	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
281.instituteur	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
282.intention	-	-	-	-	-	-	X	-	X	X
283.intérieur	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
284.inventeur	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
285.jambe	-	X	X	-	-	-	X	-	-	X
286.jardin	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-
287.jeu	-	X	X	X	X	-	X	X	-	X
288.jeune	X	-	-	-	X	-	-	-	X	-
289.jour	-	X	-	X	-	-	-	X	-	-
290.journal	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
291.journée	-	X	-	-	X	X	-	-	X	-
292.juste	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
293.kilomètre	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
294.laine	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
295.lait	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-
296.langue	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
297.lavabo	-	X	-	-	X	X	X	-	-	X
298.leçon	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
299.lendemain	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
300.lettre	-	X	X	X	X	-	-	-	-	X
301.licence	-	X	-	X	X	-	-	-	-	-
302.lieu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
303.ligne	-	X	X	-	-	-	-	X	-	X

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	198 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

304.lit	-	X	X	-	X	-	X	-	-	X
305.litre	-	-	-	X	-	-	-	-	-	-
306.livre	-	X	X	X	X	-	X	-	-	X
307.logement	-	X	-	-	-	-	X	-	-	X
308.lycée	-	X	-	-	-	X	-	-	-	X

Tabela 10 - Inadequações verificadas nos DBs – F-P

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	199 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

1. ação	x	x	-	-	x	-	-	-	x	-
2. acontecimento	-	x	-	-	-	-	x	-	x	-
3. acordo	-	x	-	x	-	-	x	x	-	-
4. administração	-	x	-	-	-	-	x	x	-	-
5. água	-	x	-	-	-	-	x	-	-	-
6. ajuda	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-
7. alegria	-	x	x	-	-	-	x	-	x	-
8. alma	-	x	x	-	-	-	-	-	-	-
9. alta	-	x	-	-	-	-	-	x	-	-
10. altura	x	x	x	-	x	-	x	-	-	-
11. aluno	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12. ambiente	x	x	-	-	-	-	-	-	x	-
13. amigo	-	x	x	-	-	-	x	-	-	x
14. amor	-	x	x	-	-	-	x	-	-	-
15. análise	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-
16. animal	x	x	-	-	-	-	-	x	-	-
17. ano	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
18. apoio	-	x	-	-	-	-	-	-	-	x
19. ar	-	x	x	-	-	-	x	-	-	-
20. área	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-
21. arma	-	x	x	-	-	-	x	-	x	-
22. arte	x	x	-	-	-	-	x	-	x	-
23. artigo	x	x	-	-	x	-	-	-	x	x
24. artista	-	x	-	-	-	-	-	-	x	x
25. árvore	-	x	-	-	-	-	x	-	-	-
26. aspecto	-	x	-	-	-	-	-	x	x	-
27. associação	-	x	-	-	-	-	-	-	-	x
28. assunto	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-
29. atenção	-	x	x	-	-	-	-	x	-	-
30. atitude	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-
31. atividade	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-
32. ato	-	x	x	-	-	-	x	x	x	-
33. aumento	-	x	-	-	-	-	x	x	x	-
34. autor	x	x	-	-	x	-	x	-	-	-
35. autoridade	x	x	-	-	-	-	-	x	-	-
36. banco	-	x	-	-	-	x	-	-	-	x
37. base	-	x	-	-	-	-	-	x	x	x
38. beleza	-	x	-	-	-	-	-	x	x	-
39. bem	-	x	-	-	-	-	x	-	x	-
40. bicho	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-
41. boca	-	x	x	-	-	-	x	x	x	-
42. boi	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-
43. bola	-	x	-	x	x	-	x	x	-	-
44. braço	-	x	x	-	-	-	x	x	-	-

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	201 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

89. companheiro	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
90. companhia	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
91. comunidade	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
92. comunista	X	X	X	-	-	-	-	X	-	-
93. conceito	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
94. condição	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
95. confiança	-	X	X	-	-	-	-	X	X	-
96. congresso	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
97. conhecimento	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X
98. conjunto	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
99. consciência	-	X	X	-	-	-	X	X	X	-
100. conselho	-	X	X	-	-	-	X	X	X	-
101. consequência	-	X	X	-	-	-	-	X	X	X
102. constituição	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
103. construção	X	X	-	-	-	-	-	X	X	X
104. conta	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-
105. contato	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
106. contra	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
107. controle	X	X	X	-	X	X	-	-	X	-
108. conversa	-	X	-	-	X	-	-	X	-	-
109. cor	-	X	X	X	X	-	X	X	X	-
110. coração	-	X	X	-	-	-	X	X	X	-
111. coragem	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
112. coronel	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
113. corpo	-	X	-	-	-	-	X	X	X	-
114. corrente	X	X	-	-	-	X	X	-	X	-
115. corte	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X
116. crescimento	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
117. criação	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
118. criança	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
119. crime	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
120. crise	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
121. crítica	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
122. cruz	-	X	X	-	-	-	X	-	-	-
123. cruzeiro	X	X	-	-	X	X	X	X	X	-
124. cuidado	-	X	-	-	-	-	X	X	X	-
125. cultura	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
126. curso	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
127. custo	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
128. dado	-	X	-	-	-	X	X	X	X	-
129. década	X	X	X	-	X	X	X	X	-	-
130. decisão	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
131. dedo	-	X	X	-	-	-	-	X	X	-
132. dente	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	202 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

133.deputado	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
134.desejo	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
135.desenvolvimento	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
136.destino	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
137.devido	X	X	X	-	X	-	-	X	-	-
138.dia	-	X	X	-	-	-	X	X	-	-
139.diferença	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
140.dificuldade	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
141.dinheiro	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-
142.direção	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
143.direito	X	X	X	-	-	-	X	X	X	-
144.diretor	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
145.discurso	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
146.distância	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
147.doença	-	X	-	-	-	X	-	X	X	-
148.doente	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
149.dono	-	X	-	-	X	-	-	-	-	-
150.dor	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-
151.doutor	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
152.dúvida	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
153.economia	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
154.educação	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-
155.efeito	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
156.eleição	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
157.elemento	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
158.empregado	-	X	-	-	-	-	-	X	-	-
159.emprego	-	X	-	-	-	X	-	-	X	-
160.empresa	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
161.encontro	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
162.energia	-	X	-	-	-	X	-	-	X	-
163.ensino	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
164.época	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-
165.equipe	-	X	X	-	X	-	X	-	X	-
166.erro	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
167.escola	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
168.esforço	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
169.espaço	-	X	-	-	-	-	X	X	-	-
170.espécie	-	X	-	-	-	-	-	-	-	X
171.espera	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
172.esperança	-	X	-	-	X	-	X	-	X	-
173.espírito	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
174.esquerda	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
175.estado	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
176.estrada	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	203 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

177. estrangeiro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
178. estranho	x	x	x	-	x	-	x	x	x	-
179. estrutura	-	x	-	-	-	-	-	x	x	-
180. estudo	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-
181. exemplo	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-
182. exercício	-	x	-	-	-	-	-	x	x	-
183. exército	x	x	-	-	-	-	x	x	x	-
184. existência	-	-	-	-	-	-	-	-	x	x
185. experiência	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-
186. explicação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
187. expressão	-	-	-	-	-	-	-	-	x	-
188. exterior	x	x	-	-	-	-	x	x	x	-
189. faca	-	x	-	-	-	-	x	x	x	-
190. face	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-
191. falta	-	x	-	-	-	-	-	x	x	-
192. família	x	x	x	-	-	-	-	x	x	-
193. fase	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
194. fato	-	x	x	x	x	-	x	x	x	-
195. fator	x	x	-	-	x	-	x	-	x	-
196. favor	-	x	x	-	-	-	x	x	x	-
197. fenômeno	-	x	-	-	-	-	x	x	x	-
198. ferro	-	x	x	-	-	-	x	x	x	-
199. festa	-	x	-	-	-	-	x	-	x	-
200. figura	-	x	x	-	x	-	x	x	x	-
201. filho	-	x	x	-	-	-	x	-	x	-
202. filosofia	-	x	-	-	-	-	x	x	x	-
203. fim	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-
204. final	x	x	-	-	x	x	x	x	x	-
205. físico	-	x	-	-	-	-	x	-	-	x
206. flor	-	x	x	-	-	-	x	-	-	-
207. fogo	-	x	x	-	-	x	x	-	-	-
208. folha	-	x	-	-	-	-	x	x	x	-
209. fome	-	x	-	-	-	-	x	x	-	-
210. fonte	-	x	-	-	x	-	-	-	x	-
211. força	-	x	x	-	-	-	x	x	x	-
212. forma	-	x	-	-	-	-	-	-	-	-
213. formação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
214. frase	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
215. frente	-	x	-	-	x	x	x	-	-	-
216. função	-	x	-	-	-	-	x	x	x	-
217. funcionário	-	x	-	-	x	-	-	-	x	-
218. fundo	-	x	x	-	-	-	x	x	x	-
219. futebol	-	-	-	-	x	-	-	-	x	-
220. futuro	-	x	-	-	-	-	-	-	x	-

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	204 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

221.gato	-	X	X	-	-	-	X	X	X	-
222.general	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
223.gente	-	X	X	-	-	-	X	X	X	-
224.gesto	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
225.gosto	-	X	X	-	-	-	X	-	X	-
226.governador	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
227.governo	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
228.graça	-	X	X	-	-	-	X	-	-	-
229.grau	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
230.grupo	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
231.guerra	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
232.história	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
233.hospital	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
234.idade	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
235.idéia	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
236.igreja	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
237.imagem	-	X	-	-	-	X	-	-	X	X
238.imprensa	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-
239.impressão	-	X	-	-	-	X	-	-	X	X
240.índio	X	X	-	-	X	X	X	X	-	X
241.indivíduo	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-
242.indústria	-	X	-	-	-	X	-	-	-	-
243.influência	-	X	-	-	-	X	X	-	X	-
244.informação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
245.início	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
246.instante	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-
247.instituição	-	X	-	-	-	-	-	X	X	X
248.instrumento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
249.interesse	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
250.interior	-	X	-	-	-	-	-	X	X	-
251.irmão	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
252.janela	-	X	-	-	-	-	-	-	X	-
253.jeito	-	X	-	-	X	-	X	-	-	-
254.jogo	-	X	X	-	-	X	X	X	X	X
255.jornal	-	X	-	X	X	X	X	-	X	X
256.jovem	-	X	-	-	X	-	-	-	X	-
257.justiça	-	X	X	-	-	-	-	-	X	-
258.lei	-	X	X	-	-	-	-	X	X	-
259.leite	-	X	-	-	-	-	-	X	X	X
260.liberdade	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-
261.língua	-	X	X	-	-	-	X	X	X	-
262.linguagem	-	X	-	-	-	X	-	-	X	X
263.linha	-	X	X	-	X	-	X	X	X	X
264.livro	-	X	X	-	-	-	X	-	X	X

Código dos problemas alistados anteriormente →	1	2	3	4	5	6	7	8	9	205 10
Unidades Lexicais analisadas ↓										

265.louco	-	X	X	-	X	-	X	-	X	-
266.lugar	-	X	X	-	X	-	-	-	-	X
267.luta	-	X	-	-	-	-	-	-	X	X
268.luz	-	X	X	-	-	X	-	-	-	X

Tabela 11 - Inadequações verificadas nos DBs – P-F

7.2. Resultados parciais

Depois de verificar os itens do francês e os do português, chegamos a alguns resultados parciais com relação a cada critério verificado.

1. A correção das equivalências, em comparação com o DM:

Consideramos incorretos os casos em que uma acepção estava muito diferente das acepções do DM ou que não consideravam uma acepção bastante relevante dessa obra.

Percebemos que o DDA, além de fornecer o equivalente da UL, também faz uma definição da palavra-entrada. Isso aumenta bastante o volume de sua microestrutura, e, para os usuários brasileiros, dificulta mais a consulta, pois é exatamente nas definições que aparecem o maior número de ULs do português de Portugal, bastante inadequadas nesse caso.

Na duas direções, o MBA não considera a acepção de “branco”/*blanc* como ‘raça de pessoas de pele clara’. Por outro lado, algumas vezes essa mesma obra apresenta mais acepções que as outras e em ordem diferente. Parece-nos que o DMA é tomado como ponto de partida, pois observamos que a ordem de inclusão das acepções é quase sempre a mesma. Por exemplo, quanto ao verbete “cabelo” insere duas acepções: 1. *Cheveu*. 2. *Ressort de montre*. A segunda não se encontra nas outras obras e refere-se às acepções do DMA: [5. Mola de aço delgada que regula o movimento dos relógios pequenos e lhe assegura o isocronismo; 6. Eletr. Pequena mola espiral que fornece o par mecânico de restituição num galvanômetro de ponteiro]. Não há nenhuma marca para indicar que se trata de uma área técnica, nem um correspondente terminológico, que seria o item *spiral*¹.

¹ *MICHAELIS Tech dicionário temático visual: inglês, português, francês e espanhol*. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

A revisão do texto lexicográfico é muito importante. O uso das obras de referência é normativo e as obras analisadas nesta pesquisa são utilizadas como materiais didáticos de apoio.

A língua francesa tem uma ortografia bastante distinta da língua portuguesa, por conseguinte, falhas na redação são bastante prejudiciais. Os sinais diacríticos devem estar corretos, de acordo com a mais recente lei ortográfica. A grafia das palavras deve estar impecável. Na introdução do DBB é mencionada a adoção das retificações ortográficas da França de 1990.

Nesse sentido, houve falhas no MBA: na entrada de “capital” colocou como equivalente [SF. 2. *Capital* (cidade)], na forma masculina, que tem outra acepção em francês (‘capital’, ‘valor disponível’) . Também inseriu a lexia *en toutes lettres* sem separar as unidades [*entoutes lettres*]. O DBB, por sua vez, inclui *cavalo* como acepção de “cavalo” na direção P-F [Cavalo (sic); cavalier (peça do jogo de xadrez)...]. O DDA apresenta uma grafia que não está adequada ao PB.

2. A diferença das acepções entre as três obras bilíngües analisadas

Quando falamos que as obras não são homogêneas, não estamos afirmando que todas elas devem ser iguais, muito pelo contrário. As especificidades de cada dicionário faz com que os usuários consultem e adquiram mais de uma obra. O que queremos dizer é que as obras lexicográficas devem seguir critérios predeterminados dentro de uma base teórica, para que recebam um tratamento homogêneo tanto na macro quanto na microestrutura.

Não há apenas uma possibilidade de se fazer uma equivalência correta. Cada obra pode optar por ULs diferentes. Na direção F-P, no verbete *fil*, cada dicionário escolhe uma lexia para o equivalente “arame”: DDA - *fil d'archal* (latão), DBB - *fil métallique* e MBA *fil de fer*. Mais interessante seria se todos

indicassem as três possibilidades, do mais geral (*métalique*) para o mais específico (*fer, archal, acier etc.*), pois se o consulente comparar as três formas, não terá discernimento para escolher a forma mais adequada a seu objetivo.

Na direção P-F, há vários exemplos de escolhas diversas para uma equivalência. Isso é esperado, já que o lexicógrafo que faz esse trabalho está lidando com unidades de uma LE, com as quais certamente ele tem menos familiaridade que com aquelas de sua língua materna. Citamos como exemplo a UL “atitude”, que no DDA é *attitude, position du corps; pose*, no DBB *attitude; démarche; position; posture* e no MBA simplesmente *attitude*. Podemos dizer que a UL em francês (*attitude*) recobre aquela em português (“atitude”). Para ficar mais clara a aceção, seria aconselhável acrescentar algumas lexias complexas como *prendre une attitude, attitude arrogante, modifier son attitude*.

Ainda na direção P-F, cada dicionário coloca uma variante formal concorrente para equivaler à expressão *mettre la charrue devant les boeufs*: DDA - “andar o carro adiante dos bois”, DBB - “colocar o carro na frente dos bois” e, por último, MBA - “pôr o carro adiante dos bois”. Com exceção do primeiro caso, que é uma linguagem mais própria do português de Portugal, as outras duas traduções concorrem normalmente no PB.

3. A extensão discrepante dos verbetes, com relação aos outros DBs ou ao DM

Consideramos discrepante quando em uma obra havia excesso de aceções ou exemplos enquanto na outra havia apenas um equivalente e/ou poucos exemplos.

Percebemos que há uma hierarquia com relação à extensão do verbe: os mais longos sempre são do DDA, os intermediários são do MBA e os menores do DBB. Isso não está diretamente relacionado com o tamanho da obra. O MBA tem

uma nomenclatura inferior, mas inclui mais acepções, exemplos e separa os verbetes, quando necessário, enquanto o DBB apresenta uma microestrutura mais reduzida, e ao mesmo tempo, mais polissêmica.

4. O tratamento da polissemia e da homonímia

O DDA ora dá tratamento polissêmico ora homonímico a sua nomenclatura, mas dá preferência à polissemia. Inclui várias ULs como homônimas, sendo que é o único a separar na direção F-P, *élève* e *taille* e na direção P-F, “bola” e “tiro”.

Afirmamos anteriormente que o DBB dá um tratamento polissêmico a seus verbetes. Na direção F-P inclui apenas duas ULs como homônimas (*maître* e *moniteur*) das 556 unidades da listagem do *corpus*. Na direção P-F não apresenta nenhuma UL homônima.

Já o MBA revela um tratamento homonímico. É a obra que mais se conforma com o DPR, a respeito desse aspecto, embora às vezes apresente mais entradas. Apenas na direção F-P dessa obra, cinquenta e três ULs têm duas entradas, ou seja, quase dez por cento do *corpus* [*assiette, blague, café, campagne, carte, case, chaîne, chef, chemise, classe, coin, correspondance, cour, culture, défilé, docteur, droite, endroit, essence, faute, feu, fille, film, fin, glace, gorge, guide, impression, jeu, lettre, licence, magasin, marché, meuble, milieu, moment, note, nouvelle, ordre, parc, pavillon, période, placard, presse, prise, quartier, raison, rapport, règle, secrétaire, service, temps, trafic*]. Dezesseis ULs são inseridas em três entradas [*chambre, coeur, côte, degré, effet(s), entrée, esprit, état, jour, ordonnance, part, partie, pièce, pied, siège, train*] e a UL *cours* vem em quatro entradas no minidicionário, enquanto há apenas uma entrada no DPR para todas essas ULs citadas.

Na direção P-F há bem menos casos de homonímia. Talvez isso ocorra por uma opção dos dicionaristas, que acabam seguindo a tradição lexicográfica do país de origem (Brasil), que é a de adotar o critério etimológico ou de não adotar critério algum.

A UL “caixa” é inserida como substantivo feminino. Os DBs não separam “o caixa”, que tem acepções distintas (‘livro do caixa’ e a ‘pessoa que trabalha com os pagamentos e recebimentos’). O DDA e o MBA informam na microestrutura que se trata de um substantivo masculino, o DBB inclui a informação entre ponto-e-vírgulas, mas sem indicar a mudança de gênero [*caissier* (empregado)]. Mesmo com a opção pela não separação de verbetes na direção P-F, o MBA se decide pela homonímia isoladamente no caso da UL “jornal”.

Há ULs que são consideradas homonímicas apenas nos dicionários monolíngües, como *bar, blanc, brouillard, bus, camion, cas, château, plage, poule, rencontre, rue, sujet*, no DPR e “acordo” no DMA.

Não se deve esquecer do critério fonológico para proceder à classificação de uma unidade como polissêmica ou homonímica. O item “cor”, além de ter étimos distintos², tem pronúncia e gênero diferentes, portanto, cremos que não deveria compor um único verbete. Como as lexias “de cor” (ô, adjetivo para pessoa negra normalmente) e “de cor” (ó, de memória) são bastante usuais, devem integrar a nomenclatura de um dicionário. Falta saber em que lugar. O DBB coloca “de cor”(ó) no verbete “cor”(ô), cuja equivalência *par coeur*, não tem nada a ver com as outras informações do verbete. A mesma distinção fonética ocorre com a UL “corte” (ó - sm) / “corte” (ô - sf). Cremos que, nesse caso, mesmo que uma das ULs não seja frequente, deve integrar a nomenclatura, para proporcionar maior clareza na apresentação dos dados.

² Cf. DMA - Verbetes: cor - [Do lat. cor.] - S. m. Ant. - 1. Coração1 (1) [Cf. cor (ô).] // Verbetes: cor (ô) [Do lat. colore.] - S. f.

5. Os critérios de inclusão das acepções

A maioria das obras atuais inserem as acepções das ULs utilizando o critério da frequência, anotando primeiramente o sentido mais geral. Notamos que o DDA, mesmo porque é o mais antigo, adota o critério cronológico, indicando preferencialmente o sentido antigo ou desusado no início da microestrutura. Segue o procedimento da maioria dos dicionários monolíngües. Às vezes é o sentido mais específico que inicia o verbete.

Esses critérios determinam, por exemplo quanto à UL *bibliothèque*, qual a acepção aparece primeiro: “biblioteca” ou “estante de livros”. No MBA, a primeira acepção dessa UL é a que deveria vir em segundo lugar [1. Estante de livros. 2. Biblioteca.].

Ao verificar o verbete *camion*, do DDA, percebemos que há esse problema:

Alfinetinho. / Soco ou tamanco de criança. / Vaso de barro em que se diluem as tintas. / Camião ou Caminhão - carro, carroça de quatro rodas pequenas para transporte de mercadorias. Grande carro automóvel para transporte de carga.

A primeira acepção incluída vem em entrada distinta no DPR. A segunda acepção não foi encontrada em nenhum outro dicionário. A terceira, muito específica, deveria ser a última a ser inserida ou nem mesmo constar de uma obra bilíngüe escolar. Finalmente aparece a acepção mais comum: “caminhão”.

Na direção P-F, notamos uma divergência com relação à UL “cabo” nos três DBs. Cada verbete inicia com equivalentes distintos: DDA - *cap* (ponta de terra), DBB - *câble* (feixe de fios) e MBA - *caporal* (militar). A solução do MBA parece que foi seguir o dicionário monolíngüe (DMA), mas não sabemos o motivo da escolha dos outros DBs. Na nossa opinião, o critério da frequência resolveria o impasse.

O problema mais sério é a não-inclusão de uma UL freqüente. Na direção F-P, o DDA não insere *bus* e *speaker*. O DDA não inclui ainda *mort* (substantivo variável) no sentido de ‘aquele que morreu’, há apenas uma entrada para *mort* (sf), ‘fim da vida’. O DBB não inclui *commune*. Essa mesma obra insere a UL *pêche* com as acepções de ‘pêssego’ e ‘pescaria’ também em apenas uma entrada. O DDA e o DBB não criam uma entrada independente para *droite*, cujas acepções vêm no verbete *droit*. O mesmo ocorre no DDA com relação ao verbete *patron*: os sentidos de ‘patrão’ e ‘padrão’ são introduzidos num único verbete. O MBA não trata, na sua nomenclatura, dos itens *cambriolage*, *canapé*, *préciosité* e *thème*.

Na direção P-F, o DDA não inclui na sua nomenclatura os substantivos “comercial”, “controle”, “equipe” e “profissional”. O DBB insere “corte” (ô, sf) no mesmo verbete que “corte”(ó, sm). Esse dicionário trata destas ULs colocando os sentidos misturados: “pena” - ‘peça que cobre o corpo das aves’, ‘castigo imposto a alguém’ e ‘piedade ou dó’ / “renda” - ‘quantia de dinheiro’ e ‘tecido delicado’ / “risco”- ‘traço feito em papel’ e ‘perigo’ / “sol” – ‘estrela’ e ‘nota musical’. O DBB não inclui “solo” no sentido de ‘música tocada ou cantada por um único artista’. O MBA não insere como substantivo “campanha”, “comercial”, “comunista”, “década”, “devido” e “estranho”.

Não eram esperadas lacunas com um *corpus* formado das palavras comprovadamente mais freqüentes da língua.

6. A atualização do texto lexicográfico (ausência de UL modernas)

Pelo fato de ser uma obra antiga, o DDA não inclui na sua nomenclatura termos referentes às ciências e técnicas modernas, como a informática. Não encontram-se também expressões coloquiais usuais. Termos como “banco de dados”/*banque de données*, “computação”/*informatique*, não devem ser

negligenciados pelos lexicógrafos, dada sua frequência e necessidade. Como também na direção P-F as ULs “televisão a cabo” e “controle remoto” estão presentes apenas no DBB – *télévision par câble* e *télécommande*.

Outro fato interessante é a ausência da UL *bus* no DDA, abreviação de *autobus*, usual atualmente e muito importante para a comunicação, visto tratar-se de um tipo de transporte muito usado.

Como já dissemos, o dicionário é uma obra fechada, estática, que contém o léxico como objeto, que é dinâmico, pois está sempre em desenvolvimento. Por esse motivo, muitas informações tornam-se obsoletas nos dicionários que não são reeditados. O DDA, por exemplo, cuja edição analisada é de 1989, traz uma informação que não é mais válida sobre a UL “cruzeiro” [*monnaie actuelle du Brésil*]. Sobre essa acepção o MBA, publicado em 1999, informa: [5. *Ancienne unité monétaire du Brésil*].

7. A adaptação do texto lexicográfico ao consulente brasileiro (variedade brasileira do português)

Muitas definições apresentadas não usam um vocabulário básico, mas sim palavras rebuscadas, de difícil compreensão para qualquer usuário brasileiro, mais ainda para um aprendiz de LE do nível elementar. Também percebemos que as expressões incluídas não são tão frequentes no Brasil. Não sabemos informar se o são em Portugal, cujo vocabulário diverge em vários pontos daquele da variedade brasileira.

Há divergência no vocabulário das lexias simples e complexas. *Chaussette* é traduzida por “peúga”. *Billet doux*, por exemplo, é definido no DDA como “carta de namoro”, quando dizemos “carta de amor”, *carte d'identité*, como “bilhete de identidade”. Inadequado é o exemplo da UL *boîte*, cuja primeira

acepção é “caixa, boceta”. Na direção P-F, no DDA, há as ULs “cadeira de verga” e “cadeira de engonços”, equivalentes a *fauteuil d'osier* e *fauteuil pliant/chaise pliante*. Na verdade não se trata de ULs habituais no Brasil, pois chamamos de “cadeira de vime” e “cadeira dobrável”. O mesmo ocorre com “caixa de velocidades”/*boîte de vitesses*, cujo uso mais comum no Brasil é “caixa de câmbio”.

As expressões idiomáticas devem trazer uma tradução idiomática adequada. *Ficher le camp* no DDA vem com os equivalentes “partir, retirar-se, safar-se, fugir, dar às de vila-diogo”, os quatro verbos não são correspondentes idiomáticos e a expressão não é usual no Brasil. Outros exemplos: *voir de quel côté vient le vent* = “estar a ver em que param as modas”; *la cour du roi Pétaud* = “casa onde todos mandam menos o amo”. A solução mais adequada é a apresentada pelo DBB, que, na maioria das vezes, realiza bem essas traduções: *Ficher/foutre le camp* = “dar no pé, sumir”. Sugerimos para a expressão *la cour du roi Pétaud* = “a casa da mãe Joana” ou “casa da sogra”, equivalente encontrado em um dicionário de idiomatismos³. Para a outra expressão não encontramos nenhuma resposta que se adaptasse perfeitamente, o mais próximo que chegamos é o provérbio “é bom saber de que lado sopra o vento” = *il faut savoir de quel côté mon pain est beurré*⁴.

Na direção P-F, falta no DDA a acepção considerada como brasileirismo no DMA, com relação à UL “arte”/*esplèglerie*, equivalente de “criança que faz arte, arteira”. Esta acepção consta das outras obras bilíngües DBB e MBA. A UL “fato”, com o sentido de “roupa, vestuário”, constitui entrada no DMA e DDA. Certamente não se trata de uma lexia freqüente no português do Brasil, portanto não deve compor a nomenclatura de um DB feito para os consulentes brasileiros.

³ MATTOS, J. P. J.; BRETAUD, R. *Dicionário de idiomatismos* (francês-português/português-francês). Rio de Janeiro: Saraiva, 1990.

⁴ *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões*, 2002.

8. O grau de dificuldade do texto lexicográfico para o estudante brasileiro (construções e textos confusos, explicações insuficientes, equivalentes sem especificações)

Além do problema das palavras complexas, há aquele das construções inusitadas, de explicações que não esclarecem o sentido. Os exemplos e lexias complexas inseridos não estão relacionados com cada acepção. O DDA fornece como equivalente da expressão [Artilh.] *tirer de but en blanc* a frase “atirar a um alvo colocado no ponto em que a trajetória, que a bola descreve, corta a linha de mira prolongada”, explicação que para os leigos em artilharia é bastante complexa. A informação do DPR para essa lexia é “sem preparo, bruscamente”, ou simplesmente “à queima-roupa, de repente, de súbito”. Para a equivalência da acepção de *envies*, o DDA atribui “espiga, película que se separa da pele em volta das unhas (das mãos)”, ao invés de “cutícula”, a frase é bastante longa para o público ao qual nos referimos. No DBB, por exemplo, as acepções são inseridas separadas apenas por ponto-e-vírgula e os sinônimos por vírgula.

Outro problema é o caso das repetições da mesma UL com definições, ao invés de exemplos e especificações, como no verbete *concours*, do DDA:

[Concurso; concorrência, afluência de pessoas que se dirigem para o mesmo ponto. / Concurso, encontro, coincidência. / Concurso, cooperação, ajuda, auxílio, ação simultânea de pessoas ou coisas que tendem ao mesmo fim. / Concurso, luta entre vários concorrentes que disputam o mesmo prêmio, emprego etc. / Concurso, exibição solene dos trabalhos executados pelos concorrentes, distribuindo-se prêmios aos que mais se distinguiram. / Jur. Concurso, competição, pretensão ao mesmo direito. / Geom. Concurso, direção para o mesmo ponto. / Filos. "Concours divin" = concurso divino, participação do Ente Supremo no movimento da matéria. / Gram. Concurso, encontro vicioso (de sons, de vogais).]

Na direção P-F ocorre o mesmo problema com relação à UL “fenômeno”:

Phénomène, tout ce qui tombe sous les sens, tout ce qui peut affecter notre sensibilité d'une manière quelconque, soit au physique, soit au moral. / Phénomène, tout ce qui est extraordinaire; tout ce qui est rare et surprenant. / Phénomène, personne qui se

fait remarquer par ses talents, ses actions. / Phénomène, être humain ou animal présentant quelque particularité extraordinaire et qu'on exhibe dans une foire.

Uma reorganização do verbete, evitando as repetições e especificando os usos através de exemplos, seria ideal para atender às restrições editoriais.

Outra inadequação que encontramos com relação ao texto lexicográfico refere-se à afirmação de Picoche, à qual nos referimos no item 6, de que um substantivo deve ser definido por um substantivo. No MBA, há duas formas verbais no item lexical *courant*. “Decorrer” pode ser classificado como substantivo masculino também, mas como não há nenhuma menção à classe gramatical, consideremos o verbo correr:

1. Corrente, curso, correnteza. 2. Corrente (elétrica). 3. Decorrer. 4. Correr.
 “*Courant d'air*” = vento encanado. “*Au courant*” = a par, informado.

9. A verificação dos principais exemplos e lexias complexas escolhidos para constar no verbete

Notamos que cada obra escolhe à sua maneira as lexias complexas para compor o verbete. Achamos importante que sejam incluídas aquelas mais usuais ou as mais necessárias, ou seja, devem ser aplicados os critérios da frequência e da relevância. Sobre o aspecto da quantidade, o DDA quase sempre inclui mais lexias complexas que os outros. Contudo, grande parte dessas unidades não são adequadas à variedade brasileira do português. Por outro lado, o DBB, embora inclua menos lexias, apresenta uma tradução idiomática quando necessário e considera temas atuais. O MBA inclui poucas lexias complexas, sobretudo na direção P-F.

10. As abreviaturas e marcas de uso utilizadas

Verificamos, em pesquisa precedente⁵, que há incoerência mesmo na nomenclatura das marcas de uso. Algumas obras usam “familiar” enquanto outras usam “coloquial” para designar a mesma unidade. Há também confusões quanto às marcas “popular”, “gíria”, “culto”, “corrente”, “provérbio” etc. Como por exemplo a UL *boîte*, em uma das acepções no DDA é considerada Pop. “a casa onde se mora, o colégio, a escola”, no DBB é Coloq. “escritório, empresa; colégio, loja” e no MBA essa acepção é subdividida, considerada Péj. “casa, local de trabalho” e Gír. “escola” (este último DB está de acordo com o DPR, que utiliza as marcas coloquial e pejorativo).

Essas marcas estão relacionadas com uma descrição linguística nos níveis diatópico, diafásico e diastrático, que em algum ponto se confundem. De fato, não encontramos homogeneidade na classificação das unidades complexas nas obras analisadas, o que seria desejável mas bastante difícil.

Até mesmo com as marcas que designam aspectos gramaticais o lexicógrafo deve tomar cuidado. As locuções *au contraire* e *au contraire de*, por exemplo, são classificadas: a primeira como adverbial e a segunda como prepositiva nos DBB e MBA, enquanto o DDA classifica *au contraire de* como adverbial. Pode ser que esta informação não seja tão relevante para o consulente, mas não se admitem erros de classificação gramatical no dicionário. Essas falhas certamente ocorrem em virtude de descuidos dos revisores.

⁵ Marcas de uso em dicionários bilíngües francês-português: uma verificação - uma comunicação que apresentamos no 50º. Seminário do GEL, São Paulo, 2002.

8. PROPOSTA DE UM PARADIGMA DE VERBETES PARA DICIONÁRIOS BILÍNGÜES FRANCÊS-PORTUGUÊS DO BRASIL

Apresentamos, finalmente, uma proposta de verbetes para um dicionário bilíngüe escolar. Nessa amostra contemplamos os tipos de problemas encontrados nos dicionários analisados. Procuramos fornecer uma equivalência correta para cada acepção. Tratamos de ULs polissêmicas e homonímicas, adotando, de preferência, o modelo de inclusão do DPR para o francês e do DDP para o português. Buscamos incluir lexias atuais, pensando nos consulentes brasileiros, sobretudo os estudantes de língua estrangeira. Pretendemos fornecer o equivalente mais adequado, incluindo explicações simples, se necessário, com pelo menos um exemplo para cada acepção. Evitamos o emprego sistemático de marcas de uso. Como não há unanimidade entre os lexicógrafos, e como há marcas muito específicas, preferimos adotar apenas as mais simples, nos casos das classificações bem definidas, como apresentamos na página seguinte.

Estas são as ULs que escolhemos para fazer a amostra de verbetes:

ULs do francês	ULs do português
<i>adresse, ballon, carte, cours, disque, effet, ferme, fleuve, glace, jeu, lettre, livre, pièce, quartier, taille</i>	altura, banco, cadeira, caixa, controle, corte (ó/ô), direito, exterior, fim, língua, livro, louco, meia, pé, renda

Lista de abreviaturas utilizadas:

AFI = Alfabeto fonético internacional	Lit. = literário
Anat. = anatomia	Med. = medicina
Ant. = antigo	Mús. = música
Arquit. = arquitetura	pl. = plural
Cin. = cinema	Qqn= quelqu'un
Coloq. = coloquial	Quím = química
Com. = comércio	Rel. = religião
Esp. = esporte	s = substantivo
Fin. = finanças	sf = substantivo feminino
Geom. = geometria	sm = substantivo masculino
HQ = história em quadrinhos	Teat. = teatro
Inf. = informática	Tec. = tecnologia

OBS. 1 — As entradas estão destacadas com a fonte *nadianne*. As acepções vêm em fonte normal (*Times new roman 11*). Empregamos negrito e itálico para destacar tanto os exemplos quanto as lexias compostas e complexas. Usamos uma fonte diferente (*arial narrow*) para as frases feitas. As explicações entre parênteses são incluídas numa fonte menor.

OBS. 2 — Usamos a marca “♦” para indicar as lexias compostas e complexas (com sentido mais ou menos cristalizado). Usamos como parâmetro principalmente o DEL e o PIP.

OBS. 3 — Inserimos as marcas em português tanto na direção F-P quanto na direção P-F porque pensamos em uma obra de consulta para usuários brasileiros nas duas partes. Essas abreviaturas são inseridas na fonte *arial*.

OBS. 4 — Para a ordenação das acepções, tomamos como parâmetro o DPR para a direção francês-português e o DDP para a direção português-francês.

Francês-Português

adresse¹ – sf [AFI] – 1. Endereço, sobrescrito. *Un carnet d'adresses* : uma agenda de endereços. *Mettre l'adresse sur l'enveloppe* : sobrescrever o envelope. 2. Entrada de dicionário. 3. Inform. Nome de arquivo. ♦ *À l'adresse de* : aos cuidados de. *Se tromper d'adresse* : errar de porta.

adresse² – sf [AFI] – 1. Destreza, habilidade. 2. Tato, diplomacia, esperteza. ♦ *Tours d'adresse* : ilusionismo.

ballon – sm [AFI] – 1. Bola (de couro, plástico, etc., para brincar, jogar). 2. Bexiga. 3. Balão (para praticar o balonismo). *Ballon dirigeable* : balão dirigível. 4. Quím. Balão de ensaio. 5. Copo em forma de balão. 6. Balão (fala de personagens de HQ). ♦ *Balon d'oxigène* : (Med.) balão de oxigênio. *Ballon rond* : bola de futebol e o próprio esporte. *Ballon d'essai* : balão-sonda.

carte – sf [AFI] – 1. carta (de baralho). *Battre, couper, distribuer les cartes* : embaralhar, cortar, distribuir as cartas. 2. Cartão. 3. Mapa, carta. *Carte du globe (mappemonde)* : mapa-múndi. 4. Bilhete, entrada, tiquete. 5. Com. Cartela. *Une carte de boutons* : uma cartela de botões. 6. Cardápio, menu. *Carte de vins* : cardápio de vinhos. 7. Tipo de documento – carteira, cédula, certidão, título. 8. Tec. *Carte perforée* : cartão perfurado. ♦ *Carte postale* : cartão-postal. *Carte de visite* : cartão de visita. *Carte de crédit, à puce* : cartão de crédito, eletrônico. *Carte de téléphone (télécarte)* : cartão telefônico. *Carte d'identité* : carteira, cédula de identidade. *Carte d'électeur* : título de eleitor. *Carte d'étudiant* : carteirinha de estudante. *Carte de séjour* : certidão

dada aos estrangeiros que moram por mais de três meses na França. *Donner carte blanche* : dar carta branca. *À la carte* : a escolher.

cours¹ – sm [AFI] – 1. Curso de água corrente. *Détourner le cours d'une rivière* : desviar o curso de um rio. 2. Andamento, sequência, sucessão, desenvolvimento. *Le cours des événements* : o andamento dos fatos. 3. Valor de mercado, cotação. *Le cours du dollar a augmenté* : a cotação do dólar aumentou. *Au cours du jour* : na cotação do dia. *Cours du change* : taxa de câmbio. ♦ *Donner libre cours* : dar vazão. *Suivre son cours* : seguir seu curso. *Au cours de* : no decorrer de, durante.

cours² – sm [AFI] – 1. Curso, matérias ensinadas em uma escola. *Cours de littérature* : curso de literatura. *Cours de danse* : curso de dança. *Suivre un cours* : fazer um curso. *Cours par correspondance* : curso por correspondência. 2. Aula. *Faire, donner un cours* : dar uma aula. 3. Escola. *Cours de vacances* : escola de férias.

disque – sm [AFI] – 1. Disco. Esp. *Lancer le disque* : lançar o disco. *Disque du soleil* : disco solar. Tec. *Freins à disques* : freios a disco. 2. Mús. *Sortir un nouveau disque* : lançar um disco novo. *Disque compact* : C.D. Coloq. ♦ *Changer de disque* : mudar o disco.

effet – sm [AFI] – 1. Efeito, consequência, resultado. *Effets secondaires* : efeitos colaterais. 2. Fenômeno natural. *Effet de serre* : efeito estufa. 3. Esp. *Donner de l'effet à la balle* : fazer uma jogada com efeito. 4.

Realização, conclusão. 5. Impressão. *Faire de l'effet à qqn* : impressionar alguém. 6. Com. Letra de câmbio, título, ordem. Fin. *Effets publics* : títulos negociáveis de dívida pública. ♦ *Il n'y a pas d'effet sans cause* : não há efeito sem causa. *En effet* : com efeito, realmente. *À cet effet* : para esse fim. *Effets spéciaux* : efeitos especiais.

effets – sm pl. [AFI] – 1. Ant. Roupas.

ferme¹ – sf [AFI] – 1. Aluguel, arrendamento. Terras arrendadas. *Bail à ferme* : arrendamento de propriedade rural. 2. Exploração agrícola (de terras arrendadas). *Ferme d'élevage* : fazenda de criação de gado. 3. Fazenda. *Les bâtiments d'une ferme* : a sede e as outras construções da fazenda.

ferme² – sf [AFI] – 1. Arquit. Estrutura, armação que sustenta o teto de uma construção. 2. Teat. Cenário, decoração.

fleuve – sm [AFI] – Rio (deságua no mar). Lit. Abundância. Lit. *Des fleuves de sang* : rios de sangue.

glace – sf [AFI] – 1. Gelo. *Seau à glace* : balde de gelo. *Patiner sur la glace* : patinar no gelo. 2. Sorvete. *Cornet de glace* : casquinha (de sorvete). *Glace au chocolat, à la fraise* : sorvete de chocolate, de morango. 3. Vidro. *Glace d'une porte* : vidro de uma porta. *Baisser, lever les glaces* : baixar, subir os vidros (do carro). 4. Espelho. *Armoire à glace* : armário com espelho. *Se regarder dans une glace* : se olhar no espelho. 5. Glacê. ♦ *Rompre, briser la glace* : quebrar o gelo.

jeu – sm [AFI] – 1. Jogo, diversão, brincadeira. *S'adonner à son jeu favori* : dedicar-se a seu passatempo favorito. 2. Esp. Jogo, competição esportiva. *Jeux Olympiques* : jogos olímpicos. *Jeu*

à treize : rúgbi. 3. Passatempo com regras, por diversão ou competição. *Jeux de hasard* : jogos de azar. *Tricher au jeu* : trapacear no jogo. 4. Jogo em que se arrisca dinheiro. *Dettes de jeu* : dívidas de jogo. 5. Aposto. *Faites vos jeux* : façam suas apostas. 6. Instrumentos do jogo. *Jeu d'échecs, de dames* : jogo de xadrez, de damas. *Avoir un beau jeu* : ter cartas boas. 7. Série, conjunto de objetos. *Jeu de maillots d'une équipe* : jogo de camisas de um time. 8. Desempenho, interpretação. *Le jeu du musicien* : a interpretação do músico. *Jeu de scène* : jogo de cena. 9. Jogo, funcionamento, movimento regular. *Jeu d'un ressort* : jogo de uma mola. *Jeu de lumière* : jogo de luz. 10. Defeito de articulação. *Cette porte a du jeu* : esta porta está com jogo. ♦ *Ce n'est pas un jeu d'enfants* : isso não é brincadeira de criança. *Jeu de mots* : trocadilho. *Jouer le jeu* : jogar o jogo, aceitar as regras. *Heureux au jeu, malheureux en amour* : feliz no jogo, infeliz no amor. *Entrer dans le jeu* : entrar no jogo. *Tirer son éplingle du jeu* : tirar o corpo fora. *Les jeux sont faits* : os dados estão lançados. *Cacher son jeu* : esconder o jogo. *Avoir un jeu de jambe* : ter jogo de cintura.

lettre – sf [AFI] – 1. Letra. *Les lettres de l'alphabet* : as letras do alfabeto. 2. Carta, correspondência. *Un bout de lettre* : um bilhete. *Papier à lettres* : papel de carta. *Lettre recommandée* : carta registrada. *Lettre anonyme* : carta anônima. *Boîte aux lettres* : caixa de correspondência. 3. Documento que oficializa um ato comercial, uma operação financeira. *Lettre de crédit* : carta de crédito. *Lettre de licenciement, de démission* : carta de demissão. 4. pl. Cultivo da literatura, das ciências humanas. *Homme de lettres* : escritor. ♦ *Avant la lettre* : antes de sua época. *En toutes lettres* : com todas as letras, por extenso. *Au pied de la lettre* : ao pé da letra. *Lettre morte* : letra morta. *Les cinq lettres (merde)* :

(Coloq.) a palavra ‘merda’. *Lettre circulaire* : carta circular. *Lettre ouverte* : carta aberta. *Lettre de change* : letra de câmbio.

livre¹ – sm [AFI] – 1. Livro. *Livre scolaire* : manual. 2. Caderno para registro. *Livre de caisse* : livro de caixa. *Le livre de comptes, de dépenses* : registro de contas e despesas, livro de registros. ♦*Lire à livre ouvert* : ler com facilidade. *Parler comme un livre* : falar como um livro, corretamente.

livre² – sf [AFI] – 1. Libra (por volta de ½ kg.). *Acheter une demi-livre de café* : comprar 250 gramas de café. 2. Libra esterlina (£), unidade monetária da Inglaterra.

pièce – sf [AFI] – 1. Peçaço, fragmento. 2. Peça, cada elemento de um conjunto. *Les pièces d'un jeu d'échecs* : as peças de um jogo de xadrez. *Un deux-pièces* : um conjunto feminino, um biquíni. 3. Peça, parte de um todo. *Une pièce de viande* : uma peça de carne. *Une pièce de bétail* : uma cabeça de gado. *Les pièces d'un moteur* : as peças de um motor. 4. Moeda. *Une pièce d'argent* : uma moeda de prata. *Donner la pièce à qqn* : dar gorjeta. 5. Papel que serve de comprovante de alguma coisa. *Pièce d'identité* : carteira de identidade. 6. Teat. Obra literária ou musical. *Pièce de théâtre* : peça de teatro. 7. Cômodo. *Un deux-pièces* : um imóvel de dois cômodos. 8. Remendo. *Mettre une pièce à un vêtement* : pôr um remendo numa roupa. ♦*Mettre en pièces* : fazer em pedaços. *Rendre à qqn la monnaie de sa pièce* : pagar com a mesma moeda, dar o troco. *D'une seule pièce* : inflexível.

quartier – sm [AFI] – 1. Um quarto. *Un quartier d'agneau* : um quarto de cordeiro. 2. Cada uma das fases da Lua. *Premier, dernier quartier de la Lune* :

quarto crescente, minguante. 2. Parte, pedaço, fatia. *Un quartier d'orange* : um gomo de laranja. 3. Bairro. *Un quartier populaire* : um bairro popular. *L'école du quartier* : a escola do bairro. 4. Quartel. *Quartier général* : quartel-general. ♦*Quartier libre* : hora de folga. *Ne pas faire quartier* : não poupar ninguém.

taille – sf [AFI] – 1. Talho, corte, poda. *Taille des arbres* : poda das árvores. 2. Corte, incisão. 3. Corte, fio de uma espada. 4. Tamanho, estatura, *Taille moyenne* : estatura mediana. 5. Manequim. *Cette robe n'est pas à ma taille* : Este vestido não é meu número. *Taille 40* : manequim 40. 6. Tamanho, dimensão. 7. Cintura (de pessoa, de roupa). *Veste à taille marquée* : casaco acinturado. ♦*Être de taille (à)* : ter capacidade (de). *De taille* : de grande porte. *Taille de guêpe* : cintura de pilão, de vespa.

Português-Francês

altura – sf [AFI] – 1. Hauteur, haut (objets). *A altura da torre*: la hauteur de la tour. *Este prédio tem trinta metros de altura*: Ce bâtiment a trente mètres de haut. Rel. *Glória a Deus nas alturas*: gloire à Dieu dans les hauteurs des cieux. Geom. *Altura de um triângulo*: hauteur d'un triangle. 2. Altitude. *O avião subiu a grande altura*: l'avion a pris de l'altitude. 3. Taille, stature (pessoas). *Homem de altura média*: homme de taille moyenne. *O sujeito tem quase dois metros de altura*: le type a presque deux mètres. ♦ *A altura*: à la hauteur. *A certa altura*: à un certain moment.

banco¹ – sm [AFI] – 1. Banc. *Banco de jardim*: banc de jardin. *Banco dos réus*: banc des accusés. *Banco de areia*: banc de sable.

banco² – sm [AFI] – 1. Banque (sf). *Ter uma conta no banco*: avoir un compte en banque. ♦ *Banco de sangue*: banque du sang. *Banco de órgãos*: banque d'organes. *Banco de dados*: (Inf.) banque de données.

cadeira – sf [AFI] – 1. Chaise. 2. Chaire. *Cadeira de um professor*: chaire d'un professeur. 3. Siège, place. *Cadeira de um acadêmico*: Siège d'académicien. *Oferecer a cadeira a alguém*: donner, offrir un siège à qqn. ♦ *Cadeira de vime*: fauteuil d'osier. *Cadeira dobrável*: chaise pliante. *Cadeira de balanço*: berceuse, rocking-chair, chaise ou fauteuil à bascule. *Cadeira de rodas*: chaise roulante. *Cadeira elétrica*: chaise électrique.

cadeiras – sf pl. [AFI] – 1. Les hanches, les reins. *Estar com dor nas cadeiras*: avoir mal aux reins.

caixa¹ – sf [AFI] – 1. Boîte. *Caixa de ferramentas*: boîte à outils. *Uma caixa de chocolates*: une boîte de chocolats. 2. Caisse (grande boîte). *Despachar uma caixa*: expédier une caisse. 3. Banque, caisse. 4. Com. *Caixa registradora*: caisse enregistreuse. 5. Mús. *Caixa de ressonância*: caisse de résonance. 6. Anat. *Caixa craniana*: Boîte crânienne. ♦ *Caixa de câmbio*: boîte de vitesses. *Caixa-postal*: Boîte postale. *Caixa-preta*: boîte noire. *Caixa-d'água*: château d'eau. *Caixa Econômica*: Caisse d'épargne. *A toque de caixa*: tambour battant.

caixa² – sm [AFI] – (emprega-se no masculino) Com. 1. [O caixa] Le caissier (personne qui tient la caisse). 2. La caisse, guichet où se font les paiements. *Fazer fila no caixa*: faire la queue à la caisse. 3. Somme d'argent. *Fazer o caixa*: faire sa caisse. *Livro do caixa*: livre de caisse. ♦ *Caixa-eletrônico*: guichet automatique.

controle – sm [AFI] – 1. Contrôle, vérification. *Controle fiscal*: contrôle fiscal, fiscalização. 2. Maîtrise, le fait de se contrôler. *Controle de natalidade*: contrôle des naissances. ♦ *Perder o controle*: être hors de ses gonds. *Controle remoto*: télécommande.

corte¹ (ó) – sm [AFI] – 1. Coupe, taille. *Ferramenta de corte*: outil de coupe. *Um corte de cabelos*: une coupe de cheveux. 2. Coupure, incision. *Fazer um corte na mão*: se faire une coupure à la main. 3. Coupon, pièce d'étoffe. *Corte de vestido*: coupon de robe. 4. Interruption. *Corte de energia*: coupure du courant électrique. 5. Suppression. *Fazer um corte no pessoal da empresa*:

faire une coupe dans le personnel de l'entreprise.

corte² (ô) – sf [AFI] – 1. Ant. Cour. *O luxo da corte*: le luxe de la cour. *A corte de Luís XIV*: La cour de Louis XIV. ♦ *Fazer a corte a (paquerar)*: faire la cour à qqn. *Bobo da corte*: fou, dindon de la farce.

direito¹ – sm [AFI] – 1. Droit, règle morale et/ou sociale. *Ter direito ao voto*: avoir le droit de vote. **A Declaração dos direitos humanos**: la Déclaration des droits de l'homme. 2. Droit, conforme à la loi. *Direito de greve*: droit de grève. 3. Autorité morale. *Ter direito ao reconhecimento de alguém*: avoir le droit à la reconnaissance de qqn. ♦ *Direito de resposta*: droit de réponse. *Direito autoral*: droit d'auteur. *De direito*: de plein droit.

direito² – sm [AFI] – 1. Droit, ensemble de règles et lois. 2. Science juridique. *Estudante de direito*: étudiant en droit. *Faculdade de direito*: faculté de droit. ♦ *Direito civil*: droit civil. *Direito internacional*: droit des gens.

direito³ – sm [AFI] – 1. Endroit (côté destiné à être vu). *O direito e o avesso de um tecido*: l'endroit et l'envers d'un tissu.

exterior – sm [AFI] – 1. Extérieur, dehors. *O exterior da casa*: l'extérieur/le dehors de la maison. Cin. *Tomadas do filme feitas no exterior*: Prises de vues du film en extérieur. 2. Aspect, apparence. *Seu exterior era agradável*: son extérieur/dehors était agréable. 3. Pays étranger. *Viagem ao exterior*: voyage à l'étranger. *Morar no exterior*: vivre à l'étranger.

fim – sm [AFI] – 1. Fin (sf), bout. *Até o fim*: jusqu'à la fin. *O fim do ano*: la fin de l'année. 2. Terme. *O fim de suas esperanças*: la fin de ses espoirs. 3.

Morte. 4. Fin, but, objectif. *O fim justifica os meios*: La fin justifie les moyens. ♦ *Fim do túnel*: bout du tunnel. *Fim de mundo*: trou. *Fim de papo*: c'est assez causé. *É o fim da picada!*: c'est la fin des haricots, c'est la totale. *Pôr fim a seus dias*: mettre fin à seus jours. *Estar no fim*: être à bout. *Com o fim de*: dans le but de. *Com esse fim*: à cette fin.

língua¹ – sf [AFI] – Langue. *Queimar a língua*: se brûler la langue. ♦ *Morder a língua*: se mordre la langue. *Dar com a língua nos dentes*: manger le morceau, ne savoir tenir sa langue. *Saber na ponta da língua*: savoir sur le bout du doigt. *Má língua*: mauvaise langue. *O gato comeu a sua língua?*: Tu as perdu ta langue?

língua² – sf [AFI] – Langue, idiome, parler. *Os brasileiros falam a língua portuguesa*: Les brésiliens parlent le portugais. *Língua oral, escrita*: langue parlée, écrite. *Laboratório de Línguas*: Laboratoire de langues. ♦ *Língua materna*: langue maternelle. *Língua estrangeira*: langue étrangère.

livro – sm [AFI] – Livre. Coloq. *Bouquin*. *Publicar um livro*: publier un livre. ♦ *Livro de cabeceira*: livre de chevet. *Livro de ouro*: livre d'or. *Livro didático*: livre scolaire, ouvrage didactique.

louco – s [AFI] – 1. Fou, aliéné. [fem. folle] ♦ *Louco de pedra*: fou à lier. *Ser louco por* (gostar muito): être fou de, fêré de. *Como um louco*: comme un fou. Coisa de louco: histoire de fou. *Cada louco com a sua mania*: à chaque fou sa marotte.

meia – sf [AFI] – 1. Chaussette, bas. *Meias de lã*: chaussette, bas de laine. *Meia soquete* (curta): socquette. 2. Maille, tricot. *Ponto meia*: point mousse [point de jersey]. *Uma camisa de meia de*

algodão: une chemise en maille de coton. ♦*Pé-de-meia*: bas de laine. *Fazer seu pé-de-meia*: faire son beurre, sa pelote.

meia-calça – sf [AFI] – Bas de nylon, de soie, collant. *Sua secretária está usando meia-calça preta*: Sa secrétaire porte un collant noir. *As aeromoças quase sempre usam meia-calça*: Les hôtesses de l'air portent presque toujours des bas de nylon.

pé – sm [AFI] – 1. Pied (personnes). *Ele está com dor nos pés*: il a mal aux pieds. *Os dedos do pé*: les orteils [artelhos]. 2. Support, base. (objets) *A mesa tem quatro pés*: la table a quatre pieds. 3. Base, pied (d'une plante). *Cortar os pés de café*: couper les pieds de café (caféier). 4. Mesure anglo-saxonne (0,3048m). *Um pé tem doze polegadas*: un pied vaut douze pouces. ♦*No pé de alguém*: aux côtés de qqn. *Aos pés de alguém*: aux pieds de qqn, à la botte de qqn. *A pé*: à pied. *De pé*: debout. *Dos pés à cabeça*: de pied en cap. *Num pé só*: sur un pied. *Levantar com o pé esquerdo*: se lever du pied gauche. *Estar de pé atrás*: se tenir à carreau. *Estar com um pé na cova*: avoir un pied dans la fosse. *Pés-de-galinha*: pattes d'oie. *Dar pé*: avoir pied. *Dar no pé*: foutre le camp. *Pé ante pé*: à pas de loups. *Ao pé da letra*: au pied de la lettre. *Em pé de guerra*: sur le pic de guerre.

renda¹ – sf [AFI] – Rente, revenu, profit. *Viver de renda*: vivre de ses rentes. *Renda vitalícia*: rente viagère. *A renda da empresa*: la rente de l'entreprise. ♦*Renda bruta*: revenu brut. *Renda líquida*: revenu net. *Imposto de renda*: impôts sur les revenus. *Renda per capita*: revenu par tête.

renda² – sf [AFI] – 1. Dentelle. *Vestido de renda*: robe de dentelle. *Renda feita à mão, à máquina*: dentelle au crochet, à la machine.

9. CONCLUSÕES

A Lexicografia ocupa-se, como vimos, não só da confecção de obras lexicográficas, mas também da análise crítica das obras existentes. A realização do exame dos dicionários é uma etapa muito importante para a evolução do estado da arte da lexicografia. É possível aperfeiçoar as novas publicações com o conhecimento das falhas, das lacunas e das inadequações das antigas. Daí a importância de estudos pontuais do tratamento das unidades lexicais nos dicionários.

Na análise que realizamos, consideramos três dicionários bilíngües heterogêneos: um grande dicionário, um dicionário escolar e um minidicionário. Embora possa parecer que não seja um procedimento correto, na verdade foi bastante útil para o que quisemos demonstrar com relação ao vocabulário básico.

Pudemos observar, que dentre os diversos tipos de carência no mercado, falta uma obra lexicográfica bilíngüe de médio porte que contemple as línguas francesa e portuguesa do Brasil. Uma das obras mais notórias é o DDA. É uma obra rica em conteúdo. Tem uma microestrutura bem feita, com definições, vários equivalentes e com a inclusão de unidades fraseológicas. Apresenta a maior nomenclatura que contempla o francês e o português que conhecemos. Contudo, essa obra apresenta várias inadequações para os consulentes brasileiros, pois é publicada em Portugal. Além disso, parece estar inadequada até mesmo para os portugueses, visto que não passou por uma atualização e revisão para incluir as ULs atuais e excluir as obsoletas.

O dicionário escolar, o DBB, apresenta algumas vantagens, pois considera a variedade brasileira do português, inclui unidades da linguagem coloquial, fornece equivalentes idiomáticos para as unidades complexas, inclui termos atuais

de várias áreas do conhecimento. No entanto, não apresenta a transcrição fonética das entradas, o que vai de encontro ao objetivo de atender a um público de consulentes aprendizes de língua francesa. Outro problema com essa obra é a disposição gráfica das acepções. Os equivalentes são separados por vírgula e ponto-e-vírgula, sem nenhuma indicação ou especificação do uso. Além disso, considera quase todas as entradas analisadas como polissêmicas, agrupando muitas ULs que não têm nenhuma relação de sentido.

O MBA tem uma apresentação adequada da microestrutura, dado que as acepções são separadas com números e as ULs homônimas vêm em verbetes separados, o que consideramos de grande utilidade para o tipo de consulente mencionado. Apresenta a transcrição fonética, que julgamos imprescindível para uma obra com fins didáticos. Porém, sua nomenclatura é muito restrita, havendo lacunas mesmo com relação ao vocabulário básico. É, porém, útil sobretudo para aprendizes iniciantes.

Ressaltemos, ainda, que todos os problemas levantados, na verdade, foram tratados com menos profundidade do que gostaríamos de ter feito. Estudos mais acurados de cada caso poderão ser realizados futuramente.

De qualquer forma, esperamos ter contribuído, por meio deste trabalho, para o desenvolvimento dos estudos lexicográficos na área bilíngüe, ainda pouco estudada e com poucos adeptos no Brasil.

Com este estudo, pudemos verificar que existem inadequações em cada uma das obras analisadas. Portanto, ao conhecer quais as necessidades dos consulentes, e quais as falhas das obras, urge dispormo-nos a trabalhar seriamente e elaborar projetos de dicionários que supram a principal lacuna do mercado: um dicionário bilíngüe padrão da língua francesa e do Português do Brasil.

Parece que os dicionários são sempre melhores na parte de decodificação que na codificação. Isso não só denota a ênfase dada à decodificação no estudo de

uma língua estrangeira, mas também é o resultado natural de obras elaboradas com equipes compostas por membros falantes da língua materna e não da estrangeira. Ou seja, é mais fácil encontrar um correspondente na língua materna para um item em uma língua estrangeira que o contrário, por isso a parte LE-LM é normalmente mais completa. Inclusive o número de páginas dedicadas a cada parte pode ser bastante discrepante, como por exemplo, no MBA, 332 páginas na parte F-P e 200 na parte P-F.

Para resolver esse tipo de problema, deve-se fazer parcerias para compor equipes mistas de elaboração de DBs, com membros nativos das duas línguas em confronto.

Sugerimos a todos dicionaristas e editores, que, além de realizarem pesquisas de mercado para avaliar o tipo de obra necessária, devem também se fundamentar em bases teóricas para estabelecer previamente os critérios a serem seguidos na elaboração de uma obra lexicográfica. Tudo deve ser planejado com antecedência, a equipe escolhida, as funções preestabelecidas, com apenas um fim: uma obra de boa qualidade, adequada ao público-alvo. Certamente não há obras totalmente isentas de críticas, mas já seria um primeiro passo para o desenvolvimento na lexicografia bilíngüe no Brasil.

10. BIBLIOGRAFIA GERAL

ACCESS. 2. ed. São Paulo: Nova Rede, 2000. (Apostila da Bit Company)

AL-KASIMI, A. M. The interlingual / translation dictionary. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Lexicography: principles and practice*. London, Academic Press, 1983. p.153-162.

ALVAR ESQUERRA, M. La forme des dictionnaires à la lumière du signe linguistique. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 52, p.117-130, 1988-1.

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, v. 28, supl., p. 119-126, 1984.

———. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. *Alfa*, São Paulo, v. 31, p. 1-14, 1988.

———. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, I. M.; ANTUNES, L. Z. Dicionário básico italiano-português. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. DA UFMS, 1998. p. 125-128.

AMARAL, V. L. *Análise crítica de dicionários escolares bilingües espanhol/português: uma reflexão teórica e prática*. 1995. 262 f. 2 v. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.

ASSIRATI, E. T. *Relatório de atividades realizadas no programa de pós-graduação em Letras, visando ao exame geral de qualificação/ Doutorado*. Araraquara, FCL, UNESP, 2001. 114 p.

AZEVEDO, D. *Grande dicionário de francês-português e de português-francês*. 11. ed. Lisboa: Bertrand, 1989. 2 v.

BAGNO, M. Cassandra, Fênix e outros mitos. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p.49-83.

BASÍLIO, M. *Estruturas léxicas do português: uma abordagem generativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

———. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1989.

BÉJOINT, H. On field-work lexicography. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Lexicography: principles and practice*. London, Academic Press, 1983. p.67-76.

BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996. 256 p.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. *Estudos de filologia lingüística*, São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, p. 131-145, 1981.

———. Glossário. *Alfa*, São Paulo, v. 28, supl., p. 135-144, 1984.

———. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

———. *Dicionário contemporâneo de português*. Petrópolis: Vozes, 1992.

———. A nomenclatura de um dicionário de língua. *Estudos lingüísticos*, São Paulo, v. 1, 23, p. 26-42, 1994.

———. A construção do léxico. In: ECONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9, 1994, Caxambu. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, 1995. v. 2, tomo I, p. 848-852. (Lingüística).

———. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ECONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 11, 1996, João Pessoa. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, 1997a. p. 336-339. (Letras e Linguística).

_____. A unidade lexical e o lema no dicionário de língua. In: ALMEIDA, G. M. B.; SOTO, U.; BERLINCK, R. A. (Org.) *Corpo e voz*. Araraquara: UNESP, FCL, Curso de pós-graduação, p. 71-76, 1997b. (Seriencontros).

_____. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequência do Português. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n.esp., p. 161-181, 1998a.

_____. *Dicionário didático de português*. São Paulo: Ática, 1998b.

_____. Dimensões da palavra. *Filologia e língua portuguesa*, São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998c.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998d. p. 129-142.

_____. *Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 356 p. (Coleção leitura e crítica)

BLANCO, X. Élaboration et réutilisation des exemples dans la lexicographie bilingue. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996. p. 103-110.

BOGAARDS, P. A propos de l'usage du dictionnaire de langue étrangère. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 52, p. 131-152, 1988-1.

_____. Dictionnaires pédagogiques et apprentissage du vocabulaire. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 59, p. 93-107, 1991-2.

BOGAARDS, P. *Le vocabulaire dans l'apprentissage des langues étrangères*. Paris: Didier-Hatier, 1994. Collection langues et apprentissage des langues.

———. Dictionnaires et compréhension écrite. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 67, p. 37-53, 1995-2.

BOISSON, C. L'antiquité et la variété des dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996. p. 17-30.

BOULANGER, J-C. La création lexicale et la modernité. *Le langage et l'homme*. Bruxelles, vol. 25, n. 4, p. 233-239, déc. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Língua estrangeira*. Brasília, 1997. (Versão preliminar para discussão nacional).

BUZON, C. Au sujet de quelques dictionnaires monolingues français en usage à l'école élémentaire : réflexions critiques et éléments de propositions. *Études de Linguistique Appliquée*. Paris, v. 49, p. 147-173, 1983.

CABRÉ, M. T.; GELPÍ, C. La lexicographie bilingue catalane contemporaine: analyse et évaluation. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996. p.213-230.

CARRAS, C. O dicionário bilíngüe e o ensino de línguas. In: SEMINÁRIOS DO GEL, 40, 1992, Jau. *Estudos lingüísticos*. Ribeirão Preto: GEL, 1993. v. 2. p. 64-67.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é lingüística aplicada? In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. *Lingüística aplicada – da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992. p.15-23.

CLAS, A. Problèmes de préparation rédactionnelle de dictionnaires bilingues spécialisés : quelques réflexions. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996. p. 199-211.

COSERIU, E. Sistema, norma y habla. In: _____. *Teoria del lenguaje y lingüística general*: cinco estudios. 3.ed. Madrid: Gredos, 1978. p. 11-113.

_____. Los conceptos de “dialecto”, “nivel” y “estilo de lengua” y el sentido propio de la dialectología. *Lingüística Española Actual*, Madrid: v. 3, n. 1, p. 1-32. 1981.

COSTA, L. C. Os minidicionários e o ensino/aprendizagem do vocabulário da língua portuguesa. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9, 1994, Caxambu. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, 1995. v. 2, tomo I, p. 865-868. (Lingüística).

COURTILLON, J. ; SALINS. G-D. *Libre échange 1*. Paris: Didier-Hatier, 1995.

CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. 12. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
D'OLIM MAROTE, J. T.(Org.) *Minidicionário francês-português e português-francês*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1999.

DEROY, L. *L'emprunt linguistique*. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

DESCAMPS, J. L., VAUNAIZE, R. Le dictionnaire au jour le jour en milieu adulte : une pré-enquête. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, v. 49, p. 89-109, 1983.

NOVO Aurélio séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa : dicionário eletrônico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. 1 CD-ROM. Versão 2.0.

DICTIONNAIRE pratique du français. Paris: Hachette, 1987.

DOMINIQUE, P. et al. *Le nouveau sans frontières 1*. Paris: Clé International, 1988.

- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUBOIS, J., DUBOIS, C. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- DUVAL, J. Nature et valeur de la traduction dans les dictionnaires bilingues. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 56-57, n. 1 -2, p. 27 – 33, 1990.
- ESCARABAJAL, M-C., KEKENBOSCH, C. L'activité de catégorisation de substantifs, de verbes et de dérivés verbaux. *Langages*, Paris, n. 132, p.69-86, déc. 1998.
- FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.
- FAULSTICH, E. L. J. Natureza epistemológica do lexema e do termo. *Estudos lingüísticos*. São Paulo, v. 23, p. 313-317, 1994.
- FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei Nº. 1676/99. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p.107-125.
- FONSECA, F. I.; FONSECA, J. Lingüística Aplicada ao ensino de línguas: sentido e possibilidades. In: _____. *Pragmática lingüística e ensino do português*. Coimbra: Almedina, 1977. p.19-50.
- FONSECA, F. V. P. *Dictionnaire Larousse français-português e português-francês*. Paris: Larousse, 1991. Collection apollo.
- GAMA-ROSSI, A.; SILVA, A. Critérios lingüísticos para a elaboração de listas de palavras no português brasileiro. *Estudos Lingüísticos*. São Paulo, v. 30. 2001. 1 CD-ROM.

GALISSON, R. Image et usage du dictionnaire. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, v. 49, p. 5-88, 1983.

GOUGENHEIM, G. et al. *L'élaboration du français fondamental*. (1er. degré) Paris: Didier, 1967.

GROSS, G. Lexicographie et grammaire. *Cahiers de Lexicologie*, Besançon, v. 39, p.35-46, 1981— II.

GROSS, G., IBRAHIM, A. H. Dictionnaires du français langue étrangère. *Le Français dans le Monde*, Paris, n. 159, p. 26-31, fev./mars., 1981.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía — de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982a. Cap. 3, p.95-187.

———. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionários. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía — de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982b. Cap. 9, p. 395-536.

HALLIDAY, M. A. K.; McINTOSH, A; STREVENS, P. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Tradução de Myriam Freire Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Lexicography: principles and practice*. London, Academic Press, 1983.

HJELMSLEV, L. *Le langage*. Tradução de Michel Olsen. Paris: Minuit, 1969.

———. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HUMBLÉ, P. *Dictionaries and language learners*. Frankfurt: Haaf und Herchen, 2001.

IBRAHIM, A. H. Choisir un dictionnaire. *Le Français dans le Monde*, Paris, n. 218, p. 48-53, juil. 1988.

IBRAHIM, A. H., ZALESSKY, M. Enquête: l'usage du dictionnaire. *Le Français dans le Monde*: recherches et applications, Paris, n. sp., p. 24-30, août/sept. 1989.

ILSON, R. (Ed.) *Dictionaries, lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon Press, 1985.

INTERNATIONAL STANDARDS ORGANIZATION. ISO 1087: terminology vocabulary /terminologie – Vocabulaire. 1.ed. Switzerland: 1990. 20 p.

JACKENDOFF, R. Morphological and semantics regularities in the lexicon. *Language*, Baltimore: Wavely Press, v. 51, 3, p.639-671, sept. 1975.

JUILLAND, A. et al. *Frequency dictionary of French words*. Paris: Mouton, 1970.

KLEIMAN, A. B. O ensino de línguas no Brasil. In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. *Linguística aplicada – da aplicação da lingüística à lingüística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992. p.25-36.

KIRKPATRICK, B. A lexicographical dilemma: monolingual dictionaries for the native speaker and for the learner. In: ILSON, R. (Ed.) *Dictionaries, lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon Press, 1985. p.7-13.

KNOWLES, F. L'information de la fabrication des dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996. p. 151-168.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. *Enciclopédia e dicionário ilustrado*. Rio de Janeiro: Delta, 1996.

LADO, R. A necessidade de uma comparação sistemática de línguas e culturas. In: ———. *Introdução à lingüística aplicada*. 2. ed. Tradução de Vicente Pereira de Souza. Petrópolis: Vozes, 1972.

LE PETIT Robert: dictionnaire de la langue française: version électronique. Paris: Havas interactive, 1998. 1 CD-ROM. Versão 1.3.

LÉPINETTE, B. Le rôle de la syntaxe dans la lexicographie bilingue. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996, p. 53-70.

LINN, T. M. Homonímia e polissemia. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n. 10, p.57-64, jul. 1993.

MARELLO, C. Les différents types de dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996, p. 31-52.

MARTIN, W. J. R.; AL, B. P. F.; STERKENBURG, P. J. G. van. On the processing of a text corpus. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Lexicography: principles and practice*. London, Academic Press, 1983. p.77-87.

MARTÍNEZ DE SOUSA, J. La forma gráfica de los diccionarios. In: CABRÉ, M. T. (Dir.) *Cicle de conferències 94-95*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, p.47-77, 1996. (Lèxic, corpus i diccionaris. Série Conferències).

MENÉNDEZ PIDAL, R. El diccionario ideal. In: ———. *Estudios de lingüística*. Madrid, Espasa-Calpe, 1961. p.95-147.

MESSELAAR, P. A. Polysémie et homonymie chez les lexicographes. Plaidoyer pour plus de systématisation. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 46, p.45-56, 1985-1.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MONNERIE, A. *Bienvenue en France*. Paris: Didier- Hatier, 1991. Tome 1.

MURAKAWA, C. A. A. Análise diacrônica do vocabulário do português fundamental: alguns resultados. In: ECONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 9, 1994, Caxambu. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa: ANPOLL, 1995. v. 2, tomo I, p. 895-902. (Linguística).

OFFORD, M. L'ambigüité en français. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, n. 73, p.107-130, 1998-2.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998.

PEREIRA, H. B. C.; SIGNER, R. *Pequeno dicionário Michaelis francês-português / português-francês*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

PEYTARD, J. Motivation et préfixation: remarques sur les mots construits avec l'élément *télé-*. *Cahiers de Lexicologie*. Paris, v. 4, p.37-44, 1964 - I.

PICOCHÉ, J. *Précis de lexicologie française*. Paris: Nathan, 1992.

POSSENTI, S. A questão dos estrangeirismos. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001. p.163-176.

PY, B. Quelques remarques sur l'apprentissage du lexique d'une langue étrangère. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, n. 70, p. 175-184, 1997-1.

REY, A. Un champ préfixal: les mots français en anti-. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 45, n. 2, p.37-57, 1984.

———. Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues. *Lexicographica*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. v. 2, p. 33-42, 1986.

———. Les français et les dictionnaires, aujourd'hui. *Le Français dans le Monde: recherches et applications*, Paris, n. sp., p. 6-17, août/sept., 1989.

REY, A.; CHANTREAU, S. *Dictionnaire des expressions et locutions*. Paris: Le Robert, 1997.

REY-DEBOVE, J. La définition lexicographique: recherches sur l'équation sémique. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 8, p.71-94, 1966-1.

———. Le domaine du dictionnaire. *Langages*, Paris, n. 19, p. 3-34, 1970.

———. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris: Mouton, 1971.

———. Léxico e dicionário. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. *Alfa*. São Paulo, n. 28, supl., p. 45-69, 1984a.

———. Le domaine de la morphologie lexicale. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 45, n. 2, p.3-19, 1984b.

SANDMANN, A. J. Produtividade lexical. In: _____. *Competência lexical*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1991. Cap. 2p.23-57

———. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

SCHMITZ, J. R. Rumos e tendências na lexicografia brasileira. In: ALMEIDA, G. M. B.; SOTO, U.; BERLINCK, R. A. (Org.) *Corpo e voz*. Araraquara: UNESP, FCL, Curso de pós-graduação, p. 55-70, 1997. (Seriencontros).

———. A problemática dos dicionários bilíngües. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. p. 159-168.

———. O Projeto de Lei nº. 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, C. A. (Org.) *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p.85-106.

SIGNER, R. *Dicionário brasileiro: francês-português / português-francês*. São Paulo: Oficina de Textos, 1998.

SILVA, A. S. Homonímia e polissemia: análise sémica e teoria do campo léxico. In: *XIX CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMÂNICA*. Santiago de Compostela, 4 a 9 set. 1989.

SILVA, M. C. P. *O dicionário bilíngüe na aprendizagem do léxico da língua francesa*. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, 1995. 31 f. Mimeografado.

———. *Uma análise comparativa dos verbos franceses mais freqüentes de primeiro grupo nos dicionários bilíngües francês-português*. 1997. 234 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SMART START – Francês. Aprendizado fácil para escola, casa, viagens. New York: Syracuse Language Systems, 1994-1998. 1 CD-ROM.

SZENDE, T. Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues. In: BÉJOINT, H.; THOIRON, P. (Org.) *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la Neuve: Ducolot, 1996, p. 111-126.

TOGEBY, K. Grammaire, lexicologie et sémantique. *Cahiers de Lexicologie*, Paris, v. 6, p.3-7, 1965 – I.

TOMASZCZYK, J. On bilingual dictionaries. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.) *Lexicography: principles and practice*. London: Academic Press, 1983. p.41-51.

TRÉVILLE, M-C.; DUQUETTE, L. *Enseigner le vocabulaire en classe de langue*. Paris: Hachette, 1996.

VIGNER, G. Pour un nouveau dictionnaire. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, n. 49, p. 174-191, 1983.

WERNER, R. La unidad léxica y el lema. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETINGER, S. ; WERNER, R. *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p.188-257.

XATARA, C. M. Empréstimos, estrangeirismos e suas medidas. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 99-109, 1992.

———. Os dicionários bilíngües e o problema da tradução. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. p. 179-186.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. A. L. *Dicionário de falsos cognatos francês-português e português-francês*. São Paulo: Schimidt, 1995.

———. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras: francês-português e português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.

ANEXO 1 - LISTAGEM DO *FRANCÊS FUNDAMENTAL*

Numéros d'ordre	Mots	Répartition	Fréquence
1. 73	deux	139	689
2. 82	heure	117	545
3. 84	jour	132	538
4. 88	chose	121	477
5. 95	trois	113	450
6. 104	temps	130	426
7. 107	fois	121	423
8. 122	moment	114	337
9. 123	vingt	101	335
10. 130	quatre	105	322
11. 135	dix	97	311
12. 136	franc (monnaie)	68	311
13. 137	cinq	109	310
14. 140	enfant	84	305
15. 148	maison	93	278
16. 149	femme	74	275
17. 152	gens	87	265
18. 153	mois	78	262
19. 156	mille	70	257
20. 157	quelque chose	105	255
21. 158	soir	91	253
22. 161	année	91	247
23. 163	exemple	94	242
24. 167	côté	96	239
25. 173	matin	82	223
26. 180	huit	85	207
27. 182	six	75	206
28. 191	vieux	71	192
29. 194	travail	76	189
30. 196	histoire	66	184
31. 199	voiture	46	182
32. 201	école	63	178
33. 203	français(n. e adj.)	58	178
34. 219	filles	58	160
35. 223	trente	70	154
36. 224	type	47	151
37. 236	coup	69	142
38. 237	mot	45	142
39. 240	neuf (nombre)	54	137
40. 242	vie	67	135
41. 243	sept	64	135
42. 244	eau	49	135

43. 248	point (nom)	63	132
44. 250	film	17	132
45. 252	personne (subs.)	61	131
46. 253	homme	55	131
47. 256	père	49	129
48. 258	tout le monde	70	125
49. 260	place	58	120
50. 261	ville	47	120
51. 262	rue	95	119
52. 263	façon	58	119
53. 266	bois	37	117
54. 268	quinze	62	116
55. 270	cheval	30	116
56. 272	guerre	28	115
57. 275	ami	54	112
58. 281	bout	58	110
59. 282	gosse	50	110
60. 284	prix	48	108
61. 285	question	47	108
62. 286	mari	45	108
63. 289	main	53	107
64. 290	service	52	106
65. 291	mère	49	106
66. 292	route	34	104
67. 293	jeune (n. et adj.)	55	103
68. 294	dimanche	51	103
69. 296	journée	55	102
70. 298	garçon	47	102
71. 299	foi	37	102
72. 300	cinquante	48	101
73. 303	idée	55	99
74. 308	argent	42	98
75. 309	train	39	98
76. 314	compte	50	97
77. 315	chambre	43	97
78. 316	pièce	36	97
79. 318	semaine	47	96
80. 319	vacances	38	96
81. 320	professeur	28	96
82. 321	appareil	26	96
83. 326	pied	53	95
84. 327	part	54	94
85. 328	tête	47	94
86. 329	pays	44	94
87. 330	quarante	50	93
88. 331	mètre	43	93

89. 338	drôle (n. et adj.)	56	89
90. 339	monde	53	89
91. 340	nom	45	89
92. 344	impression	45	88
93. 345	gars	23	88
94. 351	nuit	37	86
95. 352	besoin	51	85
96. 356	famille	45	84
97. 359	mal (nom)	38	83
98. 360	soixante	36	83
99. 365	minute	43	81
100. 368	café	31	81
101. 370	métier	38	80
102. 373	docteur	39	79
103. 376	fin (nom)	48	78
104. 379	somme (fém.)	46	78
105. 380	peur	42	78
106. 381	maman	37	78
107. 383	préciosité	1	78
108. 384	fond	44	77
109. 386	truc	39	77
110. 387	terre	37	77
111. 389	classe	36	76
112. 390	pareil	49	75
113. 394	client	27	75
114. 398	dieu	37	74
115. 399	cinéma	28	74
116. 401	cas	47	73
117. 402	partie	46	73
118. 404	fait (nom)	43	72
119. 411	oeil	31	71
120. 412	journal	30	71
121. 413	gare	22	71
122. 414	âge	38	70
123. 416	froid	33	70
124. 419	dame (pers.)	43	69
125. 421	fil	39	69
126. 425	lit	31	68
127. 426	anglais (n. et adj.)	24	68
128. 432	lendemain	40	66
129. 433	parents (p./m.)	37	66
130. 434	affaire	51	65
131. 435	peine	45	65
132. 440	papier	29	65
133. 441	ferme (nom)	15	65
134. 444	kilomètre	28	64

135.	446	américain (n. et adj.)	22	64
136.	447	vin	21	64
137.	450	soeur	32	63
138.	451	copain	24	63
139.	452	sens	39	62
140.	454	tour (masculin)	29	62
141.	460	après-midi	36	61
142.	464	chaud	31	61
143.	466	étude	29	61
144.	468	genre	43	60
145.	469	plaisir	42	60
146.	472	espèce	33	60
147.	474	région	27	60
148.	475	livre (masculin)	15	60
149.	477	table	30	59
150.	488	raison	35	57
151.	490	fil	15	57
152.	496	village	24	56
153.	497	patron	21	56
154.	498	coin	41	55
155.	501	état	33	55
156.	502	cuisine	32	55
157.	505	chien	19	55
158.	506	médecin	18	55
159.	510	porte	34	54
160.	511	droit (nom)	33	54
161.	512	endroit	33	54
162.	515	air (atmosph.)	25	54
163.	516	samedi	25	54
164.	519	coeur	29	53
165.	522	habitude	37	52
166.	523	tas	36	52
167.	525	camarade	31	52
168.	527	bureau	28	52
169.	528	campagne	28	52
170.	529	rire	28	52
171.	530	boîte (sens pr.)	22	52
172.	536	frère	27	51
173.	538	attention	38	50
174.	541	effet	33	50
175.	546	chef	22	50
176.	547	théâtre	22	50
177.	548	public	17	50
178.	550	milieu	32	49
179.	553	quartier	25	49
180.	554	voyage	24	49

181.	555	sorte	36	48
182.	558	machine	23	48
183.	559	magasin	15	49
184.	551	intérieur	30	49
185.	560	animal (nom)	10	48
186.	561	moyen (nom)	36	47
187.	567	micro	23	47
188.	568	hôtel	22	47
189.	569	repas	22	47
190.	570	voix	11	47
191.	571	suite	35	46
192.	574	mademoiselle	16	46
193.	575	lieu	33	45
194.	576	blanc (n. et adj.)	30	45
195.	579	papa	23	45
196.	580	lundi	21	45
197.	581	disque	18	45
198.	582	neige	18	45
199.	583	instituteur	17	45
200.	584	musique	13	45
201.	588	jardin	28	44
202.	589	fou (n. et adj.)	24	44
203.	591	italien (n. et adj.)	20	44
204.	592	directeur	19	44
205.	594	confiance	17	44
206.	597	cours	28	43
207.	599	onze	26	43
208.	600	appartement	25	43
209.	603	accident	16	43
210.	604	église	15	43
211.	607	douze	31	42
212.	616	situation	22	42
213.	618	jeu	21	42
214.	619	mur	21	42
215.	621	cousin	20	42
216.	622	vue	19	42
217.	623	bateau	14	42
218.	624	car (nom)	13	42
219.	630	reste	26	41
220.	632	élève	21	41
221.	633	lettre	21	41
222.	634	province	17	41
223.	635	été (saison)	31	40
224.	639	voisin (n. et adj.)	22	40
225.	641	vitesse	19	40
226.	642	camp	13	40

227.	643	course	8	40
228.	644	début	31	39
229.	646	sujet	28	39
230.	647	avis	23	39
231.	648	salle	23	39
232.	649	face	22	39
233.	650	machin	20	39
234.	651	plan	15	39
235.	657	paysan (n. e adj.)	11	38
236.	663	esprit	22	37
237.	664	morceau	22	37
238.	665	fenêtre	21	37
239.	666	radio (T.S.F.)	17	37
240.	668	million	16	37
241.	669	avion	9	37
242.	670	bras	26	36
243.	671	jeune fille	26	36
244.	672	chance	22	36
245.	673	différence	22	36
246.	675	ménage	22	36
247.	682	tissu	8	36
248.	683	juste (n. et adj.)	28	35
249.	685	doute	25	35
250.	691	langue	21	35
251.	692	terrain	21	35
252.	695	oeuf	19	35
253.	696	problème	19	35
254.	697	qualité	18	35
255.	698	verre	15	35
256.	699	poste (masc.)	17	35
257.	701	chaussure	12	35
258.	702	curé	11	35
259.	703	vélo	10	35
260.	704	colonie	7	35
261.	707	chauffage	10	34
262.	708	genou	7	34
263.	709	contraire	29	33
264.	714	plat (adj.et n.)	22	33
265.	715	mouvement	21	33
266.	718	marché	20	33
267.	719	mer	19	33
268.	720	charnp	18	33
269.	721	couleur	18	33
270.	723	ouvrier	17	33
271.	724	article	16	33
272.	725	soirée	16	33

273.	726	faim	15	33
274.	727	restaurant	14	33
275.	728	arnée	13	33
276.	729	bouquin	11	33
277.	730	huile	8	33
278.	731	robe	8	33
279.	732	envie	26	32
280.	733	bord	25	32
281.	736	départ	20	32
282.	738	rapport	20	32
283.	741	carte	16	32
284.	742	jambe	16	32
285.	743	sac	16	32
286.	745	groupe	12	32
287.	746	scène	12	32
288.	747	camion	10	32
289.	748	poussière	6	32
290.	757	pain	17	31
291.	759	Pâques	16	31
292.	761	bâtiment	15	31
293.	762	culture	14	31
294.	763	opération	14	31
295.	775	forme	20	30
296.	776	résultat	20	30
297.	777	connaissance	19	30
298.	782	lycée	16	30
299.	784	moteur	13	30
300.	785	peinture	12	30
301.	786	bête (nom)	11	30
302.	787	frontière	10	30
303.	790	nombre	23	29
304.	792	force	21	29
305.	793	ordre	21	29
306.	797	étage	18	29
307.	798	valeur	18	29
308.	801	chemin	16	29
309.	802	accent	14	29
310.	803	leçon	14	29
311.	804	parisien	14	29
312.	806	concours	12	29 (compétition)
313.	807	téléphone	11	29
314.	808	chant	6	29
315.	809	suceuse	2	29 (appareil)
316.	810	principe	23	28
317.	811	maître	22	28
318.	814	époque	19	28

319.	815	moitié	19	28
320.	822	hôpital	15	28
321.	823	mort (concret)	15	28
322.	824	bouteille	14	28
323.	825	gaz	14	28
324.	826	billet	12	28
325.	827	commune	8	28
326.	828	speaker	1	28
327.	833	étranger	21	27
328.	838	mort (n.fém.)	18	27
329.	841	arbre	17	27
330.	845	lait	17	27
331.	846	mesure	17	27
332.	848	auto	16	27
333.	850	supérieur	15	27
334.	851	trou	14	27
335.	853	note	13	27
336.	855	opéra	12	27
337.	856	crédit	6	27
338.	861	beau-frère	19	26
339.	862	nez	19	26
340.	863	souvenir (nom)	19	26
341.	867	blague	17	26 (plaisanterie)
342.	868	entrée	17	26
343.	870	côte	16	26
344.	871	courant (nom)	16	26
345.	873	saison	16	26
346.	874	cour	15	26 (espace clos)
347.	875	soleil	15	26
348.	876	bonhomme	14	26
349.	877	cheveu	14	26
350.	880	propriétaire	14	26
351.	881	retraite	14	26
352.	884	soldat	10	26
353.	885	décembre	8	26
354.	886	infirmier	8	26
355.	887	texte	8	26
356.	888	parole	21	25
357.	891	pratique	18	25
358.	894	métro	17	25
359.	897	avenue	16	25
360.	899	treize	15	25
361.	901	équipe	13	25
362.	902	noël	13	25
363.	903	mariage	12	25
364.	905	sou	11	25

365.	906	allemand	10	25
366.	907	artiste	10	25
367.	908	poisson	10	25
368.	909	image	8	25
369.	911	dos	19	24
370.	912	foie	19	24
371.	914	bruit	18	24
372.	915	occasion	18	24
373.	917	seize	18	24
374.	925	étudiant (nom)	15	24
375.	929	technique	13	24
376.	930	usine	13	24
377.	931	août	12	24
378.	932	roman	12	24
379.	933	pêche	11	24 (action de pêcher)
380.	934	gorge	10	24
381.	935	oncle	10	24
382.	936	poule	8	24
383.	938	canard	6	24
384.	939	personnage	6	24
385.	942	hasard	19	23
386.	947	conversation	16	23
387.	948	escalier	16	23
388.	953	ligne	14	23
389.	954	nord	14	23
390.	956	auteur	13	23
391.	958	carreau	12	23
392.	959	chasse	11	23
393.	961	suisse	10	23
394.	962	litre	9	23
395.	963	tente	9	23
396.	964	russe	8	23
397.	971	brave	17	22
398.	975	bain	15	22
399.	977	retard	15	22
400.	978	santé	15	22
401.	979	droite (nom)	14	22
402.	980	militaire	14	22
403.	981	photo	14	22
404.	983	marchand	13	22
405.	985	meuble	12	22
406.	986	numéro	12	22
407.	988	installation	10	22
408.	989	laine	10	22
409.	990	rôle	10	22
410.	991	juillet	9	22

411.	992	devoir (nom)	8	22
412.	993	douleur	8	22
413.	1000	expérience	17	21
414.	1001	centre	16	21
415.	1005	police	16	21
416.	1009	mardi	14	21
417.	1011	passage	12	21
418.	1012	promenade	12	21
419.	1013	tante	12	21
420.	1015	politique	11	21
421.	1016	syndicat	11	21
422.	1017	bonne (subst)	9	21
423.	1018	contact	9	21
424.	1019	fleur	9	21
425.	1020	médecine	9	21
426.	1021	tenue	9	21
427.	1022	émission	7	21
428.	1024	île	6	21
429.	1025	moto	6	21
430.	1026	musée	6	21
431.	1027	initiative	4	21
432.	1028	coiffeur	3	21
433.	1031	goût	18	20
434.	1034	condition	16	20
435.	1037	dîner (nom)	15	20
436.	1038	effort	15	20
437.	1039	faute	15	20
438.	1040	octobre	15	20
439.	1043	grand-mère	14	20
440.	1044	intention	14	20
441.	1045	jeudi	14	20
442.	1049	vérité	13	20
443.	1050	fête	12	20
444.	1051	mécanique	12	20
445.	1053	chaleur	11	20
446.	1054	éducation	11	20
447.	1055	garage	11	20
448.	1056	période	11	20
449.	1057	pointe	11	20
450.	1058	tableau	10	20
451.	1059	programme	9	20
452.	1060	château	8	20
453.	1061	excursion	5	20
454.	1062	guide	3	20
455.	1063	inventeur	3	20

ANEXO 2 - Listagem tirada dos manuais didáticos:

- | | | |
|------------------|--------------------|-------------------|
| 1. accident | 43. bouteille | 85. cour |
| 2. accord | 44. brouillard | 86. courrier |
| 3. achat | 45. bruit | 87. cours |
| 4. addition | 46. bureau | 88. course |
| 5. adresse | 47. bus | 89. cuisine |
| 6. affaire | 48. but | 90. culture |
| 7. affiche | 49. cabinet | 91. défense |
| 8. âge | 50. cadre | 92. défilé |
| 9. agence | 51. café | 93. degré |
| 10. allure | 52. cage | 94. direction |
| 11. an | 53. cambriolage | 95. douche |
| 12. analyse | 54. campagne | 96. droite |
| 13. année | 55. canapé | 97. écriture |
| 14. annonce | 56. canard | 98. écrivain |
| 15. annuaire | 57. car | 99. emploi |
| 16. appareil | 58. carafe | 100. endroit |
| 17. appel | 59. carnet | 101. enfant |
| 18. argent | 60. carte | 102. enlèvement |
| 19. armoire | 61. case | 103. enquête |
| 20. arrivée | 62. ceinture | 104. entrée |
| 21. art | 63. chaîne | 105. équipe |
| 22. article | 64. chair | 106. escalier |
| 23. assiette | 65. chambre | 107. essence |
| 24. autobus | 66. champ | 108. étage |
| 25. avance | 67. chance | 109. étagère |
| 26. avenir | 68. chanson | 110. étang |
| 27. avis | 69. charpente | 111. étude |
| 28. baignoire | 70. chaussette | 112. excuse |
| 29. ballon | 71. chaussure | 113. explication |
| 30. bande | 72. chemise | 114. exploitation |
| 31. banque | 73. chèvre | 115. faute |
| 32. bar | 74. classe | 116. femme |
| 33. barbe | 75. clé ou clef | 117. fête |
| 34. bas | 76. coin | 118. feu |
| 35. bâtiment | 77. comptoir | 119. fille |
| 36. bibliothèque | 78. concert | 120. fils |
| 37. bière | 79. concours | 121. fin |
| 38. billet | 80. correspondance | 122. fleuve |
| 39. bois | 81. costume | 123. front |
| 40. boîte | 82. côte | 124. fruit |
| 41. botte | 83. coup | 125. garage |
| 42. bout | 84. couple | 126. garçon |

- | | | |
|------------------|------------------|-----------------|
| 127. gare | 173. ordonnance | 219. saison |
| 128. gâteau | 174. oreille | 220. salon |
| 129. glace | 175. outil | 221. secrétaire |
| 130. grève | 176. panne | 222. serpe |
| 131. guide | 177. papier | 223. service |
| 132. hasard | 178. parc | 224. serviette |
| 133. herbe | 179. parent | 225. siège |
| 134. heure | 180. partie | 226. site |
| 135. horaire | 181. passage | 227. société |
| 136. hôtel | 182. pavillon | 228. soir |
| 137. immeuble | 183. pays | 229. soirée |
| 138. Information | 184. pendule | 230. solde |
| 139. jeu | 185. personne | 231. son |
| 140. jour | 186. pharmacie | 232. soupe |
| 141. journal | 187. pièce | 233. station |
| 142. journée | 188. piste | 234. table |
| 143. lavabo | 189. placard | 235. tableau |
| 144. lettre | 190. place | 236. taille |
| 145. licence | 191. plage | 237. terrain |
| 146. ligne | 192. plan | 238. terre |
| 147. lit | 193. plat | 239. thème |
| 148. livre | 194. poêle | 240. ticket |
| 149. logement | 195. peinture | 241. timbre |
| 150. magazine | 196. poitrine | 242. tour |
| 151. maillot | 197. police | 243. trace |
| 152. maison | 198. porc | 244. trafic |
| 153. maître | 199. port | 245. travail |
| 154. manche | 200. poste | 246. vacance |
| 155. match | 201. potage | 247. vague |
| 156. menu | 202. presse | 248. verre |
| 157. message | 203. prise | 249. viande |
| 158. mesure | 204. prix | 250. ville |
| 159. midi | 205. quai | 251. voile |
| 160. mode | 206. qualité | 252. voix |
| 161. moniteur | 207. quartier | 253. vol |
| 162. monnaie | 208. rapport | |
| 163. montre | 209. rayon | |
| 164. mouche | 210. régime | |
| 165. mur | 211. règle | |
| 166. musique | 212. rencontre | |
| 167. nature | 213. rendez-vous | |
| 168. navette | 214. retraite | |
| 169. nom | 215. rivière | |
| 170. nouvelle | 216. rôle | |
| 171. numéro | 217. route | |
| 172. office | 218. sac | |

ANEXO 3 - Listagem final de substantivos do francês

1. accent	46. bar	91. cas
2. accident	47. barbe	92. case
3. accord	48. bas	93. ceinture
4. achat	49. bateau	94. centre
5. addition	50. bâtiment	95. chaîne
6. adresse	51. beau-frère	96. chair
7. affaire	52. besoin	97. chaleur
8. affiche	53. bête	98. chambre
9. âge	54. bibliothèque	99. champ
10. agence	55. bière	100. chance
11. air	56. billet	101. chanson
12. allure	57. blague	102. chant
13. ami	58. blanc	103. charpente
14. an	59. bois	104. chasse
15. analyse	60. boîte	105. château
16. animal	61. bonhomme	106. chaud
17. année	62. bonne	107. chauffage
18. annonce	63. bord	108. chaussette
19. annuaire	64. botte	109. chaussure
20. appareil	65. bouquin	110. chef
21. appartement	66. bout	111. chemin
22. appel	67. bouteille	112. chemise
23. après-midi	68. bras	113. cheval
24. arbre	69. brave	114. cheveu
25. argent	70. brouillard	115. chèvre
26. armoire	71. bruit	116. chien
27. arrivée	72. bureau	117. chose
28. art	73. bus	118. cinéma
29. article	74. but	119. classe
30. artiste	75. cabinet	120. clé (clef)
31. assiette	76. cadre	121. client
32. attention	77. café	122. coeur
33. auteur	78. cage	123. coiffeur
34. auto	79. camarade	124. coin
35. autobus	80. cambriolage	125. colonie
36. avance	81. camion	126. commune
37. avenir	82. camp	127. compte
38. avenue	83. campagne	128. comptoir
39. avion	84. canapé	129. concert
40. avis	85. canard	130. concours
41. baignoire	86. car	131. condition
42. bain	87. carafe	132. confiance
43. ballon	88. carnet	133. connaissance
44. bande	89. carreau	134. contact
45. banque	90. carte	135. contraire

- | | | |
|---------------------|-------------------|-----------------|
| 136. conversation | 183. église | 230. fleuve |
| 137. copain | 184. élève | 231. foi |
| 138. correspondance | 185. émission | 232. foie |
| 139. costume | 186. emploi | 233. fois |
| 140. côte | 187. endroit | 234. fond |
| 141. côté | 188. enfant | 235. force |
| 142. couleur | 189. enlèvement | 236. forme |
| 143. coup | 190. enquête | 237. fou |
| 144. couple | 191. entrée | 238. franc |
| 145. cour | 192. envie | 239. frère |
| 146. courant | 193. époque | 240. froid |
| 147. courrier | 194. équipe | 241. front |
| 148. cours | 195. escalier | 242. frontière |
| 149. course | 196. espèce | 243. fruit |
| 150. cousin | 197. esprit | 244. garage |
| 151. crédit | 198. essence | 245. garçon |
| 152. cuisine | 199. étage | 246. gare |
| 153. culture | 200. étagère | 247. gars |
| 154. curé | 201. étang | 248. gâteau |
| 155. dame | 202. état | 249. gaz |
| 156. début | 203. été | 250. genou |
| 157. défense | 204. étranger | 251. genre |
| 158. défilé | 205. étude | 252. gens |
| 159. degré | 206. étudiant | 253. glace |
| 160. départ | 207. excursion | 254. gorge |
| 161. devoir | 208. excuse | 255. gosse |
| 162. dieu | 209. exemple | 256. goût |
| 163. différence | 210. expérience | 257. grand-mère |
| 164. dîner | 211. explication | 258. grève |
| 165. directeur | 212. exploitation | 259. groupe |
| 166. direction | 213. face | 260. guerre |
| 167. disque | 214. façon | 261. guide |
| 168. docteur | 215. faim | 262. habitude |
| 169. dos | 216. fait | 263. hasard |
| 170. douche | 217. famille | 264. herbe |
| 171. douleur | 218. faute | 265. heure |
| 172. doute | 219. femme | 266. histoire |
| 173. droit | 220. fenêtre | 267. homme |
| 174. droite | 221. ferme | 268. hôpital |
| 175. drôle | 222. fête | 269. horaire |
| 176. eau | 223. feu | 270. hôtel |
| 177. école | 224. fil | 271. huile |
| 178. écriture | 225. fille | 272. idée |
| 179. écrivain | 226. film | 273. île |
| 180. éducation | 227. fils | 274. image |
| 181. effet | 228. fin | 275. immeuble |
| 182. effort | 229. fleur | 276. impression |

- | | | |
|-------------------|----------------|-----------------|
| 277. infirmier | 323. match | 369. note |
| 278. information | 324. matin | 370. nouvelle |
| 279. initiative | 325. mécanique | 371. nuit |
| 280. installation | 326. médecin | 372. numéro |
| 281. instituteur | 327. médecine | 373. occasion |
| 282. intention | 328. ménage | 374. oeil |
| 283. intérieur | 329. menu | 375. oeuf |
| 284. inventeur | 330. mer | 376. office |
| 285. jambe | 331. mère | 377. oncle |
| 286. jardin | 332. message | 378. opéra |
| 287. jeu | 333. mesure | 379. opération |
| 288. jeune | 334. métier | 380. ordonnance |
| 289. jour | 335. mètre | 381. ordre |
| 290. journal | 336. métro | 382. oreille |
| 291. journée | 337. meuble | 383. outil |
| 292. juste | 338. micro | 384. ouvrier |
| 293. kilomètre | 339. midi | 385. pain |
| 294. laine | 340. milieu | 386. panne |
| 295. lait | 341. militaire | 387. papier |
| 296. langue | 342. minute | 388. parc |
| 297. lavabo | 343. mode | 389. parents |
| 298. leçon | 344. mois | 390. parole |
| 299. lendemain | 345. moitié | 391. part |
| 300. lettre | 346. moment | 392. partie |
| 301. licence | 347. monde | 393. passage |
| 302. lieu | 348. moniteur | 394. patron |
| 303. ligne | 349. monnaie | 395. pavillon |
| 304. lit | 350. montre | 396. pays |
| 305. litre | 351. morceau | 397. paysan |
| 306. livre | 352. mort | 398. pêche |
| 307. logement | 353. mot | 399. peine |
| 308. lycée | 354. moteur | 400. peinture |
| 309. machin | 355. moto | 401. pendule |
| 310. machine | 356. mouche | 402. père |
| 311. magasin | 357. mouvement | 403. période |
| 312. magazine | 358. moyen | 404. personnage |
| 313. maillot | 359. mur | 405. personne |
| 314. main | 360. musée | 406. peur |
| 315. maison | 361. musique | 407. pharmacie |
| 316. maître | 362. nature | 408. photo |
| 317. mal | 363. navette | 409. pièce |
| 318. manche | 364. neige | 410. pied |
| 319. marchand | 365. nez | 411. piste |
| 320. marché | 366. nom | 412. placard |
| 321. mari | 367. nombre | 413. place |
| 322. mariage | 368. nord | 414. plage |

415. plaisir	462. résultat	509. table
416. plan	463. retard	510. tableau
417. plat	464. retraite	511. taille
418. poêle	465. rire	512. tante
419. point	466. rivière	513. tas
420. pointe	467. robe	514. technique
421. pointure	468. rôle	515. téléphone
422. poisson	469. roman	516. temps
423. poitrine	470. route	517. tente
424. police	471. rue	518. tenue
425. politique	472. russe	519. terrain
426. porc	473. sac	520. terre
427. port	474. saison	521. tête
428. porte	475. salle	522. texte
429. poste	476. salon	523. théâtre
430. potage	477. santé	524. thème
431. poule	478. scène	525. ticket
432. poussière	479. secrétaire	526. timbre
433. pratique	480. semaine	527. tissu
434. préciosité	481. sens	528. tour
435. presse	482. serpe	529. trace
436. principe	483. service	530. trafic
437. prise	484. serviette	531. train
438. prix	485. siège	532. travail
439. problème	486. site	533. trou
440. professeur	487. situation	534. truc
441. programme	488. société	535. type
442. promenade	489. soeur	536. usine
443. propriétaire	490. soir	537. vacances
444. province	491. soirée	538. vague
445. public	492. soldat	539. valeur
446. quai	493. solde	540. vélo
447. qualité	494. soleil	541. vérité
448. quartier	495. somme	542. verre
449. question	496. son	543. viande
450. radio	497. sorte	544. vie
451. raison	498. sou	545. vieux
452. rapport	499. soupe	546. village
453. rayon	500. souvenir	547. ville
454. régime	501. speaker	548. vin
455. région	502. station	549. vitesse
456. règle	503. suceuse	550. voile
457. rencontre	504. suisse	551. voisin
458. rendez-vous	505. suite	552. voiture
459. repas	506. sujet	553. voix
460. restaurant	507. supérieur	554. vol
461. reste	508. syndicat	555. voyage
		556. vue

ANEXO 4 - Listagem dos substantivos do português

Substantivos com frequência ≥ 500

1. ação	sub	42. boi	sub
2. acontecimento	sub	43. bola	sub
3. acordo	sub/ver	44. braço	sub
4. administração	sub	45. branco	adj/sub
5. água	sub	46. cabeça	sub
6. ajuda	sub/ver	47. cabelo	sub
7. alegria	sub	48. cabo	sub
8. alma	sub	49. cadeira	sub
9. alta	sub/adj	50. café	sub
10. altura	sub	51. caixa	sub
11. aluno	sub	52. cama	sub
12. ambiente	sub/ver	53. caminho	sub
13. amigo	sub	54. campanha	sub
14. amor	sub	55. campo	sub
15. análise	sub	56. candidato	sub
16. animal	adj/sub	57. canto	sub
17. ano	sub	58. capacidade	sub
18. apoio	sub	59. capital	sub
19. ar	sub	60. capitão	sub
20. área	sub	61. cara	sub
21. arma	sub/ver	62. caráter	sub
22. arte	sub	63. carne	sub
23. artigo	sub	64. carro	sub
24. artista	adj/sub	65. carta	sub
25. árvore	sub	66. casamento	sub
26. aspecto	sub	67. caso	sub
27. associação	sub	68. causa	sub
28. assunto	sub	69. cavalo	sub
29. atenção	sub	70. cena	sub
30. atitude	sub	71. centro	sub
31. atividade	sub	72. cerca	sub/adv
32. ato	sub	73. certeza	sub
33. aumento	sub	74. céu	sub
34. autor	sub	75. chama	sub
35. autoridade	sub	76. chão	sub
36. banco	sub	77. chefe	sub
37. base	sub	78. chuva	sub
38. beleza	sub	79. cidade	sub
39. bem	sub/adv	80. ciência	sub
40. bicho	sub	81. cinema	sub
41. boca	sub	82. classe	sub

83. clube	sub	129. década	sub
84. coisa	sub	130. decisão	sub
85. colégio	sub	131. dedo	sub
86. comercial	adj/sub	132. dente	sub
87. comércio	sub	133. deputado	adj/sub
88. comissão	sub	134. desejo	sub/ver
89. companheiro	adj/sub	135. desenvolvimento	sub
90. companhia	sub	136. destino	sub/ver
91. comunidade	sub	137. devido	adj/sub
92. comunista	adj/sub	138. dia	sub
93. conceito	sub	139. diferença	sub
94. condição	sub	140. dificuldade	sub
95. confiança	sub	141. dinheiro	sub
96. congresso	sub	142. direção	sub
97. conhecimento	sub	143. direito	adj/sub
98. conjunto	adj/sub	144. diretor	adj/sub
99. consciência	sub	145. discurso	sub
100. conselho	sub	146. distância	sub
101. consequência	sub	147. doença	sub
102. constituição	sub	148. doente	adj/sub
103. construção	sub	149. dono	sub
104. conta	sub	150. dor	sub
105. contato	sub	151. doutor	sub
106. contra	sub/pre	152. dúvida	sub
107. controle	sub	153. economia	sub
108. conversa	sub	154. educação	sub
109. cor	sub	155. efeito	sub
110. coração	sub	156. eleição	sub
111. coragem	sub	157. elemento	sub
112. coronel	sub	158. empregado	adj/ sub
113. corpo	sub	159. emprego	sub
114. corrente	adj/sub	160. empresa	sub
115. corte	sub	161. encontro	sub
116. crescimento	sub	162. energia	sub
117. criação	sub	163. ensino	sub
118. criança	sub	164. época	sub
119. crime	sub	165. equipe	sub
120. crise	sub	166. erro	sub
121. crítica	sub/adj	167. escola	sub
122. cruz	sub	168. esforço	sub
123. cruzeiro	adj/sub	169. espaço	sub
124. cuidado	sub	170. espécie	sub
125. cultura	sub	171. espera	sub
126. curso	sub	172. esperança	sub
127. custo	sub/ver	173. espírito	sub
128. dado	sub	174. esquerda	sub

175.	estado	sub	221.	gato	sub
176.	estrada	sub	222.	general	adj/sub
177.	estrangeiro	adj/sub	223.	gente	sub
178.	estranho	adj/sub	224.	gesto	sub
179.	estrutura	sub	225.	gosto	sub
180.	estudo	sub	226.	governador	sub
181.	exemplo	sub	227.	governo	sub
182.	exercício	sub	228.	graça	sub
183.	exército	sub	229.	grau	sub
184.	existência	sub	230.	grupo	sub
185.	experiência	sub	231.	guerra	sub
186.	explicação	sub	232.	história	sub
187.	expressão	sub	233.	hospital	sub
188.	exterior	adj/sub	234.	idade	sub
189.	faca	sub	235.	idéia	sub
190.	face	sub	236.	igreja	sub
191.	falta	sub	237.	imagem	sub
192.	família	sub	238.	imprensa	sub
193.	fase	sub	239.	impressão	sub
194.	fato	sub	240.	índio	sub
195.	fator	sub	241.	indivíduo	adj/sub
196.	favor	sub	242.	indústria	sub
197.	fenômeno	sub	243.	influência	sub
198.	ferro	sub	244.	informação	sub
199.	festa	sub	245.	início	sub
200.	figura	sub	246.	instante	sub
201.	filho	sub	247.	instituição	sub
202.	filosofia	sub	248.	instrumento	sub
203.	fim	sub	249.	interesse	sub
204.	final	adj/sub	250.	interior	adj/sub
205.	físico	adj/sub	251.	irmão	sub
206.	flor	sub	252.	janela	sub
207.	fogo	sub	253.	jeito	sub
208.	folha	sub	254.	jogo	sub
209.	fome	sub	255.	jornal	sub
210.	fonte	sub	256.	jovem	sub/adj
211.	força	sub/ver	257.	justiça	sub
212.	forma	sub	258.	lei	sub
213.	formação	sub	259.	leite	sub
214.	frase	sub	260.	liberdade	sub
215.	frente	sub	261.	língua	sub
216.	função	sub	262.	linguagem	sub
217.	funcionário	sub	263.	linha	sub
218.	fundo	adj/sub	264.	livro	sub
219.	futebol	sub	265.	louco	adj/sub
220.	futuro	sub/adj	266.	lugar	sub

267.	luta	sub	313.	mundo	sub
268.	luz	sub	314.	música	sub
269.	mãe	sub	315.	nação	sub
270.	maioria	sub	316.	natureza	sub
271.	mal	sub	317.	necessidade	sub
272.	maneira	sub	318.	negócio	sub
273.	manhã	sub	319.	negro	sub/adj
274.	mão	sub	320.	noite	sub
275.	máquina	sub	321.	nome	sub
276.	mar	sub	322.	norte	sub
277.	marido	sub	323.	nota	sub/ver
278.	massa	sub	324.	objetivo	adj/sub
279.	matéria	sub	325.	objeto	sub
280.	material	adj/sub	326.	obra	sub
281.	média	sub	327.	ocasião	sub
282.	médico	adj/sub	328.	olhar	sub
283.	medida	sub	329.	olho	sub
284.	medo	sub/adj	330.	ombro	sub
285.	meia	sub/adj	331.	operação	sub
286.	meio	sub/adj	332.	operário	sub/adj
287.	membro	sub	333.	opinião	sub
288.	menino	sub	334.	oportunidade	sub
289.	menor	adj/sub	335.	ordem	sub
290.	mercado	sub	336.	organização	sub
291.	mês	sub	337.	órgão	sub
292.	mesa	sub	338.	origem	sub
293.	mestre	sub/adj	339.	ouro	sub
294.	metade	sub	340.	ouvido	sub/adj
295.	método	sub	341.	paciente	adj/sub
296.	metro	sub	342.	padre	sub
297.	militar	sub	343.	página	sub
298.	mínimo	adj/sub	344.	pai	sub
299.	ministério	sub	345.	país	sub
300.	ministro	sub	346.	palavra	sub
301.	minuto	sub	347.	pão	sub
302.	missão	sub	348.	papel	sub
303.	moço	adj/sub	349.	parede	sub
304.	modelo	sub	350.	parte	sub
305.	modo	sub	351.	partido	adj//sub
306.	momento	sub	352.	passado	adj/sub
307.	moral	sub/adj	353.	passagem	sub
308.	morte	sub	354.	passo	sub
309.	morto	adj/sub	355.	pau	sub
310.	movimento	sub	356.	paz	sub
311.	mudança	sub	357.	pé	sub
312.	mulher	sub	358.	pedaço	sub

359.	pedra	sub	405.	profissional	adj/sub
360.	peito	sub	406.	programa	sub
361.	pele	sub	407.	progresso	sub
362.	pena	sub	408.	projeto	sub
363.	pensamento	sub	409.	propósito	sub
364.	pergunta	sub	410.	propriedade	sub
365.	perigo	sub	411.	prova	sub
366.	período	sub	412.	próximo	adj/sub
367.	perna	sub	413.	público	adj/sub
368.	peso	sub	414.	quadro	sub
369.	pesquisa	sub/ver	415.	qualidade	sub
370.	pessoa	sub	416.	quantidade	sub
371.	peçoal	adj/sub	417.	quarto	sub
372.	plano	sub/adj	418.	questão	sub
373.	planta	sub	419.	rádio	sub
374.	pobre	sub/adj	420.	rapaz	sub
375.	poder	sub/ver	421.	razão	sub
376.	poeta	sub	422.	reação	sub
377.	polícia	sub	423.	real	adj/sub
378.	político	adj/sub	424.	realidade	sub
379.	ponta	sub	425.	recurso	sub
380.	ponto	sub	426.	rede	sub
381.	população	sub	427.	reforma	sub
382.	porta	sub	428.	região	sub
383.	porto	sub	429.	regime	sub
384.	posição	sub	430.	regra	sub
385.	possibilidade	sub	431.	relação	sub
386.	povo	sub	432.	renda	sub
387.	praça	sub	433.	representante	adj/sub
388.	prazer	sub	434.	república	adj/sub
389.	preço	sub	435.	respeito	sub
390.	preocupação	sub	436.	responsabilidade	sub
391.	presença	sub	437.	resposta	sub
392.	presente	adj/sub	438.	resto	sub
393.	presidente	sub/adj	439.	resultado	sub
394.	preso	adj/sub	440.	reunião	sub
395.	pressão	sub	441.	revista	sub
396.	primeiro	adj/sub	442.	revolução	sub
397.	princípio	sub	443.	rio	sub
398.	problema	sub	444.	risco	sub
399.	processo	sub	445.	rosa	sub
400.	procura	sub	446.	rosto	sub
401.	produção	sub	447.	roupa	sub
402.	produto	sub	448.	rua	sub
403.	produtor	adj/sub	449.	sala	sub
404.	professor	sub	450.	sangue	sub

451.	santo	adj/sub	497.	universidade	sub
452.	saúde	sub	498.	uso	sub
453.	secretário	sub	499.	valor	sub
454.	século	sub	500.	velho	adj/sub
455.	segurança	sub	501.	venda	sub
456.	semana	sub	502.	vento	sub
457.	senador	sub	503.	verdade	sub
458.	senhor	sub/pro	504.	vestido	adj/sub
459.	sentido	adj/sub	505.	vez	sub
460.	sentimento	sub	506.	viagem	sub
461.	série	sub	507.	vida	sub
462.	serviço	sub	508.	visão	sub
463.	setor	sub	509.	visita	sub
464.	silêncio	sub	510.	vitória	sub
465.	sinal	sub	511.	vizinho	adj/sub
466.	sistema	sub	512.	vontade	sub
467.	situação	sub	513.	voz	sub
468.	sociedade	sub			
469.	sol	sub			
470.	solo	sub			
471.	solução	sub			
472.	sombra	sub			
473.	sonho	sub			
474.	substância	sub			
475.	sujeito	adj/sub			
476.	sul	sub/adj			
477.	tamanho	adj/sub			
478.	tarde	sub			
479.	tarefa	sub			
480.	teatro	sub			
481.	telefone	sub			
482.	televisão	sub			
483.	tempo	sub			
484.	teoria	sub			
485.	termo	sub			
486.	terra	sub			
487.	terreno	adj/sub			
488.	tio	sub			
489.	tipo	sub			
490.	tiro	sub			
491.	título	sub			
492.	total	adj/sub			
493.	trabalhador	adj/sub			
494.	tratamento	sub			
495.	união	sub			
496.	unidade	sub			

SILVA, M.C.P. *A comparative study of the most frequent nouns in French-Portuguese and Portuguese-French bilingual dictionaries*. 2002. 266 p. Thesis (Phd – Linguistic and Portuguese Language), Faculdade de ciências e letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara (State of São Paulo, Brazil).

ABSTRACT

The few available French-Portuguese and Portuguese-French bilingual dictionaries, whose source or target language is Brazilian Portuguese, do not help users in specific situations. Most such works fail either because of their insufficient theoretical foundation or due to editorial or financial restrictions. Such a gap cannot be justified by a lack of interested users. The lexicographic works available in Brazil are demonstrably inadequate and do not fulfill their intended objectives. Their shortcomings are also damaging for the process of teaching/learning a foreign language. This dissertation tackles the noun as the most important word class from the semantic point of view in the aforementioned bilingual dictionaries; it is the most representative reference class and covers more than half of a language lexicon. Unlike the grammatical aspects, the learning of the vocabulary of a language is infinite. In spite of the importance of nouns in the basic vocabulary, there are many flaws in the bilingual dictionaries under consideration as regards correctness of equivalence, the polysemic or homonymic treatment, updating, and adaptation of the lexicographic text to user, among others. This dissertation presents proposals for reformulation of the bilingual dictionaries based on a sample of noun entries.

Key Words: Lexicography; bilingual dictionaries; French language; Portuguese language; noun.

SILVA, M.C.P. *Étude comparative des substantifs les plus fréquents dans des dictionnaires bilingues français-portugais et portugais-français*. 2002. 266 f. Thèse de Doctorat ès Lettres (Linguistique et Langue Portugaise) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara (État de São Paulo - Brésil)

RÉSUMÉ

Peu de dictionnaires bilingues français-portugais et portugais-français dont la langue source ou la langue cible soit le portugais du Brésil sont adaptés à l'usager dans des situations spécifiques. Le plus grand nombre de ces ouvrages manquent de base théorique et sont soumis à des contraintes éditoriales et économiques. On ne peut pas justifier ce trou par le défaut de public intéressé, ni négliger ce public qui se montre de plus en plus exigeant. Les ouvrages lexicographiques disponibles au Brésil sont effectivement inadaptés, puisqu'ils n'atteignent pas leurs objectifs. Leurs fautes provoquent des dommages au procès d'enseignement/apprentissage d'une langue étrangère. Cette thèse s'occupe du substantif dans les dictionnaires mentionnés, du substantif qui est, du point de vue sémantique, la classe de mots la plus importante, la classe la plus représentative de la référence, car elle comprend plus de la moitié du lexique d'une langue. Différemment de l'apprentissage des aspects grammaticaux, celui du vocabulaire est à jamais. Malgré l'importance des substantifs du vocabulaire fondamental, les dictionnaires concernés présentent des insuffisances à l'égard de la correction des équivalences, du traitement polysémique ou homonymique, du manque de mise à jour et d'adaptation aux usagers, parmi d'autres problèmes. La thèse présente des suggestions de perfectionnement du modèle des dictionnaires bilingues par l'intermédiaire d'un échantillon d'articles de substantifs.

Mots-clé : Lexicographie ; dictionnaire bilingue ; langue française ; langue portugaise ; substantif.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

Araraquara, 19 de agosto de 2002.

MARIA CRISTINA PARREIRA DA SILVA